

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

CRISTINA MARA FRANÇA PINTO FONSECA

**O GÊNERO TEXTUAL *PIADA*: UMA ABORDAGEM À LUZ DA TEORIA DA
ESTRUTURA RETÓRICA EM INTERFACE COM O MODELO LABOVIANO**

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

**O GÊNERO TEXTUAL *PIADA*: UMA ABORDAGEM À LUZ DA TEORIA DA
ESTRUTURA RETÓRICA EM INTERFACE COM O MODELO LABOVIANO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção parcial para o título de doutora em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de Pesquisa: Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG
2019

F676g

Fonseca, Cristina Mara França Pinto.

O gênero textual piada [manuscrito]: uma abordagem à luz da teoria da estrutura retórica em interface com o modelo laboviano / Cristina Mara França Pinto Fonseca. – 2019.

272 f., enc., il., p&b., color.

Orientadora: Maria Beatriz Nascimento DeCAT.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 248-254.

Anexos: f. 255-272.

1. Linguística aplicada – Teses. 2. Língua portuguesa – Análise do discurso – Teses. 3. Linguística textual – Teses. 4. Gêneros textuais – Teses. 5. Humorismo – Teses. 6. Retórica – Teses. 7. Funcionalismo (Linguística) – Teses. I. DeCAT, Maria Beatriz Nascimento. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

PostLin

FOLHA DE APROVAÇÃO

**O GÊNERO TEXTUAL PIADA: UMA ABORDAGEM À LUZ DA
TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA EM INTERFACE COM O
MODELO LABOVIANO**

CRISTINA MARA FRANÇA PINTO FONSECA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa.

Aprovada em 31 de outubro de 2019, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Maria Beatriz Nascimento Decat - Orientadora
UFMG

Prof(a). Regina Lucia Péret Dell'Isola Denardi
UFMG

Prof(a). Rosane Cassia Santos e Campos
UFMG

Prof(a). Ana Clara Gonçalves Alves de Meira
IFNMG-Salinas

Prof(a). Angélica Alves Ruchkys
UEMG

Belo Horizonte, 31 de outubro de 2019.

Prof. Wander Emediato de Souza
Coord. Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos
FALE/UFMG

Dedicatória

Aos meus saudosos e amados
pais, Iracema e Joaquim,
ao irmão, Célio Marco, e sobrinho, Edgar Luís,
e meus afetuosos sogros, Majela e Tereza,
(in memoriam)

e

Aos meus amores,
Antônio, Douglas e Raquel, que compartilharam este projeto de vida.

Agradecimento Especial

À minha querida orientadora Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat,

Por ser uma estrela luminosa em minha vida.

Graças ao seu incentivo,

Amizade e carinho pude alcançar voos mais altos em minha jornada.

Você estará sempre no meu coração.

Agradeço a Deus por você existir.

Agradeço, ainda,

principalmente, a meu amado Deus, por ser a luz que ilumina meu caminho e me dá a possibilidade de encontrar pessoas que me fazem crescer como ser humano;

Ao benquisto Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais;

Aos caros professores do POSLIN, pela grande contribuição em meus estudos, que ampliaram a minha vivência profissional e pessoal;

À dileta amiga, Maria Risolina de Fátima Ribeiro Correia, pelo apoio, incentivo, direcionamento, compartilhamento de aprendizagens, e sobretudo, pela sua personalidade humanitária e ilibada;

Aos prezados colegas, Emanuel Fontel, Carmen Starling, Danúbia Silva, Gustavo Ximenes e Jairo Carvalhais, que apontaram questões importantes da pesquisa;

Às caríssimas professoras da Banca de Qualificação, Dra. Regina Lúcia Péret Dell'Isola Denard e a Dra. Rosane Cassia Santos e Campos, pelas contribuições valiosas e imprescindíveis que permitiram o progresso da pesquisa;

À Banca Examinadora pela leitura e valiosas considerações.

Aos meus estimados familiares e a afetuosa amiga, Silvana Batista, pela compreensão e apoio, nesses quatro anos dedicados aos estudos;

E, aos meus alunos do curso de Letras da FAPAM- MG — turmas 2014 e 2018, pela paciência, entendimento e amizade.

**“A vida é para quem é corajoso suficiente para se arriscar
e humilde o bastante para aprender.”**

Clarice Lispector

Resumo

Esta tese apresenta, numa perspectiva textual discursiva, o estudo da piada na modalidade escrita, com o propósito de identificar a organização textual desse gênero, entendida como a sua prototipicidade. A fundamentação teórica que sustentou este trabalho foi centrada em estudos funcionalistas, especificamente na Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory – RST*), proposta por Mann & Thompson (1988). Ressalta-se que a RST é uma teoria descritiva que, com foco na coerência, tem como objetivo verificar as relações retóricas que emergem entre as porções textuais (*text spans*), constatando, assim, a organização do texto. As unidades de informação (*idea unit*) foram caracterizadas como jatos de linguagem, tal como postuladas por Chafe (1982). Para identificar as relações retóricas, foi utilizado o critério da plausibilidade, atribuindo uma função a cada porção de texto, de acordo com o que se julgou ser mais plausível. Priorizou-se a macroestrutura textual, caracterizada como a estrutura semântica global do texto, conforme propõe van Dijk (1992). Pretendeu-se, ainda, verificar as relações retóricas que emergiram nos pares dialógicos na macroestrutura. Outro pressuposto teórico referendado, neste estudo, diz respeito ao modelo narrativo de Labov & Waletzky (1967), que concebem seis elementos da narrativa, tais como *orientação, complicação, avaliação, resolução, resumo e coda*, de forma que os dois últimos são opcionais. A análise de acordo com o modelo laboviano apontou que o gênero piada apresenta três partes: a orientação, a complicação e a resolução. Para os conceitos de texto, textualidade e gênero utilizados neste trabalho, foram levados em conta fundamentos básicos da Linguística Textual, à luz do que propõem Bakhtin (2000), Marcuschi (2008), (Koch e Vilela (2001) e Dell’Isola (2001). Essa opção se justifica pelo fato de a piada ser um gênero textual, ou seja, uma forma de interação comunicativa, que se manifesta em todos os campos da atividade humana com objetivos sociocomunicativos, os quais podem estar atrelados aos fatores da textualidade como a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade e a situacionalidade. Um outro aspecto considerado refere-se à inferência que, segundo Dell’Isola (2001, p. 44), “é uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras dadas.” Após análises preliminares, levantou-se a hipótese que balizou este trabalho e que se alicerçou no fato de se constatar a recorrência das relações retóricas de *background (fundo), preparação, circunstância, elaboração, sequência, lista, contraste*; além dos elementos do modelo da narrativa laboviana: *orientação, complicação e resolução*. O *corpus* foi constituído por cinquenta piadas com temáticas diversificadas, retiradas da internet e de sites especializados de domínio público, tendo sido apresentada, neste trabalho, a análise de um *corpus* representativo de 15 piadas. Os resultados da análise evidenciaram que a interface entre a Teoria da Estrutura Retórica e o modelo narrativo laboviano (1967) mostrou aspectos pontuais marcantes na emergência das relações retóricas na e pela macroestrutura narrativa, trazendo novos elementos para a caracterização e organização textual do gênero piada.

Palavras-chave: Gênero textual piada. Teoria da Estrutura Retórica. Relações retóricas. Macroestrutura. Narrativa laboviana.

Abstract

Within a discursive textual perspective, this dissertation introduces a study of written jokes with the purpose of identifying its textual organization, which, for us, confers the genre its proto-typicality. Functionalism constitutes the theoretical foundation of this study, more specifically, Mann & Thompson's (1988) Rhetorical Structure Theory – RST. RST is a descriptive theory that focuses on coherence to investigate emergent rhetoric relations among various text spans – thus revealing textual organization. The idea units were characterized as language spurts, as postulated by Chafe (1982). The criterium of plausibility was used to identify the rhetoric relations, thus attributing a function to each text span, according to what was judged the most plausible. Textual macrostructure was prioritized. This was characterized as the global semantic structure of a text, as proposed by van Dijk (1992). Besides, the rhetoric relations that emerged between dialogic pairs in the macrostructure were also investigated. Another theoretic assumption of this study is the narrative model of Labov & Waletzky (1967), which establishes six elements for a narrative: direction, complication, assessment, resolution, summary and coda, with the last two being optional. According to the Labovian model, the analysis pointed to three constituent parts of the joke genre: direction, complication and resolution. As for the concepts of text, textuality and genre adopted in this work, fundamentals of Textual Linguistics were taken into consideration, along Bakhtin (2000), Marcuschi (2008), Koch & Vilela (2001) and Dell'Isola (2001). Such a decision is justified since jokes constitute a genre in their own right, that is, a form of communicative interaction present in every field of human activity, with socio-communicative objectives, which readily refer to textuality factors, such as coherence, intentionality, acceptability and locality. Inference is yet another aspect that was considered. According to Dell'Isola (2001, p. 44), inference “is a mental operation, by which the reader builds new propositions from given ones.” After preliminary analyses, a hypothesis was drawn, which guided this study, that is, to verify the recurrence of background rhetoric relations, such as: preparation, circumstance, elaboration, sequence, list, and contrast; and also of the three elements of the Labovian model of narratives: direction, complication and resolution. The corpus consisted of fifty jokes with various themes, produced from the internet and from specialized public domain sites. In this study, the analysis of a representative corpus, containing 15 of those jokes, was presented. The results obtained within the interface of Rhetorical Structure Theory and the Labovian model of narratives revealed relevant punctual aspects in the emergence of rhetoric relations within and via the narrative macrostructures. This, in turn, brings new elements for the characterization of the joke genre and of its textual organization.

Keywords: Joke textual genre. Rhetorical Structure Theory. Rhetoric relations. Macrostructure. Labovian narrative.

Lista de Figuras

Figura 01- Propaganda - Estomazil.....	38
Figura 02- Anúncio publicitário do SBT.....	40
Figura 03- Diagrama dos componentes da narrativa	57
Figura 04- Planificação de sequências textuais	63
Figura 05- As Cobras	82
Figura 06- Programa <i>RST</i> tool	105
Figura 07- Segmentação do texto.....	106
Figura 08- Porções textuais.....	106
Figura 09- Diagrama arbóreo <i>RST</i>	107
Figura 10- Diagrama da <i>RST</i>	108

Lista de Diagramas

Diagrama 1- Estrutura Retórica da propaganda – Estomazil.....	39
Diagrama 2- Estrutura Retórica do anúncio publicitário SBT.....	40
Diagrama 3- Diagrama arbóreo da RST.....	107
Diagrama 4- Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 1	111
Diagrama 5- Estrutura Retórica do Par dialógico da piada 1	113
Diagrama 6- Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 2.....	115
Diagrama 7- Estrutura Retórica do Par dialógico da piada 2	118
Diagrama 8- Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 3	120
Diagrama 9- Estrutura Retórica da Sequência (SI-R) da piada 3	122
Diagrama 10- Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada4.....	123
Diagrama 11- Estrutura Retórica da Sequência (SI-R) da piada 4	125
Diagrama 12- Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 5.....	128
Diagrama 13- Estrutura Retórica dos pares dialógicos da piada 5.....	131
Diagrama 14- Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 6.....	134
Diagrama 15- Estrutura Retórica da Sequência dialogal da piada 6.....	136
Diagrama 16- Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 7.....	138
Diagrama 17- Estrutura Retórica do par dialógico da piada 7.....	139
Diagrama 18- Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 8.....	141
Diagrama 19- Estrutura Retórica da Sequência dialógica da piada 8.....	142
Diagrama 20- Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 9.....	144
Diagrama 21- Estrutura Retórica do Par dialógico da piada 9	147
Diagrama 22- Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 10.....	150
Diagrama 23- Estrutura Retórica da Sequência dialogal da piada 10.....	152
Diagrama 24- Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 11.....	154
Diagrama 25- Estrutura Retórica do Par dialógico da piada 11	156
Diagrama 26- Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 12	158
Diagrama 27- Estrutura Retórica do Par dialógico da piada 12	160
Diagrama 28- Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 13	162
Diagrama 29- Estrutura Retórica do Par dialógico SI (P-R) da piada 13.....	164
Diagrama 30- Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 14.....	166
Diagrama 31- Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 15.....	169
Diagrama 32- Estrutura Retórica do par dialógico da piada 15	171

Lista de Quadros

Quadro 01- Definições das Relações de Apresentação.....	44
Quadro 02- Definições das Relações de conteúdo.....	45
Quadro 03- Definições das Relações Multinucleares.....	48
Quadro 04- Elementos Constituintes da estrutura interna da narrativa.....	58
Quadro 05- Noções sobre gêneros textuais	73
Quadro 06- Sequência e gêneros textuais	77
Quadro 07- Tipos de inferências	93
Quadro 08- Piadas que formam o <i>corpus</i> representativo	102
Quadro 09- Ocorrência das relações retóricas do par dialógico da piada 1.....	114
Quadro 10- Ocorrência das relações retóricas do par dialógico da piada 2	119
Quadro 11- Ocorrência das relações retóricas do Seg. Inicial - R da piada 3.....	122
Quadro 12- Ocorrência das relações retóricas do Seg. Inicial – R. da piada 4	126
Quadro 13- Ocorrência das relações retóricas do par dialógico da piada 5.....	133
Quadro 14- Ocorrência das relações retóricas da sequência dialogal da piada 6.....	137
Quadro 15- Ocorrência das relações retóricas do par dialógico da piada 7	140
Quadro 16- Ocorrência das relações retóricas do Seg. Inicial – Seg. da piada 8	143
Quadro 17- Análise das (Ps-Rs) da piada 9.....	149
Quadro 18- Ocorrência das relações retóricas dos pares dialógicos da piada 9	149
Quadro 19- Ocorrência das relações retóricas do Seg. Inicial – R da piada 10	154
Quadro 20- Ocorrência das relações retóricas do par dialógico da piada 11.....	157
Quadro 21- Ocorrência das relações retóricas do par dialógico da piada 12	160
Quadro 22- Ocorrência das relações retóricas do par dialógico da piada 13	165
Quadro 23 - Ocorrência das relações retóricas dos pares dialógicos da piada 14	167
Quadro 24- Ocorrência das relações retóricas do par dialógico da piada 15	171
Quadro 25- Relações Retóricas das macroestruturas das piadas de 1 a 15	172
Quadro 26- Ocorrência dos Elem. da Est. Narrativa das piadas de 1 a 15.....	223
Quadro 27- As rel. ret. predominantes em relação aos elem. nar. de L e W.....	231

Lista de Esquemas

Esquema 1- Relação multinuclear	53
Esquema 2- Relação núcleo-satélite	54
Esquema 3- Relação núcleo-satélite	54
Esquema 4- Relação núcleo-satélite	54

Lista de Abreviaturas

A-	amante	148
AB-	amigo do banqueiro	115
Ad-	advogado	124
AM-	amigo 1	165
AM1-	amigo 2	165
B-	banqueiro	115
BNCC-	Base Nacional Comum Curricular.....	27
C-	cliente	127
CT-	cartomante.....	144
CL1-	cliente1.....	144
D-	doutor	162
Doc-	documentador	99
D1-	doutor	170
F-	filho	158
Fa-	filha	173
G-	garçom	127
L-	ladrão	132
LT-	Linguística textual.....	20
L1-	Leitor 1.....	99
M-	marido.....	148
MA-	mãe	158
ML-	mulher	154
ML1-	mulher 1.....	162
M1-	marido	154

N-S- Núcleo- Satélite.....	41
Pa- pai	173
PAP- papagaio	132
PC- paciente.....	137
PC1- paciente.....	141
PC2- paciente.....	170
PF- possível faxineira.....	119
Pl- político	124
P-R- par- pergunta.....	98
(P-R) SO- pergunta- resposta – segmento posterior	148
PSI- psiquiatra	137
RST- <i>Rethoric Structure Theory</i>	20
SBT- Sistema Brasileiro de Televisão	42
SC- senhora contratante	119
SI- R- segmento inicial – resposta	127
SI-S- segmento inicial e segmento posterior	138
SO- S- segmento opcional –segmento posterior.....	158
SO- segmento opcional	119
SO- R- segmento opcional e resposta	119
SP- São Pedro.....	141
UIs- unidades informacionais.....	29

Sumário

INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 1- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	33
1.1 Aspectos do Funcionalismo Linguístico.....	33
1.2 Teoria da Estrutura Retórica (<i>Rhetoric Structural Theory -RST</i>).....	36
1.2.1 A Teoria da Estrutura Retórica (RST): considerações iniciais.....	36
1.2.2 A Teoria da Estrutura Retórica (RST): pressupostos básicos.....	43
1.3 O modelo laboviano (1967-1997)	58
1.4 A linguística textual: alguns conceitos	61
1.4.1 Texto e textualidade.....	62
1.4.2 A macroestrutura da organização textual	66
1.4.3. A coerência	67
1.5 Gênero textual: discussão dos conceitos de gênero.....	70
1.5.1 O gênero piada.....	77
1.5.1.1 As máximas de Grice em associação ao contexto piadista.....	87
1.5.1.2 Explicitude e implicitude na construção do gênero piada	90
1.5.1.3 A teoria semântica de Raskin (1979-1985): contribuições sobre o humor.....	92
1.5.1.4 Inferência e contexto sociocultural na construção da piada	93
1.6 Os pares dialógicos na constituição do gênero piada	98
CAPÍTULO 2- METODOLOGIA	103
2.1 Seleção do <i>corpus</i>	103
2.2 A constituição do <i>corpus</i>	104
2.3 Definindo a unidade informacional como critério de análise.....	105
2.4 A ferramenta <i>RSTtool</i> e sua utilização.....	106
2.5 Procedimentos de análise.....	110
CAPÍTULO 3- A ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	112
3.1 Análise das piadas fundamentada na Teoria da Estrutura Retórica - RST.....	112
3.1.1 Análise da piada 1	110
3.1.2 Análise da piada 2.....	116
3.1.3 Análise da Piada 3	121
3.1.4 Análise da Piada 4	125
3.1.5 Análise da Piada 5	129
3.1.6 Análise da Piada 6	135
3.1.7 Análise da piada 7.....	138

3.1.8 Análise da piada 8.....	142
3.1.9 Análise da piada 9.....	145
3.1.10 Análise da piada 10.....	151
3.1.11 Análise da piada 11.....	154
3.1.12 Análise da piada 12.....	159
3.1.13 Análise da piada 13.....	162
3.1.14 Análise da piada 14.....	166
3.1.15 Análise da piada 15.....	170
3.2 Análise da estrutura narrativa de Labov e Waletzky (1967) e dos pressupostos da linguística textual presentes nas piadas do <i>corpus</i>	176
3.2.1 Piada 1	176
3.2.2 Piada 2	181
3.2.3 Piada 3	185
3.2.4 Piada 4	190
3.2.5 Piada 5.....	194
3.2.6 Piada 6.....	198
3.2.7 Piada 7.....	201
3.2.8 Piada 8.....	204
3.2.9 Piada 9.....	207
3.2.10 Piada 10.....	210
3.2.11 Piada 11	211
3.2.12 Piada 12	214
3.2.13 Piada 13	216
3.2.14 Piada 14	219
3.2.15 Piada 15	221
CONSIDERAÇÕES FINAIS	233
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	246
ANEXO	253

INTRODUÇÃO

Uma das questões mais intrigantes na vida profissional dos professores de Língua Portuguesa é o trabalho com as práticas de linguagem oral ou escrita, pois a questão não se limita aos conhecimentos linguísticos. Não são poucas as ocasiões em que se manifestam os gêneros textuais, como as piadas e as tirinhas e, ainda novelas e romances, em que os recursos linguísticos, como estrutura frasal, escolhas de vocabulário dentre outros, e ainda os artísticos, como emprego de figuras de linguagem, de linguagem gráfica, estão bem elaborados, porém lhes falta uma fronteira demarcada para o seu reconhecimento, como por exemplo, a novela e o romance, que possuem características bem semelhantes. Assim, o trabalho com os gêneros nos oferece oportunidades bastante ricas e interessantes. Vemos que o lidar com essa prática social de linguagem nos traz um saber social, histórico e cultural de quem a produz e também de quem lê ou ouve, demonstrando, por assim dizer, uma capacidade leitora e interpretativa. Dessa forma, para alcançarmos um trabalho eficaz, tanto na produção quanto na interpretação dos gêneros textuais, precisamos conhecê-los, entendê-los e os analisar. Eles estão presentes na nossa vida cotidiana, representam nossas ações de linguagem e são um dos meios pelo qual nos tornamos seres capazes de agir social e historicamente. Em cada esfera da atividade humana, nos comunicamos por meio deles, para atingirmos nosso objetivo sociocomunicativo, como informar, reivindicar, relatar, noticiar, argumentar, provocar o humor e a crítica, dentre outros. Os gêneros assumem, desse modo, uma forma particular e uma funcionalidade específica. Segundo Marcuschi (2008, p.155), os gêneros são dinâmicos como a língua o é; além disso, é perceptível que as esferas sociais vão se transformando de acordo com as necessidades culturais, históricas e pragmáticas. Dessa forma, concebemos que os gêneros vão se adaptando e, conseqüentemente, sofrem influências até mesmo na sua forma estruturada.

Por estarmos cada vez mais envolvidos no trabalho com os gêneros, o nosso trabalho versa sobre o gênero piada, que é uma ação comunicativa que pode permitir uma interação com o interlocutor, ou seja, a piada busca provocá-lo para a construção de um sentido e para ter uma reação.

Para fundamentação da nossa proposta, atentamo-nos para as premissas de Bakhtin (2000) sobre o gênero. São elas: conteúdo temático, estilo e construção

composicional. Assim, o conteúdo temático é o assunto abordado na prática discursiva; o estilo caracteriza-se pelas escolhas de recursos linguísticos empregados e a estrutura composicional nos apresenta a forma, que nos dá possibilidade de reconhecimento de um gênero. Nessa tríade, não há um elemento mais preponderante que o outro, pois um está para o outro, todos convergem para um só propósito: a interação social pela linguagem.

Conforme Bakhtin (2000, p.284), cada ambiente social de utilização da língua elabora seus ‘tipos relativamente estáveis de enunciados’, sendo isso que denominamos gêneros. O gênero reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por ‘seu conteúdo temático e por seu estilo verbal’ (recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais), mas também, e sobretudo, por sua ‘construção composicional’.

Ainda para Bakhtin, “o estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana.” (BAKHTIN, 2000, p.283)

Convictos dessas noções, procuramos, no estudo a que nos propusemos sob a égide da Teoria da Estrutura Retórica (RST), do modelo narrativo de Labov e Waletzky (1967) e de alguns aportes da Linguística textual (LT), analisar a organização retórica da piada, porque consideramos que, em análise, fruto de observação, o gênero textual categorizado como o da tipologia narrativa tenha, ao menos, o elemento orientação e o elemento complicação. Assinalamos que a piada está enquadrada em alguns domínios como na tipologia do cotidiano, conforme Costa (2014, p. 26) ou em outros domínios como o do lazer, conforme Marcuschi (2008, p. 196).

Desde Aristóteles, os gêneros do humor são considerados como gêneros primários (simples), por serem menos complexos e relativamente menos evoluídos, e por se ligarem à vida cotidiana. Na nossa visão, os gêneros do humor trazem nuances bem diferentes, principalmente, porque se direcionam para a vida rotineira, e nada é mais complexo que o cotidiano, por vários motivos de ordem social, humana, cultural e pragmática. É de consenso que é no dia a dia das pessoas que os fatos acontecem; é nele que afloram as relações entre interlocutores, e para isso é necessário que haja a linguagem. Dessa forma, a piada nasce desse cotidiano, de forma oralizada, e vai-se incorporando pelas condições de produção da modalidade escrita, pois não é mais só propagada pela audição e sim pela visão, por meio do ato de ler e, mais modernamente, ganha suportes midiáticos e se reveste de apetrechos tecnológicos.

Ponderemos que o gênero piada, por assim dizer, não é afeito apenas com a intencionalidade de entretenimento, ou seja, vai mais além, porque suscita também críticas.

Segundo as palavras de Bakhtin (2000, p. 281), a piada é considerada *a priori* como gênero primário, pois, para ele, o gênero primário emerge de uma comunicação verbal espontânea que ao se transmutar para o *continuum* da língua escrita e incorporado pelo gênero secundário, “perde sua relação imediata existente e com a realidade dos enunciados alheios, lhe é conservado sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo e se integra por meio de uma elaboração literário-artística”. Essa elaboração nos permite afirmar que o gênero piada pode passar por estágios de elaboração e, por isso, não pode ser rotulado somente como primário, quando assume a perspectiva da escrita. Portanto, segundo Bakhtin (2000, p. 282), “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”. Nesse sentido, a piada se manifesta como gênero textual, pois é um enunciado linguístico em um meio social.

Nos últimos tempos, a linguística textual tem-se preocupado, principalmente, com a questão dos gêneros textuais, porque eles são genuinamente ações discursivas e, dada a sua relevância tanto na vida cultural como na social, não poderiam deixar de estar no âmago do ensino da língua materna como objeto do ensinar e do fazer textual.

Com essa visão, os gêneros tornaram-se objetos de ensino e de pesquisa. Por isso, foram introduzidos os gêneros do domínio do lazer ou do campo humorístico, como é o caso da piada na área educacional. Acreditamos que o gênero piada constitui “dados de tipo crucial, com duas vantagens: encontram-se em todas as culturas; não necessitam ser criados *ad hoc* para experimentos”. (POSSENTI, 1998, p.24). Sendo assim, torna-se viável o estudo da piada no âmbito acadêmico porque, além de satisfazer essas condições, fornece o conhecimento cultural e amplia as capacidades leitoras.

A inserção desse gênero no ambiente acadêmico e o nosso interesse pelas práticas sociais de linguagem nos proporcionaram mais um motivo para a consolidação da nossa proposta: a análise da organização do gênero piada no viés da Teoria da Estrutura Retórica- RST, em relação ao modelo laboviano (1967) e de alguns pressupostos da Linguística textual - LT.

Somando-se ao estímulo de valorização da piada como objeto de estudo e adotando uma visão textual-discursiva, analisamos a piada à luz da Teoria da Estrutura Retórica, arcabouço fundamental desta investigação, com relação às proposições

relacionais que advêm da macroestrutura e dos pares adjacentes que nela são instituídos, a fim de contribuir para a caracterização desse gênero uma vez que, a teoria adotada se delinea para o exame das relações retóricas que se estabelecem entre as porções textuais *-span text-*, a fim de contribuir para a coerência e para finalidade textual.

A Teoria da Estrutura Retórica - *Rhetorical Structure Theory* - (RST) é uma teoria descritiva e tem como escopo identificar a organização retórica de um texto, ou seja, como o produtor textual elabora e constrói a estrutura organizacional de seu texto, levando-se em conta a intencionalidade, o contexto discursivo e situacional, as relações de coerência que incidem na construção do sentido pelos interlocutores. Para esse intento, contamos ainda com o critério da plausibilidade. Esse critério permite possibilidades de construção de sentido, porém não viabiliza qualquer sentido construído, pois essa operação depende do contexto social, cultural e pragmático dos interlocutores. Segundo Antonio (2004, p.79), a plausibilidade é um critério, que se constitui pelo ambiente, pelo qual o analista faz seu julgamento, isto é, a interpretação dele sobre o assunto abordado. Ressaltamos que esse critério viabiliza mais de um julgamento desde que seja adequado ao contexto discursivo.

Os autores Mann, Thompson e Matthiessen (1983/1988) propõem uma análise da organização textual com base nas relações entre as partes do texto, que vão se constituindo hierarquicamente, a fim de entenderem o funcionamento e a sua finalidade.

Dessa forma, essas relações se baseiam em relações núcleo- satélite e relações multinucleares. Quanto ao aspecto das relações núcleo- satélite e multinuclear levamos em consideração a combinação ou articulação dos segmentos que constituem as porções textuais; porque, de acordo com Decat (1993, p. 68), o importante é o entrelaçamento das relações que se estabelecem e administram esses segmentos textuais, no que tange à organização do discurso e às funções discursivas.

Nessa perspectiva, as contribuições da Teoria da Estrutura Retórica - RST em relação à piada podem nos proporcionar muitas e diferentes reflexões sobre essa prática social, nos direcionando para o cotejamento do que é peculiar ou não a ela, já que a piada, como gênero, pode ser concebida como “obras culturais e cognitivas de ação social, corporificadas na linguagem”, de acordo com Miller (1984), e é gestada no contexto social e particular da linguagem.

Para fazer a identificação da estrutura retórica do gênero piada, nos valemos, além da RST, dos constructos teóricos de Labov e Waletzky (1967), sobre os núcleos formadores da narrativa. Pretendemos averiguar se há uma correspondência entre os

núcleos formadores da narrativa e os tipos de relação retórica surgidas entre as porções textuais.

De acordo com o modelo desenvolvido por Labov e Waletzky (1967), as partes da narrativa se estruturam em resumo, orientação, complicação, resolução, avaliação, coda, o que será explicitado no capítulo de Pressupostos Teóricos.

Os elementos narrativos podem ocorrer ou não em determinados gêneros, uma vez que dependerá dos objetivos sociocomunicativos dos interlocutores e da situação comunicativa.

A narração envolve o fato de o narrador estar inserido ou não na situação discursiva, o que, na desenvoltura da narração, conduz as formas verbais em termos da 1ª ou 3ª pessoa. Na narrativa, prioriza-se o uso dos tempos pretéritos e o emprego de expressões que evidenciem a sucessão temporal dos acontecimentos.

Em análises preliminares, observamos que os elementos narrativos resumo e coda não foram detectados na macroestrutura do gênero textual piada do *corpus* representativo. Nossa análise, portanto, foi construída a partir da correlação entre o estabelecimento das relações retóricas e os outros elementos narrativos de Labov e Waletzky (1967), como a orientação, a complicação e a resolução. Verificamos em dados já analisados, pelo critério da plausibilidade, a ocorrência das relações retóricas de “*background*” ou *fundo*, *preparação*, *sequência e circunstância*. Essas relações são recursivamente emergidas na porção textual que corresponde ao elemento narrativo laboviano *orientação*. Nela, contém as informações sobre o ambiente em que transcorrerá a história. Constatamos ainda, as relações de *adição*, *sequência* e do *núcleo*. Tais relações foram manifestadas na porção textual correspondente à parte, *complicação*, da narrativa laboviana, instância em que se manifesta o fato complicador ou o conflito. No elemento resolução, foram detectadas as relações de *elaboração*, *resultado* e *solução*.

Neste trabalho, para a análise do gênero piada, foram eleitos outros parâmetros concernentes aos requeridos da Linguística Textual com o intuito de compreender que a piada extrapola sua materialidade linguística, ou seja, ao ser enunciada, entram em jogo não somente as palavras ditas e escritas ou as estratégias textuais, mas os efeitos que esse objeto textual irradia na situação comunicativa, por ativar o conhecimento de mundo, social e cultural dos interlocutores, ou seja o contexto interacional. Dessa forma, concebemos que a piada é um gênero textual interativo, constituído por uma ação

comunicativa que cumpre uma finalidade, um propósito, evidenciando um traço caracterizador desse gênero textual.

Nessa esteira e pela concepção geral, as piadas têm como finalidade provocar o riso, e no nosso entendimento, a de suscitar a crítica, os quais emergem de uma situação social em que um conjunto de elementos concorre para que surja um efeito, inesperado e intrigante, provocando essas ações.

De acordo com Carmelino (2005, p.92), a Linguística Textual considera que

a construção do sentido depende da mobilização de um conjunto de suposições baseadas nos saberes dos interlocutores, para que o efeito de sentido humorístico se instaure, uma série de elementos deve ser acionada no contexto sociocognitivo-interacional.

Portanto, é nesse contexto que se ativam o processo inferencial e o conhecimento de mundo, fatores importantes para o entendimento da piada. Concebemos que a piada é um gênero textual muito arraigado ao contexto cultural dos interlocutores, sem o qual os participantes ficariam privados de fatores que possibilitam a atribuição de sentido.

Segundo Muniz (2004, p. 6), o termo “piada” remete a vários usos e sentidos, entendidos por nós como práticas sociais, nas quais os sentidos são as várias interpretações, ou seja, o entendimento do que o produtor textual diz, desde que se leve em conta o contexto social, cultural e pragmático. Dessa forma, os interlocutores poderão atribuir sentido à piada quando alguns fatores se relacionam e se associam para que ela provoque o humor ou a crítica. Lembramos que a piada tende a utilizar temas recorrentes, como os da mulher loura, do negro, da sogra, do machismo, dos portugueses, e outros, como forma de exploração e de ridicularização no ambiente cultural e social, e de temas políticos. A crítica deflagrada por esse gênero advém dos acontecimentos ou de eventos que vão de encontro à ética ou aos anseios de uma determinada sociedade. É de consenso comum que os acontecimentos políticos são esquecidos rapidamente na memória de grande parte das pessoas, e, por esse motivo, a piada poderá não atingir esse propósito comunicativo, num momento *a posteriori*.

Uma das finalidades da piada é a de que as pessoas se deleitem com o que foi dito. Isso nos permite considerar as palavras de Bakhtin (2000, p.374) “o riso não entrava o homem, libera-o; as portas do riso estão abertas a todos; o riso levanta as barreiras, abre caminho; o riso proporciona a aproximação e a familiaridade”. Sendo assim, a piada pode provocar o riso risonho e, por assim dizer, o riso comprometido, isto é, o de rir mesmo.

No entanto, podemos atribuir às piadas uma valoração bem mais enfática do que supomos, porque a piada lida com temas sociais, culturais e universais. Em relação aos temas preconceituosos, o objetivo dela é de debochar e de provocar o riso. Porém, essa ação dependerá do contexto social, cultural e também da subjetividade de cada um, porque o que pode ser engraçado para uns, pode não ser para outros. Nesse sentido, o objetivo do gênero piada é mais sutil porque, por meio dela, as críticas são emanadas de forma subjacente, assim como a ironia, as mentiras, a hipocrisia, o que não é ético ou talvez o que não é aceitável. Nas palavras de Marcuschi (2008, p.151), o gênero se circunscreve “como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem” com o intuito de agir no outro. Assim, a piada tem como propósito de agir no outro, isto é, pode provocar risos como também críticas, e, às vezes, não provocar nenhuma dessas ações, já que a piada é uma forma cultural e, por isso corre o risco de não ter o efeito pretendido, pois faltará a atribuição de sentido pelo participante que desconhece o motivo gerador, que pode ser cultural ou por um item lexical e por outros desdobramentos dessa ação comunicativa.

Segundo Possenti (1998, p.21), o gênero textual “piada” pode ser analisado no âmbito da “sintaxe, morfologia, fonologia, regras de conversação, inferências, pressuposições”; e, somando os dizeres dele aos nossos, a piada pode ser analisada com outros e novos olhares como os da Teoria da Estrutura Retórica, ou seja, analisar as relações retóricas que emergem na organização do gênero piada.

Estudos mais recentes sobre o humor e, principalmente, sobre a piada com enfoques como o da Análise do Discurso e o da Teoria da Relevância associada à Teoria da Bissociação têm proporcionando contribuições para o entendimento desse gênero. Segundo Romão (2008, p.17), a bissociação se fundamenta na existência de um princípio básico (bissociação) na criação do texto de humor que é acionado por um ‘gatilho,’ e a partir dele são analisadas as inferências que conduzem à incongruência ativada por esse enunciado final. O processamento dessas inferências age no interlocutor, que será direcionado para o que é relevante.

Para Travaglia (2015, p.52), a bissociação é uma propriedade que implica algumas características do humor. São elas: a ambiguidade; a utilização de homonímias; mais um mundo textual possível; gatilho de passagem de um mundo a outro.

Segundo o autor (2015, p.59), a piada é uma fusão do tipo narrativo e humorístico, entretanto, a piada visual é descritiva. O linguista advoga que a piada possui uma entrada, pela qual o gatilho se transporta de um ambiente para o outro, sendo que estes se

encontram superpostos (TRAVAGLIA, 2015, p.59). O linguista trata separadamente a piada e a adivinhação. Com relação a esse tema, consideramos que as adivinhas constituem um outro gênero humorístico.

Alinhando-nos a essas considerações, esclarecemos que no nosso enfoque prevalece a visão funcionalista, que evoca o uso concreto das ações de linguagem, isto é, o uso real da língua nas práticas sociais, assim defendemos que o gênero piada constitui uma riqueza textual porque se constitui como uma ação comunicativa e interativa, exhibe uma diversidade de temas, apresenta uma estrutura composicional, é incorporado de uma finalidade que irradia uma profusão de efeitos de sentido. Pode ser empregado em vários contextos, em que a situação comunicativa possa permitir.

Segundo Bakhtin (2000, p.279), “a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros discursivos¹ que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa”, como ocorre agora com as piadas virtuais animadas. Por esse panorama, analisar o gênero textual piada é uma excelente oportunidade para contribuirmos para a construção de sua identidade como gênero e, ademais, para o entendimento dele.

As nossas inquietações nos levaram ao estabelecimento de um diálogo entre a Teoria da Estrutura Retórica-RST, os elementos narrativos labovianos e a Linguística Textual - LT para o estudo do gênero piada, porque temos a intenção de identificar a estrutura organizacional, e a LT por permitir teorias do texto peculiaridades aos gêneros.

Imbuídos dessas concepções, somos direcionados a reflexões que podem assim ser formuladas:

- a) Quais são os tipos de relações retóricas que emergem na macroestrutura de um texto de gênero piada?
- b) Quais relações retóricas exibidas na macroestrutura são predominantes?
- c) As relações retóricas detectadas e predominantes na análise na macroestrutura da piada podem traçar a prototipicidade desse gênero?
- d) Os tipos de relações retóricas que se constituíram na macroestrutura da piada possibilitam a sua funcionalidade?

¹ Os gêneros textuais recebem, em Bakhtin (2009) a denominação de gêneros discursivos.

e) A plausibilidade nos permite encontrar mais de uma relação retórica dependendo do contexto interacional?

f) A RST e a LT, em relação ao gênero textual piada, fornecem recursos consistentes para que possamos compor um quadro das características identificadas na macroestrutura desse gênero?

g) Existe a possibilidade de as unidades de informação e os tipos de relação retóricas exibidas na macroestrutura da piada corresponderem às partes da narrativa do modelo laboviano (1967)?

h) Como se caracterizam o par adjacente, pergunta-resposta, ou outra tipologia dialógica, em relação à RST e a alguns aportes da LT na macroestrutura da piada?

As análises preliminares nos levaram às seguintes hipóteses, norteadas pela Teoria da Estrutura Retórica, pelos pressupostos da Linguística Textual, concernentes ao estudo do gênero textual, e pelo modelo laboviano:

- a) O gênero piada, por ser da tipologia narrativa e pela organização da macroestrutura textual, poderá favorecer a predominância das relações do tipo núcleo-satélite de *background* e *preparação*, além das do tipo multinuclear de *sequência* e *lista*, uma vez que as piadas apresentam um cenário para a situação complicadora, na qual há um conjunto de ações sucessivas que desencadeiam *a priori* o humor, e a crítica pelo estabelecimento da competência leitora.
- b) Quanto ao modelo de narrativa laboviana, o gênero piada poderá apresentar os elementos denominados *orientação*, *complicação* e *resolução*, considerando que ele seja um texto que, inicialmente, prepara o leitor em relação ao lugar, o tempo e o(s) envolvido(s); exhibe uma série de eventos em uma sequência de ações complicadoras e, por fim, apresenta um desenlace dos acontecimentos.

Advogamos que o estudo da piada no âmbito da Teoria da Estrutura Retórica, do modelo laboviano e de alguns pressupostos da Linguística Textual é muito significativo, porque, por essa abordagem, pretendemos responder às questões apontadas e outras que surgirem para que a nossa descrição seja robusta e consistente e, ademais, nos permite discernir de maneira adequada para se reconhecer a organização do gênero piada.

No entender de alguns, a piada não possui *status* de um gênero valoroso porque exhibe temas evidenciando atitudes politicamente não éticas, isto é, discriminatórias; no

entanto, a nosso ver, outros gêneros concebidos como notáveis também o fazem, porém são menos difusos quanto a esse objetivo. Além do mais, a piada se encontra entre os gêneros recomendados pela Base Nacional Comum Curricular-BNCC (2018).

O campo das práticas de estudo e pesquisa mantém destaque para os gêneros e habilidades envolvidos na leitura/escuta e produção de textos de diferentes áreas do conhecimento e para as habilidades e procedimentos envolvidos no estudo. Ganham realce também as habilidades relacionadas à análise, síntese, reflexão, problematização e pesquisa: estabelecimento de recorte da questão ou problema; seleção de informações; estabelecimento das condições de coleta de dados para a realização de levantamentos; realização de pesquisas de diferentes tipos; tratamento dos dados e informações; e formas de uso e socialização dos resultados e análises. (BNCC, 2018 p. 496)

Sendo assim, o gênero piada ganha um maior espaço no ambiente acadêmico e no universo dos gêneros textuais, respaldado pelos motivos mencionados anteriormente.

Assim, agregando as postulações dos autores supracitados sobre o gênero piada às nossas hipóteses, e ancorados pelo entrelaçamento do arcabouço da Teoria da Estrutura Retórica, do modelo narrativo laboviano e da Linguística Textual, justificamos nossa pesquisa porque nos possibilitou uma visão diferenciada e adequada para se identificar a organização do gênero piada, visando à coerência textual.

Destacamos que a nossa escolha pelo objeto “piada” se consolidou por entendermos que esse gênero propõe desafios como a identificação de sua organização, pois ela possui conteúdo temático, propósito e estilo. E apropriando das palavras de Costa (2014, p. 198) o seu “o ponto de vista nunca é expresso explicitamente, pois o interlocutor tem que descobrir o seu porquê”. Portanto, esse fenômeno acarreta a quebra da exigência da unidade discursiva sob o ponto de vista tradicional, porque exige do leitor/ ouvinte uma boa competência leitora, isto é, ter as habilidades de pressupor, de inferir e de interpretar, o que se torna uma questão instigante para o analista.

Com essa percepção, temos como objetivo geral:

- identificar e estabelecer a organização do gênero textual piada pelos constructos teóricos da RST, do modelo narrativo de Labov e Waletzky (1967) e de alguns pressupostos da LT.

E, convergindo com o objetivo geral, propomos os objetivos específicos para um melhor direcionamento da análise:

- a- verificar os tipos de relações retóricas que emergem entre as porções textuais da macroestrutura que constitui o gênero textual piada;
- b- averiguar se há uma reincidência dos tipos e das relações retóricas que poderão ser consideradas como prototípicas do gênero piada;
- c- examinar se a predominância das relações retóricas favorecem a funcionalidade do gênero piada;
- d- identificar os elementos narrativos do modelo laboviano em relação ao gênero piada;
- e- correlacionar as relações retóricas emergidas na macroestrutura com elementos narrativos de Labov e Waletzky(1967);
- f- investigar como se caracterizam os pares adjacentes em relação à RST e a alguns pressupostos da LT.

Assim, nas palavras de Marcuschi (2008, p.18), os gêneros textuais “são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade, ou natureza de temas”.

Para que a análise se efetue, haverá o estabelecimento da macroestrutura; e o critério a ser utilizado será a adoção do conceito das unidades informacionais, com base na de Chafe (1982) que se configura nesta análise, por um conjunto de ideias conectadas entre si. Segundo Chafe (1982, p.37), as UIs são jatos de linguagem ou blocos de informação que, em geral, têm equivalência a uma oração ou qualquer porção textual que se caracterize como um bloco informativo. Para Decat (2011, p. 28), as unidades de informação são blocos de informação, na situação discursiva, que contêm toda a informação que pode ser ativada num momento, em que o interlocutor passa a ter um estado de consciência sobre ela. As UIs são identificadas, neste trabalho, como porções textuais. Nelas, podem ocorrer elementos de conexão, a esses elementos, podemos atribuir-lhes sentidos novos, dependendo do ambiente textual. Por outro lado, as UIs podem se apresentar sem a presença deles, sem que se perca a sua funcionalidade textual e a construção temática. As UIs representam, assim, as porções textuais configuradas por um conjunto de ideias concatenadas para a construção textual de modo a promover a coerência e o sentido pelos interlocutores.

Para dar sustentabilidade a essa investigação, selecionamos as piadas nos suportes midiáticos, como *sites* da internet. O motivo da escolha desse suporte justifica-se por ser de circulação aberta ao público. Ademais, apontamos que o nosso objeto de estudo não possui autoria definida, ou, melhor dizendo, todos podem assumir a autoria, dada como coletiva; ou como, por exemplo, ocorre a seguinte fala: “-Você ouviu a última piada do fulano?”.

Para dar consistência à nossa argumentação de que a RST tem a propriedade para descrever e explicar a organização de um texto, alinhamo-nos ao posicionamento de Decat (2010, p. 259-260), segundo o qual a RST pode fazer uma descrição de textos como “uma fonte profícua para explicar parte dos elementos que intervêm na compreensão de um texto”, clarificando o motivo pelo qual o interlocutor planejou, desenvolveu e organizou seu texto “de uma determinada forma”, por força de suas decisões organizacionais, sociais e pragmáticas.

Sob o ponto de vista das nossas perspectivas, a atividade com o gênero piada é entendida como um objeto interacional de sujeitos sociais com o propósito de realizar um determinado fim como o de criticar ou o de entretenimento. A esse trabalho somam-se a capacidade de interpretação e a de criação, que ampliarão a habilidade para competência leitora, para a de produção e para o reconhecimento dos gêneros textuais. Ademais, apregoamos que a piada desencadeia, no seu ambiente, a ambiguidade, isto é, diz uma coisa, querendo dizer outra. Nesse sentido, a piada promove reflexões, despertando e ativando no leitor o conhecimento prévio e o de mundo, bem como o processo inferencial; e alinhavados pelos recursos da RST possam dissipar ou esclarecer dúvidas.

Assim, para finalizarmos, vejamos, agora, a título de exemplificação, uma pitada de humor:

“Uma família com uma vida condigna, o Marido, a Mulher e o Filho trabalham e em casa tem uma empregada. E o marido pagava mensalmente altos valores do telefone fixo. Num jantar com todos presentes o Marido pergunta para o filho e a mulher: quem usa o telefone? O filho: eu não Pai, eu uso do serviço. A mulher: eu não eu uso o do serviço. O marido: mas eu também uso do serviço pah! O marido vira se e olha para a empregada e pergunta: és tu? A empregada como acompanhou toda conversa respondeu com firmeza: eu também uso do serviço.”

Fonte internet Acesso: 02.03.18

Veja-se que a piada exposta foi apenas ilustrativa, sem intenção analítica proposta. Esse é um dos exemplos que pode ser trabalhado, associando-se aos constructos teóricos da RST e modelo laboviano e da LT e outros enfoques como, o da análise do discurso.

Consideramos que o gênero piada nos permite uma experiência ímpar no campo das práticas sociais da linguagem.

Apropriamo-nos das palavras de Antunes (2009, p. 140), para ressaltar que “é possível, na experiência do estudo das línguas, divisar horizontes bem mais abertos, bem mais libertadores e bem mais fascinantes”.

Nessa perspectiva, acreditamos que a RST permite uma discussão mais adequada e promissora no estabelecimento da organização do gênero piada, visto que é uma teoria que, com foco na coerência, possibilita verificar as relações retóricas emergentes entre as porções textuais.

Evidenciamos, ainda, que a piada busca atingir seu propósito comunicativo ou função, que seria o de rir ou o de criticar. Nessa prática social, todos somos parceiros e colaboradores, se atentarmos para a compreensão textual e para a reflexão, habilidades ensejadas para que o leitor se torne proficiente no contexto social.

É importante esclarecer que o teor das piadas selecionadas pode não ser engraçado para muitos, pelos motivos já mencionados anteriormente. Entretanto, como anunciado no objetivo geral deste trabalho, o nosso enfoque primordial é a organização retórica da piada.

A organização desta tese leva em conta os fundamentos teóricos da RST, teoria funcionalista, balizada pelos autores Mann e Thompson (1988), aliados aos pressupostos teóricos da LT e à correlação dos constructos teóricos do esquema narrativo de Labov e Waletzky (1967). Isto posto, a estruturação se efetuou basicamente em três capítulos, além da Introdução, na qual pretendeu-se situar o objeto de estudo “as piadas”, focalizamos os objetivos e as hipóteses que nortearam nossa pesquisa.

O primeiro capítulo se detém nas questões teóricas e seus objetivos científicos e basilares ancorados pelo funcionalismo, visão histórica e sua postulação sobre dados concretos da língua, ou seja, os usos reais da língua falada e escrita. Nesse capítulo, apresentamos a Teoria da Estrutura Retórica, nossa principal veia de fundamentação, seus princípios basilares e as relações retóricas, da qual construímos a nossa análise sobre a organização textual. No mesmo capítulo, trazemos o estudo de Labov e Waletzky (1967) sobre os elementos da narrativa, que nos auxiliou na identificação da macroestrutura. Ocorre, nesse ínterim, a discussão sobre os gêneros textuais, sua noção e postulações dos principais autores a partir de Bakhtin (2000); Dell’Isola (2001); Marcuschi (2008); Koch e Vilela (2001). Em seguida, buscamos focalizar estudos e teses sobre a piada, de diferentes visões, como a de Romão (2008), que evoca as teorias do gatilho de Raskin e

da Bissociação de Koestler (1964); Muniz (2004) que advoga a teoria de arquilexema, Weiwei (2012); dentre outros, por último apresentamos o estudo do par dialógico dos autores Marcuschi (2007) e Fávero, Andrade e Aquino (2006).

O segundo capítulo foi dedicado à questão metodológica. Nele, são apresentados o conceito de unidade de informação, elemento primordial para a segmentação das porções textuais, e a ferramenta *RSTtool*, mecanismo pelo qual construímos nossos diagramas. Essa ferramenta propicia uma forma mais econômica de apresentar os esquemas arbóreos que mostram a cadeia hierárquica textual, de modo que enxerguemos claramente a análise, feita pelo analista, das relações retóricas estabelecidas nas e pelas porções textuais. A ferramenta é apenas um descritor, não tem a capacidade de fazer a análise por si só. O analista é quem a alimenta e direciona todos os dados para a construção dos diagramas. Ainda no capítulo de metodologia evidenciamos o *corpus* com que trabalhamos, ou seja, quinze piadas de temas diversificados.

O terceiro capítulo tratou da análise das relações retóricas que emanaram das e nas unidades de informação exibidas pelo gênero piada, à luz da RST, do modelo narrativo de Labov e Waletzky (1967) e da LT. Nessa tarefa, fizemos o diálogo entre a RST e a LT, em associação com os elementos narrativos de Labov e Waletzky (1967). Para tanto, houve discussões que nos conduziram ao resultado para que obtivéssemos a estrutura prototípica do gênero piada.

Para fechar o trabalho, apresentamos a conclusão, na qual abordamos nossas considerações finais acerca da pesquisa desenvolvida, dos objetivos propostos. A seguir, encontram-se as referências bibliográficas, instrumentos que possibilitaram este estudo. Ao final deste trabalho apresentamos, no Anexo, as demais piadas que compuseram o *corpus* de análise.

CAPÍTULO 1- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, situamos as premissas do Funcionalismo Linguístico, com destaque na Teoria da Estrutura Retórica (RST), que é argamassa da construção dos fundamentos centrais desta tese, cujo objetivo é verificar a organização da macroestrutura do gênero textual piada, nosso objeto de estudo. Aliados à RST, compõem esta investigação fundamentos da Linguística Textual (LT) no que concerne ao conceito de texto, textualidade e gênero, bem como o modelo narrativo de Labov e Waletzky (1967).

Neste estudo, assumimos que o nosso posicionamento linguístico se fundamenta nas práticas interacionais e funcionais da linguagem. Nesse sentido, a teoria funcionalista permite um trabalho com fatos da língua nos quais o texto, oral ou escrito, nos conduz a uma situação de práticas discursivas. Para alcançar os propósitos e respaldar a importância de estudos que analisem as relações explícitas e implícitas que emergem das porções textuais, reportamo-nos aos constructos funcionalistas em que se sustenta a Teoria da Estrutura Retórica.

1.1 Aspectos do Funcionalismo Linguístico

O Funcionalismo Linguístico teve suas origens na Escola Linguística de Praga, referente a um grupo de estudiosos da linguagem, da década de 20. Para eles, nas palavras de Neves (2013, p.17) “a linguagem, acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralinguística”, confirmando que a linguagem é uma prática social e que por meio do uso concreto da língua, numa dada situação, o interlocutor tem a capacidade de combinar e escolher recursos linguísticos de modo que as estruturas frásticas se revestirão de sentidos outros, que se emanam no e do nível pragmático.

Nessa perspectiva, apresentamos algumas postulações sobre o funcionalismo, que sustentam a perspectiva teórica por nós adotada.

Um dos aspectos se refere a uma gramática funcionalista que, na proposta de Neves (2013, p.17), apresenta pontos centrais, como:

- o uso (em relação ao sistema); o que significa a utilização da linguagem na sua manifestação real e concreta nas práticas sociais da linguagem;
- o significado (em relação à forma); as palavras, no contexto pragmático, são incorporadoras de diferentes sentidos daqueles concebidos, usualmente, porque o sentido emana de uma profusão de fatores que intervêm no contexto interacional;
- social (em relação ao individual) porque a gramática funcionalista visa à comunicação, como forma de interação entre os interlocutores com objetivos determinados para uma ação social”.

Neves (2013, p.19) ressalta outra questão central sobre a gramática funcionalista ao apontar que esta tem aplicação a uma variedade de línguas e à diversidade de tipos de língua porque nessa gramática há uma harmonia entre o geral e o particular. A linguista pondera ainda que temas investigados na linguística do texto podem ser harmonicamente tratados entre a gramática funcional e esses estudos, tese com a qual concordamos.

Nesse sentido, a autora defende que a gramática funcional e a linguística do texto se harmonizam coerentemente no processamento de construção de enunciados. Portanto, os construtores textuais se apoiam nos usos linguísticos, para que sobressaia a sua funcionalidade no contexto textual, integrando os vários processos disponíveis para essa tarefa.

Na visão de Dik (1978), o funcionalismo está atrelado à competência comunicativa, pois o produtor textual precisa ter o domínio de habilidades linguísticas, saber empregar uma expressão adequada para que seu discurso obtenha uma interação na situação discursiva. Nessa perspectiva,

o funcionalismo é um instrumento de interação social, cujo relato psicológico é a competência comunicativa, isto é a capacidade das expressões linguísticas devem proporcionar pontos de contato com seu funcionamento em dadas situações. O discurso é um marco globalizador, dentro do qual se deve estudar (...). (DIK, 1978, p. 5).

Para Halliday (1974, p.98), a sintaxe funcional tem seu foco nos interlocutores e nos usos da língua, concentrando um valor aos interlocutores, à variedade da língua no enquadre da reflexão linguística”. Para o autor, o funcionalismo imprime uma valoração aos participantes da situação discursiva e aos usos linguísticos nas suas variações, o que evidencia a importância do uso real e não artificial da linguagem.

Nesse panorama, vale ressaltar os estudos de Givón (1995), ao enfatizar que não existe a autonomia linguística. Nesse caminho, compreendemos que os fatos linguísticos não podem ser entendidos isoladamente, devem ser ancorados nas esferas linguísticas, comunicativas, sociais, cognitivas, culturais e pragmáticas.

Portanto, para Givón (1995, p. 9) as proposições do funcionalismo linguístico são:

- a) a linguagem é uma ação sociocultural;
- b) a estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa;
- c) a estrutura não é arbitrária, motivada e icônica, ou seja, a iconicidade possibilita uma análise mais profunda dos princípios régios que são utilizados como recursos da cadeia morfossintática da língua;
- d) a mudança e a variação estão sempre presentes;
- e) o significado é dependente de contexto, portanto não é atômico; ou seja, o sentido emerge do ambiente contextual pragmático;

- f) as categorias não são discretas, no sentido de serem estanques, sendo assim designadas como indeterminadas e pela gradação. Destarte, as propriedades, consideradas como universais; possuem uma variabilidade no interior de um sistema linguístico como entre outros;
- g) a estrutura é maleável, não é rígida;
- h) as gramáticas são emergentes e as regras da gramática permitem desvios.

Nesse enquadre, Castilho (2012, p. 17-22) defende “o estudo da língua em seus usos na sociedade, considerando que a gramática das línguas naturais é um conjunto de escolhas formuladas pelo falante”. O linguista sinaliza que o funcionalismo contempla três aspectos distintos, entendidos como: “o uso da língua para determinado propósito, as relações estruturais entre signos, os papéis assumidos pelos constituintes numa sentença” (CASTILHO, 2012, p.28). Dessa forma, para o pesquisador, a teoria privilegia a língua em uso, seus enunciados reais, concebidos na integração dos aspectos sintático, semântico e pragmático.

Segundo o autor, a linguística, centrada no uso, refere-se à tendência de análise das línguas que descreve um rol das teorias dos representantes da linguística funcional, como Givón (1979); Hopper (1993); Thompson (1992); Halliday e Matthiessen (2004); Neves (1997) e Decat (2001).

Com ênfase no uso da língua, Castilho (2012, p.21) afirma que o funcionalismo mira-se na compreensão entre forma e função, mostrando especialmente as funções que executam uma interferência na forma gramatical.

Para exemplificar a afirmação de Castilho, citamos a proposição de Neves (2013, p. 44) que investigações feitas pelo projeto Norma Urbana Culta- NURC sobre a representação do sujeito pelo emprego de pronomes pessoais, foram pautadas em três grandes funções, correlacionadas às metafunções de Halliday (1985): a *interacional*, que se refere à situação de fala denotando o mecanismo exofórico ou dêitico; a *textual*, que faz remissão ao cotexto, conhecida como endofórica; e a *ideacional*, que explicita o papel temático do referente, ou seja, qual é o papel dos pronomes em relação à flexão verbal.

Numa abordagem funcional-discursiva da língua, Decat (2012) reivindica a importância das teorias funcionalistas para a caracterização dos gêneros. Nas palavras de Decat (2012, p.151), “tal abordagem teórica permitirá detectar que as formas recorrentes num determinado gênero, ou em um grupo de gêneros, servem à caracterização do gênero, na medida em que elas são uma decorrência dos objetivos sociocomunicativos do próprio gênero.”

Assim, a abordagem funcionalista propõe-nos condições para a realização de estudos calcados no uso real da linguagem, como o emprego dos gêneros textuais nas tarefas cotidianas da linguagem.

Procuramos, ainda, situar a abordagem funcionalista que considera os usos linguísticos nas práticas sociais e pragmáticas. Na nossa visão, os enunciados são produzidos pelas condições que emergem de uma situação comunicativa e dela ecoam os mais variados empregos linguísticos e as intenções, contribuindo *a priori* para a interação dos participantes. Por isso, o funcionalismo nos proporciona um melhor entendimento dos fatos linguísticos e dos objetivos de quem os constrói, numa determinada situação discursiva, pois as escolhas emergem de um arcabouço das regras linguísticas, de usos, de significações e fatores pragmáticos-interacionais que são mobilizados segundo as intenções dos interlocutores.

Os posicionamentos dos autores supracitados sob a égide funcionalista auxiliam na solidificação da nossa diretriz teórica para o entendimento e a descrição da organização estrutural pela identificação das relações retóricas que emergem entre as porções que compõem o texto deste gênero.

Portanto, neste trabalho privilegiamos o uso linguístico real, concreto gestado pela harmonização dos critérios morfossintático, semântico e pragmático.

1.2 Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetoric Structural Theory -RST*)

Como já mencionada, a Teoria da Estrutura Retórica (RST) é uma teoria funcionalista, que tem como objetivo descrever a coerência e a organização textual, sustentada pelas relações retóricas que emergem das porções textuais (*text spans*).

1.2.1 A Teoria da Estrutura Retórica (RST): considerações iniciais

A Teoria da Estrutura Retórica (RST) surge, por volta de 1983, quando um grupo de estudiosos da costa oeste norte-americana, como William Mann, Sandra Thompson e Christian Matthiessen, se preocupava com a construção automática de textos. Esses estudiosos notaram que não havia nenhum princípio adequado para explicar a estrutura ou função do enunciado para programar a geração automática de textos.

Os pesquisadores almejavam uma teoria de geração automática de textos que, segundo Mann (1984), apresentasse as seguintes características: ser aplicável a qualquer tipo de texto; informar como o texto atinge seus efeitos para o escritor; ser aplicável a todos os tamanhos de texto, além de descrever porções textuais de tamanhos variados; ser possível de formatação e programação; ter a capacidade de ser utilizada na construção de texto e na descrição dele. Para esse pesquisador, a tarefa seria criar uma teoria descritiva que explicasse cada parte que ocorre naturalmente em um texto. Essa teoria seria, no futuro, um pressuposto para a criação de uma teoria construtiva que seria implementada para a geração automática de texto. Portanto, o termo Teoria da Estrutura Retórica se refere à combinação de partes descritivas e construtivas de um texto.

Em busca de respostas para essa questão, a equipe de pesquisadores norte-americana se afasta do âmbito computacional e passa para a análise dos textos naturais.

Entendemos, como um fato relevante, a continuidade e a permanência de estudos e pesquisas com foco na Teoria da Estrutura Retórica. A título de informação, citamos Decat (1993, 2010, 2012, 2014, 2017); Antonio (2004, 2012); Antonio e Rúbio (2010); Antonio e Barbosa (2012); Campos (2012); Caixeta (2015); Correia (2011, 2014, 2016, 2018); Taboada (2005, 2006, 2009); dentre outros.

Os pressupostos teóricos, nos quais a RST se baseia são, conforme Antonio (2010, p. 85-86),

- a) os textos são formados por grupos organizados de orações que se relacionam hierarquicamente entre si de várias formas;
- b) as relações que se estabelecem entre as orações podem ser descritas com base na intenção comunicativa do enunciador e na avaliação que o enunciador faz do enunciatário, e refletem as escolhas do enunciador para organizar e apresentar os conceitos.

A partir desses pressupostos, podemos observar que a RST priorizava a organização textual com foco nas orações que constituíam o texto.

No estudo que ora apresentamos, nossa unidade de análise não foi a oração, mas porções maiores de texto (*text spans*), que constituíssem uma unidade, ou bloco, de informação.

A Teoria da Estrutura Retórica é detalhadamente caracterizada por princípios norteadores que, nas palavras de Mann e Thompson (1989, p. 6-7), são definidos como:

- Organização: Os textos se mostram organizados para que suas partes possam combinar, constituindo partes maiores para formar o texto completo.
- Unidade e coerência: O texto se materializa como uma unidade de sentido. Suas partes se articulam para formar essa unidade. Para cumprir a função cada unidade

de um texto possui uma função, uma razão plausível para a sua existência, o que envolve uma combinação de suas partes para que se alcance a finalidade pretendida.

- Hierarquia: O texto se organiza pela configuração de partes de funcionamento simples, que se unem, constituindo as partes maiores para formatarem o texto, unidade maior de sentido. A hierarquia não é somente uma sobreposição de partes.
- Homogeneidade da hierarquia: Na estrutura relacional, a RST evidencia homogeneidade: em cada nível, há um agrupamento de estruturas disponíveis para a organização textual, desde grandes porções textuais, um elemento particular de uma estrutura (por exemplo, o corpo de um artigo ou o texto completo), até níveis menores (como duas orações que se combinam).
- Composição relacional: essa composição é constituída pelas relações entre as porções menores de textos e indica de que modo de elas se interagem até formarem níveis maiores.
- Assimetria das relações: O tipo de relação predominante é o de núcleo-satélite, que se caracteriza por ser uma relação assimétrica: um membro da porção textual é mais central (o núcleo) e o outro mais periférico (o satélite).
- Natureza das relações: As relações que emergem no texto são funcionais, ou seja, constituem-se pelos efeitos originados do texto.
- Número de relações: As relações não são fixas ou não se instauram como um inventário fechado, o que significa que novas relações podem ser estabelecidas.

A RST pode ser entendida como útil para a identificação da estrutura subjacente dos textos. A análise de um texto de acordo com essa teoria descreve a presença reconhecível de relações que, aparentemente, não são sinalizadas de maneira explícita. Elas podem ser sinalizadas por frases indicadoras (marcadores discursivos ou partículas discursivas), modo, tempo e aspectos verbais, ou características estruturais, como pares de adjacências na conversa.

Nos dizeres de Mann e Thompson (1983, 1988); Mann; Matthiessen e Thompson (1992), a RST é uma teoria funcionalista que, com foco na coerência, visa a estudar a organização dos textos e o estabelecimento das relações entre as porções textuais, (*text spans*). Para esses pesquisadores, a coerência é entendida como a ausência de lacunas no texto.

Correia (2018, p. 33) elucida que, a partir de seus princípios, “a RST pode ser entendida como um método ou processo para a descrição do texto que possibilita a caracterização da sua estrutura hierárquica, especificamente no que se refere às relações que emergem entre as porções que o compõem.”

Para Mann, Matthiessen e Thompson (1989, p.7), a unidade e a coerência vão se estabelecendo porque todas as partes de um texto, por meio das relações, vão sendo conectadas para um único propósito do escritor, ou seja, essas partes vão sendo organizadas, advindas de um entrelaçamento das relações retóricas para atingir um único efeito.

As relações retóricas são também denominadas *proposições relacionais* definidas por Mann (1984, p. 2) como um “fenômeno combinacional” que atua na estrutura textual em que emerge entre duas partes textuais. O autor chama a atenção para o fato de que as proposições relacionais identificadas nos textos, por ele analisados, podem não ser similares em outras línguas, visto que esse fenômeno está relacionado à cultura de um povo. Cabe ressaltar que as proposições relacionais são também denominadas “relações discursivas”, “relações de coerência” ou “relações retóricas”, (TABOADA, 2009, p.127).

De acordo com Mann e Thompson (1988), o analista se baseia em critérios funcionais e semânticos para a identificação das relações retóricas, de acordo com a função de cada porção de texto, e para verificar como o texto produz o efeito desejado em seu possível leitor. Esses julgamentos são de plausibilidade, isto é, o analista tem acesso ao texto, tem conhecimento do contexto em que o texto foi produzido e das convenções culturais do produtor e de seus possíveis receptores, mas não tem acesso direto ao produtor do texto ou aos seus possíveis receptores, mas não se pode afirmar com certeza que esta ou aquela análise é a correta, mas pode se sugerir uma análise plausível e adequada ao contexto discursivo.

Taboada (2006, p. 6), nessa mesma linha, enfatiza que a definição das relações se baseia em critérios funcionais e semânticos, não em sinais morfológicos ou sintáticos, porque nenhum sinal é totalmente confiável ou inequívoco para a identificação de nenhuma das relações retóricas.

Para a RST, como para o processo de leitura, a tarefa do analista pode ser decomposta em subtarefas mais elementares que podem ser julgadas separadamente, tais como: dividir o texto em unidades de informação; agregar unidades e amplitudes em unidades maiores; discernir quais definições de relações se aplicam a um par de porções textuais; julgar os propósitos do autor; decidir qual relação retórica é mais plausível para

o propósito comunicativo do autor. Cada uma dessas subtarefas pode ser identificada, estudada e testada separadamente, entretanto, o conjunto delas resulta na análise de um texto, à luz da Teoria da Estrutura Retórica.

Taboada e Mann (2006) apontam a possibilidade de emergência de mais de um tipo de relações retóricas entre duas porções de texto. Esse fenômeno pode ser exemplificado na propaganda do Estomazil, a seguir analisada por Fonseca (2018).



Figura 1: Propaganda— Estomazil

Disponível em: www.google.com.br.

Acesso em: 10.out. 2018.

A leitura da propaganda do Estomazil provoca no leitor inferências que levam à identificação, de forma plausível, de mais de uma relação retórica que emerge entre as porções textuais. Dentre as inferências, destacamos:

1. Tomar Estomazil tira a dor estomacal.
2. Não devo continuar sentindo dor, se há um meio de eliminá-la.
3. Preciso de algum remédio que elimine a dor e resolva o problema.
4. Estomazil é um medicamento recomendável para dor no estômago.
5. Estomazil é um medicamento bem popular, por isso é de custo acessível.
6. É um medicamento existente em diversas farmácias.

Para a segmentação do texto da propaganda— Estomazil, foram consideradas as inferências de 1 a 6, o que nos levou a entender o medicamento ESTOMAZIL como unidade mais central. Nessa perspectiva, apresentamos as porções textuais ou unidades de informação:

1. *ESTOMAZIL*
2. *Ferveu,*
3. *Tomou,*
4. *passssssssou!*

A análise à luz da RST tornou plausível indicar que emerge, entre as porções textuais, UIs (1–3), as relações retóricas de *motivação* ou de *resultado*, como demonstrado na Figura 2 que retrata o Diagrama da Estrutura Retórica da propaganda.

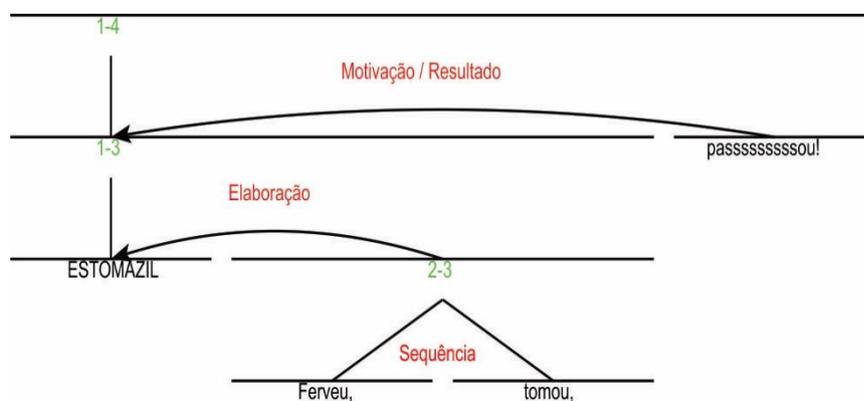


Diagrama 1: Estrutura Retórica da propaganda – ESTOMAZIL.

A relação retórica de *motivação* é a mais básica, pois, nos dizeres de Mann e Thompson (1988), essa relação sinaliza que o conteúdo do satélite faz com que o leitor se sinta mais à vontade para realizar a ação indicada no núcleo. Dizendo de outra forma, a informação contida no satélite - UI (4): “*Passssssssou!*” - motiva o leitor a ter a atitude de fervê-lo e tomar o Estomazil, contidas nas UIs (1– 3).

Outro tipo de relação núcleo-satélite (N-S) pode ser inferida, como a relação de *resultado*. Nessa acepção, a unidade de informação (4): “*passssssssou!*” pode indicar um resultado para as ações de ferver e tomar Estomazil. Para Mann e Thompson (1988), a relação de *resultado* possibilita ao leitor reconhecer que o núcleo - UIs (1-3) - pode ser uma causa da situação registrada no satélite - UI (4): “*Passssssssou!*”.

Para explicitar a emergência e a identificação de relações retóricas, apresentamos um exemplo retirado do trabalho de Campos (2012, p.80-82), em que a relação retórica denominada *contraste* emerge, sem a presença de uma marca linguística, entre as porções do texto: (1) “*A bolsa caiu, o dólar caiu*” e (2) “*o melhor investimento de julho foi anunciar no SBT.*” Essa relação, segundo Campos (2012, p. 82), foi considerada como “a mais adequada” no contexto do anúncio, pois há uma situação igualitária entre os dois núcleos, o que representa um tipo de relação *multinuclear* e emerge-se a relação de *contraste* entre as duas porções textuais.



Figura 2: ANÚNCIO PUBLICITÁRIO 11

Fonte: CAMPOS, 2012, 80-82.

Apresentamos o Diagrama da Estrutura Retórica da Propaganda do SBT, com base no trabalho de Campos (2012).



Diagrama 2: Estrutura Retórica da propaganda do SBT .

Vejamos outro exemplo extraído da Correia (2018, pp.101 -102), no qual se configura uma marca linguística que possibilita o estabelecimento da relação retórica de *antítese*. As UIs exibidas fazem parte de um artigo argumentativo intitulado “Palavras e metralhadoras” de Vladimir Safatle. Apontamos que o que nos interessa, no exemplo, é realçar a presença do marcador discursivo que constitui uma marca linguística que auxilia na identificação da relação retórica.

UI (4) Diria inicialmente que o melhor argumento apresentado pelos que defendem as charges de Charlie Hebdo e a violência nelas contida é: não devemos regredir no tempo e criar uma lei contra a blasfêmia. A percepção é correta, pois religião não é apenas uma questão de crença, mas de instituições que têm peso político decisivo em nossas sociedades. Católicos, evangélicos, muçulmanos, judeus, todos procuram interferir, de acordo com suas forças sociais, no ordenamento jurídico de nossas sociedades a partir de estratégias variadas. Impedir que tais instituições sejam criticadas por meio das armas da ironia seria de fato um equívoco brutal. Afirmar que não se deve ironizar o que grupos sociais relevantes consideram como “sagrado” seria bloquear uma dimensão essencial do pensamento crítico. Seria difícil entender por que não censurar do mesmo modo os livros de Nietzsche nos quais ele insiste na “morte de Deus” ou A vida de Brian, do Monty Python

UI (5) Há, porém, uma outra dimensão do problema com as charges do Charlie Hebdo que normalmente não é levada em conta por seus defensores. Liberdade de expressão nunca significou, nem nunca significará, dizer qualquer coisa de qualquer forma. Se alguém ironizar os negros como intelectualmente inferiores, tripudiar das mulheres com enunciados machistas que expressam a história de sua sujeição, fazer chacota dos judeus baseado nos velhos preconceitos que alimentam milenarmente o antissemitismo, espera-se que o Estado impeça a circulação de tal violência. Certos enunciados trazem uma história amarga de violência, humilhação social e preconceito contra grupos mais vulneráveis. Não por outra razão, todo racista hoje em dia clama pela liberdade de expressão, pelo direito de “expressar sua opinião”. Mas racismo e preconceito não são opiniões, são crimes.
CORREIA, 2018, p.101-102.

De acordo com Correia (2018), entre as UIs (4) e (5) emerge a relação tipo *núcleo-satélite de antítese*. Na UI(5), detecta-se a marca linguística, “o marcador discursivo *porém*”, ao qual é atribuída uma valoração argumentativa muito consistente na construção do artigo, que, nesse caso, veicula uma outra opinião contrária em face do que é exibido na UI(4).

Portanto, os dois exemplos citados demonstram que as relações podem emergir com ou sem a presença de uma marca linguística; o importante é a funcionalidade e os propósitos sociais, comunicativos e interacionais na situação discursiva.

1.2.2 A Teoria da Estrutura Retórica (RST): pressupostos básicos

Balizados pelos estudos de Mann e Thompson (1988), explicitamos os elementos que norteiam a Teoria da Estrutura Retórica, independentemente do idioma, da linguagem e da tipologia textual os quais são submetidos à análise, à luz dessa teoria. Esses

elementos são: as relações, os esquemas, a aplicação dos esquemas e a estrutura das análises e dos diagramas.

De forma bem concisa, pode-se entender que as relações emergem entre duas porções textuais (núcleo e satélite), enquanto os esquemas definem padrões em que uma determinada porção de texto pode ser analisada em termos de outras porções. As convenções de aplicação dos esquemas definem as maneiras como um esquema pode ser utilizado, enquanto as estruturas retratam a organização textual, ou seja, a estrutura retórica de um texto.

• **Relações**

As relações retóricas emergem entre duas porções textuais adjacentes e podem ser identificadas com ou sem marcas linguísticas, como já discutido nesta tese.

A definição de uma determinada relação retórica do tipo núcleo-satélite consiste em quatro campos:

1. Restrições sobre o núcleo;
2. Restrições sobre o satélite;
3. Restrições na combinação de núcleo e satélite;
4. Efeito.

Vale ressaltar que cada campo indica julgamentos particulares do analista com a finalidade de verificar a estrutura retórica de um texto.

Mann e Thompson (1983) informam que as funções globais das relações podem ser divididas em dois grandes grupos, a saber: as do primeiro grupo que se referem à apresentação da relação, cujo objetivo é aumentar a vontade, o desejo do enunciatário a agir, concordar, acreditar ou aceitar o conteúdo do núcleo; e as do segundo grupo que se referem ao conteúdo e se encarregam de conduzir o enunciatário a reconhecer a relação em questão. Considerando a função global de cada um, enumeramos, a seguir, as relações de acordo com o grupo a que pertencem:

- a) **relações de apresentação:** motivação, antítese, fundo, capacitação, evidência, justificativa, concessão, preparação.
- b) **relações de conteúdo:** elaboração, circunstância, solução, causa volitiva, resultado volitivo causa não volitiva, resultado não volitivo, propósito, condição, senão, interpretação, meio, avaliação, reafirmação, resumo.

No que se refere à organização, as relações retóricas podem ser distribuídas em dois grupos: relações multinucleares, em que uma porção não é ancilar à outra e as relações núcleo-satélite, em que uma porção é ancilar à outra.² São relações multinucleares as do tipo: conjunção, contraste, disjunção, união, lista, reformulação multinuclear e sequência. As relações núcleo-satélite foram listadas nos itens (a) relações de apresentação e (b) relações de conteúdo.

Ainda sobre as relações retóricas, realçamos a observação registrada por Decat (2017, p. 2586). Para a linguista, “tais relações (“proposições relacionais”) são descritas com base na intenção comunicativa do produtor do texto e na avaliação que ele faz de seu ouvinte/leitor/receptor, refletindo suas escolhas na organização do texto”.

De acordo com Decat (1993, p. 146), as preposições relacionais veiculam dados comunicativos oriundos da situação textual-discursiva e são estratégias de combinação de estruturas textuais.

Mann e Thompson (1983, p.1-17; 1988, p. 234-247) propõem um quadro com aproximadamente 25 relações retóricas, porém, indicaram que essas relações não são um rol fechado, ele pode ser ampliado, caso o analista avaliasse ser necessário. Assim, a lista proposta por esses pesquisadores já está ampliada devido à continuidade de estudos neste campo.

De acordo com Antonio (2004, p.72), as relações retóricas não é um conjunto fechado, podemos acrescentar novas relações, dependendo do texto a ser analisado. Sendo assim, o estabelecimento de novas relações ao quadro da RST nasce da necessidade que a situação discursiva exigir. Os pesquisadores precursores da RST, como Mann e Thompson, enfatizaram que a lista de relações retóricas por eles proposta possibilitou a análise de um *corpus* extenso e variado de textos, incluindo anúncios, textos informativos, propagandas, narrativas e outros.

Nos quadros que se seguem apresentamos o nome da relação e a sua definição, conforme dados por Mann e Thompson (1988).

² A título de curiosidade, citamos o trabalho de den Ouden (2004), sobre a identificação de qual porção é nuclear e qual é satélite. A partir de leitura de texto em voz alta, para pesquisa sobre entonação, a autora observou que a distinção entre núcleo –satélite não é sinalizada por duração de pausa ou tom, mas percebeu uma correlação com a taxa de articulação: os núcleos foram lidos mais lentamente que os satélites.

Quadro 1— Definições das relações de apresentação

Definições das relações de apresentação			
Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Antítese	em N: A tem atitude positiva face a N	N e S estão em contraste (cf. a relação de Contraste); devido à incompatibilidade suscitada pelo contraste, não é possível ter uma atitude positiva perante ambas as situações; a inclusão de S e da incompatibilidade entre as situações aumenta a atitude positiva de L por N	A atitude positiva do L face a N aumenta
Concessão	em N: A possui atitude positiva face a N em S: A não afirma que S não está certo	A reconhece uma potencial ou aparente incompatibilidade entre N e S; reconhecer a compatibilidade entre N e S aumenta a atitude positiva de L face a N	A atitude positiva de L face a N aumenta
Capacitação ³	em N: apresenta uma ação de L (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S por L aumenta a capacidade potencial de L para executar a ação em N	A potencial capacidade de L para executar a ação em N aumenta
Evidência	em N: L pode não acreditar em N a um nível considerado por A como sendo satisfatório em S: L acredita em S ou considera-o credível	A compreensão de S por L aumenta a crença de L em N	A crença de L em N aumenta
Fundo	em N: L não compreende integralmente N antes de ler o texto de S	S aumenta a capacidade de L compreender um elemento em N	A capacidade de L para compreender N aumenta
Justificação	nenhuma	A compreensão de S por L aumenta a sua tendência para aceitar que A apresente N	A tendência de L para aceitar o direito de A a

³ No original em português, no site referente à RST, foi colocado, equivocadamente, o nome de relação de *elaboração*, em vez de *capacitação*.

			apresentar N aumenta
Motivação	em N: N é uma ação em que L é o ator (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S aumenta a vontade de L para executar a ação em N	A vontade de L para executar a ação em N aumenta
Preparação	nenhuma	S precede N no texto; S tende a fazer com que L esteja mais preparado, interessado ou orientado para ler N	L está mais preparado, interessado ou orientado para ler N
Reformulação	nenhuma	em N + S: S reformula N, onde S e N possuem um peso semelhante; N é mais central para alcançar os objetivos de A do que S	L reconhece S como reformulação
Resumo	em N: N deve ser mais do que uma unidade	S apresenta uma reformulação do conteúdo de N, com um peso inferior	L reconhece S como uma reformulação mais abreviada de N

Continuação do Quadro 1- Definições das relações de apresentação.

Quadro 2— Definições das relações de conteúdo

Definições das relações de conteúdo			
Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Alternativa (anticondicional)	em N: N representa uma situação não realizada em S: S representa uma situação não realizada	realização de N impede a realização de S	L reconhece a relação de dependência de impedimento que se estabelece entre a realização de N e a realização de S
Avaliação	nenhuma	em N + S: S relaciona N com um grau de atitude positiva de A face a N	L reconhece que S confirma N e reconhece o valor que lhe foi atribuído

Causa involuntária	em N: N não representa uma ação voluntária	S, por outras razões que não uma ação voluntária, deu origem a N; sem a apresentação de S, L poderia não conseguir determinar a causa específica da situação; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	L reconhece S como causa de N
Causa voluntária	em N: N constitui uma ação voluntária ou mesmo uma situação possivelmente resultante de uma ação voluntária	S poderia ter levado o agente da ação voluntária em N a realizar essa ação; sem a apresentação de S, L poderia não perceber que a ação foi suscitada por razões específicas ou mesmo quais foram essas razões; N é mais importante do que S para cumprir os objetivos de A, na criação da combinação N-S	L reconhece S como a causa da ação voluntária em N
Circunstância	em S: S não se encontra não realizado	S define um contexto no assunto, no âmbito do qual se pressupõe que L interprete N	L reconhece que S fornece o contexto para interpretar N
Condição	em S: S apresenta uma situação hipotética, futura, ou não realizada (relativamente ao contexto situacional de S)	Realização de N depende da realização de S	L reconhece de que forma a realização de N depende da realização de S
Condição inversa	nenhuma	S afeta a realização de N; N realiza-se desde que S não se realize	L reconhece que N se realiza desde que S não se realize
Elaboração	nenhuma	S apresenta dados adicionais sobre a situação ou alguns elementos do assunto apresentados em N ou passíveis de serem	L reconhece que S proporciona informações adicionais a N. L identifica o elemento do

		inferidos de N, de uma ou várias formas, conforme descrito abaixo. Nesta lista, se N apresentar o primeiro membro de qualquer par, então S inclui o segundo: conjunto :: membro abstração :: exemplo todo :: parte processo :: passo objeto :: atributo generalização :: especificação	conteúdo relativamente ao qual se fornece pormenores
Incondicional	em S: S poderia afetar a realização de N	N não depende de S	L reconhece que N não depende de S
Interpretação	nenhum	em N + S: S relaciona N com várias ideias que não se encontram diretamente relacionadas com N, e que não estão relacionadas com a atitude positiva de A	L reconhece que S relaciona N com várias ideias que não se encontram relacionadas com o conhecimento apresentado em N
Método	em N: uma atividade	S apresenta um método ou instrumento que tende a aumentar as probabilidades de realização de N	L reconhece que o método ou instrumento de S tende a aumentar as probabilidades de realização de N
Propósito	em N: N é uma atividade; em S: S é uma situação que não se encontra realizada	S será realizado através da atividade de N	L reconhece que a atividade em N se inicia para realizar S
Resultado involuntário	em S: S não representa uma ação voluntária	N causou S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	L reconhece que N poderia ter causado a situação em S
Resultado voluntário	em S: S constitui uma situação ou ação voluntária possivelmente	N pode ter causado S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A do que a apresentação de S	L reconhece que N pode ser uma causa da ação ou situação em S

	resultante de uma ação voluntária		
Solução	em S: S apresenta um problema	N constitui uma solução para o problema apresentado em S	L reconhece N como uma solução para o problema apresentado em S

Os dois quadros exibidos, sem indicação, são continuidade do Quadro 2- Definições das relações de conteúdo.

Quadro 3— Definições das relações multinucleares

Definições das relações multinucleares		
Nome da relação	Condições em cada par de N	Intenção de A
Conjunção	Os elementos unem-se para formar uma unidade onde cada um dos elementos desempenha um papel semelhante	L reconhece que os elementos inter-relacionados se encontram em conjunto
Contraste	Nunca mais de dois núcleos; as situações nestes dois núcleos são (a) compreendidas como sendo as mesmas em vários aspectos (b) compreendidas como sendo diferentes em alguns aspectos, e (c) comparadas em termos de uma ou mais destas diferenças	L reconhece a possibilidade de comparação e a(s) diferença(s) suscitadas pela comparação realizada
Disjunção	Um dos elementos apresenta uma alternativa (não necessariamente exclusiva) à(s) outra(s)	L reconhece que os elementos inter-relacionados constituem alternativas
Junção	nenhuma	nenhuma
Lista	Um elemento comparável a outros e ligado a outro N através de uma relação de Lista	L reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados
Reformulação multinuclear	Um elemento constitui, em primeiro lugar, a repetição de outro, com o qual se encontra relacionado; os elementos são de importância semelhante aos objetivos de A	L reconhece a repetição através dos elementos relacionados

Sequência	Existe uma relação de sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos	L reconhece as relações de sucessão entre os núcleos
-----------	--	--

Continuação do Quadro 3- Definições das relações multinucleares.

Fonte: Mann, W.C., e Thompson, S.A. 1988. Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization. Text, 8 (3). 243-281.

Disponível em: www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html. Acesso em: 28. out. 2017.

Um estudo importante sobre a relação núcleo e satélite foi empreendido por Decat (1993) sobre a hipotaxe adverbial de realce no gênero⁴ entrevista: narrativas orais e escritas, como também nos argumentativos orais e escritos. A autora constatou que as relações retóricas, que sobressaíram, decorreram em função da necessidade que o gênero exigia. Além de verificar que as hipotaxes adverbiais de realce formatavam o satélite da relação núcleo- satélite. Em seus dados, ocorreu a incidência maior da posposição dessas cláusulas.

Outro aspecto com relação às relações retóricas diz respeito à sua natureza. Conforme Carlson e Marcu (2001, p.20-21), elas podem ser de natureza intencional, semântica e estrutural.

Correia (2011, p. 36-37) aponta a evidência de outras relações retóricas como a *Adição* e a *Apresentação*, ambas estabelecidas para atender aos propósitos sociocomunicativos da pesquisa dessa autora:

Relação de Adição:

Restrições sobre N: não há Restrições sobre S: S baseia-se no que é apresentado em N.

Restrições sobre N+S: apresenta uma porção, trazendo uma informação que se acrescenta à que é apresentada no núcleo.

Efeito: o leitor reconhece que a informação se torna mais abrangente e mais completa, devido à união de N+S.

⁴ Na época desse estudo, não se fazia distinção entre gênero, tipologia e sequência textual.

Relação de Apresentação

Restrições sobre N: não há Restrições sobre S: S é criado a partir do conteúdo veiculado por N.

Restrições sobre N+S: S apresenta uma informação que alerta o leitor para o conteúdo de N.

Efeito: o leitor reconhece que S convida à leitura de N.

Assim, Correia (2011) explica que a relação de *Apresentação* deve ser “entendida como uma proposição relacional que emerge entre uma porção (o título do texto) e a outra porção, que é o texto como um todo, portanto, não diz respeito às funções globais das relações propostas por Mann e Taboada (2009)”.

Caixeta (2015, p.157) postula a “existência da relação retórica de *interjeição* como um fenômeno que pertenceria, de modo geral, às relações do tipo núcleo – satélite, uma porção de texto é ancilar à outra.”

A título de exemplificação, transcrevemos a análise de uma das relações retóricas de *interjeição*, denominada, por aquele autor, de relação retórica *de interjeição cognitiva*.

Texto

Dalton Trevisan não poderia faltar. Pus no juízo: vou atrás, insisto, me rastejo, ínfimo. Uma antologia de microcontos não ficaria completa sem ele. Mestre da concisão. Alto Dalton. Máximo, grande. Mas ele vive recluso, não dá as caras. Eu não desisto. O ano era de 2004. Muito antes do Twitter. Resolvi criar a antologia “Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século” (Ateliê Editorial). Uma referência à organizada pelo Italo Moriconi, “Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século”. Ao Italo, pedi a assinatura de um microprefácio. Que ele generosamente fez. Em 50 palavras. Os contos, esses não, teriam de ter até 50 letras. Sem contar o título. Isso, inspirado que fui pelo microconto mais famoso do mundo, o do guatemalteco Augusto Monterroso. Uma história de 37 letrinhas, a saber: “Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá”. Toparam participar Sérgio Sant’Anna, Adriana Falcão, João Gilberto Noll, Manoel de Barros, Modesto Carone, Andréa Del Fuego, Glauco Mattoso... Lygia Fagundes Telles escreveu um, genial, só em diálogos:

“““ Fui me confessar ao mar. / ““E o que ele disse? / ““Nada.”.
Maravilha! Mas faltava o Dalton. (CJI).

Vejamos a análise de Caixeta (2015, p.176) sobre a relação retórica de interjeição cognitiva: *Maravilha!*

Relação Retórica de Interjeição Cognitiva

RESTRICÇÕES E ARGUMENTOS PARA DEFINIÇÃO DE RRIC — Maravilha!

RESTRICÇÕES SOBRE N:

Porção N: *Lygia Fagundes Telles escreveu um, genial, só em diálogos:*

“““ Fui me confessar ao mar. / ““E o que ele disse? / ““Nada.”.

Caracterização: O conto de Lygia Fagundes Telles desencadeia em A uma reação emotiva.

RESTRICÇÕES SOBRE S:

Porção S: *O enunciado interjetivo Maravilha!*

Caracterização: O enunciado interjetivo Maravilha! Apresenta:

- 1) marca grafofonêmica em virtude do sinal de exclamação;*
- 2) autonomia comunicativa por caracterizar-se como uma unidade informacional completa;*
- 3) significado específico: julgamento positivo.*

RESTRICÇÕES SOBRE N + S:

Estado mental: Eu penso que o conto de Lygia Fagundes Telles é uma maravilha.

Julgamento complexo: Eu penso que o conto de Lygia Fagundes Telles é uma maravilha em virtude do conteúdo e do modo como foi elaborado: em forma de diálogo.

Acrescento a isso, o fato de a autora o ter produzido com menos de 50 palavras, o que garante sua participação no livro “Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século”.

EFEITO: Ato social performatizado:

Demonstrar reconhecimento pelo conteúdo e pelo modo como o conto foi escrito.

ARGUMENTOS:

1) O observador considera plausível que A considere plausível que L perceba a reação emotiva de julgamento positivo acerca conto de Lygia Fagundes Telles.

2) O observador considera plausível que a reação emotiva de julgamento positivo de A desperte no L uma avaliação sobre o conto de Lygia Fagundes Telles.

3) O observador considera plausível que a reação emotiva de julgamento positivo desperte em L uma avaliação sobre o modo como A apresenta os fatos e se posiciona sobre eles.

4) O observador considera plausível que L considere que a ausência de S não altera o conteúdo informativo de N.

5) O observador considera plausível que A considere plausível que S contribui com a construção e com a recepção do esquema argumentativo.

6) O observador considera plausível que A, por meio de S, julgue, emotivamente e de modo experiencial, o conto de Lygia Fagundes Telles.

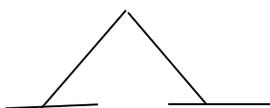
Como pudemos ver, as relações retóricas vão sendo emergidas de acordo com as intenções pragmáticas e interacionais do produtor textual; e o analista, pelo critério da plausibilidade, pode atribuir novos significados entre as UIs, ou porções textuais, desde que sejam pertinentes ao contexto discursivo.

- **Esquemas**

Mann e Thompson (1988) definem os esquemas como arranjos dos elementos estruturais do texto. Eles são modelos abstratos que consistem em um número total de porções que formam um texto. Em outras palavras, os esquemas definem os elementos estruturais do texto.

A RST reconhece quatro tipos de esquemas que determinam as possíveis estruturas de um texto, ou seja, especificam como as porções de texto podem ocorrer, tais como:

- a) **Relações multinucleares:** uma porção de texto não é ancilar à outra; nesse tipo de relação são constituídos núcleos independentes. Cada núcleo forma uma unidade de informação.



ESQUEMA 1: Relação multinuclear.

Fonte: MANN & THOMPSON, 1988, p. 247.

- b) **Relações núcleo-satélite:** Uma porção do texto (satélite) é ancilar à outra (núcleo).

Essa relação é demonstrada no ESQUEMA 2, em que um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que tem a função de núcleo. O núcleo é demonstrado pela linha vertical. Nessa relação, o satélite pode aparecer antes ou depois do núcleo.



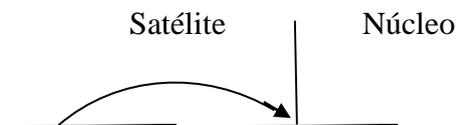
Núcleo

Satélite

ESQUEMA 2: Relação núcleo-satélite, com o satélite depois do núcleo.

Fonte: MANN & THOMPSON, 1988, p. 247.

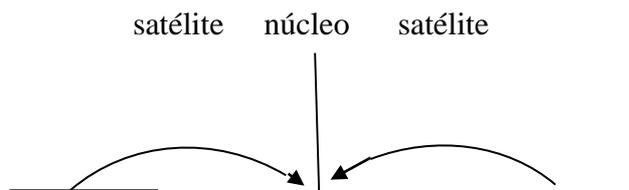
c) Relação núcleo-satélite com o satélite antes do núcleo.



ESQUEMA 3: Relação de núcleo-satélite, com o satélite antes do núcleo.

Fonte: MANN & THOMPSON, 1988, p. 247.

d) Relação núcleo-satélite, com satélite antes e depois do núcleo.



ESQUEMA 4: Relação de núcleo-satélite, com o satélite antes e depois do núcleo.

Fonte: MANN & THOMPSON, 1988, p. 247.

Em suma, os esquemas caracterizam-se como padrões pré-definidos que especificam como as porções do texto se relacionam, a fim de formar porções maiores ou todo o texto.

Quanto à aplicação dos esquemas em um texto, Mann e Thompson (1988) apontam que eles não seguem, obrigatoriamente, os padrões pré-estabelecidos. Podem ser identificadas três convenções determinantes das possíveis aplicações, como se observa a seguir:

- a) a ordem em que aparece o núcleo e o satélite não é fixa;
- b) uma relação que faz parte de um esquema pode ser aplicada quantas vezes forem necessárias;
- c) em esquemas multinucleares, as relações individuais são opcionais, porém, pelo menos uma das relações deve ser estabelecida.

- **Estruturas das análises e dos diagramas**

Para fazer uma análise à luz da RST, o primeiro passo é segmentar o texto em unidades de informação. Ressalta-se que cabe ao analista selecionar o critério que norteará a segmentação do texto. Uma vez selecionado, o critério deve ser respeitado, ou seja, se a unidade de análise for a oração, ele deve permanecer do início ao fim da análise do texto.

De acordo com Mann e Thompson (1988), a análise da estrutura retórica de um texto é um conjunto de aplicações de esquemas, respeitando as seguintes restrições:

- **Completude:** a análise apresenta um conjunto de esquemas aplicados nas porções que formam o texto.
- **Conexão:** com exceção de uma análise completa de um texto, cada porção textual é considerada uma unidade mínima ou um componente em uma outra aplicação do esquema em outra análise.
- **Unicidade:** cada esquema é aplicado em um conjunto diferente de porções de texto, e, em um esquema de relação múltipla, cada relação se aplica a um conjunto diferente de porções textuais.
- **Adjacência:** são consideradas as porções textuais adjacentes para a aplicação de cada esquema.

Conforme já abordado, a análise à luz da RST retrata, através de esquemas, a estrutura retórica de um texto. Para Mann e Thompson (1987a, p. 82), os esquemas são entendidos como blocos organizacionais básicos da teoria. Enfim, cada esquema indica uma parte específica da estrutura de texto, denominada porção textual ou “*text span*”.

Nessa acepção, pretendemos analisar a organização retórica do gênero textual piada que se enquadra na tipologia cotidiano, conforme Costa (2014, p. 26) ou em outros domínios como o do lazer, conforme Marcuschi (2008, p. 196).

Ressaltamos que, na análise, foi considerada a macroestrutura textual, mediante a verificação da emergência de relações retóricas entre as porções textuais. Afirmamos que as relações retóricas, identificadas com ou sem marcas linguísticas, são elementos cruciais

para o entendimento do gênero textual piada, nosso objeto de estudo, considerando o contexto social, semântico e pragmático.

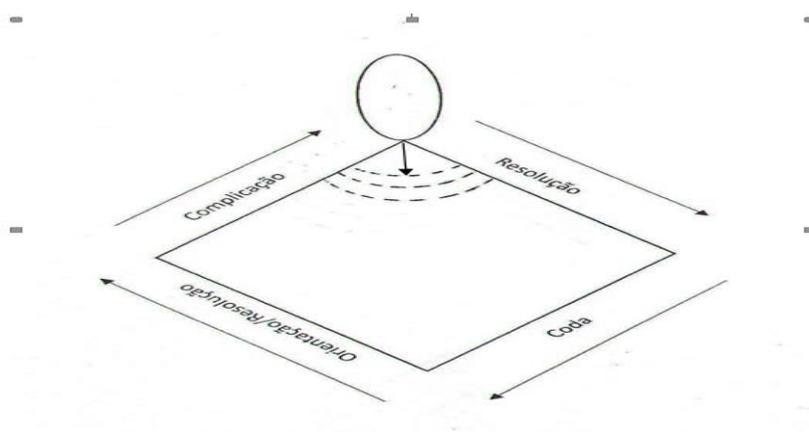
1.3 O modelo laboviano (1967-1997)

Nesta seção, descrevemos o modelo narrativo de William Labov e Joshua Waletzky de 1967. Elegemos esse modelo para correlacionar seus núcleos narrativos às relações retóricas estabelecidas nas e pelas UIs.

A análise de Labov & Waletzky (1967, p.21-22) define a estrutura da narrativa como “uma forma de recapitular experiências passadas combinando uma sequência verbal de orações com a sequência de eventos”. Segundo os autores, a narrativa contém propriedades identificáveis bem delimitadas, sequências verbais e sequências de eventos.

Apresentamos o diagrama que traz resumidamente os elementos narrativos do modelo laboviano.

Figura 3: Diagrama dos componentes da narrativa



Legenda: Orientação / Resumo

Complicação

Resolução

Coda

Baseado em Labov, 1972. p. 369.

Labov & Waletzky (1967) distinguem duas funções da narrativa: a referencial e a avaliativa.

A função referencial correlaciona-se com a orientação, porque, nessa parte, encontram-se as informações que situam o interlocutor. São acionadas pelas perguntas: como?, quando ?, onde? e quem?. A função referencial está atrelada à sequência de eventos temporalmente ordenados.

Já a função avaliativa, de acordo com Labov (1972, p.366), revela a avaliação do narrador, ou seja, o interesse de ele narrar o fato, dando realce àquilo que ele acha mais importante, de modo que não comprometa a organização da narrativa. Nessa avaliação, é revelado o motivo da narração e o objetivo da narração, que é a parte mais central.

De acordo com Labov (1997), a avaliação pode ser de dois tipos: 1- externa: o narrador avalia o que é importante na narrativa e faz comentários de forma explícita; 2- interna ou implícita: a avaliação é feita de forma indireta por meio do discurso direto e os personagens se tornam responsáveis pelas posturas assumidas no decorrer da narrativa.

Na função referencial, os verbos são utilizados no pretérito perfeito e, na avaliativa, eles são empregados no imperfeito.

Para Labov (1972), um texto para ser considerado narrativo prescinde da junção temporal e da ordenação de eventos e, ao menos, duas cláusulas narrativas com dois verbos do mundo narrável e ligadas por uma sequência temporal.

Labov & Waletzky (1967, p.32) propuseram um quadro geral da narrativa, ou seja, a macroestrutura da narrativa, que é estruturada em seis elementos: resumo, orientação, complicação, resolução, avaliação e coda.

Vejamos, sucintamente, esses elementos:

1- RESUMO: constitui-se, normalmente, de uma ou duas orações que resumem a história. Este elemento resume o que vai ser contado. Não é obrigatório.

2- ORIENTAÇÃO: orienta o ouvinte/ leitor em relação a lugar (onde?), tempo (quando?), pessoa (quem?) e situação comportamental.

3- COMPLICAÇÃO: é o corpo da narrativa; é constituída por orações ordenadas temporalmente (série de eventos sucessivos). A complicação, praticamente, é o conteúdo da narrativa.

4- RESOLUÇÃO: é o desfecho dos acontecimentos, isto é, é a solução para o conflito da narrativa.

5- AVALIAÇÃO: revela a atitude do narrador em relação à narrativa.

6- CODA: é uma estratégia que faz com que o ouvinte/ leitor volte ao momento presente. Também não é obrigatório.

O quadro a seguir vem mostrar como entender os elementos citados anteriormente.

Elementos constituintes da estrutura interna da narrativa	Questões às quais se referem
Resumo	Do que se trata? (opcional)
Orientação	Quem? Quando? Onde?
Complicação	O que aconteceu?
Avaliação	E então?
Resolução	Finalmente, o que aconteceu?
Coda	Fechamento (opcional)

Quadro 4 - Elementos constituintes da estrutura interna da narrativa

Fonte: BASTOS, L. K. Coesão e coerência em narrativas escolares. SP: Martins Fontes, 1992.

Em 1997, Labov reformula a macroestrutura da narrativa de 1967, devido às críticas sofridas ao modelo. A nova constituição, segundo Labov (1997, p.3-35), é estruturada em: resumo, orientação, ação complicadora e coda, avaliação, relatabilidade (reportabilidade), credibilidade, causalidade, atribuição do elogio/culpa, ponto de vista, objetividade e resolução.

A reportabilidade se situa no âmbito de a narrativa referir-se a um acontecimento inusitado e, para que seja narrável, dependerá da escolha do narrador, levando-se em conta o contexto interacional, em outras palavras se a narrativa é adequada ao contexto interacional.

A credibilidade é o encadeamento das ações que tornará a narrativa passível de ser considerada verdadeira e aceitável.

A causalidade, segundo o autor (1997, p.12), é “a construção essencial, ou seja, há a proposição de uma cadeia de eventos orientando-se ao evento mais relatável.”

Considerando essa afirmação, o autor admite que esse é o ponto difícil da interpretação da sequência de ações. É uma etapa essencial para a “atribuição do elogio e da culpa.” (LABOV, 1997, p.12). A causalidade fornece os motivos geradores do conflito no contexto discursivo, ou seja, são apresentadas as ações ou as causas desencadeadoras que são evidenciadas pelo modo de como o narrador expõe os fatos. É necessário haver uma lógica na progressão dos fatos para que essa sequência de ações se torne convincente à expectativa dos interlocutores.

Outro elemento da revisão do modelo de Labov é a atribuição do elogio/culpa, que é uma ação implementada pelo narrador e pelos interlocutores ao atribuírem elogio e culpa aos agentes do evento narrado. Eles são um aspecto importante porque reflete o ponto de vista de quem narra. O narrador acaba transferindo a experiência dele aos interlocutores. Mas, nem sempre o narrador consegue impactar seus interlocutores. De toda forma, o narrador não deixa de imprimir seu ponto de vista aos leitores ou ouvintes. O ponto de vista é traduzido pela visão do narrador no momento do evento narrado.

Ressaltamos que o modelo laboviano se atém, mais precisamente, às perspectivas de estudo do vernáculo e dos fenômenos linguísticos e a própria narrativa como acontecimento linguístico. A narrativa, sob a ótica de 1997, passou a considerar a “relação entre narrador e a audiência; a relação entre o narrador e narrativa propriamente dita e aos recursos empregados para organizar a narrativa.” (FLANNERY, 2015, p.32).

Segundo Labov, (1972, p.378-392), as narrativas, raramente, apresentam sistema sintático complexo, há uma simplicidade devido a uma força avaliativa marcada, isto é, emprego de recursos internos de avaliação, os quais representam elementos sintáticos secundários, como modificadores, comparações, exemplos com a função de explicar.

Desse modo, esses recursos propiciam dados necessários para a dramaticidade e para o ambiente emocional da narrativa, e vão dar consistência à narratividade.

Pontuamos que o modelo de Labov e Waletzky (1967), embora tenha sofrido críticas, tem se mostrado muito útil aos estudos da narrativa e para a nossa pesquisa. A partir dos elementos desse modelo, pudemos edificar nossos objetivos

1.4 A linguística textual: alguns conceitos

Segundo Koch & Vilela (2001, p. 446), a Linguística textual tem como escopo a investigação sobre a construção, a funcionalidade, a produção e a compreensão textual. A LT prioriza o contexto pragmático dos objetos textuais, ou seja, consideram-se os fatores internos e externos ao texto como: a produção, recepção e interpretação textual.

De acordo com Marcuschi (2008), a LT tem como temática a coesão superficial que engloba o nível dos constituintes linguísticos; a coerência conceitual que se estabelece pelo nível semântico, cognitivo, intersubjetivo e funcional; e o sistema de pressuposições que são as implicações no nível pragmático da produção do sentido no planejamento das ações e intenções. Para o autor, em termos técnicos, a LT “é o estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da

produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos de usos.”

Nesse cenário, podemos dizer que a linguística textual tem como seu objeto empírico o texto oral ou escrito e suas especificidades em um contexto social, cultural e pragmático.

Nessa desenvoltura da ciência do texto escrito e falado, são discutidos a noção de texto, textualidade, coesão e coerência textuais, fatores pragmáticos, inferências, pares dialógicos e outros sob a égide sociointeracionista. Para os objetivos de nosso trabalho, optamos por trazer alguma fundamentação sobre textualidade e textualização, como a seguir.

1.4.1 Texto e textualidade

Quando falamos em textos, na mente das pessoas vem logo a ideia de um conjunto de frases escritas que trazem uma mensagem e é considerado um “bicho de sete cabeças”. Essa ação comunicativa parece ser perceptível para as pessoas somente na sua forma escrita, o que constitui uma visão unilateral da materialização linguística.

O fato é que o texto se constitui tanto na forma oral, quanto na escrita e ambas são igualmente necessárias e importantes numa sociedade gráfica e tecnológica. Na nossa pesquisa, temos a concepção de que o texto “é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”, conforme Beaugrande (1997, p.10). Essa visão foi ampliada atualmente, inserindo nela a perspectiva pragmática. Dessa forma, o texto ganha uma dimensão que abrange o uso real da linguagem.

Para a construção de um texto é necessário saber a que propósito e para quem ele se destina. Nesse ato, devemos buscar uma organização textual. Essa estrutura deve ser coerente, perfazendo entrelaçamentos de sentido, e, ao mesmo tempo, adequada à situação comunicativa. Segundo Decat (2010, p.168), a organização textual é construída como “determinada, ou definida, pelas redes de relações, que se estabelecem entre as porções de texto”.

Apresentaremos, de forma sucinta, alguns elementos que segundo Marcuschi (2008, p.99), oferecerem uma melhor operacionalização dos critérios ou padrões de textualização, na esteira de Beaugrande e Dressler (1981). Alguns elementos são voltados para o texto, como a coesão e a coerência, e outros considerados como fatores de

contextualização, ou pragmáticos, são voltados para os interlocutores, como a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade. Para Beaugrande e Dressler (1981), “o texto para ser bem sucedido e alcançar um resultado satisfatório”, deve ter essa orientação.

Primeiramente, ressaltamos que a coesão, segundo Koch (1989, p. 19), é todo mecanismo de encadeamentos que garantam um elo linguístico, de forma significativa, entre palavras que estão na superfície do texto. Ela é responsável por criar uma rede entre elementos ou partes textuais. Um texto bem coeso não apresenta lacunas que possam prejudicar a sua compreensão. Nesse sentido, “o processamento textual entrelaça, ao mesmo tempo, diversos sistemas como o cognitivo, textual e sociointeracional” (FONSECA, 2001, p.33).

De acordo com Halliday e Hasan (1976), a coesão é necessária e suficiente para a completude textual. No entanto, temos a concepção de que a coesão não é necessária nem suficiente, embora seja desejável, principalmente, para textos objetivos. Com relação à coerência, que é um dos pontos levados em conta nesta pesquisa, falaremos especificamente adiante.

Para o processamento textual, contribuem elementos ou fatores pragmáticos da textualidade. A intencionalidade, como o próprio nome já indica, significa construir um discurso coerente e coeso, revelando “a capacidade de apresentar de forma clara os objetivos a que o texto se propõe, mesmo que não se realize na sua totalidade”(FÁVERO, 1986), ou seja, um texto tem de informar, de convencer, de criticar, de narrar, de pedir, de ofender, dentre outros objetivos. Como a intencionalidade e a aceitabilidade centram-se no interlocutor, este deseja que o texto seja coeso e coerente para que possa compreendê-lo satisfatoriamente. Cabe aos interlocutores textuais um compartilhamento de conhecimentos e colaboração entre eles, já que o texto é um evento social. Para que o texto se manifeste, é necessário um contexto público-social, assim a situacionalidade se atém a um contexto em que o discurso é produzido. Representa a adequação do texto a uma determinada situação sociocomunicativa.

De acordo com Antunes (2010, p. 35), “a informatividade concerne ao grau de novidade, de imprevisibilidade que, em certo contexto comunicativo, o texto assume”. Ela processa o resultado da ação interpretativa veiculada pela novidade inesperada que o contexto fornece. A informatividade corresponde, então, ao nível de informações apresentadas em um texto, o qual precisa ter um balanceamento de informações, tanto velhas quanto novas, e forneça condições necessárias para sua compreensão.

O último fator a ser considerado é a intertextualidade. Para Antunes (2010, p. 36), a intertextualidade é a incorporação de um texto de outra autoria, seja por citação, ou por aproveitamento de ideias a outro texto num contexto de produção. Na visão dos estudiosos sobre o tema, todo texto é um intertexto, pois muitos textos só constituem sentido quando entendidos pela remissão a outros.

Todos esses fatores textuais são importantes para que um texto tenha sentido e uma organização.

Bronckart (1999, p.74) defende a tese de que na composição de um texto de um mesmo gênero, pode se atribuir vários segmentos diferentes a ele, que pode ser intercalado; como, por exemplo, um romance pode ter segmentos descritivos, dialogais e interferências do autor. Segundo o autor, estudos linguísticos mais evoluídos evidenciaram que esses segmentos possuem semelhanças no plano linguístico, como o emprego de verbos em determinado tempo, marcadores discursivos, pronomes e organizadores textuais em um determinado contexto e, por isso, são passíveis de serem identificados. Portanto, para este autor, os textos são unidades de comunicação cuja estruturação e função dependem de diferentes e de vários fatores de ordem contextual, cotextual e interacional.

Na abordagem textual-discursiva, Adam (2011) propõe que o texto é uma sequência de proposições, composto pela conectividade e pela sequencialidade, sendo que a conectividade assegura uma ligação entre as porções textuais no nível local, as quais se conectam a uma porção maior, na qual estão inseridas. Nesse processo, estabelece-se a sequencialidade que corresponde às sequências textuais.

Para Adam (2011, p.254), o texto é constituído por planos textuais inseridos ou não, de sequências identificáveis. Dessa forma, podemos considerar que os planos se unem para construir a arquitetura textual.

Adam (2011, p. 216) distingue quatro tipos de sequências textuais: narrativa, descritiva, explicativa e dialogal-conversacional.

Segundo Adam (2011, p. 225-226), a sequência narrativa é descrita como uma estrutura hierarquizada, constituída de cinco macroproposições narrativas de base, que se relacionam a cinco fases: antes (situação inicial), início (nó), curso (reação ou avaliação), fim (desenlace) e depois (situação final) do processo, e ainda, um elemento central na organização de textos narrativos: a sequência temporal. Essas cinco macroproposições nos remetem aos elementos narrativos labovianos.

Na visão de Cavalcante (2016, p.61), os textos são construídos por sequências, ou seja, de blocos específicos, conforme Adam (2011).

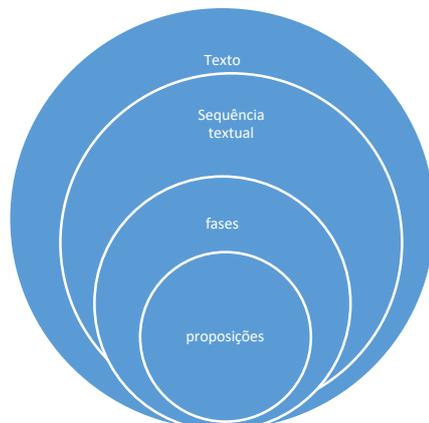


Figura 4: Planificação de um texto.
Fonte: Cavalcante, 2016, p. 62.

Pela figura, podemos notar a planificação de um texto que tem por início uma proposição compreendida como unidade de sentido. Segundo Cavalcante (2016, p. 63), tais proposições se aninham para compor os blocos, criando as subunidades, isto é, as proposições são as unidades que são formadas pelas subunidades. As unidades apresentam-se em extensão variada e não se constituem, obrigatoriamente, como a um parágrafo”.

Nessa dimensão, podemos encontrar, na constituição dos textos, mais de uma sequência textual; por exemplo, no texto narrativo, encontramos sequências descritivas para falar dos personagens, do ambiente em que se passa a história, pois todos esses recursos vão dando à narrativa uma boa consistência, situando o leitor para um quadro em que esses elementos podem ou têm a pretensão de influir no desenrolar dos fatos.

Trouxemos, até este ponto, algumas concepções de texto, considerando, como uma ação comunicativa e interativa. Expusemos a noção de texto de Bronckart (1999), de Adam (2011) e de Cavalcante (2016, p.61), que consideram o texto como um conjunto de proposições, ou de unidades.

Pela nossa visão de língua como interação, concebemos e adotamos, nesta pesquisa, a noção de texto dos autores Beaugrande e Dressler (1981). Ressaltamos que um texto só pode ser concebido, como objeto textual, se houver quem atribua significados a ele, caso contrário, ele será apenas um conjunto de palavras sem eco e sem essência, inerte, isto é, sem vida.

1.4.2 A macroestrutura da organização textual

Esta seção propõe-se a discutir sobre a noção de macroestrutura que está correlacionada às partes constituintes da narrativa laboviana (1967), as quais concebem as unidades de informação. As unidades informacionais são a base de análise da nossa proposta.

Segundo van Dijk (1992, p.55), a macroestrutura corresponde ao conteúdo global de uma sequência discursiva, isto é, refere-se ao significado ou conteúdo global do texto, que é construído por meio das relações explícitas e implícitas entre as porções textuais, formatando desse modo, a organização temática e a coerência global do texto.

Assim, na macroestrutura, devemos reconhecer a totalidade do texto em relação às suas partes constitutivas mais gerais, tais como suas subdivisões, temas, paragrafação, títulos. Nela, são observadas as características e os objetivos dos interlocutores no processamento textual.

A macroestrutura fornece a explicação teórica de um conhecimento intuitivo como a de um tópico ou assunto de um texto. Ela se presta a mostrar o que é mais importante e relevante para a informação semântica, como um todo. Portanto, a macroestrutura de um texto determina a sua coerência global. Tal fenômeno permite as conexões locais e sequenciais para a construção da coerência textual.

Ainda de acordo com van Dijk (1992, p.58), uma macroestrutura é tipicamente denotada pelo resumo de um texto. Se o texto não fornece condições para resumi-lo, isso sinaliza que esse objeto textual não possui uma macroestrutura ou, então, se apresenta de forma muito fragmentada.

É importante ressaltarmos que a macroestrutura está submetida à atribuição de significações diferentes pelos envolvidos no processo textual, porque depende da apreciação dos interlocutores sobre a informação dada, isto é, se essa é relevante ou importante para o texto ou discurso. Mesmo que a macroestrutura sofra essa influência subjetiva, há um caráter geral de organização básica para garantir o processo interlocutivo.

De acordo van Dijk (1992, p.57), a macroestrutura não é diferente da microestrutura em termos formais, pois a micro, assim como a macro, é formada por uma série de proposições. A macroestrutura é um nível em que se encontram outras, ou seja, as microestruturas. Segundo o autor, a macroestrutura de um texto tem a

possibilidade de ser composta de diferentes níveis, sendo que cada nível comporta uma macroestrutura de nível mais elevado e, assim, sucessivamente. A macroestrutura corresponde a um texto completo e as suas partes consistem em diferentes macroestruturas. Teremos uma possível estrutura hierárquica das macroestruturas em diferentes níveis.

A macroestrutura pode ser mais precisamente estabelecida por um ordenamento de princípios, em que há um tipo de sintaxe específica do texto; e a determinação de funções, como as categorias das partes, por exemplo, orientação, complicação, resolução em gênero de tipologia predominantemente narrativa ou em uma sequência narrativa.

Para os autores Labov e Waletzky (1967), a macroestrutura do gênero narrativo é composta de seis núcleos, que relembramos aqui: o resumo, a orientação, a complicação, a avaliação, a resolução e a coda. Pontuamos que essa proposta depois foi ampliada, porque esse padrão estava vinculado à narrativa oral de entrevista, com outros objetivos, como o estudo da variação linguística.

A macroestrutura de um gênero narrativo deve conter, ao menos, três partes constituintes, dentre as seis caracterizadas por aqueles autores, para que seu entendimento seja bem sucedido no contexto interacional.

Em nossa análise, a macroestrutura é identificada de acordo com os elementos narrativos de Labov e Waletzky (1967) que são correlacionados à unidade informacional de Chafe (1982) e ao estabelecimento das relações retóricas para que possamos fazer a segmentação dos textos.

1.4.3. A coerência

Um ponto central para a construção do texto é o fenômeno da coerência. A coerência textual implica a maneira de como dispomos as informações no texto, ou seja, de modo explícito ou implícito. Esses elementos devem contribuir para a compreensão do leitor. Para tanto, o contexto situacional, cultural, sociopragmático precisam ser levados em consideração, para que haja a interação.

Para a linguística textual, a coerência é dos princípios balizadores do texto, pois a ela atribui-se a continuidade do sentido. De acordo com Marcuschi (2008, p.121), a coerência emerge no ambiente textual como fruto de associações permitidas pelo juízo conceitual, pela cognição e pela via pragmática e outros. Portanto, a coerência se estabelece tanto no plano local, como no global e nas relações interacionais.

As postulações de Marcuschi (2008, p.119-126) nos permitem falar que a coerência não pode ser tratada de forma independente, isto é, desvinculada de outros fatores, como a coesão e as funções pragmáticas.

Nas palavras de Koch (1998, p.41), “a coerência, portanto, longe de constituir mera qualidade ou propriedade do texto, é o resultado de uma construção feita pelos interlocutores, numa situação de interação dada, pela atuação conjunta de uma série de fatores de ordem cognitiva, situacional, sociocultural e interacional”. A coerência, então, é uma operação cognitiva e interacional em que vários elementos contribuem para o seu estabelecimento, desde que se atenham ao contexto pragmático.

Para Koch e Vilela (2001, p. 554), a coerência está definida por vários tipos:

- a- A coerência semântica: atém-se aos significados dos constituintes textuais, que precisam ser entrelaçados entre si e não podem ser contraditórios.
- b- A coerência sintática: é o emprego de conectores, palavras anafóricas e catafóricas que se ligam a aspectos coesivos.
- c- A coerência temática: as ideias devem seguir um princípio de relevância, contribuindo para o assunto que está sendo abordado.
- d- A coerência superestrutural: que diz respeito à adequação ao gênero em questão.
- e- A coerência temporal: o estabelecimento dos fatos deve se ater a uma juntura temporal adequada, sem fragmentação ou pequenas rupturas sem um propósito intencional.

Se observamos esses vários tipos de coerência, podemos ver que eles podem estar ou não presentes no gênero piada; assim, para nós, eles formam um conjunto que se instaura como uma coerência global que, no gênero piada, ocorre de forma pragmática.

Para Cavalcante (2012, p.31), a coerência é um fenômeno pragmático porque não se apresenta no texto em si mesmo. Ela é construída a partir do contexto e dos cotextos, em uma dada numa situação discursiva, na qual o leitor extrai sentido ao que lê. O contexto interacional é um fator importante para a compreensão de um gênero, pois nele se evidenciam as condições de produção do texto, conhecimentos prévios, conhecimentos partilhados e outros que auxiliam à atribuição do sentido. Nas palavras da autora, “as piadas, por exemplo, normalmente não expressam todas as explicações para que se

entenda a relação que está tentando promover entre os conteúdos.” (CAVALCANTE, 2012, p.31).

Segundo Cavalcante (2012, p.31), a função das piadas é fugir do consenso comum, provocando no leitor/ouvinte um julgamento inesperado/ esperado como se pode observar no exemplo apresentado por ela:

O Manuel vai até seu chefe (português também):

- Chefe, nossos arquivos estão abandonados. Será que nós não podemos jogar fora as pastas e documentos com mais de vinte anos ???
- Ótima ideia! Mas antes tire uma cópia de tudo.

Disponível em: www.Fraseepensamentos.org/portuga1.htm.>
Acesso em 12.dez. 2017.

Pelo exemplo exibido, podemos perceber que a construção da coerência no caso das piadas está diretamente implicada ao contexto interacional, às relações retóricas que emergem entre as unidades textuais de forma explícita e implícita pela capacidade de processamento de inferência dos interlocutores.

Para Bernárdez (1995, p.129), a coerência é um fator central e definidor de um texto. Para ele, texto é aquele que é dotado de coerência, ou seja, só se considera texto, quando há a emergência da coerência; e, a nosso ver, se apresenta sem contradições com adequação ao contexto interacional.

De acordo com os pressupostos da RST, um dos objetivos de uma análise textual é detectar a coerência, ou seja, cada unidade ou porção textual tem um papel. Cada porção textual se articula ou combina para que o texto cumpra o seu objetivo sociocomunicativo. Este mecanismo é operacionalizado pelas relações de sentido, ou seja, as relações retóricas.

Segundo a RST, as relações de sentido podem ser construídas sem nenhuma evidência explicitada na sua superfície, ou seja, o que não é declarado no contexto discursivo. As relações de sentido ou retóricas emergem por um processo cognitivo-pragmático, permitindo que o interlocutor compreenda o que está ouvindo ou lendo e assim o texto faça sentido.

Conforme aponta Antunes (2010, p. 35), “a coerência é um encadeamento de sentido, a convergência conceitual, aquela que confere ao texto interpretabilidade- local e global- e lhe dá unidade de sentido que está subjacente à combinação linear e superficial dos elementos presentes ou pressupostos.” Um dos fatores para que se chegue à compreensão textual, ou seja, a atribuição de sentido, é a questão do ler as entrelinhas,

significados que não estão transparentes, à vista, mas o que se consegue delinear de todos os fatores intervenientes numa dada situação discursiva.

A coerência é um fator imprescindível para o entendimento textual, pois o sentido não está propriamente estampado na sua superfície, ele é construído ancorado pelas relações que emergem entre as porções textuais, no contexto interacional e pragmático. Vimos que os autores supracitados trazem a mesma ideia de coerência de modos diferentes de tratamento e todos são unânimes sobre o fato de que a coerência não está somente na superfície textual, ela vai além dessa fronteira, pois só assim poderemos chegar à essência do texto.

1.5 Gênero textual: discussão dos conceitos de gênero

O gênero textual é uma forma de manifestação humana que promove a interação em todos campos da atividade social com diversas intenções e propósitos de fazer rir, criticar, elogiar, concordar, discordar, avisar, pleitear, denunciar e outros. Nele se consubstanciam os usos linguísticos de uma determinada esfera social, o que reflete o uso real e social da linguagem humana.

Creemos que é necessário discutir o conceito de gênero, por isso evocamos a visão de estudiosos que se destacaram nesse campo. Primeiramente, focalizamos a posição de Bakhtin (2000)⁵, sobre a noção de gênero; pois para o autor, todo enunciado é produzido de acordo com a área da atividade humana. Assim, conforme esse autor, quando emitimos um enunciado o elaboramos para uma determinada situação. Para isso, necessitamos de três elementos, “o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional” que se interpenetram para e na construção de um enunciado.

Portanto, essa situação determinada e específica é constituída por tipologias com uma certa estabilidade de enunciados a que o Bakhtin (2000) denomina como “gêneros do discurso”. Os gêneros discursivos representam, para esse autor, os gêneros textuais, não fazendo nenhuma distinção.

⁵ Estudos atuais remetem a autoria da obra sobre gêneros discursivos a Volochinov, porém a obra consultada, “Estética da criação verbal”, traz como autor Bakhtin. Assim, referendamos, nesse estudo, o autor catalogado.

Neste estudo, consideramos a denominação de gênero textual independentemente da divisão conceitual entre gênero do discurso e gênero textual entre os estudiosos, porque na nossa visão não há essa dissociação, já que a nossa perspectiva possui o caráter funcionalista.

Para corroborar nossa opinião, evocamos as palavras de Marcuschi (2008):

O gênero é uma escolha que leva consigo uma série de consequências formais e funcionais. A própria seleção da linguagem segue a decisão do gênero e seu funcionamento discursivo no contexto pretendido. Na realidade, se observamos como agimos nas nossas decisões na vida diárias, dá-se o seguinte: primeiramente, tenho uma atividade a ser desenvolvida e para a qual cabe um discurso característico. Esse discurso inicia com a escolha de um gênero que por sua vez condiciona uma esquematização textual (MARCUSCHI, 2008, p. 85).

Sendo assim, vamos clarificar os três elementos que compõem os gêneros discursivos na ótica de Bakhtin (2000). Podemos assim descrevê-los: o conteúdo temático, em que afloram os objetos do discurso; o estilo, as formas do dizer ancoradas nas especificidades das situações exclusivas de interação; e, finalmente, a construção composicional, que pode ser entendida como o texto se edifica a partir da situação e dos objetivos sociocomunicativos e pragmáticos.

Segundo, Bakhtin (2000), os gêneros discursivos são descritos em gêneros primários (simples) e secundários (complexos). Os gêneros primários se configuram como uma comunicação verbal espontânea e os secundários se manifestam em uma comunicação mais elaborada e, principalmente, escrita. Na constituição dos gêneros secundários, os primários são incorporados a eles. Nesse processo, os primários assumem uma nova perspectiva: o (des) pertencimento das realidades intrínsecas (BAKHTIN, 2000, p.281). Isto quer dizer que os gêneros primários deixam seu estado bruto e passam por um refinamento textual literário ou da modalidade escrita.

Ainda segundo Bakhtin (2000, p.282), “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”. A partir da posição desse autor, abrem-se os olhares para uma nova concepção sobre o estudo da língua: a língua como interação social.

Neste trabalho, o gênero textual é entendido numa perspectiva sociointeracionista, em que é considerada a participação ativa dos interlocutores, em uma situação real de comunicação, o que nos leva a concepções de Marcuschi (2008, p. 150-169), que caracteriza os gêneros

como fenômenos históricos diretamente ligados à vida social e cultural, pois são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais,

objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Marcuschi (2008, p.154) discute algumas definições sobre tipo textual, gênero textual e domínio discursivo, as quais, para ele, são pouco esclarecidas e que devem ser descritas para o ensino. Na concepção do autor (2008, p.154), a tipologia textual é uma forma textual, descrita como um segmento linguístico do que como um texto é concretizado. Assim, para o autor, as tipologias textuais se configuram como modos textuais. Marcuschi (2008) elenca as sequências textuais, termos mais utilizados atualmente: a narração, a argumentação, a exposição, a descrição e a injunção. Portanto, a predominância de uma sequência textual em um texto materializado é um fator fundamental para que o reconheçamos dentro de uma das categorias citadas.

Para Marcuschi (2008, p.155), os gêneros textuais são objetos textuais que concretizam na atividade discursiva-pragmática e se atualizam por várias denominações, e constituem, em tese, um rol aberto. Podemos dizer que todo texto que construímos em uma dada situação comunicativa com objetivos definidos e negociáveis para determinado fim é um gênero textual.

Vejamos alguns exemplos de gêneros, de acordo com o autor:

Telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, **piada**⁶, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2008, p.155).

Segundo Marcuschi (2008), o domínio discursivo não se atém a um gênero especificamente, porém é uma instância, na qual eles são gerados. Conforme o autor (2008, p.156), “os gêneros são entidades poderosas”, não são estáticos e nos conduzem a opções que não são totalmente independentes nem dependentes sob a ótica lexical, formal e temática.

O autor coloca sua perspectiva em relação às definições de gênero, o tipo e o domínio. Segundo o autor, as definições são mecanismos operacionais e não necessariamente formais e, a nosso ver, as definições do autor seguem de perto a posição bakhtiniana. O autor afirma que “a tipicidade de um gênero vem de suas características funcionais e da organização retórica”. Portanto, a tipicidade de um gênero é delineada

⁶ Destaque para enfatizar o nosso objeto de pesquisa.

pela sua funcionalidade, porque se presta a um propósito, e pela sua arquitetura, que é reconhecível na esfera social.

Para Bazerman (2006), o reconhecimento de um gênero para os interlocutores significa apropriações e hábitos sociais que são empregados no cotidiano das pessoas. Bazerman (2006, p.22) salienta que os gêneros são “fatos sociais”, e são compreendidos como *frames*⁷ para a atividade social. Os *frames* formatam nossos atos comunicacionais verbais que estabelecem a interatividade (BAZERMAN, 2006, p. 33). Compreendemos que os gêneros textuais possuem de uma certa forma uma memória na nossa consciência, o que permite o estabelecimento da ação comunicativa; por meio dessa memória consciente, conseguimos ativar nosso conhecimento prévio e partilhado com quem interagimos.

De acordo com o autor, os gêneros textuais são objetos textuais dinâmicos, apresentam uma fluidez e múltiplas dimensões, porém possuem uma estabilidade (BAZERMAN, 2006), ou seja, os gêneros se adaptam de acordo com os nossos objetivos sociocomunicativos e às transformações culturais por que passa a nossa sociedade.

Na visão de Bazerman (2011, p. 17), os gêneros são reuniões de enunciados que podem ser notados no que tange à sua composição, ao lugar de materialização e são imbuídos de sentido. Os enunciados são delimitados, têm começo e fim, ocupam lugar definido no tempo e no espaço e são percebidos como portadores de algum sentido”. Isso quer dizer que estamos aptos a reconhecê-los e a utilizá-los para um determinado propósito, ou significado, no construir da interação social. Os postulados de Bazerman (2011) nos remete ao posicionamento de Bakhtin (2000, p. 279), de que “os gêneros são enunciados”.

Na defesa de que um gênero não pode ser categorizado de forma lógica, com estabilidade e com estatuto definitivo, Bronckart (1999, p.138) argumenta que os gêneros são ilimitados, considerando as práticas linguísticas de onde emergem; os critérios de classificação são pouco demarcados e interagem constantemente, e que as estruturas linguísticas neles são observadas com base experimental constituindo, assim, um só critério que não dá sustentação para tal classificação. Constatamos, nesse sentido, que alguns gêneros possuem características semelhantes, porém outros são bem estabilizados pela forma, critérios linguísticos e temas concernentes à esfera social, como os textos legais, o que muda geralmente são os suportes.

⁷ *Frames*: o mesmo que cenários, quadros.

Dessa forma, Bronckart (1999) afirma que um texto pertencente a um gênero é composto por segmentos muito variáveis e distintos. Se observarmos o universo de textos narrativos, por exemplo, poderemos encontrar segmentos como descritivos e expositivos em sua constituição.

Na visão de Bronckart (1999), os gêneros textuais constituem identidades imprecisas porque as inúmeras categorizações se divergem, são parciais e não podem ser cristalizadas como um protótipo de forma coerente e estabilizado (BRONCKART,1999, p.73). Isto significa que a organização de alguns gêneros ainda não está definida ou parcialmente definida como, por exemplo, a problemática do limite entre a novela e o romance, e entre as piadas e as adivinhas.

Segundo o autor supracitado, a dificuldade de categorizar um gênero reside em vários parâmetros devido a se apresentarem com semelhanças linguísticas, temáticas, dentre outros. E aponta; como exemplo, o gênero jornalístico e ainda de muitos outros a serem instituídos. Ressaltamos que, como as atividades humanas vão se transformando e evoluindo; os gêneros, da mesma forma, vão se transformando e se adaptando a essa movimentação, inclusive alguns desapareceram e outros tendem a desaparecer.

Bronckart (1999, p.74) expõe que o modo mais adequado é o de classificar as unidades que se instauram e as regras linguísticas específicas que se mobilizam em um texto a que o gênero pertence. De acordo com Bronckart (1999, p.75), os gêneros são ilimitados, devido à sua ligação com as ações humanas. Já as sequências que se estabelecem em sua formatação são finitas e podem, ao menos serem identificadas pelo seu estatuto linguístico. Ressaltamos que mesmo as sequências não são totalmente puras porque existem microssequências embutidas numa sequência maior.

Para melhor esclarecer as diferentes concepções de gênero, trazemos, aqui, o quadro exibido por Dell'Isola (2012, p.15-16), com as definições de Bronckart (1994), Adam (1999) e Schneuwly & Dolz (1999).

Bronckart	1994:13	os gêneros constituem ações de linguagem que requerem do agente produtor uma série de decisões que ele necessita ter competência para executar: a primeira delas, é a escolha que deve ser feita a partir do rol de gêneros existentes, em que ele escolherá aquele que lhe parece adequado ao contexto e à intenção comunicativa; e a segunda é a decisão e a aplicação que poderá acrescentar algo a forma destacada ou recriá-la.
Adam	1999: 40	os gêneros do discurso são o meio de pensar a diversidade socioculturalmente regulada das práticas discursivas humanas.
Schneuwly & Dolz	1999: 65	o gênero textual "é um instrumento semiótico constituído de signos organizados de maneira regular; este instrumento é complexo e compreende níveis diferentes; é por isso que o chamamos por vezes de 'megainstrumento', para dizer que se trata de um conjunto articulado de instrumentos à moda de uma usina; mas fundamentalmente, trata-se de um instrumento que permite realizar uma ação numa situação particular. E aprender a falar é apropriar-se de instrumentos para falar em situações discursivas diversas, isto é, apropriar-se de gêneros".

Quadro 5– Noções sobre gêneros textuais

Fonte: Dell’Isola, 2012, p.15-16.

A noção de gênero desses autores enfocados por Dell’ Isola traz à baila as práticas sociais da linguagem. Dessa forma, percebemos que todos concebem o gênero como uma ação comunicativa com algum propósito.

Conforme Decat (2012), os gêneros textuais podem ser caracterizados pelos fatores funcionais e pragmáticos, seus objetivos sociocomunicativos, de modo que haja a consideração do aspecto linguístico. Portanto, para Decat,

“A distinção entre um gênero e outro não é predominantemente linguística, mas calca-se em aspectos funcionais e pragmáticos. Isso não significa desprezar os aspectos de natureza linguística nos estudos sobre os gêneros. Ao contrário, a reflexão sobre o comportamento de alguns processos e mecanismos linguísticos em diferentes gêneros [...] poderá levar à descoberta de uma possível correlação entre os fatos linguísticos (gramaticais) e os aspectos pragmáticos da situação em que se realiza determinada atividade verbal, o que está, de certa forma, de conformidade com a postulação de Hopper (1988), dentre outros, segundo a qual o gênero determina a forma do discurso” (DECAT, 2012, p. 150).

Na análise de alguns textos de diferentes gêneros textuais, Decat examina-os em função das escolhas linguísticas de que os interlocutores se apropriam para o atendimento das funções pragmáticas nas quais há a emergência do gênero (DECAT, 2012, p.152). Nas palavras de Decat (2012, p.152), “o estudo de aspectos formais/estruturais pode contribuir para evidenciar a relação que se estabelece entre a forma de materialização do gênero e a função a que ele se presta”. Esses aspectos são fundamentais e orientadores para o interlocutor porque, sem nenhum parâmetro, ficaria difícil a adequação para o contexto em que o gênero é concebido.

Para Dell’Isola (2012, p.10), é notório que os gêneros apresentam algumas regularidades estruturais, que são atividades sociais e que se constituem a partir de recursos multimodais. Nesse viés, significa que os gêneros, por serem atividades sociais, necessitam de certos parâmetros para a sua realização e, ao se materializarem, entram em jogo várias formas de interação linguística, como a modalidade verbal e a não verbal, com a finalidade de propiciar ao leitor maior capacidade de entendimento. Essa autora postula que “ a sociedade contemporânea constitui-se através de uma diversidade de modos comunicativos que envolvem inúmeros recursos semióticos que se combinam para produzir significados diversos, aos quais são atribuídos valores culturais”, (DELL’ISOLA, 2012, p.13). Dessa forma, a autora enfatiza que os recursos semióticos são mecanismos necessários para a descrição dos elementos caracterizadores da organização textual de cada gênero, os quais são inseridos na vida social. Portanto, os gêneros se adaptam à contemporaneidade; vivemos hoje em um mundo semiótico e multimodal porque a tecnologia se desenvolveu para buscar, de forma mais rápida e eficiente, a comunicação como: forma de interação. E, se pensarmos bem, talvez seja, o contrário, a comunicação é o agente desse desenvolvimento.

Nesse panorama, Dionisio (2012, p. 139) postula que os gêneros textuais falados e escritos são fenômenos multimodais como são as ações sociais. De acordo com a autora, a fala e a escrita são permeadas de duas formas de representação como: “palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e tipografias, palavras e sorrisos, palavras e animações”. Dionisio (2012, p. 142) defende que os gêneros textuais possuem um contínuo informativo visual em que a informação se processa a partir da menos visual para a mais visual. Apresenta análises de gêneros, demonstrando que há vários arranjos de linguagem verbal e não verbal que estão à disposição do leitor e que, muitas vezes, são aceitos ou rejeitados,

ou ainda ignorados. Deprendemos que falta ao leitor, diante de um gênero, a competência leitora que é crucial para o entendimento textual.

Nessa perspectiva, podemos concluir que os gêneros cumprem funções específicas em diferentes situações de comunicação. Eles circulam, na sociedade, em um número indefinido e apresentam recursos semióticos proporcionando maior amplitude textual com a intenção de proporcionar maior interação com seu interlocutor. É consenso na literatura que os gêneros podem mudar, fundir e se misturar, na medida em que assumem uma identidade funcional, com uma nova organização. Entretanto, os gêneros, pela sua dinamicidade, finalidade, complexidade da língua, função desempenhada pelos interlocutores e pelas inovações tecnológicas, apontam para o aprofundamento desses fatores e de outros envolvidos nesta questão.

1.5.1 O gênero piada

Os gêneros humorísticos estão em voga porque podem ser utilizados como pretexto, com o propósito de aproximar os interlocutores com mais rapidez, porque quebram barreiras e os deixam mais à vontade. Nos dias atuais, são os gêneros mais utilizados nas palestras com esse propósito. As piadas deixaram de ser usadas somente em espetáculos humorísticos e no cotidiano. Elas fazem parte de um ritual de aproximação, em situações que não impliquem, extremamente, o ar de respeito, como em casos legais. Nessa seção, trazemos o que a literatura tem a nos dizer sobre esse gênero.

Os estudiosos Dolz e Schneuwly (2011, p.101) propõem agrupar os gêneros considerando um certo número de regularidades linguísticas e de transferências possíveis. Os cinco agrupamentos de gêneros estão inseridos nas ordens do narrar, do relatar, do argumentar, do expor e da ordem da descrição de ações. De acordo com essa proposta, a piada, como gênero, se estabelece na ordem do narrar porque possui regularidades linguísticas como verbos, preferentemente; no pretérito perfeito, junção temporal, discursos indiretos e diretos e, sendo oralizada, admite ser configurada para a forma escrita e nela perpassam outras ordens, como da descrição de ações.

E, além do mais, a piada, ao ser narrada tanto na forma oral ou escrita, impõe formas de organização no ambiente social em que ela se materializa. Ao ser construída e narrada, ela reflete traços potenciais de identificação como, por exemplo, a tendência de ser um texto breve, porém funcional; sua temática explora estereótipos, na maioria das

vezes, discriminatórios; sua finalidade é a de provocar o riso, como também a crítica; e não possui autoria. Para ser entendida, depende de muitos fatores, dentre eles o conhecimento enciclopédico, o contexto social e o cultural dos interlocutores. Opera com os níveis explícito, metaimplícito e implícito, seu contrato interacional é especial, devido aos modos *bona-fide* e não *bona-fide*.

Nesse enquadre, Cavalcante (2016, p.78) afirma que a piada é, geralmente, constituída de sequências, como a narrativa e a sequência dialogal, sendo que, para autora, a primeira é dominante e a segunda se configura apenas nos discursos interativos dialogais”. Fazemos uma ressalva quanto à questão da dominância da sequência narrativa em relação à dialogal na construção do gênero piada porque, balizados pelo modelo narrativo de Labov e Waletzky (1967) e a nossa convicção, acreditamos que, na fase complicação, ocorre predominantemente o diálogo, e na fase resolução, apresenta-se também o discurso direto, pois são os momentos mais importantes da narrativa; portanto, a predominância não se atém somente à sequência narrativa e, sim, ao momento em que ocorre o elemento provocador que induzirá ou desencadeará o humor ou a crítica. Contudo, o gênero piada é pertencente ao domínio do narrativo.

Conforme, essa autora, a sequência narrativa tem como alvo captar a atenção para o fato a ser narrado. Cavalcante (2016) apresenta o modelo prototípico da narrativa, que se estabelece em sete fases:

- 1- situação inicial: estágio inicial de equilíbrio, que é modificado por uma situação de conflito ou tensão;
- 2- complicação: fase marcada por momento de perturbação e de criação de tensão;
- 3- ações (para o clímax): fase de encadeamento de acontecimentos que aumentam a tensão;
- 4- resolução: momento de redução efetiva da tensão para o desencadeamento;
- 5- situação final: novo estado de equilíbrio;
- 6- avaliação; comentário relativo ao desenvolvimento da história;
- 7- moral: momento da significação global atribuída à história. (p.65-66)

Nessa exposição, Cavalcante (p.74) assinala que a sequência dialogal institui-se de três fases:

- 1- abertura: estabelecimento da interação inicial, do tipo fática;

2- operações interacionais: construção de trocas comunicativas da interação verbal;

3- fechamento: encerramento do diálogo, com fórmulas fáticas rituais de fim de conversa.

Assim, Cavalcante (2016) exhibe um quadro em que a piada se encontra como gênero textual narrativo:

SEQUÊNCIA TEXTUAL	GÊNEROS TEXTUAIS SUGERIDOS
Narrativa	Contos, piadas , fábulas, poemas, notícias, músicas

Quadro 6- Sequência e gêneros textuais
Fonte: Cavalcante, 2016, p. 62.

Desse modo, Cavalcante (2016) caracterizou a piada como uma breve narração de fatos.

O gênero piada, segundo Costa (2014, p. 190), é um texto narrativo, de extensão curta com um final inusitado, com fatos maliciosos ou desonestos, se concretiza com a finalidade de provocar risos. Relembramos que a piada não se atém somente a essa finalidade; dependendo da abordagem temática, pode provocar reflexões que conduzem à crítica.

Considerando nossos estudos preliminares, podemos afirmar que a piada possui as seguintes características que, associadas, lhe dão uma identidade como gênero. Assim, para nós, ela:

- Exibe uma narração relativamente breve porque precisa ser rapidamente interpretada; isto é, exige atenção imediata, pois pode perder sua finalidade pela dispersão da atenção dos interlocutores; apresenta temas populares para que o engajamento seja mais efetivo;
- serve para descontrair e suscitar críticas;
- apresenta-se sem autoria, isto é, representa a coletividade, em termos mais claros, advém da “boca do povo”;

- manifesta-se em ambiente informal, dada a sua finalidade, ou em contextos de negócios para quebrar a rigidez formal e aproximar os pares;
- utiliza-se de linguagem simples e coloquial para que a mensagem seja captada com maior rapidez, o que não inviabiliza o estabelecimento das inferências, pois falar simples e de forma coloquial não quer dizer que não haja um desvendamento ou enigma a ser decifrado;
- contém humor e ambiguidade, dadas as condições de produção que pressupõem um fato engraçado; e a ambiguidade, por criar sentidos duplos a serem descortinados;
- profere o sarcasmo e ironia; muitas vezes, as condições de produção da piada propiciam o sarcasmo, exibindo a falsidade por meio de representações; assim acontece também com a ironia;
- constitui-se pela presença do discurso direto e como é um fato a ser contado, há sempre personagens envolvidas e o fator complicador ocorre justamente por meio dos diálogos, nos quais apresentam mal-entendidos, situações cotidianas que são reconhecidas na mente das pessoas que se transfiguram pelo novo contrato estabelecido, o que propicia a quebra de expectativa; e além disso, é uma ação comunicativa e interativa.

Segundo Possenti (1998, p.39), a piada é “como um texto que parece falar de uma coisa, mas que fala de outra, ou melhor, fala das duas, colocando ora uma ora outra em primeiro plano”. Esta afirmação demonstra que a piada procura, ao mesmo tempo, provocar no interlocutor a extração de um sentido geral que é percebido por todos, mas que, no contexto, passa por uma desconstrução e reconstrução, resultando um novo sentido. É, na verdade, uma somatória desses processos, sem descartar nenhum dos sentidos, pois a piada opera com ambos os sentidos, simultaneamente, e de forma paradoxal, o que deflagra a quebra da expectativa, provocando o riso ou a crítica.

Para que possamos averiguar esses processos contamos com o arcabouço teórico da RST, pelo estabelecimento das relações retóricas, por elas poderemos depreender os sentidos atribuídos que se instauram nesse evento humorístico.

Possenti (1998) argumenta que uma das características típicas desse gênero é conter

algum elemento linguístico com pelo menos dois possíveis sentidos, cabendo aos interlocutores não somente a tarefa de verificar quais são esses sentidos, mais que isso, cabe-lhe descobrir que, havendo dois o mais óbvio deles deve de alguma forma ser posto de lado, e o outro, o menos óbvio, é aquele que, em um sentido muito relevante, se torna dominante. (POSSENTI,1998, p.39).

Creemos que nenhum sentido atribuído ao contexto piadista deve ser posto de lado, já que isso demonstra a capacidade de ler entrelinhas ou de extrair sentidos. No caso da piada, defendemos que há uma união desses sentidos, pois um é dependente do outro, e, isolados, perdem sua funcionalidade. Assim, essa associação de sentidos age para romper com o que se é esperado em uma leitura de forma lógica.

Na visão de Romão (2008, p.19), o gênero piada, à luz da teoria da relevância, deixa o interlocutor mais consciente e faz com que a piada cumpra a função específica de criticar, edificando e consolidando mais uma finalidade desse gênero.

Nessa perspectiva, Romão (2008) opta pela bissociação elaborada por Koestler (1964). Segundo Romão (2008), a bissociação é resultante da compreensão de um plano de ideias que apresenta uma contradição, o qual se encontra sobreposto forçosamente a dois contextos de ideias contrárias. Assim, essa abordagem possibilita explicar, além do processo inferencial envolvido no mecanismo da bissociação, a relevância que adquire “o paradoxo — mais rico em efeitos contextuais, em relação à suposição que vinha sendo processada.” Portanto, para a autora, essa suposição contrária continua no entorno contextual, o que possibilita a geração de novos sentidos no ambiente textual. (ROMÃO, 2008, p.262). Nesse viés, Romão analisa as piadas e outros textos humorísticos pelo recurso da inferência para o desencadeamento do humor. Nesse sentido, as inferências são informações que não são ditas ou escritas que são pertinentes ao texto, mas não devem ser explícitas devido às convenções sociais e regras textuais. É interessante lembrar, aqui, o que Decat (1993, p.121) apregoa que em “uma análise funcional-discursiva, emerge um tipo de inferências que serve para relacionar duas cláusulas.” Ainda, segundo essa autora,

“as inferências- ou significados- que não são necessariamente explicitadas através de conectivo, são chamadas de preposições relacionais, e emergem da contiguidade entre duas cláusulas, podendo, no entanto, existir entre duas sequências maiores de texto.” (DECAT, 1993, p.121).

Isto posto, Decat (1993, p. 122) assinala que a proposição relacional é a informação veiculada pelo texto e se instaura como um mecanismo em que há uma combinação especial entre duas porções de um texto, permitindo a percepção da existência de uma relação entre essas porções, independente da extensão de cada uma

delas. A proposição “não emerge necessariamente entre cláusulas adjacentes.” Portanto, as proposições relacionais são fenômenos do discurso que possibilitam evocar a emergência de outros significados, no sentido de contribuir para a construção da coerência do texto.

Por sua vez, Muniz (2004, p.76) considera o gênero piada como um texto de extensão curta com características básicas de uma narrativa. Para essa autora (2004, p.77), a caracterização do gênero piada é muito complexa, porque “nem tudo o que se diz ser piada, o é”; pois há objetos textuais humorísticos que não apresentam a sequência narrativa em sua composição, mas têm o propósito comunicativo de despertar o riso.

Dessa forma, a autora coloca em questionamento o fato de não haver uma identificação própria para o gênero, já que muitos tratam qualquer texto humorístico como piada. Nessa seara, ela levanta a hipótese de que o termo piada possa ser uma espécie de ‘arquilexema’, ou seja, uma grande entrada para tudo o que se considera como sendo “humorístico”. Conforme Muniz (2004, p.77), a dificuldade de se caracterizar a piada reside no fato de não existir uma definição clara do que seja uma piada.

Porém, na nossa concepção, a piada é gênero narrativo humorístico com sua própria identidade, porque consideramos que ela possui aspectos formais e estruturais, conteúdo temático, estilo e um jogo de linguagem ancorado no contexto interacional e cultural que auxiliam a sua identificação e sua interpretação; e ainda, ressaltamos a correlação temporal, ou seja, a junção temporal.

Nesse embate, Possenti (1998) exhibe um exemplo de ‘piada- pegadinha’, que se constitui pelo par pergunta- resposta. A título de demonstração, veja-o, a seguir.

- *Como se escrevia farmácia antigamente?*

- *Com ph.*

- *E hoje?*

- *Com f.*

- *Não, “hoje” se escreve com h. (p.31)*

Fonte: POSSENTI, S., 1998, p 31.

Nesse exemplo, não temos a fase denominada *orientação*, de acordo com o modelo laboviano, de forma convencional, mas existem marcas temporais pelo emprego dos advérbios: “antigamente” e “hoje” e os verbos no tempo pretérito imperfeito e no

tempo presente, elementos que se contrapõem em relação à questão temporal que, geralmente, se encontram nas fases *orientação* e, *complicação*. Portanto, estabelece-se uma juntura temporal, e o exemplo assume uma característica da narrativa, além de imprimir a finalidade de provocar risos. Nesse exemplo, o autor teve o objetivo de analisar o léxico, levando-se em conta, a consideração especial de uma forma linguística.

Decat (2012, p. 230) afirma que, com relação ao gênero textual, o que é mais importante para a sua descrição é o fato de a função sociocomunicativa emergir de escolhas linguísticas consideradas pela e na atividade do escritor ou falante no contexto textual-discursivo. A partir dessa postulação, vemos que há textos humorísticos bem semelhantes quanto à função sociocomunicativa, mas não podemos nos esquecer das escolhas linguísticas, da composição textual e de outros fatores singulares de cada gênero. No gênero piada, a juntura temporal é um importante fator de distinção. Portanto, todas essas condições trazem sua contribuição, no tocante à caracterização do gênero, principalmente, em relação aos que possuem semelhanças muito aproximadas, por isso o tema ainda se torna inacabado.

Possenti (1998) propõe a análise de piadas baseado em temas recorrentes, como a leitura, os ingredientes linguísticos e epilinguísticos. Em sua obra ‘Humores da Língua’, vemos a transposição de um gênero para o outro, como ocorre com a tirinha intitulada “As Cobras” de L. F. Verissimo. Ressaltamos que no exemplo apresentado por ele, houve o acréscimo da parte *orientação* na estrutura textual para que houvesse uma contextualização. O exemplo foi para focalizar o emprego da *dêixis*.

Duas “Cobras” olhando para o céu, numa noite estrelada

- *Como nós somos insignificantes!*

- *Você e quem?*

(L. F. Verissimo)

Fonte: POSSENTI, S.,1998, p. 31.

Expomos, a seguir, o texto retirado do depósito de tirinhas, disponível na internet.



Figura 5: As cobras. Luís Fernando Verissimo

Disponível em: www.google.com/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=>
 Acesso: 23.maio.18. Depósito de tirinhas TUMblr.

Como podemos ver esse exemplo, na sua composição, configura-se uma tirinha humorística, a sua forma e o emprego de algumas palavras difere no aspecto apresentado pelo autor Possenti (1988). Portanto, o reconhecimento de um gênero depende de um conjunto de fatores, inclusive de sua forma composicional e sua representação no ambiente discursivo.

Nessa problemática, muitos estudiosos do humor consideram as adivinhas e outros gêneros, como as tirinhas, as histórias em quadrinhos, as charges e os *cartuns* como piadas. cremos que essas ponderações não levaram em conta a questão composicional, elementos característicos e a forma de como eles se apresentam; talvez a preocupação maior fosse com o teor humorístico e não com o formato textual em que eles se instituíram, o que levou Muniz (2004) à hipótese de considerar o termo piada como um arquilexema, ou seja, uma entrada para qualquer tipo de texto que tem o objetivo de primeiro de ser cômico.

Para corroborar nossa argumentação, de que a piada tem sua própria organização textual e se difere de outros objetos humorísticos, ressaltamos que Possenti (2008) analisou alguns textos humorísticos curtos e os chamou genericamente de piadas, sem a preocupação com classificações técnicas”.

Nessa discussão, contrapondo a ideia de que as adivinhas sejam consideradas piadas, Dionisio (2005, p.35) apregoa que as adivinhas se constituem como pares de pergunta-resposta, compostas pela sequência descritiva, sem o caráter narrativo, distinguindo-se da piada, que é considerada como gênero narrativo e apresenta a sequência dialogal. De acordo com Labov (1972), para um texto ser considerado

narrativo, é necessária a juntura temporal, o que caracteriza, marcadamente, uma narrativa. Portanto as adivinhas não apresentam esse elemento.

Dionisio (2005, p.36) argumenta, ainda, que as adivinhas têm como um dos propósitos o desvendamento de um enigma, em forma de brincadeira. Embora a piada exija essa característica como as adivinhas, vemos que as condições de produção e o contexto interacional são bem diferentes, porque no gênero adivinha quem pergunta dá a resposta; por outro lado, na piada, isso não ocorre. A autora advoga que a adivinha, ao ser proferida, é apresentada, primeiramente, pela forma canônica (o que é, o que é?), seguida pela forma canônica subjacente ou por variações estruturais dessa forma, conforme o exemplo exibido:

Pergunta: - Qual é o país que cabe na geladeira?

Resposta: - O peru.

Disponível em: <https://muitobacana.com/adivinhas>. Acesso: 12.abr.19.

De acordo com Dionisio (2005), as adivinhas são construídas em forma de versos, isto é, com elementos poéticos; há um trabalho especial com a linguagem por meio da combinação e seleção de palavras, pois não importa somente o sentido das palavras, mas o enfoque sonoro que resulta em uma resposta de modo cifrado, como no exemplo abaixo:

(i) *Muito bonita, mas não tem cor: - É saborosa, mas não tem sabor.*

(ii) *Resposta: água”*

Fonte: DIONISIO, 2005, p. 41.

Aprofundando seus estudos em torno das adivinhas, Dionisio (2005, p.52) assevera que elas podem ser definidas como modalidade do tipo descritivo e que a sequência textual, responsável pela construção da pergunta, assemelha-se à sequência prototípica da descrição, proposta por Adam (1993).

Ao fazermos essa aproximação entre a piada e a adivinha, ancorados nas proposições de Dionisio (2005), vimos que um critério importante é evidenciado pela forma-conteúdo para a identificação dos dois gêneros humorísticos.

Na esteira de Bakhtin (2000), podemos afirmar que a piada é constituída de conteúdo temático com variados temas já mencionados. Possui um estilo configurado por

uma linguagem simples e coloquial. Na sua composição, há um trabalho com a propriedade: plurissignificação. Na construção composicional, sempre há o envolvimento de dois a três personagens e de animais na constituição de um cenário afeito para essa finalidade. Há um encadeamento de uma atividade complicadora e uma resolução que na, maioria das vezes, fica a cargo de seu interlocutor, no recorte da narrativa laboviana. Além disso, é caracterizada pela juntura temporal, o que lhe garante uma genericidade própria, como iremos demonstrar pela análise com fundamentos nos nossos principais aportes teóricos.

É, pois, nessa cena teórica que Dolistsky (1992, p.37), a partir de Bakhtin, analisa e classifica as piadas como linguísticas, pragmáticas e sociais. De acordo com essa autora, o texto piadista se atém à elaboração envolvida com o *status* linguístico, e deve ter por base o duplo sentido e a alteração semântica fornecida pelo contexto pragmático; já as pragmáticas baseiam-se na relação entre a palavra e o mundo. Segundo Dolistsky (1992, p.37), o humor (neste caso, engloba-se a piada) tem como objetivo o de transgredir as leis, nas quais cremos para que o mundo funcione. Finalmente, as piadas socialmente construídas baseiam-se na transgressão de regras instituídas no ambiente social, isto é, regras que se baseiam na ideia do agir politicamente correto, e, geralmente, elas veiculam temas com algum tabu, como exemplos, as piadas étnicas, de gênero, entre outras. Se atentarmos para essa proposição, veremos que a piada é a somatória dessas classificações, ou seja, o gênero piada é constituído de ações linguísticas, sociais e pragmáticas.

Nesse cenário, para a construção do gênero piada, consideramos o que afirma Givón (1995), que não existe a autonomia linguística, ou seja, compreendemos que os fatos linguísticos não podem ser entendidos isoladamente, devem ser ancorados nas esferas linguísticas, comunicativas, sociais, cognitivas, culturais e pragmáticas.

Sendo assim, o gêneros textuais, assim como a piada está comprometido com os pontos centrais do funcionalismo: o uso (em relação ao sistema), o significado (em relação à forma), o social (em relação ao individual), pois se manifesta linguisticamente em conformidade com a situação comunicativa, e dela fluem significados na dependência contextual e, ainda, tenciona uma reação comunicativa.

Portanto, o gênero piada segue as condições do modelo laboviano; entretanto não podemos dizer isso das adivinhas, consideradas por muitos como piadas, pois não apresentam a juntura temporal e eventos ordenados temporalmente.

Constatamos que, em uma análise preliminar, as piadas analisadas não apresentam os elementos opcionais, resumo e coda, o que possivelmente é uma característica, porque

perderiam seu enfoque, caso viessem esses dois componentes, não haveria o elemento surpresa e a volta ao momento presente ou inicial não caberia em seu projeto interativo. Sendo assim, a piada é uma narrativa que dispensa o resumo e a coda. Portanto, advogamos que a piada é um evento comunicativo e interativo porque, na sua construção, o uso das expressões linguísticas é um dos mecanismos, que expressam uma intencionalidade, aliado às relações retóricas que emergem entre as porções textuais, possibilitam ao interlocutor atribuir-lhes um sentido inesperado, objetivo a que o gênero se propõe.

Nesse aspecto, a RST contém mais de trinta relações, sendo que as relações podem ser estabelecidas por uma marca linguística ou não. A ausência da marca linguística não impossibilita o surgimento das relações retóricas que podem ser evidenciadas por meio das inferências. Dessa forma, por meio das relações retóricas podemos depreender os sentidos, que de forma plausível, podem ser construídos na piada pelos interlocutores.

1.5.1.1 As máximas de Grice em associação ao contexto piadista

As máximas de Grice (1975) trouxeram muitas contribuições no sentido de descortinar ou desvendar o que não é dito pelo que foi dito, isto é, ler nas entrelinhas, depreender e atribuir significados, levando-se em conta o contexto pragmático. A partir de suas máximas, muitos estudiosos passaram a ter um visão diferente do que se tinha anteriormente sobre o sentido e inferências. No entanto, as máximas de Grice (1975) nem sempre são respeitadas dependendo da intenção do escritor ou do falante. Isso ocorre frequentemente no contexto, em que o gênero piada se materializa.

A partir de Kant, Grice (1975, p. 45) pontualiza que a atribuição de sentido está implicada pelo que é dito e não dito, o qual é acionado por meio do contexto e outros fatores de ordem pragmática e pelas informações que estão encobertas, ou seja, as informações implícitas. Para ele, a explicitude é uma forma de se chegar ao conteúdo implícito, o que é feito de forma proposital. Compreender significa compreender o dito e extrair dele o não dito. Para Grice (1975, p.45), nossos enunciados não são desconectados, eles são regidos por um princípio geral, “o princípio cooperativo”. O autor postula quatro categorias, as quais ele denomina de “categorias de quantidade”.

Assim sendo, a primeira categoria (Máxima) é a de QUANTIDADE; relaciona-se com a quantidade de informações a serem fornecidas, e duas máximas se articulam a ela:

- 1- Faça sua contribuição tão informativa quanto for necessária.
2. Não faça sua contribuição mais informativa do que é necessário. (GRICE, 1975, p. 45).

Resumindo-as, de acordo com Koch & Elias (2001, p. 425), “não diga nem mais nem menos do que o necessário.”, o que significa seja claro e preciso.

A segunda é a categoria de QUALIDADE que expressa, por assim dizer, somente o que for verdadeiro. Dela resultam outras duas máximas:

1. Não diga o que você acredita ser falso.
- 2- Não diga aquilo que você não tem provas adequadas.

Em outras palavras, diga somente a verdade.

A terceira categoria é a de RELAÇÃO ou de RELEVÂNCIA, na qual o autor coloca uma única máxima, a saber: "Seja relevante".

A última categoria é a de MODO ou MANEIRA, que se relaciona com o modo como é dito algo, ou seja, a clareza. A partir dessa categoria, outras se ligam a ela como:

- 1- Evite a obscuridade da expressão.
- 2-Evite ambiguidade.
- 3- Seja breve (evite a prolixidade desnecessária).
- 4- Seja ordeiro.

Grice (1975, p.46) afirma que há outras máximas como as estéticas, sociais ou morais no caráter; como, por exemplo "Seja educado". Essas máximas para o autor são suficientes para a interação. A teoria ainda é muito útil, porém não consegue atender algumas situações, como no caso das piadas que operam com ambiguidades, subentendidos e a ironia. Autores como Koch e Elias (2001) e Pan Weiwei (2012) fazem essa ressalva em relação às máximas de Grice.

Com relação ao gênero piada, o princípio cooperativo de Grice, para Weiwei (2012), não é respeitado, pois as máximas griceanas são desprezadas propositalmente para que haja a quebra de expectativa e, possivelmente, o humor seja instaurado. O autor Weiwei (2012, p.22) exhibe três exemplos em que ocorre o abandono das máximas, levando-se em conta o humor inglês.

A máxima de quantidade e o humor

Exemplo 1

Uma velha senhora estava passeando pelo parque, quando viu Jaime com um cão.

- Será que o seu cão morde? Ela perguntou.

- Não.

Quando a velha senhora tentou brincar com o animal, ele a mordeu.

- Eu pensei que você disse que seu cão não mordia! Gritava a velha senhora com o sangue escorrendo da sua mão.

- Isso mesmo, respondeu ele.

- Meu cachorro não morde, mas esse não é o meu cão.

Nesse exemplo, vemos que o personagem Jaime não contribui para que a informação seja mais do que necessária, ou seja, omitiu uma informação necessária, por isso o humor irrompe conseqüentemente.

Vejamos, agora, um outro exemplo, que para Weiwei (2012), ocorre mais uma violação. A informação dada *é mais do que necessária*.

Exemplo 2

Soprano: - Você notou como minha voz encheu o salão na noite passada?

Contralto: - Sim, querido. Na verdade, eu notei que várias pessoas saíram para dar espaço a ela.

É perceptível que a fala do personagem contralto adiciona uma informação a mais com o intuito de zombar de seu interlocutor, o soprano, que demonstra ser alguém muito presunçoso e vaidoso.

No exemplo a seguir, veremos, segundo Weiwei (2012), um desrespeito à *máxima de relevância*.

Em uma aula de química, o professor faz a seguinte pergunta:

- O que é uma água?

O menino de aparência suja, responde:

- Um líquido incolor que se torna escuro, logo que eu coloco minhas mãos nele.

O professor estava se referindo à estrutura molecular da água, mas a resposta inesperada do menino, resulta o humor.

O exemplo a seguir, é retirado de Costa (2009, p.15) sobre o desprezo *da máxima de modo (maneira)*, com relação à ambiguidade:

Exemplo:

– Sua secretária parece ser eficiente.

– Sem dúvida, é uma mulher muito boa.

Vemos, nesse caso, o emprego da palavra *boa* que, no contexto, instaura uma ambiguidade, que pode ter, como um dos sentidos, o de ser uma mulher muito sensual.

Dessa forma, os autores Raskin (1979), Koch e Elias (2001) e Weiwei (2012) remetem às máximas de Grice (1975) para mostrar que o jogo de linguagem que se materializa, no gênero piada, não segue as convenções propostas pelo autor referido, mas as utilizaram como parâmetros para fazer a analogia com suas concepções.

1.5.1.2 Explicitude e implícitude na construção do gênero piada

Na construção de uma piada, observamos que há sempre um jogo de ideias explícitas e implícitas simultaneamente, ou, melhor dizendo, a implícitude está colada na explicitude e vice-versa. Segundo Romão (2001, p. 23), existe um embate entre a

explicitude e a implicitude, pois a piada opera dessa forma para que se possa chegar a sua verdadeira intenção.

De acordo com Romão (2001, p. 20), a compreensão de um texto como o do humor, por exemplo, é realizada a partir da conjunção de informações que se encontram nos níveis explícito, implícito e metaplícito.

Segundo a autora, a emergência dos níveis explícito e implícito ocorre porque estão vinculados ao nível metaplícito, que é a fonte de origem deles. Dessa forma, o nível metaplícito abrange o conhecimento enciclopédico e o linguístico para a construção da informação, como também se refere ao contexto extratextual, ou seja, o contexto pragmático.

De acordo com Romão (2001, p. 89-90), o conteúdo explícito corresponde àquilo que o autor apresenta claramente, o que está efetivamente escrito. Já o conteúdo implícito é aquele que não está escrito ou impresso a olhos vistos, porém “ são dados recuperáveis a partir de outros que vêm expressos por via linguística e esta recuperação é feita por meio do conhecimento sistêmico do interlocutor”.

Para a compreensão leitora, e inclui-se aí a compreensão da leitura do gênero piada, Poersch (1991, p.130-131) postula um esquema de classificação em níveis de construção do sentido, o qual é formulado em dois critérios: a abrangência textual e a profundidade de compreensão. De acordo com o autor, a abrangência textual consiste em compreender o léxico, o entendimento do significado das palavras — em compreender a frase, entender a estrutura e o significado da frase — e em compreender o texto globalmente, ou seja, entender o texto como um todo, e resumi-lo.

Quanto à profundidade de compreensão, entendemos que é uma construção de três conteúdos: o explícito, que se refere ao que está escrito ou impresso de maneira clara e óbvia; o implícito, o qual compreende aquilo que está nas entrelinhas do texto, resulta do que não foi escrito, mas que está comprometido e faz parte do texto; e, por último, o metaplícito, que está vinculado ao que está fora do texto, ou seja, extratextual, o qual corresponde ao contexto e fatores como a experiência do leitor e do escritor, lugar, época e cultura, que influenciam a produção e recepção do texto.

Pontuamos que os níveis metaplícito, explícito e implícito contribuem para o processamento e compreensão do gênero piada. A conjugação dos três níveis concorre para o estabelecimento das inferências que possibilitam a compreensão textual ou a compreensão mais adequada ao contexto discursivo.

1.5.1.3 A teoria semântica de Raskin (1979-1985): contribuições sobre o humor

Uma contribuição importante nos estudos do humor deve-se a Victor Raskin (1979/1985/1991), quando se propôs ao estudo das piadas, levando em consideração a perspectiva semântico-pragmática, o que implica o uso real da linguagem em contextos reais de interação. Segundo o autor (1979, p.335), um texto, para ser concebido como piada, deve ser compatível em sua totalidade, ou parcialmente, concernentes a dois *scripts* (cenários) diferentes e opostos no texto, ou seja, há uma sobreposição de um cenário a um outro, os quais sinalizam uma oposição entre eles, emergindo a oposição entre o real e o irreal, o verdadeiro *versus* não verdadeiro, o possível *versus* o impossível, que são percebidos na compreensão do texto piadista. Em 1987, o autor faz um empacotamento dos pares em normal *versus* anormal para todas as ocorrências no texto.

Para Raskin (1979), o *script* deve ter uma abordagem configurada como conhecida pelos interlocutores, como algo rotineiro e de procedimentos usuais em uma dada situação. Em outras palavras, o *script* deve ser conhecido e estar internalizado na mente dos interlocutores.

Raskin (1979, p.329) entende que o *script* se desenha por um conjunto de informes semânticos, tendo como fonte uma palavra ou expressão evocadas por elas mesmas. Ocorre que, a compreensão de um significado subjacente ao sentido literal, dependerá de fatores, além do conhecimento linguístico, do conhecimento enciclopédico, do sociocultural, e o da capacidade de inferir, o que o autor denomina como implicaturas.

Raskin (1979, p. 330) formula a noção do gatilho semântico, objeto textual que promove ou desencadeia o humor. O gatilho é responsável pela sobreposição, pela passagem do modo *bona-fide*, confiável, para o modo não *bona-fide*, não confiável. A partir da consolidação do primeiro sentido, se estabelece um novo sentido diferente daquele atribuído ao primeiro, e nessa operação se deflagra o riso espontâneo.

Muitas piadas contêm um elemento que desvia o gatilho do *script* evocado pelo texto da piada para o *script* contrário, a mudança que produz a piada. Este elemento, chamado aqui de gatilho de mudança de *script* semântico, ou simplesmente gatilho, normalmente pertence, em piadas simples, a qualquer um dos dois tipos: ambiguidade ou contradição. (RASKIN, 1985, p. 114).

De acordo com Raskin (1979, p. 328), seu modelo, o da teoria semântica das piadas, é regido por princípios ancorados nas máximas de Grice (1975). Segundo Raskin, não há um desrepeito às máximas e sim um novo contrato, com vistas à significação construída pelos envolvidos na situação discursiva. Dessa forma, ele apresenta (p. 103) as condições que a piada deve ter:

- a) O modo *bona-fide* de comunicação passa para o modo não *bona-fide*;
- b) A intencionalidade de ser engraçada;
- c) A existência de dois *scripts* parcialmente sobrepostos compatíveis ao texto;
- d) Uma relação de oposição entre dois *scripts*;
- e) Um gatilho óbvio ou implícito sendo fonte de *script* para o outro.

E com relação às máximas de Grice (1975), ele as adapta para:

- a) Quantidade: diga somente a informação necessária à piada;
- b) Qualidade: diga apenas o que é compatível com o mundo da piada;
- c) Relação: diga apenas o que é relevante para a piada;
- d) Modo: conte a piada de modo eficiente.

Nesse enquadre, Raskin (1985) apregoa que os textos humorísticos são formas de comunicação social e que a comunicação *bona-fide* se situa com a verdade e a coerência correlatas com o princípio cooperativo. Na comunicação não *bona-fide*, não há a preocupação com a verdade e assim, por meio da interação, é estabelecido um novo contrato. Quando isso ocorre, provavelmente é dissipado o humor. Segundo o autor, os gatilhos se originam de ambiguidades e de contradições.

Mais adiante, o autor coloca em xeque a questão do modo *bona-fide*, pois, segundo ele, não se pode mensurar quanto de verdade existe em uma interação e, mesmo que tenha alguma verdade, não implica uma condição para que haja a interação comunicativa. E incorpora o aspecto semântico-pragmático não somente para o estudo das piadas como, o de outros gêneros textuais.

1.5.1.4 Inferência e contexto sociocultural na construção da piada

Ao ler ou ouvir uma piada, nossa capacidade leitora ou de ouvinte passará a ativar os mecanismos linguísticos, sociais, cognitivos, culturais e multimodais para que possamos atribuir sentido a ela e compreendê-la. Assim se deflagrará o riso ou a crítica que são os objetivos a que a piada se propõe, efetuando-se, então a interação dos interlocutores na situação discursiva. Dessa forma, os leitores do gênero piada precisam

inferir informações implícitas e explícitas, já que nem todos conseguem compreender significados latentes.

Para tanto, a capacidade leitora de cada interlocutor é diferente, o que significa, para Dell' Isola (2001, p. 35), que a compreensão leitora decorre a partir da situação, em que a leitura é produzida. Há muitos fatores que interferem nesse processamento, como, por exemplo, a organização textual, o estranhamento de palavras, o código linguístico e a bagagem cultural e contexto pragmático.

De acordo com Dell'Isola (2001), “compreender um texto é ter acesso a uma das leituras que ele permite, é buscar um dos sentidos possíveis oferecidos por ele, determinado pela bagagem sociocultural que o leitor traz consigo.” Dessa forma, a proposição da autora vai ao encontro de um dos critérios importantes da RST para a compreensão textual, qual seja a plausibilidade. Retomando o que já foi afirmado, a plausibilidade permite mais de uma leitura de um objeto textual, desde que seja adequada ao contexto.

Segundo Dell' Isola, o leitor precisa raciocinar para compreender um texto; e raciocinar é movimentar o pensamento, é inferir, ou seja, a inferência é revelada da mesma forma de uma dedução, como um trabalho elaborativo e como algo que cria uma expectativa (p.42). Para tanto, o seu processamento se configura por “estados afetivos individuais e reações socialmente marcadas, que sob forma de confiança ou inquietação, constituem diferentes graus de crença.” (DELL'ISOLA, 2001, p. 42).

Na nossa visão, quando lemos uma piada, contamos com todo aparato a que Dell'Isola se refere para entendê-la, porque a elaboração e a expectativa assumem dimensões mais inusitadas, por assim dizer, já que a piada opera justamente com esses fatores para a sua compreensão.

Concebemos que as inferências buscam preencher lacunas que a piada propositadamente cria com o intuito de provocar o interlocutor para uma espécie metaforizada de brincadeira de pique-esconde, ou seja, no gênero piada, os ditos escondem o não dito e o que não está dito é preciso achá-lo para emergir a sua verdadeira intenção.

Dell'Isola (2001, p.44) explica que a inferência

é uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas. Não ocorre apenas quando o leitor estabelece elo lexicais, organizam redes conceituais no interior do texto, mas também quando o leitor busca, extratexto, informações e conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, com os quais preenche os vazios textuais.

Sendo assim, as relações retóricas representam essas redes conceituais, pois emergem das porções textuais e contam para seu estabelecimento com o contexto pragmático dos interlocutores.

Segundo Dell’Isola (2001, p.51), quando a informação é estabelecida em nosso entorno mental, pode ter sido veiculada explicitamente pelo e no que está escrito no texto, ou pela ativação do processo inferencial.

De acordo com Marcuschi (2008, p.249), a operação inferencial processa informações, na maioria das vezes, mais proeminentes que as do objeto textual. Para o gênero piada, essa proposição é de fato contumaz e importante, pois, a partir dessas informações salientes atreladas ao contexto pragmático, poderemos chegar à compreensão textual.

Marcuschi (2008, p. 255) propõe um quadro sobre os tipos de inferências, sua natureza e as condições de realização. Segundo o autor, esses mecanismos possibilitam a compreensão textual.

Apresentamos o quadro de inferências, com base no de Marcuschi (2008), que podem se realizar na compreensão textual do gênero piada.

Quadro 7- Tipos de Inferência

Tipo de operação inferencial	Natureza da inferência	Condições de realização
Indução	Lógica	Tomada de várias informações textuais para chegar a uma conclusão com valor de probabilidade de acordo com o grau de verdade das premissas.
Particularização	Lexical Semântica Pragmática	Tomada de um elemento geral da base lexical ou fundado em experiências e conhecimentos pessoais individualizando ou contextualizando num conteúdo particular com um lexema específico.
Generalização	Lexical Pragmática	Saída de uma informação específica, por exemplo, um lexema, para chegar à afirmação de outra mais geral.
Sintetização	Lexical Semântica Pragmática	Condensação de várias informações tomando por base saliências lexicais sem que ocorra uma eliminação de elementos essenciais.
Associação	Lexical Semântica Pragmática	Afirmação de uma informação obtida através de saliências lexicais ou cognitivas por associação de ideias.

Eliminação	Cognitiva Experiencial Lexical	Exclusão pura e simples de informações ou dados relevantes e indispensáveis, impedindo até mesmo a compreensão dos dados que permanecem.
Acréscimo	Pragmática Experiencial	Introdução de elementos que não estão implícitos nem são de base textual, sendo que muitas vezes podem levar a contradições e falseamentos.

Continuação do **Quadro 7**- Tipos de inferência
 Fonte: MARCUSCHI, 2008, p.255.

O processo inferencial, portanto, conta com ações cognitivas de diversas fontes de conhecimento, como linguístico, social, cultural e de mundo, implicadas por modos de raciocínios vários, que possibilitam a construção de sentido, o qual não se ergue só por meio de identificar e extrair as informações do código.

Nesse sentido, o processo inferencial cumpre um papel especial na compreensão das piadas, pois, como pudemos observar, muitas dessas operações são efetivadas para que as relações retóricas possam emergir entre as porções textuais na busca da coerência global. Dentre os tipos de inferência, algumas possuem mais relevância para o entendimento do texto, como a associação, dedução, indução, particularização, generalização, eliminação e acréscimo em relação à piada na modalidade escrita.

Para a compreensão da piada, vimos que a inferência tem uma função primordial porque possibilita ao interlocutor depreender o sentido subjacente de que o gênero se incorpora, tendo marcas linguísticas ou não. Como as inferências, temos outro componente que se associa a ela, o contexto social, sem o qual ela não se processaria.

De acordo com Dell'Isola (2001, p.103), o conhecimento obtido pelo contexto sociocultural é uma importante parcela do conhecimento incrustado no ambiente da memória, o qual é acionado para compreender e processar inferências no contexto textual ou situação discursiva. Nesse sentido, o conhecimento sociocultural é um conjunto de aprendizagens formais e informais que o interlocutor adquire no contato com o seu grupo social e também com outros.

Podemos dizer que o contexto sociocultural possui uma força poderosa que age no contexto particular do interlocutor, modificando-o e acrescentando-lhe novas interações, o que promoverá novas expressões ao contexto particular. A capacidade leitora refletirá todo esse arcabouço sociocultural do interlocutor.

Conforme Dell'Isola (2001), quando há a compreensão de um texto, surge o processo inferencial que é alicerçado no ambiente sociocultural. Portanto, a inferência sociocultural é um novo informe advindo de outro e que se estabelece em uma situação discursiva específica.

A inferência sociocultural processada entre as porções de um gênero como a piada colabora para que haja a emergência das relações retóricas para que se possa entender como esse gênero se ergue na sua forma de construção e propósitos sociocomunicativos.

Nesse panorama, Dell'Isola (2001, p.109) descreve três níveis em que a inferência sociocultural ocorre em três momentos, a saber:

“1º momento: ao decodificar e, posteriormente, compreender a informação explícita, o leitor seleciona o que considera mais significativo, de acordo com sua visão de mundo. Isso já direciona a sua leitura e uma determinada compreensão específica;

2º momento; ao ler as “entrelinhas” e integrar os dados do texto com a própria experiência ou conhecimento do mundo, o leitor infere de acordo com o seu “background” que está enraizado em uma sociedade e em uma cultura;

3º momento: ao apreciar ou depreciar, criticar e julgar, o leitor é levado a se posicionar emocional e afetivamente diante do texto e a avaliar os fatos que lhe forem apresentados.”

Segundo Dell'Isola (2001), o processamento de um grande número de inferências resulta inúmeras possibilidades de leitura. Essa afirmação vem corroborar um dos princípios da RST, o de que pode haver mais de uma interpretação pelos analistas, conforme os três níveis da inferência sociocultural que são evidenciados pela ocorrência das relações retóricas.

Segundo a autora referida, “tem-se consciência de que a extração inferencial é, muitas vezes, aleatória, e é certo que tanto as leituras produzidas quanto às inferências extraídas estão sujeitas às influências socioculturais do meio em que vive o leitor”.

Posto dessa forma, o entendimento da piada passa por muitos processos; e o que é interessante é o fato de ela ser concebida como uma narrativa curta, mas com conteúdos que trazem dificuldades, na compreensão, de quem não tem conhecimento prévio e cultural.

1.6 Os pares dialógicos na constituição do gênero piada

Nas narrativas, costuma haver a presença de sequências dialogais, nas quais se manifestam os pares dialógicos ou adjacentes. Para Marcuschi (2007, p.35), “o par adjacente é uma sequência de dois turnos que coocorrem e servem para a organização local da conversação”. Em muitos casos, eles se manifestam como engajamento entre dois segmentos contíguos. Segundo Marcuschi (2007, p.34), eles se realizam como pergunta-resposta (P-R), ordem-execução, convite-aceitação/recusa, cumprimento-cumprimento, xingamento-defesa/ revide, acusação-defesa /justificativa, pedido de desculpa- perdão.

No gênero piada, essa construção é configurada ao longo do texto para a interação dos envolvidos na situação textual- discursiva.

De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2006, p.133), o par dialógico pergunta-resposta é fundamental para criar uma efetiva interação no contexto textual-discursivo, além de ele promover a coerência do texto. Ele se estabelece pela sua função, natureza e estrutura das perguntas-Ps e das respostas-Rs.

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2006, p.135), um segmento, para ser identificado como P, dependerá, numa situação discursiva, de como as marcas lexicais, a entonação e a estrutura sintática se registram com evidências funcionais. Dessa forma, as marcas lexicais e o modo de como a entonação são atualizadas podem esclarecer na identificação de uma P. Portanto, a entonação pode ser ascendente, ascendente/descendente ou com entonação descendente. As Ps que não expressam a entonação ascendente podem ser consideradas atos indiretos de fala.

Para Marcuschi (2007, p.37) a interrogativa nem sempre se configura como uma P, como, em :

- “não comeu que chega hoje” (equivale a ordem: pare de comer);
- “vamos almoçar junto” (equivale a convite);
- “ainda não percebeu a cara dele” (equivale a exortação).

Fávero, Andrade e Aquino (2006) postulam que uma P incorpora sempre um pedido de uma informação não conhecida por um dos interlocutores do contexto discursivo, e há a esperança de que a R possa dar a informação desejada. Entretanto, pode acontecer que uma P possa ser respondida com outra P. Isso vem demonstrar que não há uma tipologia determinada do par P-R, pois nem sempre ocorre uma R, no seu *status* constitutivo. Vemos tal operação no exemplo a seguir, extraído do trabalho de Fávero, Andrade e Aquino (2006, p, 137).

Doc. – Tem alguma consequência nesses:: e os regimes alimentares que as mulheres fazem?

L1 – Como é?

De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2006, p.141), na constituição de um diálogo, pode ocorrer uma estrutura tripartida. Nela ocorrem uma asserção do interlocutor 1 que se configura como início de tópico; uma pergunta desviante do interlocutor 2 para não precisar desenvolver o tópico; uma resposta ou esclarecimento em relação à pergunta desviante do tópico pelo Interlocutor 1; uma avaliação do interlocutor 2; e um retomada do tópico anterior do interlocutor 1.

Segundo as autoras, esse tipo de sequência não é estabelecido dentro de um par dialógico ou adjacente e, por se referir a uma asserção, desenvolve-se de modo lateral ou digressivo, pois se trata de uma espécie de comentário sobre o asseverado que encontra explicação na busca da preservação das faces.

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2006, p.143), nem sempre um segmento do par (P-R) tem de estar ligado diretamente ao outro, o que não impede a coerência textual, um vez que ela pode ser construída de forma mútua, pelas relações estabelecidas e percebidas pelos interlocutores.

Para as autoras, se faz necessário o trabalho com a noção de *frame*, para a aplicação das regras de coerência. Na situação discursiva, o *frame* assume uma feição interativa, na qual o entendimento do contexto é uma ação colaborativa, que interfere no fluxo conversacional, e, por isso, lhe destitui a fixidez, e torna-o mais dinâmico. Nessa perspectiva, os interlocutores necessitam reestruturar e /ou mudar seus *frames* diante das possibilidades de intercâmbio textual.

Por outro lado, Marcuschi (2007, p.43) ressalta as pré-sequências. Segundo o autor, as pré-sequências são turnos pares que precedem uma sequência de pares. Elas são

“unidades que contêm uma asserção”, isto é, uma informação. Sua função é a de promover a coesão e preparar o ambiente discursivo para outra sequência. Ainda segundo o autor (2007, p.47), podem ocorrer inserções entre a pré-sequência e a sequência, não permitindo a realização do par adjacente, operação que adia o par por alguns turnos.

Quanto à função na organização tópica, Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 146) argumentam que o par (P-R) se manifesta como: *introdução de tópico*, ou seja, uma P para iniciar uma conversação; *continuidade de tópico*, as Ps e Rs têm a função de dar continuidade ao tópico; *reintrodução de tópico*, quando há um ruído ou desvio, é preciso que a P retome o tópico inicial; *mudança de tópico*, ocorre uma P, quando há necessidade de se mudar o foco do tópico por vários fatores.

Com relação à natureza do par (P-R), as autoras destacam que há a *emergência de pedidos de informação, de confirmação* ou de *esclarecimento*. O pedido de informação nasce do desejo do interlocutor em saber algo importante. A R pode ser restrita apenas para o que foi pedido. Entretanto, a R pode se delinear como um acordo, uma dúvida, uma negação, ou uma implicatura.

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2006, p.153), no tocante ao pedido de confirmação, ele ocorre sempre quando, na troca de informação, o interlocutor pede que a informação tenha uma sustentação. Quanto às Rs a essas Ps, podem apresentar-se como confirmação positiva ou negativa. Pode haver ainda uma combinação entre pedido de confirmação e de esclarecimento.

As autoras ainda pontuam que as Ps de pedido de esclarecimento podem ser de dois tipos: *a) em relação ao enunciado*, ocorre porque o interlocutor, por falta de entendimento, pede para que ela seja repetida parcial ou totalmente; *b) em relação ao conteúdo do enunciado*, ocorre quando o interlocutor pede um esclarecimento sobre a P feita pelo parceiro e esse pedido é atendido na R; ou quando há um elemento referido no enunciado anterior ao do pedinte, e após consegue uma R satisfatória ao seu pedido.

Em relação à estrutura, Fávero, Andrade e Aquino (2006, p157) distinguem duas estruturas de Ps: *fechadas* e *abertas*. Nas Ps fechadas (ou de sim /não), o interlocutor entende que a R deve ser sim ou não; e também pela marcação do verbo, marcadores com valores de sim e ainda por sintagmas adverbiais, caso a P seja elaborada com advérbio. No entanto, podem ocorrer Ps fechadas com as Rs representando mais de um elemento, não configurando, portanto o sim ou o não.

As Ps abertas são iniciadas por pronome interrogativos e as Rs são associadas e conduzidas pelo pronome utilizado nas Ps. Ainda nesse quadro, as autoras apresentam as

Ps retóricas, que não têm a finalidade de ser respondida, já que o interlocutor já conhece a R, basta apenas ativá-la.

Para saber se a R é adequada à P, as autoras apontam quatro condições que foram ampliadas por elas, com base no modelo de Moeschler (1986, p.248), na perspectiva dos interlocutores do contexto discursivo, denominadas de *condições de satisfação*, que se resumem em:

- de manutenção do tópico – as Rs precisam estar relacionadas, implícita ou explicitamente, com as Ps no que se referir ao tema;
- de conteúdo proposicional – as Rs devem referir-se semanticamente às Ps, por meio de relações como paráfrase, implicação, oposição *ou questionamento do conteúdo proposicional apresentado nas Ps*;
- de função ilocucionária⁸ - as Rs precisam ser de um tipo ilocucionário compatível com as Ps, *sem que haja questionamento de seu conteúdo proposicional*;
- de orientação argumentativa- as Rs precisam apresentar a mesma orientação argumentativa das Ps, *desde que o seu conteúdo proposicional não seja questionado*.

Desse modo, as autoras consideram a interação dos interlocutores pelo par dialógico. A adequação das Ps e Rs tem mérito numa análise textual –discursiva, porque é uma estrutura recorrente na organização textual do gênero piada. Isto posto, podemos considerar o par dialógico, à luz da RST, como unidades de informação, numa relação de adjacência, ou de par adjacente segundo Mann e Thompson (1988, p. 272), no qual ocorre a relação núcleo- satélite.

1.7 Síntese do Capítulo

A presente seção visou contemplar os aspectos teóricos mais proeminentes que estão considerados para a realização das análises do gênero piada, no sentido de evidenciarmos a emergência das relações retóricas mais recorrentes que podem contribuir

⁸ De acordo com Koch e Vilela (2001, p.417), função ilocucionária significa que o conteúdo proposicional é determinado por uma força: de pergunta, de asserção, de ordem, de promessa.

para a identificação do sistema organizacional, ou da macroestrutura textual do gênero em questão. Para essa tarefa, contamos com o constructo teórico funcionalista da RST, em que se sobressaem os autores Mann e Thompson (1988); Taboada (2006) e Decat (2014).

Levamos em consideração o modelo narrativo de Labov e Waletzky (1967), o mais conhecido nos estudos linguísticos, para verificar a correlação das porções textuais (*text spans*), nas quais são constituídas as unidades informacionais, *idea unit*, noção concebida por Chafe (1982), nas e pelas quais se estabelecem as relações retóricas.

Para que pudéssemos nos apropriar de seus preceitos para a construção da piada como gênero, a fim de estabelecer uma interlocução com a RST, revisitamos o arcabouço teórico da Linguística Textual concernente aos conceitos definições, características e peculiaridades sobre texto e gênero. Com esse intuito, construímos uma interação entre a Teoria da Estrutura Retórica, a Linguística Textual, o modelo laboviano e o gênero piada. Para isso, capitaneamos os autores: Beaugrande e Dressler (1981); Bronckart (1999); Bakhtin (2000); Bazerman (2006); Antunes (2010); Adam (2011); Marcuschi (2008); Koch e Vilela (2014); Decat (2012); Dell'Isola (2012) e Cavalcante (2016).

Para finalizar, empreendemos um levantamento de estudos relevantes e dedicados ao esclarecimento do que é a piada para descrevê-la, identificar a sua estrutura, o funcionamento e como as influências do contexto sociocultural e pragmático interferem na sua construção textual e no entendimento emergidos na e pela situação textual-discursiva. Para essa realização, contamos com os autores Possenti (1998); Raskin (1985); Dolistsky (1992); Muniz (2004); Fávero, Andrade e Aquino (2006); Marcuschi (2007); Romão (2008-2011); Weiwei (2014); Costa (2014) e Cavalcante (2016).

CAPÍTULO 2- METODOLOGIA

Para atender aos nossos objetivos, mostramos, até aqui, algumas etapas que foram aliadas à metodologia de trabalho. Primeiramente, expusemos um quadro teórico a respeito da RST e da Linguística Textual, além do modelo laboviano sobre a narrativa para consolidar nossas proposições. Em seguida, apresentamos suportes teóricos envolvidos na compreensão da piada e discorremos sobre esse gênero, objeto de nosso estudo. Neste capítulo, procuramos deixar claros os procedimentos metodológicos que orientaram a análise aqui proposta e que será apresentada na sequência deste trabalho.

Na presente análise, utilizamos quinze piadas com temas diversificados. Os textos foram segmentados conforme o conceito de Chafe (1982) de unidade informacional como jatos de linguagem ou blocos de informação. Após a identificação das unidades de informação e pelo critério da plausibilidade, buscamos analisar as relações retóricas que emergiram entre os segmentos combinatórios da macroestrutura. A seguir, representamos esse processo de segmentação e a emergência das relações, por meio da elaboração dos diagramas que mostram a organização hierárquica dos textos, pela utilização da ferramenta *RSTTool*, nos moldes fornecidos por Mick O'Donnel (2000).

Após essa etapa da análise, empreendemos a discussão na qual fazemos uma interlocução entre a RST, a LT e os elementos narrativos labovianos. Ao final, passamos ao relato dos resultados.

2.1 Seleção do *corpus*

Selecionamos o gênero textual piada para ser analisado à luz da Teoria da Estrutura Retórica e de alguns pressupostos da Linguística Textual, considerando a macroestrutura textual, ancorados, também, no modelo narrativo de Labov e Waletzky (1967), por ser uma oportunidade de se trabalhar a língua em uso e sua organização textual. Para tanto, selecionamos cinquenta piadas em sites e revistas especializadas.

Na proposta das análises das piadas, levamos em conta que essa abordagem não pretendeu fazer qualquer apologia a questões ideológicas. O nosso intuito foi estudar as piadas como um evento comunicativo e interativo. Na confecção do *corpus*, não foram consideradas piadas com temáticas discriminatórias de qualquer natureza, nem aquelas que apresentam conteúdos obscenos ou ofensivos. Ressaltamos, no entanto, que todas

tinham a mesma estrutura textual das que foram aqui discutidas. Enfim, o nosso propósito principal, por assim dizer, não foi o de analisar o gênero piada pelo sentido jocoso e sim identificar a estrutura retórica que o compõe, procurando verificar se as relações retóricas auxiliam na construção da coerência textual.

2.2 A constituição do *corpus*

O *corpus* total é constituído de cinquenta piadas, sendo apresentados, nesse trabalho, quinze exemplares do gênero, como *corpus* representativo, uma vez que percebemos que essa amostra já era suficiente para atingirmos nossos objetivos. As piadas foram coletadas de *sites* da internet, como *multobacana.com/piadas-engraçadas/* e *piadas.com.br*, outros exemplos foram retirados de estudos de alguns autores, como Possenti (1998) e Weiwei (2012).

A seleção das piadas já foi explicitada na seção 2.1— Seleção do *corpus*. entretanto, cabe explicitar que um dos fatores determinantes da escolha decorreu do fato de pensarmos que esse gênero pode ser indicado para o ambiente escolar, embora nosso estudo não tenha esse objetivo primordial. Lembramos, ainda, que as piadas não costumam ter título nem autores, embora tenhamos detectado que algumas vêm com título. Os temas das piadas são variados e se atêm à esperteza das pessoas, ao receio da morte e a situações inusitadas. Ressaltamos que as piadas na análise se encontram em destaque, ou seja, em negrito, e os pares dialógicos em itálico para melhor visualização.

Para a análise, definimos a unidade informacional com a qual trabalhamos para a identificação das relações retóricas que emergiram da macroestrutura e a sua correlação com as partes da narrativa, nos termos de Labov e Waletzky (1967).

Para orientação da sequência da análise, foi elaborado o Quadro 8 com as piadas que formaram o *corpus* representativo aqui analisado.

Quadro 8- Piadas que formaram o *corpus* representativo da tese

Ordem	Temática	Fonte
Piada 1	Especulação na Bolsa de Valores	POSSENTI, Sírio, 1998, p.30
Piada 2	Desvalorização salarial no magistério	<i>https://www.piadasnet.com</i>
Piada 3	Corrupção na política	<i>https://www.piadasnet.com</i>
Piada 4	Insatisfação do cliente	<i>https://www.piadas+engraçadas</i>
Piada 5	Papagaio e ladrão	<i>https://www.piadas+engraçadas</i>

Piada 6	Dupla personalidade	https://www.piadas+engraçadas
Piada 7	Após a cirurgia	https://www.piadas+engraçadas
Piada 8	A cartomante	https://www.piadas+engraçadas
Piada 9	Traição	https://www.piadas+engraçadas
Piada 10	Separação	https://www.piadas+engraçadas
Piada 11	Quem são nossos descendentes...	https://muitobacana.com
Piada 12	Hora de fazer as malas	https://muitobacana.com
Piada 13	A profissão ideal para o filho	https://muitobacana.com
Piada 14	Remédio para a obesidade	https://muitobacana.com
Piada 15	A minha preferida	https://muitobacana.com

Continuação do quadro 8: Piadas que formaram o *corpus* representativo da tese

2.3 Definindo a unidade informacional como critério de análise

Um dos parâmetros de análise foi a adoção da ideia de unidade informacional, *idea unit*, proposta por Chafe (1982), identificada pelo conjunto de ideias harmoniosas e com sentido. Esse conjunto pode se relacionar, às vezes, pela presença de elementos de conexão, como também pela ausência deles. Segundo Chafe (1982, p.37), as unidades informacionais são “jatos de linguagem ou blocos de informação que, em geral têm equivalência a uma oração ou qualquer porção textual que se caracterize como um bloco informativo.” Elas são constituídas tanto na modalidade oral como na escrita. Posteriormente, em Chafe (1985, p.105), as unidades informacionais passaram a ser chamadas de “unidades entonacionais” para analisar dados da modalidade oral.

Em análise de dados do constructo escrito, Chafe (1982) notou que as unidades informacionais inclinam a ser maiores e mais complexas sintaticamente, pela característica de afastamento e manipulação de quem escreve, devido às condições de produção da linguagem escrita. As unidades informacionais vêm caracterizadas pelas regras de pontuação, como também por marcadores discursivos e conectivos ou com a ausência dos dois últimos.

Segundo Decat (2014, p.129), “há um limite quanto à quantidade de informação que a atenção do falante pode focalizar de uma única vez, ou seja, a unidade informacional expressa o que está na memória de curto termo.” Em outras palavras é a

informação que foi absorvida é preservada por alguns instantes, sendo que pode ser armazenada por mais tempo ou eliminada. Assim, para a autora, uma única unidade informacional pode ser formada por uma oração e todos os seus sintagmas.

A partir da identificação e segmentação das unidades informacionais — UIs, pudemos estabelecer pelo critério da RST, a emergência das relações retóricas que foram constituídas entre as unidades informacionais, ou bloco de ideias, as quais, neste trabalho, se encontram correlacionadas às partes da narrativa laboviana.

2.4 A ferramenta *RSTtool* e sua utilização

A *RSTTool* foi utilizada para representar os diagramas da estrutura retórica, resultantes da análise das piadas do *corpus* deste trabalho. Com essa ferramenta podemos mostrar a segmentação dos textos em unidades informacionais, estabelecendo as relações retóricas que emergem entre as porções textuais. Ressaltamos que a ferramenta não faz a análise por si só, ela é um aplicativo com o qual podemos fazer a configuração das relações retóricas que foram identificadas.

Vejamos a ferramenta *RSTTool*



Figura 6: Programa *RSTTool*, versão 3.45, de Mick O'Donnell, disponível para *download* no site <https://www.wagsoft.com>.

A ferramenta *RSTTool* é uma interface gráfica para ser utilizada na segmentação e construção da hierarquia de um texto, em uma análise à luz da Teoria da Estrutura Retórica. Esta ferramenta auxilia tanto a segmentação do texto quanto a ligação gráfica

destes segmentos em uma árvore. O usuário pode mesclar as estruturas mononucleares e multinucleares.

Realizar uma análise de um texto manualmente é uma tarefa bem difícil, principalmente se o texto é de grande extensão. Fazer o processo de análise na ferramenta *RSTTool* torna-se uma forma de simplificá-lo, além de permitir uma visualização mais acessível.

Segundo Mick O'Donnell (2000), para usar essa ferramenta, temos que digitar o texto e segmentá-lo, ou salvar o texto no formato txt. e, depois importá-lo para o programa. Após, arrastamos o *mouse* para que, entre os segmentos do texto, se estabeleçam as relações núcleo- satélite e/ ou as relações multinucleares. Para isso, uma lista com o nome das relações é proposta para aplicar a relação emergida entre os segmentos. Estruturas de textos complexos podem, assim, ser analisadas rapidamente.

Ressaltamos que a ferramenta não faz análise de forma automática, ela serve para traçar a análise de forma mais legível por quem a manipula.

A *RSTTool* é utilizada em diferentes etapas. Na primeira etapa, marcamos os limites dos segmentos em todo o texto, clicando em *Segment*, como na Figura 7.

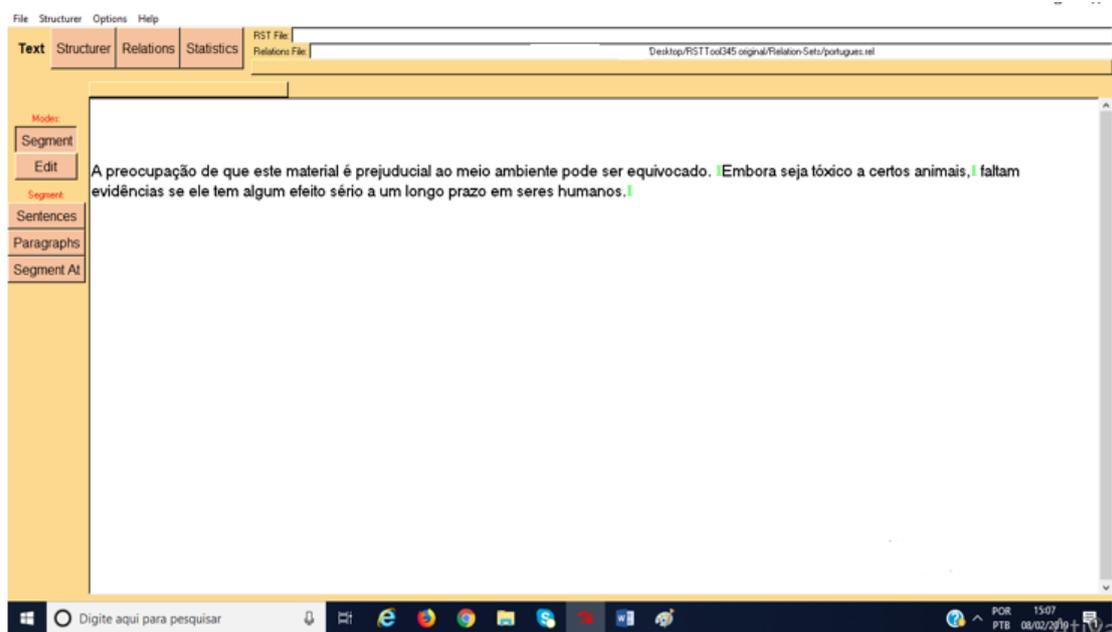


Figura 7: Segmentação do texto.

O próximo passo refere-se à estruturação do texto. Para tanto, é necessário clicar em *Structure* para que possam ser visualizadas as porções textuais e, também, estabelecer as relações retóricas que emergem entre elas, como é demonstrado na Figura 8.

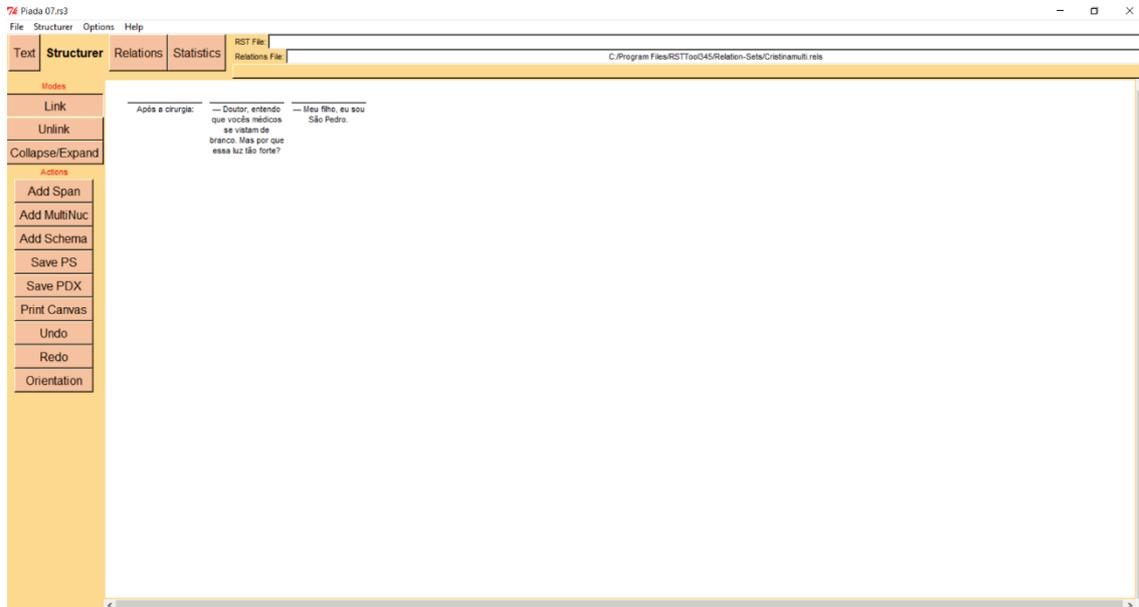


Figura 8: Porções textuais.

Em seguida, ligamos os segmentos, identificando as relações retóricas que emergem entre as porções textuais, e, conseqüentemente, elaboramos o diagrama arbóreo da estrutura retórica do texto analisado, como pode ser visto na Figura 9.

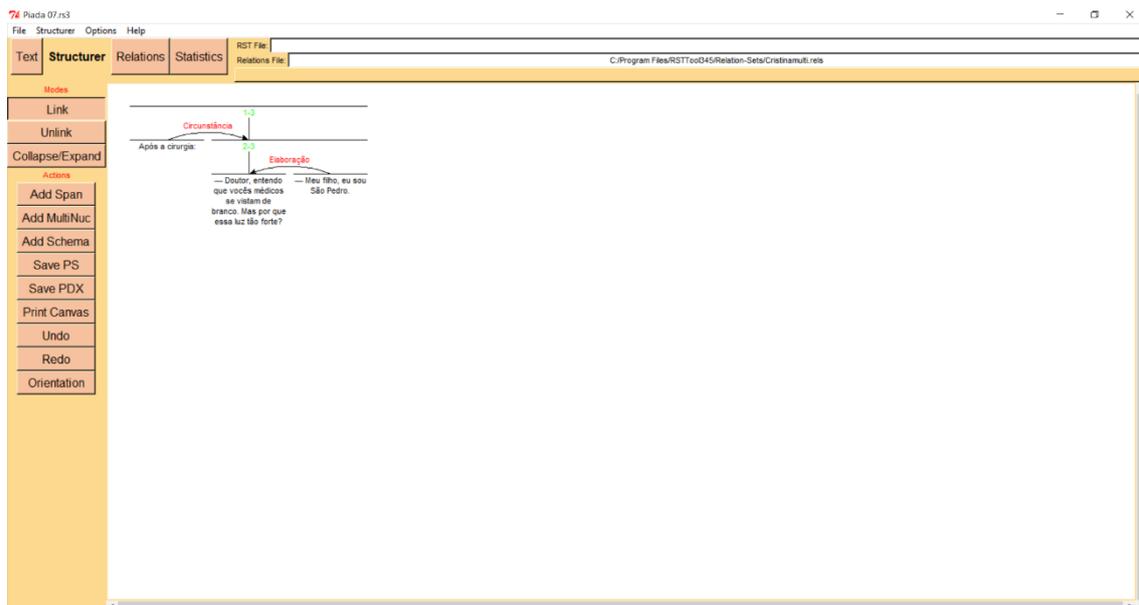


Figura 9: Diagrama arbóreo da RST.

O programa *RSTTOOL* possibilita salvar o diagrama e isso pode ser processado de duas formas:

- a) Clicar em *Structure – Capture Diagram to Clipboard* e colocá-lo em processador de texto. Entretanto, essa estratégia pode causar problemas quanto à configuração e o diagrama poderá não apresentar uma boa resolução, como demonstrado a seguir na Figura 10.

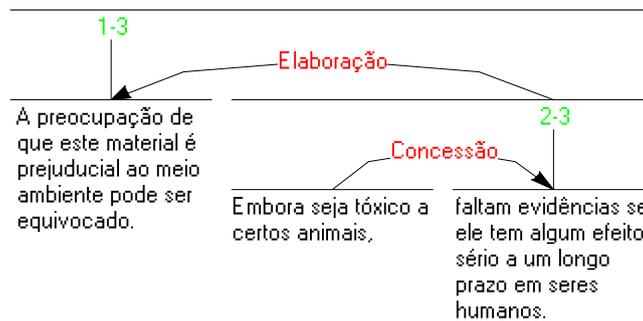


Figura 10: Diagrama da RST.

- b) Salvar em um formato específico, clicando em *Save PS*, e enviar o diagrama para o programa *Corel Draw*, para salvá-lo no formato foto/figura(jpg).

Nesse formato, a imagem do diagrama terá uma boa configuração, conforme demonstrado no digrama.

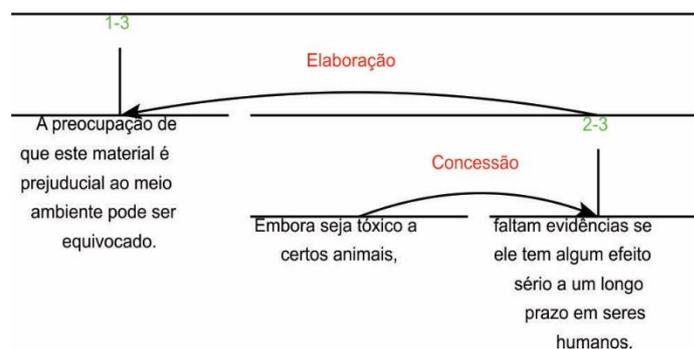


Diagrama 3: Diagrama arbóreo da RST.

Para finalizar, segundo Mick O' Donnel (2000), a ferramenta é útil por várias razões:

1. **Tempo reduzido de análise:** a ferramenta reduz a quantidade de tempo gasto para análise do texto, comparado com análise manual, permite fácil criação de estruturas, e modificação se necessário.
2. **Preparação de figuras:** A ferramenta fornece uma forma fácil de preparar figuras, descrevendo a estrutura da RST para inclusão em documentos.

2.5 Procedimentos de análise

Para a execução da nossa análise, utilizamos como estratégia para a segmentação a noção de unidades de informação (*idea unit*) proposta de Chafe (1982, p.14), que as concebe como “jatos de linguagem ou blocos de informação”, em que são utilizadas as regras de pontuação, como travessão, vírgula, pontos de exclamação, pontos de interrogação e final, marcadores temporais e conectivos, evidenciando-os como recursos proeminentes para sinalizar a identificação, mas não somente esses recursos, pois tanto o contexto quanto o cotexto podem propiciar a identificação das unidades informacionais.

Na constituição do par pergunta- resposta, consideramos a unidade de análise semelhante à unidade informacional de Chafe (1982), e ainda concebemos como limites de cada unidade do par dialógico, quando a resposta à pergunta vem antecedida dos verbos de elocução como *responder*, ou de segmento inicial ao par. Além disso, entendemos que o par dialógico nem sempre é constituído, nas piadas, com relação à pergunta de uma interrogativa direta e indireta demarcados pelos pontos de interrogação e final. Nas palavras de Decat (2010, p.233), “as unidades de informação equivalem a uma oração, mas não necessariamente, podendo ser qualquer porção que constitua uma unidade de informação”.

A análise foi proposta dessa forma:

- a) a segmentação das unidades de informação ou porções textuais evidenciadas nas piadas selecionadas, à luz da Teoria da Estrutura Retórica (RST), segundo Mann e Thompson (1988);
- b) as análises plausíveis das proposições relacionais que emergem entre as porções textuais, na macroestrutura;
- c) a elaboração do diagrama da estrutura retórica de cada piada;
- d) a análise plausível das relações retóricas surgidas entre o par-dialógico e segmentos iniciais; para tanto desconsideramos os trechos narrativos que precedem a sequência dialogal na forma estrutural, mas não o conteúdo;

- e) a identificação dos elementos da narrativa laboviana presentes nas piadas, conforme Labov e Waletzky (1967);
- f) a verificação da correlação dos elementos narrativos presentes na macroestrutura da piada e das relações retóricas, à luz dos critérios teóricos de Mann e Thompson (1988) e de Labov e Waletzky (1967);
- g) a comprovação da existência de uma regularidade como traço de prototipicidade do gênero piada, à luz da Teoria da Estrutura Retórica, do modelo laboviano e da linguística textual.

CAPÍTULO 3- A ANÁLISE DO *CORPUS*

Neste capítulo, nos debruçamos à análise do *corpus* composto por quinze piadas da modalidade escrita. Destacamos que, primeiramente, a investigação foi desenvolvida à luz da Teoria da Estrutura Retórica, depois, na perspectiva do modelo narrativo laboviano, ambos alinhados aos constructos teóricos da Linguística textual.

3.1 Análise das piadas fundamentada na Teoria da Estrutura Retórica - RST

Conforme anunciado no capítulo referente à Fundamentação Teórica, a análise das piadas está vinculada à teoria basilar, a Teoria da Estrutura Retórica. Priorizamos, conforme defende van Dijk (1992), a estrutura semântica global do texto, ou seja, a macroestrutura. Para a segmentação do texto, as unidades de informação foram demarcadas de acordo com a proposta de Chafe (1982), como “jatos de linguagem”. Ressaltamos que não foram examinadas as informações periféricas da piada, como o autor e o site de onde elas foram coletadas. Levamos em conta, nesta análise, os processos inferenciais para um melhor entendimento da análise.

As piadas foram analisadas, em primeiro lugar, à luz da Teoria da Estrutura Retórica (RST), tal como proposta por Mann e Thompson (1988), e, depois, pelo modelo da narrativa laboviana, defendido por Labov e Waletzky (1967). Ressalta-se que as duas correntes teóricas foram aliadas a alguns pressupostos teóricos da Linguística Textual, no que se refere ao texto, ao gênero e à textualidade.

3.1.1 Análise da piada 1

Piada 1

“Um conhecido especulador da bolsa, também banqueiro, caminhava com um amigo na principal avenida de Viena, quando passaram por um café, disse: - Vamos entrar e tomar alguma coisa? Seu amigo o conteve: - Mas, Herr Hofrat, o lugar está cheio de gente!”

Fonte: POSSENTI, S ., 1998, p. 30.

Antes da descrição da piada, apresentamos o texto segmentado em unidades de informação no diagrama 4 da macroestrutura da piada 1.

- (1) “Um conhecido especulador da bolsa, também banqueiro, caminhava com um amigo na principal avenida de Viena,
 (2) quando passaram por um café, disse: - Vamos entrar e tomar alguma coisa?
 (3) Seu amigo o conteve: - Mas, Herr Hofrat, o lugar está cheio de gente!”

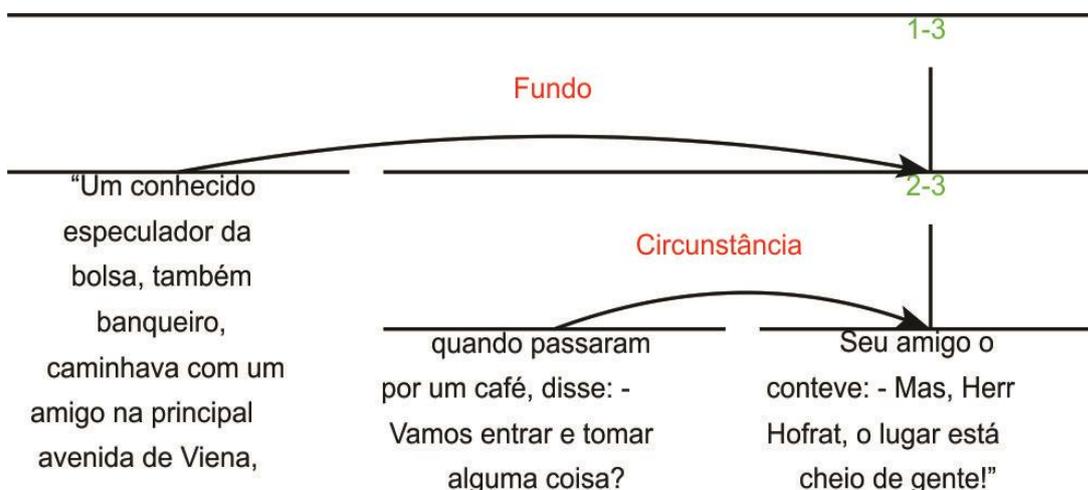


Diagrama 4: Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 1.

A partir do aporte teórico da RST e como demonstrado no diagrama 4, a análise da piada 1 apresentou, em sua macroestrutura, três unidades de informação. É plausível sugerir que emerge entre a UI (1) — “Um conhecido especulador da bolsa, também banqueiro, caminhava com um amigo na principal avenida de Viena, na função de satélite, e a UI (2-3) — (2) quando passaram por um café, disse: — Vamos entrar e tomar alguma coisa? — (3) Seu amigo o conteve: — Mas, Herr Hofrat, o lugar está cheio de gente!”, na função de núcleo, a relação retórica núcleo-satélite de *fundo* (background). Ancorados nos dizeres de Mann e Thompson (1988), a emergência da relação de *fundo* justifica-se pelo fato de a UI (1) levar o leitor a compreender integralmente o conteúdo do núcleo – UI (2-3). Dizendo de outra forma, a UI (1) identifica os dois personagens da piada (*um conhecido especulador da bolsa, também banqueiro e um amigo*), bem como o local onde se passaria o evento narrado (*a principal avenida de Viena*). Vemos que a

UI (1) situa o leitor, informando quem são os atores e um dos cenários no qual transcorreu uma parte da narrativa.

A porção textual formada pelas UIs (2-3) foi segmentada em UI (2) e UI (3); e emerge, entre elas, a relação retórica núcleo-satélite de *circunstância*. Também sustentados por Mann e Thompson (1988), consideramos que a relação de *circunstância* é plausível porque, no satélite, a ação relatada na UI (3), núcleo, não se encontra realizada, porém, a UI (2) apresenta o contexto no qual essa ação acontecerá. Dessa forma, o leitor reconhece que o satélite, por anunciar o convite feito pelo banqueiro Herr Hofrat para entrar num café e tomar alguma coisa, fornece o contexto para interpretar o conteúdo do núcleo, que é a reação do amigo, ao responder: “- *Mas, Herr Hofrat, o lugar está cheio de gente!*”

Entendemos que a relação de *circunstância* corrobora o humor situado na UI (3), pois, pela característica do personagem (especulador da bolsa e banqueiro), *entrar e tomar alguma coisa* em um café, na avenida principal de Viena, possibilita um tipo de operação inferencial de particularização de natureza lexical, semântica e pragmática.

De acordo com Taboada (2013), as relações retóricas podem refletir um tipo de relação hipotática, ou seja, como a núcleo-satélite. Vemos o estabelecimento dessa relação entre a porção textual, representada pela UI (1), e a porção textual representada pelas UIs (2- 3). Segundo Taboada (2013), as relações se estabelecem, além do critério da plausibilidade, pelas sinalizações, ou seja, marcadores discursivos; ou pela ausência deles, sendo que se considera mais importante na relação núcleo- satélite o efeito, ou seja, aquilo que se conseguiu a partir dos objetivos comunicativos do produtor do texto.

Trazemos aqui a descrição sobre essa operação inferencial, explicitada por Marcuschi (2008, p. 225), para explicar os itens lexicais *entrar* e *tomar alguma coisa*.

Assim, processa-se a inferência do tipo particularização, de natureza lexical, semântica e pragmática, pela tomada de um elemento geral de base lexical, como *entrar* e *tomar coisa*, centralizando em um conteúdo particular com um lexema específico.

Baseados em Romão (2008), consideramos que na UI (2) instaura-se um paradoxo, pois, para o amigo, *tomar alguma coisa* adquire o sentido de obter lucro. A UI (3) — *Seu amigo o conteve: - Mas, Herr Hofrat, o lugar está cheio de gente!* — possibilita inferir que a ação dos personagens, que representam papéis no âmbito econômico, institui-se de forma sorrateira e obscura. Novamente, decorre a inferência de associação de natureza lexical, semântica e pragmática, há a confirmação de uma informação obtida através de saliências lexicais ou cognitivas por associação de ideias. Dessa forma, o termo

tomar, possibilita muitas interpretações, mas no ambiente discursivo da piada assume um valor diferentemente de beber um café, devido aos empregos de *mas* e de *o lugar estar cheio de gente* na fala do amigo. É possível concluir que, segundo Possenti (1998, p. 39), “uma piada contém algum elemento linguístico com pelo menos dois sentidos possíveis”, ou seja, “diz uma coisa querendo dizer outra”.

Um outro aspecto a ser evidenciado com relação à porção textual constituída nas unidades informacionais é a configuração dos pares dialógicos, dos pares adjacentes e das estruturas dialogais. Para a análise das relações retóricas na sequência dialogal, consideramos somente os segmentos que são incorporados por trocas conversacionais. Assim, desconsideramos os segmentos que indicam narratividade. A título de esclarecimento, utilizaremos a terminologia par dialógico quando este for constituído de pergunta e resposta e segmento inicial ou segmento opcional, e par adjacente quando as trocas interacionais se apresentarem como segmentos contíguos e outras denominações, conforme as trocas conversacionais se apresentam.

No caso da piada 1, evidenciamos na estrutura retórica da sequência dialogal o par Pergunta-Resposta (P-R), de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2006). Cada um dos segmentos constituirá uma unidade. A P é a unidade informacional (1), e a R é a unidade informacional (2), conforme a apresentação da segmentação das unidades informacionais do par dialógico e do diagrama 5 do par dialógico da piada 1, a seguir:

As iniciais de cada segmento representam os interlocutores:

B: Banqueiro

AB: Amigo do banqueiro

B (1) - P - Vamos entrar e tomar alguma coisa?

AB(2) - R - Mas, Herr Hofrat, o lugar está cheio de gente!



Diagrama 5: Estrutura Retórica do Par dialógico (P-R) da piada 1.

Em relação à RST, entre (1) e (2) temos uma relação do tipo *núcleo-satélite*, em que (1) constitui uma *pergunta* – P e representa o *satélite*, e (2) que corresponde à *resposta*- R e se configura como *núcleo*. Entre elas é plausível argumentar que emerge a relação de *preparação*, pois o leitor se sente interessado a ler o núcleo, ou seja, a resposta. Vemos que a resposta se inicia com o marcador discursivo *mas*, que tem a função de organizador textual. Segundo Taboada (2006, p. 6), a definição das relações se baseia em critérios funcionais e semânticos, não em sinais morfológicos ou sintáticos, porque nenhum sinal é totalmente confiável ou inequívoco para a identificação de nenhuma das relações retóricas, pois a utilização de um sinal nem sempre traz a noção perpetuada pelo conceito de uso tradicional, ou seja, ele pode adquirir funções de acordo com a situação discursiva construída em adequação ao gênero proposto.

Apresentamos, no quadro 01, as relações retóricas emergidas no par dialógico da piada 1.

Quadro 09- Ocorrência das relações retóricas do par dialógico da piada 1.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Preparação	1
Total	1	1

3.1.2 Análise da piada 2

Piada 2

A mulher desempregada estava consultando os classificados e decide ligar para um anúncio de faxineira. No final da conversa, a senhora que atendeu lhe pergunta: - E quanto a senhora espera ganhar por dia? – Ah, por menos de sessenta Reais por dia eu nem saio de casa! - a mulher responde, categórica. – Mas isso é um absurdo! Eu sou professora e não ganho tudo isso! – E por que a senhora acha que eu parei de dar aula?

Fonte: [https:// www.piadasnet.com](https://www.piadasnet.com).

Apresentamos, em primeiro lugar, o texto da piada 2 de forma segmentada em três unidades de informação.

- (1) *A mulher desempregada estava consultando os classificados e decide ligar para um anúncio de faxineira.*
- (2) *No final da conversa, a senhora que atendeu lhe pergunta: - E quanto a senhora espera ganhar por dia? – Ah, por menos de sessenta Reais por dia eu nem saio de casa! - a mulher responde, categórica. – Mas isso é um absurdo! Eu sou professora e não ganho tudo isso!*
- (3) *— E por que a senhora acha que eu parei de dar aula?*

A análise, a partir da RST, possibilitou elaborar o diagrama 6 da macroestrutura da piada 2, a seguir:

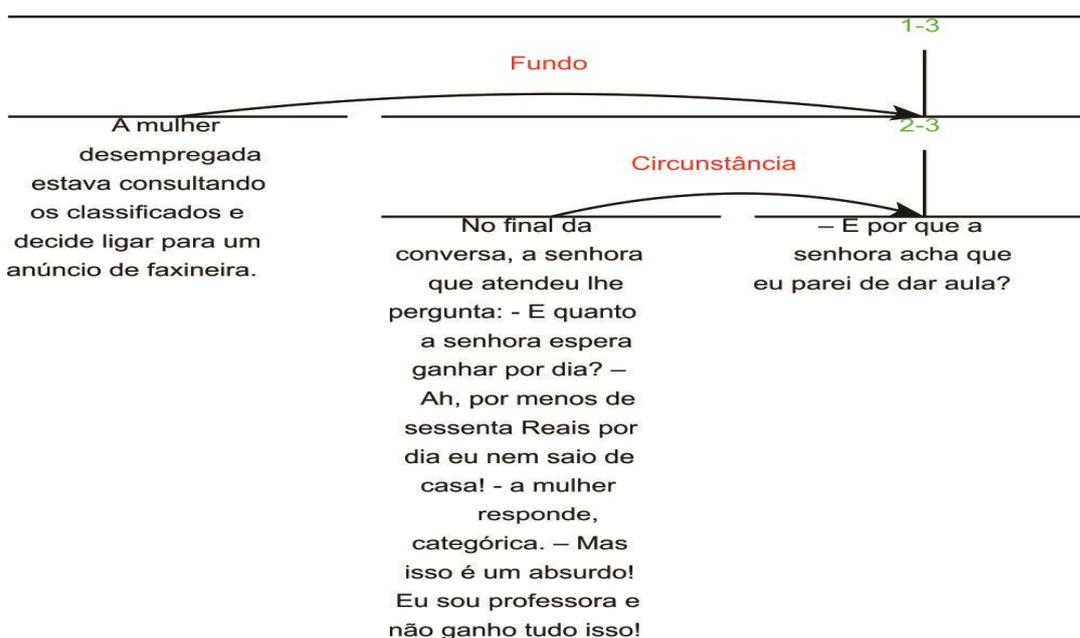


Diagrama 6: Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 2.

O diagrama 6 retrata que a piada 2 foi segmentada em três unidades de informação. Essas UIs foram agrupadas em duas outras porções: a UI (1), satélite, e as UIs (2-3), núcleo; assim é coerente propor que emerge entre elas a relação retórica núcleo-satélite de *fundo* (*background*). O estabelecimento dessa relação é plausível porque a UI (1), satélite, *A mulher desempregada estava consultando os classificados e decide ligar para*

um anúncio de faxineira, de acordo com Mann e Thompson (1988), situa o cenário no qual se passam os acontecimentos, ao identificar um dos personagens e o fato que motivou a continuidade da narrativa (a mulher desempregada que consultava os classificados e a ligação feita para um anúncio de faxineira).

A porção (2-3) caracteriza-se como núcleo em relação à UI (1), por apresentar uma informação mais central do texto. Essa porção foi segmentada na UI (2), satélite, e na UI (3), núcleo, sendo plausível dizer que emerge entre elas a relação retórica núcleo-satélite de *circunstância*. Dessa forma, a UI (2) — *No final da conversa, a senhora que atendeu lhe pergunta: - E quanto a senhora espera ganhar por dia? - Ah, por menos de sessenta Reais por dia eu nem saio de casa! - a mulher responde, categórica. - Mas isso é um absurdo! Eu sou professora e não ganho tudo isso!*— relata os fatos do conteúdo do satélite. A expressão “No final da conversa”, responsável por iniciar a UI (2), reforça a relação retórica de *circunstância*, ao indicar a temporalidade do evento, cuja pergunta, feita pela atendente, suscita o diálogo entre as duas mulheres.

Nos dizeres de Mann e Thompson (1988), no surgimento da relação de *circunstância*, na combinação de S + N, o satélite indica um conjunto de informações situacionais, de forma que o leitor se sente capaz de interpretar a situação presente no núcleo. Ao retomar o conteúdo da UI (2), verifica-se que o diálogo ocorrido entre os dois personagens da narrativa possibilita ao leitor interpretar o conteúdo da UI (3), e, ao mesmo tempo, entender a crítica implícita na piada.

Cabe ressaltar que a UI (2) apresenta informações sobre a questão de trabalho e de salário que os personagens passam a discutir, sendo que a contratante, a professora, não aceita o fato de a contratada, a faxineira, querer ganhar um salário melhor do que ela. Isso porque, para ser professor, é preciso, ao menos, ter um curso superior, o que não é exigido para a carreira de faxineira. Podemos dizer que o conflito estabelecido ocorre justamente pela discordância sobre a questão salarial entre os personagens, e, ao mesmo tempo, podemos inferir que os profissionais da educação são mal remunerados.

Para chegarmos a essa conclusão, ativamos a inferência do tipo *generalização*, de natureza *lexical e pragmática*, de acordo com Marcuschi (2008, p.255), a qual representa a saída de uma informação específica, por exemplo, de um lexema para chegar à afirmação de outra mais geral. Nesse caso, temos as palavras ‘*sou professora*’ e ‘*não ganho tudo isso*’, confirmando o fato de ser professora como uma informação específica, o que nos leva a uma informação mais geral, a de que a profissão de professor é mal remunerada. Para corroborar nossas palavras, citamos Dell’Isola (2001, p.109), que

argumenta: “ao ler as entrelinhas e integrar os dados do texto com a própria experiência ou conhecimento do mundo, o leitor infere de acordo com o seu “*background* que está enraizado em uma sociedade e em uma cultura.”.

Para finalizar a análise da piada 2 pelos pressupostos da RST, passamos à UI (3) da macroestrutura da piada 2 “— *E por que a senhora acha que eu parei de dar aula?*”. Essa unidade de informação corresponde à resolução da narrativa, e, por apresentar a informação mais central da piada, assume o papel de núcleo em relação à UI (2). Cabe salientar que a UI (3) se encarrega de, além de concluir a narrativa, propõe-se a acentuar a crítica, reforçada pela materialização de uma pergunta retórica, ou seja, uma pergunta que dispensa a resposta e, ao mesmo tempo, provoca a crítica no contexto de uma situação cômica que estampa a desvalorização do professor.

Com relação à estrutura retórica da sequência dialogal retratada na piada 2, apresenta-se um par dialógico (P-R), em que P é uma Pergunta formulada pela senhora contratante; e R é a resposta da suposta faxineira. Após configurado o par dialógico, ocorre um segmento opcional (SO), — *Mas isso é um absurdo! Eu sou professora e não ganho tudo isso!* — pois se trata de uma reação à R do par dialógico (P-R), P— *E quanto a senhora espera ganhar por dia?* R— *Ah, por menos de sessenta Reais por dia eu nem saio de casa!* — configurando a estrutura (P-R) SO. O Segmento opcional (SO) tem dupla função: a de comentar a primeira R, no contexto dialógico, e a de suscitar a resposta da suposta faxineira, R— *E por que a senhora acha que eu parei de dar aula?*, sendo que a R ao comentário de (SO) se apresenta, no contexto textual, em forma de uma pergunta. Ressaltamos que, na construção da tipologia de P-R, as funções textual- pragmáticas do par- dialógico são proeminentes em relação à sua forma. De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2006, p.135), dependendo do contexto textual- pragmático, às vezes, a R vem configurada como uma P. Esse fenômeno ocorre entre o segmento opcional (SO) e a segunda R na piada 2.

Segmentamos as unidades informacionais do par dialógico (P-R)SO e da sequência (SO-R) da piada 2.

Atente-se para SC: Senhora contratante PF: Possível faxineira

SC (1)- P- *E quanto a senhora espera ganhar por dia?*

PF (2)- R – *Ah, por menos de sessenta Reais por dia eu nem saio de casa!*

SC (3)- SO – *Mas isso é um absurdo! Eu sou professora e não ganho tudo isso!*

PF (4)- R – *E por que a senhora acha que eu parei de dar aula?*

Exibimos o diagrama 7 que representa a estrutura retórica do par dialógico e da sequência (SO-R) da piada 2.

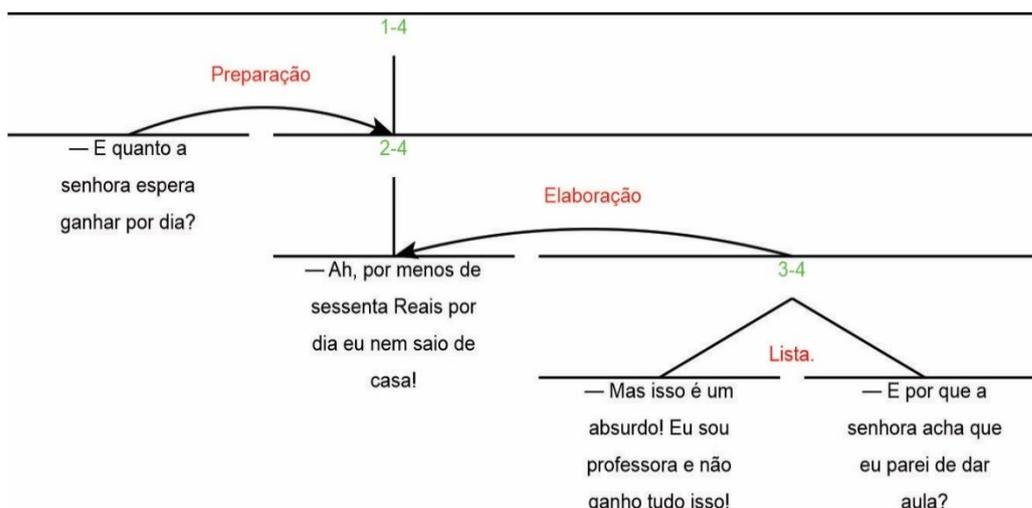


Diagrama 7: Estrutura Retórica do Par dialógico (P-R) SO e da sequência (SO- R) da piada 2.

À luz da RST, entre (1) — *E quanto a senhora espera ganhar por dia?* e (2- 4) — *Ah, por menos de sessenta Reais por dia eu nem saio de casa!* — *Mas isso é um absurdo! Eu sou professora e não ganho tudo isso!* — *E por que a senhora acha que eu parei de dar aula?*, estabelece-se a relação do tipo *núcleo-satélite*, sendo que (1) é o satélite e a pergunta-P, e (2-4) representa o núcleo e a resposta- R. Entre eles é plausível o surgimento da relação de *preparação*. Essa relação tem o papel de orientar o leitor a ler o conteúdo do núcleo.

Já entre (2), que é a resposta do par dialógico (P-R), — *Ah, por menos de sessenta Reais por dia eu nem saio de casa!* e (3-4) — *Mas isso é um absurdo! Eu sou professora e não ganho tudo isso!* — *E por que a senhora acha que eu parei de dar aula?*— que corresponde à sequência (SO-R) é possível a emergência da relação de *elaboração*. Os segmentos (3-4) fornecem informações adicionais ao Núcleo.

O Segmento Opcional (3) é adjacente à R (4). Nesse arranjo combinacional, se estabelece uma relação do tipo *multinuclear*. Entre eles é plausível a emergência da relação de *lista*. Entre os dois segmentos é perceptível uma comparação sobre a questão salarial e as profissões dos personagens. No segmento opcional (SO) — *Mas isso é um absurdo! Eu sou professora e não ganho tudo isso!* — encontramos o marcador discursivo *mas*, evidenciando uma conectividade, ou seja, sua função é a de auxiliar a organização textual.

É possível também cogitar que, na sequência(SO-R) emergja a relação núcleo-satélite, em que o SO é o núcleo e R é o satélite. Entre eles, é possível a emergência da relação retórica de **justificativa**. Preferimos considerar a primeira análise por atender mais adequadamente ao contexto discursivo.

A seguir, apresentamos a tabela 02, das relações retóricas ocorridas no par dialógico (P-R) SO e na sequência (SO-R) na macroestrutura da piada 2.

Quadro 10- Ocorrência das relações retóricas do par dialógico e sequência (SO-R) da piada 2.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Preparação	1
	Elaboração	1
Multinuclear	Lista	1
Total	3	3

3.1.3 Análise da Piada 3

Piada 3

Aquele político velho de guerra estava sendo julgado por corrupção. Enquanto transcorria o julgamento, ele aguardava em sua casa nervosamente. De repente, toca o telefone e o advogado encarregado da sua defesa diz, sem esconder a euforia: - Doutor, a justiça foi feita! – Vamos apelar! – responde o político.

Fonte: <https://www.piadasnet.com>.

Como nas análises anteriores, a piada 3 foi segmentada em três unidades de informação, conforme exposto a seguir:

- (1) *Aquele político velho de guerra estava sendo julgado por corrupção. Enquanto transcorria o julgamento, ele aguardava em sua casa nervosamente.*
- (2) *De repente, toca o telefone e o advogado encarregado da sua defesa diz, sem esconder a euforia: - Doutor, a justiça foi feita!*
- (3) *- Vamos apelar! - responde o político.*

No mesmo caminho das piadas 1 e 2, antes de fazermos as observações resultantes da análise, apresentamos o diagrama 8 da macroestrutura da piada 3.

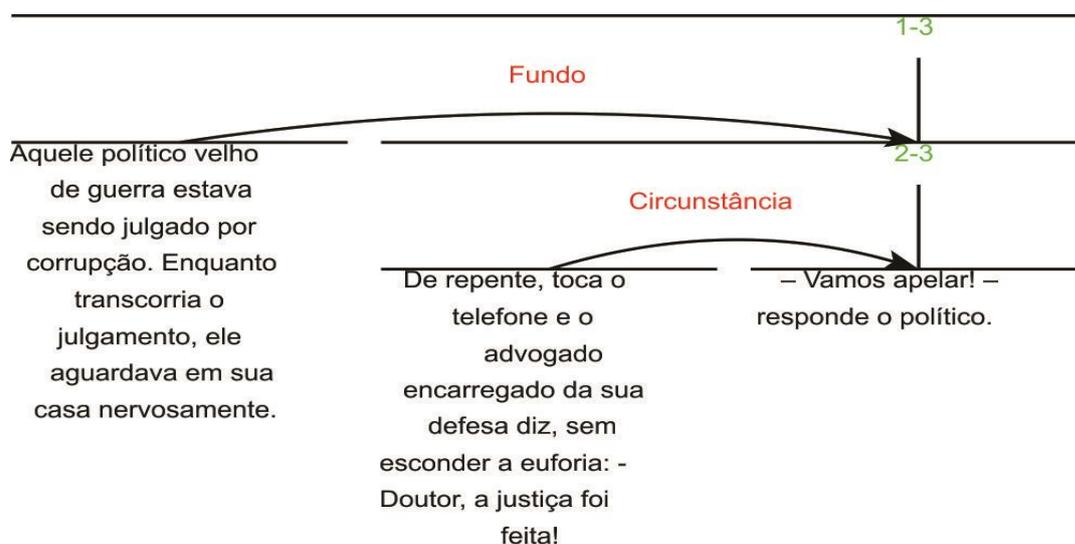


Diagrama 8: Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 3.

Como ocorrido nas piadas 1 e 2, a piada 3 apresenta uma organização textual tal como foram constituídas as duas primeiras, o que já nos sugere uma certa regularidade na estrutura composicional desse gênero. Assim, a piada 3 apresentou três unidades de informação; a UI (1) assume a função de satélite em relação à porção (2-3), emergindo, entre elas, a relação retórica do tipo núcleo-satélite. Entre essa combinação é possível estabelecer a emergência da relação de *fundo* ou *background*. O estabelecimento dessa

relação retórica se justifica pelo fato de a UI (1), satélite, — *Aquele político velho de guerra estava sendo julgado por corrupção. Enquanto transcorria o julgamento, ele aguardava em sua casa nervosamente.* — oferecer ao leitor elementos que o habilitam a compreender o conteúdo veiculado no núcleo — UIs (2-3) — (2) *De repente, toca o telefone e o advogado encarregado da sua defesa diz, sem esconder a euforia: — Doutor, a justiça foi feita!* (3) — *Vamos apelar!* — *responde o político.* Dessa forma, a UI (1) atua como uma moldura ou cenário preparatório da narrativa, pois situa o político corrupto, que aguarda o julgamento dele em casa.

A porção constituída pelas UIs (2-3) foi segmentada em duas unidades de informação. A UI (2) assume o papel de satélite, e a UI (3) corresponde ao núcleo. A UI (2) é encabeçada por “*De repente*”, que assume a função de organizador temporal da narrativa, corroborando a indicação da emergência da relação retórica núcleo-satélite de *circunstância* entre (2) e (3).

Realçamos as palavras de Adam (2011, p. 182) ao afirmar que “os organizadores temporais possuem uma propriedade interessante: a de poder se combinar conforme uma ordem de informatividade crescente”. Nesse caminho, a chamada telefônica do advogado interrompe o estado de nervosismo do político, em casa, e tal angústia o levou a interpretar “*a justiça foi feita*” como uma forma de incriminá-lo, ocasionando a afirmação na UI (3).

A relação retórica de *circunstância* se torna plausível pelo fato de a UI (2) levar o leitor ao reconhecimento de que a situação nela apresentada fornece a estrutura para interpretar o conteúdo do núcleo. Dizendo de outra forma, o leitor infere o humor desencadeado na UI (3) em decorrência da ligação feita pelo advogado ao político e, de maneira eufórica, diz que a justiça foi feita.

A UI (3) — *Vamos apelar!* — *responde o político.*, no papel de núcleo, veicula a informação central da piada e informa mais uma ação por parte do velho político, anunciando que iria apelar, que é uma atitude peculiar de políticos em geral. Essa unidade de informação, aliada à UI (2), se encarrega de dar o tom de humor à narrativa, pois pelo processo de inferência há a suposição de que os políticos corruptos sempre buscam uma estratégia para se defenderem a todo custo. Na situação evidenciada, o político entende que ele havia sido condenado, o que contribui para a caracterização do texto como uma piada.

Na organização retórica da sequência dialogal exibida na piada 3, é apresentada a sequência (SI-R), constituída pelo segmento inicial (SI) — *Doutor, a justiça foi feita!*, e a resposta- R, (2) — *Vamos apelar!*, em que o segmento inicial corresponde à UI (1) que

é proferida pelo advogado de defesa; e a resposta- R, correspondente à UI (2), formulada pelo político.

Vejamos a segmentação da estrutura retórica da sequência dialogal da piada 3 para a compreensão da sequência do segmento inicial e a resposta (SI-R).

Atente-se para Ad: advogado PL: Político

Ad- SI (1) -*Doutor, a justiça foi feita!*

PL- R (2) -*Vamos apelar!*

O diagrama 9 apresenta a estrutura retórica entre o SI e a R da piada 3:



Diagrama 9: Estrutura Retórica da Sequência (SI-R) da piada 3.

Analisados (1) e (2) pela ótica da RST no diagrama da piada 3, é possível estabelecer a relação do tipo núcleo-satélite. O conteúdo veiculado em (1) faz com que o leitor se interesse pelo que será proferido em (2). Nesse processo, o SI (1), é ancilar a R, (2), ou seja, (1) assume a função de satélite e (2) executa a função de núcleo nessa conexão.

Assim, é possível a emergência da relação retórica de *preparação*. A intenção é a de aumentar o interesse do leitor para o que está escrito no núcleo, que materializa uma resposta do político de forma equivocada.

A seguir, o quadro 11 indica a ocorrência das relações retóricas da sequência (SI-R) da piada 3:

Quadro 11- Ocorrência das relações retóricas da sequência (SI- R) da piada 3.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Preparação	1
Total	1	1

3.1.4 Análise da Piada 4

Piada 4

Muito nervoso, o cliente grita: - Garçom, essa sopa está com gosto de inseticida! O garçom responde, inconformado: - Cliente nunca fica satisfeito! Quando tem mosca, reclama. Quando a gente toma uma providência, reclama também!

Fonte: [https:// www. piadas + engraçadas](https://www.piadas+engracadas).

Conforme na noção de *idea unit*, a piada 4 foi segmentada em quatro unidades informacionais, como vemos a seguir.

- (1) —*Muito nervoso, o cliente grita:- Garçom, essa sopa está com gosto de inseticida!*
- (2) —*O garçom responde, inconformado:- Cliente nunca fica satisfeito!*
- (3) *Quando tem mosca, reclama.*
- (4) *Quando a gente toma uma providência, reclama também!*

Apresentamos o diagrama 10 indicando a macroestrutura da piada 4.

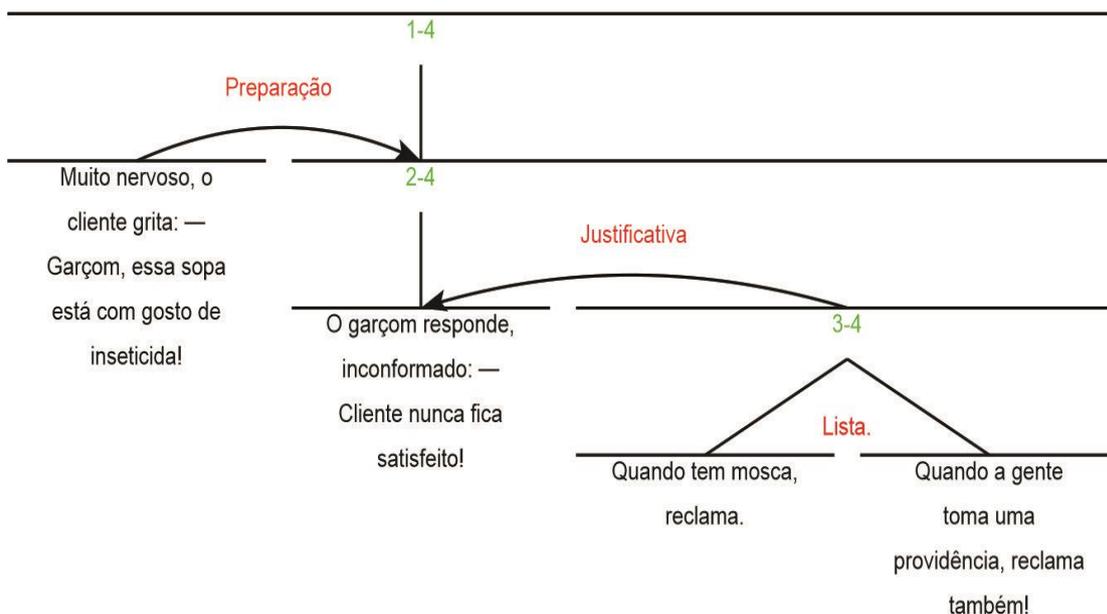


Diagrama 10: Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 4.

Nesse exemplo da piada 4, são exibidas duas porções textuais, sendo que a primeira porção se constitui da UI (1) — *Muito nervoso, o cliente grita — Garçom, essa sopa está com gosto de inseticida!*, e a segunda porção é composta das UIs (2- 4), (2) *O garçom responde, inconformado:— Cliente nunca fica satisfeito!* — (3) *Quando tem mosca, reclama.* — (4) *Quando a gente toma uma providência, reclama também!*.

Entre as duas porções estabelece-se a relação núcleo-satélite. A UI (1) é o satélite e se apresenta com uma marcação de um ponto de exclamação. É perceptível que nela materializa-se uma reclamação, ou podemos considerar como uma advertência. O cliente reclama que a sopa estava com gosto de inseticida.

As UIs (2-4) configuram-se como o núcleo e resposta e, ao mesmo tempo, apresentam uma recusa de advertência, correspondendo a um ato negativo, ou seja, o garçom se sente inconformado pela reclamação do cliente. Entre a UI (1) e as (2-4) é possível a emergência da relação retórica de *preparação*, ou seja, a relação de preparação visa a orientar o leitor para a compreensão do núcleo.

No núcleo composto por (2-4) se estabelece a conexão entre (2) e (3-4). É possível argumentar que entre eles emerge a relação de núcleo-satélite, sendo que a UI (2) é o núcleo (2) — *O garçom responde, inconformado: — Cliente nunca fica satisfeito!*, e as UIs (3-4) são o satélite — (3) *Quando tem mosca, reclama.* (4) *Quando a gente toma uma providência, reclama também!*. É plausível, nesse caso, a emergência da relação de

justificativa. A emergência dessa relação visa a que o leitor compreenda as informações contidas no satélite, por isso, aumenta a tendência em aceitá-las, ou seja, aumenta a tendência do leitor em aceitar o direito da argumentação do garçom, como podemos evidenciar, pois o garçom se sente inconformado por ele ter tomado a providência de acabar com as moscas e o cliente reclamar.

Ainda entre (3) e (4) ocorre outra conexão, e é perceptível a emergência da relação multinuclear de *lista*. As UIs (3) e (4) transmitem ao leitor informações de igual peso, como em — *Quando tem mosca, reclama. Quando a gente toma uma providência, reclama também!*

O tom de humor da piada 4 advém do fato de o garçom ter jogado inseticida na sopa, elemento responsável pela quebra de expectativa, sendo o gatilho proposto por Raskin (1979).

Conforme a segmentação da sequência dialogal, a piada 4 apresenta quatro unidades informacionais, como vemos a seguir.

Atente-se para C: cliente G: Garçom

C SI (1)- Garçom, essa sopa está com gosto de inseticida!

G R (2): - Cliente nunca fica satisfeito!

(3)Quando tem mosca, reclama.

(4) Quando a gente toma uma providência, reclama também!

O diagrama 11 representa a estrutura retórica da sequência (SI-R):

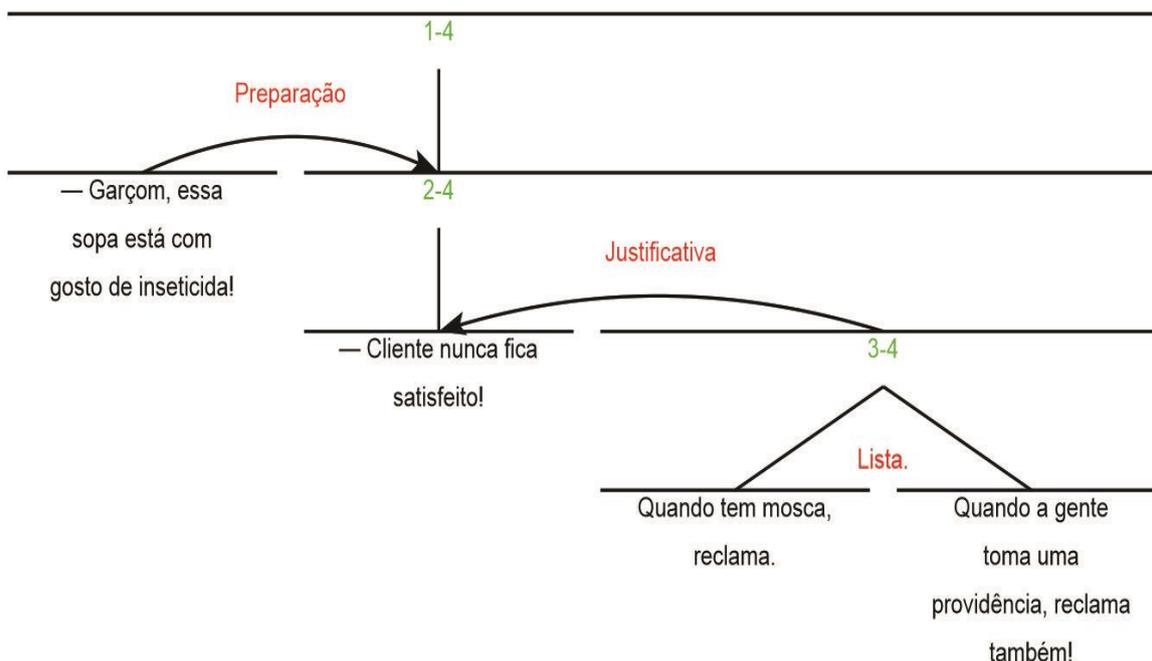


Diagrama 11: Estrutura Retórica da Sequência (SI-R) da piada 4.

No exemplo da piada 4, a constituição da estrutura retórica da sequência nos apresenta uma sequência (SI-R). O segmento inicial SI — *Garçom, esta sopa está com gosto de inseticida* — apresenta uma reclamação, a qual pelo contexto pragmático necessita de ser respondida, terminando com o ponto de exclamação. O SI que compõe a UI (1) é adjacente à resposta- R, (2- 4) — *Cliente nunca fica satisfeito! Quando tem mosca, reclama. Quando a gente toma uma providência, reclama também!* — que constitui a UI (2-4) e se configura, aparentemente, como uma resposta inadequada, porque é um enunciado contendo respostas não convencionais às providências tomadas pelo garçom. De acordo com Fávero, Andrade Aquino (2006), as condições de satisfação da resposta podem ser consideradas inadequadas, pois a R não atende às duas últimas condições de satisfação, porque existe um questionamento em relação ao conteúdo proposicional.

Entre o cliente (1) e o garçom (2-4) estabelece-se a relação *núcleo-satélite*. O SI (1) é o satélite, e a R (2) é o núcleo. Entre os dois é possível a emergência da relação retórica de *preparação*. A UI (1) exhibe informações que orientam o interlocutor para ler o conteúdo do núcleo.

Prosseguindo, entre (2) e (3-4) emerge a relação retórica de *Justificativa*. A compreensão das UIs (3-4) aumenta a tendência do interlocutor para aceitar o que se apresenta em (2).

Assim, entre (3) e (4) é plausível o surgimento da relação retórica de *Lista*. As UIs (3-4) estão no mesmo nível e são comparáveis; e entre elas é plausível a emergência da relação *de lista*.

Quadro 12- Ocorrência das relações retóricas da sequência (SI-R) da piada 4.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Preparação	1
	Justificativa	1
Multinuclear	Lista	1
Total	3	3

3.1.5 Análise da Piada 5

Papagaio e ladrão

Um ladrão pula o muro de uma casa. Quando está tentado arrombá-la, ouve uma voz que diz: – Jesus está te vendo!!! O ladrão assustado para e pergunta: – Como é??? E novamente ouve: – Jesus está te vendo!!! Ele usa a lanterna e vê que a voz vem de um papagaio e ele diz: – Ah, você que é Jesus??? E o papagaio responde: – Não. Eu sou o Judas. Então o ladrão diz: – Quem é o louco que põe o nome de Judas em um papagaio??? E o papagaio responde: – O mesmo louco que colocou o nome de Jesus naquele pittbul... PEGA ELE JESUS!!!

Fonte: [https:// www. piadas + engraçadas](https://www.piadas+engraçadas).

Conforme as análises anteriores, procedemos a segmentação da piada 5, a qual nos forneceu cinco unidades informacionais.

(1) *Um ladrão pula o muro de uma casa.*

(2) *Quando está tentado arrombá-la, ouve uma voz que diz:– Jesus está te vendo!!!*

(3) *O ladrão assustado para e pergunta:
– Como é???*

E novamente ouve:

– Jesus está te vendo!!!

Ele usa a lanterna e vê que a voz vem de um papagaio e ele diz:

– Ah, você que é Jesus???

E o papagaio responde:

– Não. Eu sou o Judas.

(4).Então o ladrão diz:

– Quem é o louco que põe o nome de Judas em um papagaio???

(5) E o papagaio responde:

– O mesmo louco que colocou o nome de Jesus naquele pittbul... PEGA ELE JESUS!!!

Demonstramos, no diagrama 12, a macroestrutura da piada 5.

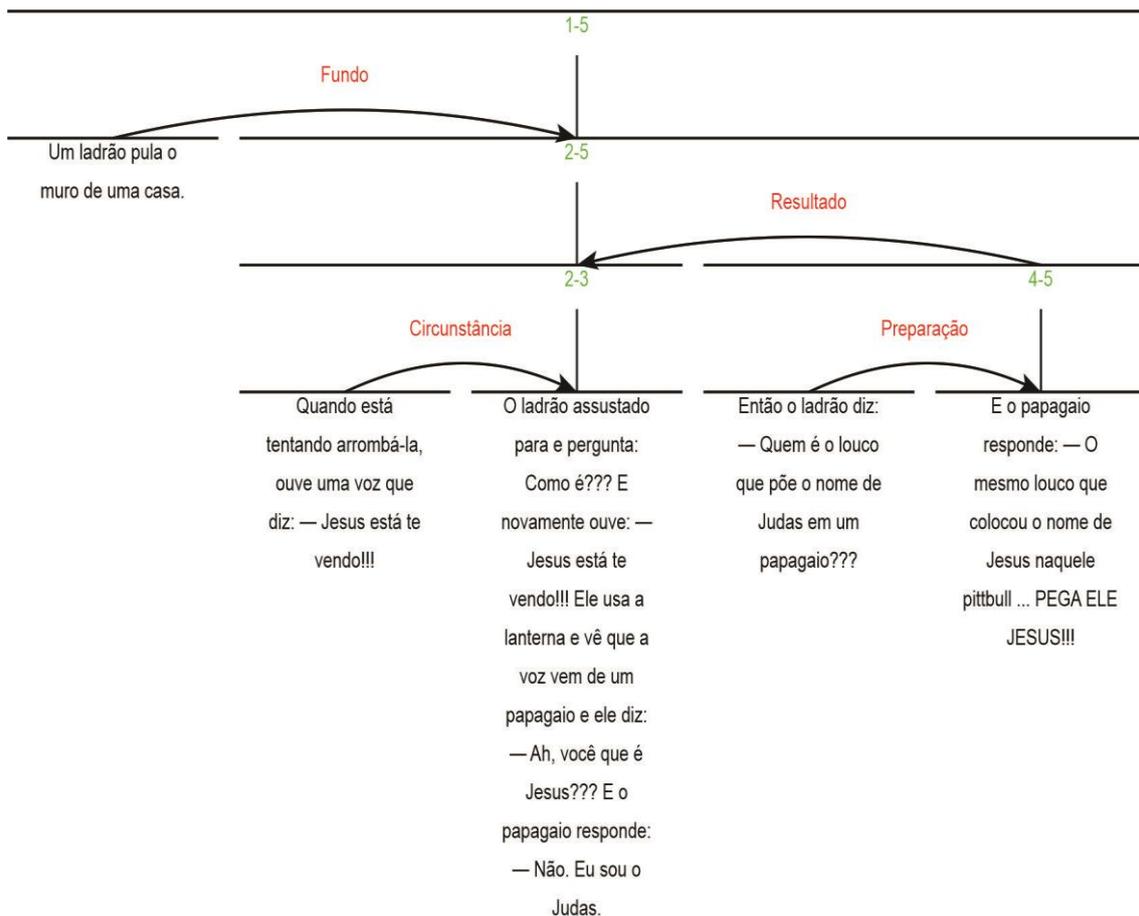


Diagrama 12: Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 5.

De acordo com os critérios da RST, dentre eles, a plausibilidade e considerando o diagrama da macroestrutura da piada 5, a análise nos mostra que, no nível mais alto, a UI (1) *Um ladrão pula o muro de uma casa*, é adjacente às UIs (2-5) — (2) *Quando está tentando arrombá-la, ouve uma voz que diz:— Jesus está te vendo!!!* — (3) *O ladrão assustado para e pergunta: — Como é??? — E novamente ouve:— Jesus está te vendo!!! — Ele usa a lanterna e vê que a voz vem de um papagaio e ele diz: — Ah, você que é Jesus??? — E o papagaio responde: — Não. Eu sou o Judas.* — (4) *Então o ladrão diz: — Quem é o louco que põe o nome de Judas em um papagaio???* — (5) *E o papagaio responde: — O mesmo louco que colocou o nome de Jesus naquele pittbul... PEGA ELE JESUS!!!*

Nessa conexão de (1) e (2-5), emerge a relação de *fundo*. O estabelecimento dessa relação tem por objetivo propiciar uma maior habilidade do leitor para entender o que está expresso no núcleo. A UI (1) contém a informação de que há um ladrão que pula o muro de uma casa e exhibe o cenário no qual se deflagrará o contexto da piada.

As UIs (2-5) integram o núcleo em relação à UI (1); nessa porção textual, há o desenvolvimento da piada e nela aparecem o momento do arrombamento da casa e a figura exótica, o papagaio.

A UI (2) — *Quando está tentando arrombá-la, ouve uma voz que diz: — Jesus está te vendo!!!* — está ancorada na UI (3) — *O ladrão assustado para e pergunta: — Como é??? — E novamente ouve: — Jesus está te vendo!!! — Ele usa a lanterna e vê que a voz vem de um papagaio e ele diz: — Ah, você que é Jesus??? — E o papagaio responde: — Não. Eu sou o Judas.* — e entre elas se estabelece a relação de *circunstância*.

A UI (2) é iniciada pelo marcador temporal *quando* que, na trama, indica o momento em que o ladrão está tentando arrombar a casa. O emprego dos marcadores é de grande importância na situação textual-discursiva porque, além de informar o tempo, o modo, por exemplo, ainda promove a coesão textual. Segundo Mann e Thompson (1988), as relações retóricas podem vir ou não marcadas por elementos de conexão como conectivos, marcadores discursivos e outros, o que ficou evidenciado pelo emprego de *quando* entre (2) e (3).

A porção textual constituída pelas UIs — (4) *Então o ladrão diz: — Quem é o louco que põe o nome de Judas em um papagaio???* — e (5) *E o papagaio responde: — O mesmo louco que colocou o nome de Jesus naquele pittbul... PEGA ELE JESUS!!!* — é adjacente à porção formada pelas UIs (2-3), correspondentes ao núcleo.

Nesse arranjo combinacional, entre (2-3) e (4-5) é possível postular a emergência da relação de *resultado*. Essa relação demonstra que o núcleo (2-3) causou a situação em (4-5), porque, no desencadeamento do diálogo, em (4) o ladrão questiona e avalia a atitude de quem colocou o nome de Judas no papagaio, o que vai implicar em (5), o entendimento do nome de Judas no papagaio; e o aparecimento de Jesus, que é o *pittbul*, e a ordem de atacar o ladrão.

O estabelecimento da relação de *resultado*, de acordo com Mann e Thompson (1988), tem por objetivo de mostrar ao leitor a situação causada pelo núcleo no satélite, ou seja, o fato de o ladrão arrombar a casa e o diálogo entre ele e o papagaio em torno dos nomes Judas e Jesus. Esse conjunto de informações provoca a curiosidade do leitor em saber qual seria o desfecho ou o resultado da situação exibida no exemplo da piada 5.

Estabelece-se, ainda a conexão entre a UI(4) — *Então o ladrão diz: – Quem é o louco que põe o nome de Judas em um papagaio???*— e a UI (5) *E o papagaio responde:– O mesmo louco que colocou o nome de Jesus naquele pittbul... PEGA ELE JESUS!!!*.

Nessa articulação, (4) é subsidiária a (5), ou seja, (4) é satélite de (5). Entre as duas unidades informacionais é plausível emergir a relação de *preparação*. A emergência da relação de *preparação* visa motivar o leitor para ler o enunciado do núcleo, que informa quem era Jesus e a ordem recebida por ele.

Conforme Costa (2014), a piada é uma narrativa de final surpreendente; quando isso acontece, deflagra-se a situação humorística, provocada pelas inserções dos personagens. A construção do humor se efetiva pelos elementos intertextuais que se remetem aos nomes religiosos de Judas, o traidor, e de Jesus, o traído, pela crença e o contexto sociocultural e religioso da onipresença do Pai. Na piada 5, esses elementos se coadunam para a passagem do modo *bona-fide* para o modo não *bona-fide*. No final da piada, descobre-se, realmente quem é Jesus, ou seja, o *pittbul* e fica no imaginário o que ele vai fazer com o ladrão.

A estrutura retórica da piada 5 nos apresenta um segmento inicial (SI) e três pares dialógicos (P-R). Vejamos a segmentação das unidades informacionais relacionadas ao SI e os três pares dialógicos.

Atente-se para Papagaio: PAP Ladrão: L

PAP- SI (1)- *Jesus está te vendo!!!*
L- P (2) –*Como é???*

PAP- R (3) – *Jesus está te vendo!!!*
 L- P (4) – *Ah, você que é Jesus???*
 PAP- R (5) – *Não. Eu sou o Judas.*
 L- P (6) – *Quem é o louco que põe o nome de Judas em um papagaio???*
 PAP- R (7) – *O mesmo louco que colocou o nome de Jesus naquele pittbul... PEGA ELE JESUS!!!*

A seguir apresentamos o diagrama 13 da estrutura retórica do par dialógico SI (P-R) e dos outros pares dialógicos (P-R) da piada 5:

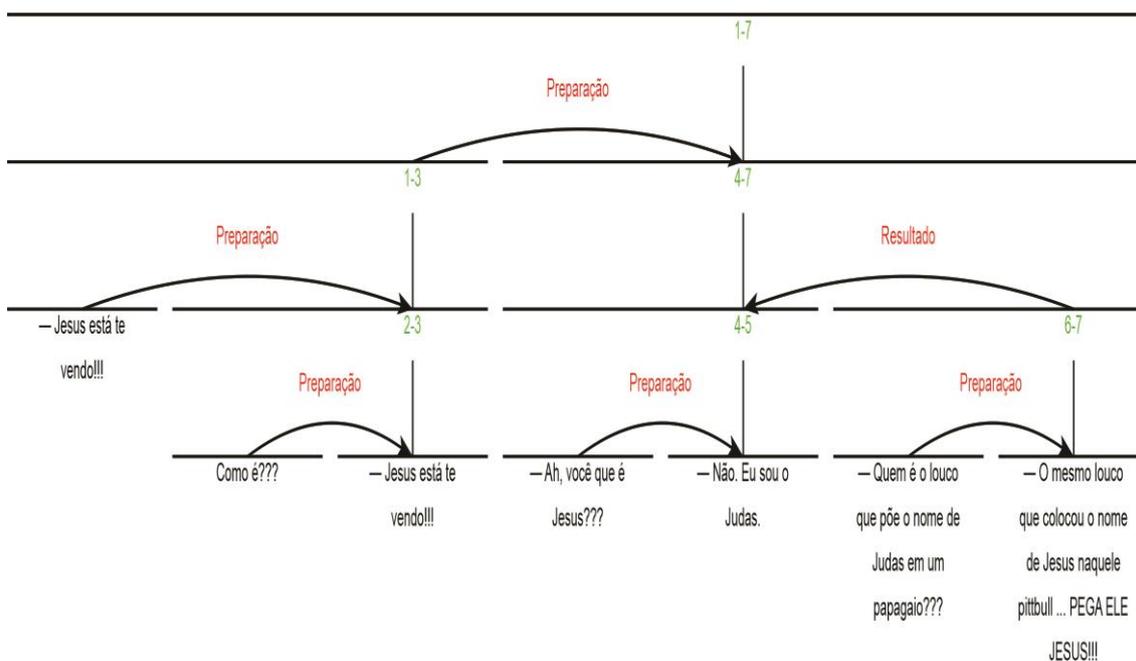


Diagrama 13: Estrutura Retórica dos Pares dialógicos da piada 5.

A estrutura retórica da sequência dialógica da piada 5 apresenta sete unidades informacionais, sendo que as UIs (1-3) constituem o par dialógico SI (P-R), formado pelo segmento inicial (SI) e a UI (1) — *Jesus está te vendo!!!* — e o par pergunta- resposta (P-R), sendo a P representada pela UI (2) — *Como é???* — e a R formada pela UI (3) — *Jesus está te vendo!!!*.

A UI (4) — *Ah, você que é Jesus???* — e a UI (5) — *Não. Eu sou o Judas.* — integram o primeiro par dialógico da tipologia pergunta- resposta (P-R), respectivamente.

A UI (6) — *Quem é o louco que põe o nome de Judas em um papagaio???*— e a UI (7) — *O mesmo louco que colocou o nome de Jesus naquele pittbul... PEGA ELE JESUS!!!* formatam o segundo par dialógico, (P-R), na devida ordem.

Nesse arranjo conversacional, há possibilidade da emergência das relações *núcleo-satélite* entre as UIs (1-3) e as UIs (4-7), sendo que (1-3) é o satélite e (4-7) representa o núcleo. Entre elas emerge a relação de *Preparação*, que tem como objetivo inserir o assunto, que deverá ser desenvolvido nos pares dialógicos posteriores e, ao mesmo tempo, buscar o interesse do leitor para lê-los.

No satélite, forma-se a combinação das UIs (1-3) e o SI, sendo que a UI (1) é o satélite, e o conjunto pergunta-resposta (P-R), que corresponde às UIs (2-3), assume o papel de núcleo. Sendo assim, entre (1) e (2-3) emerge a relação de *Preparação*, que introduz o assunto, despertando o interesse do leitor. Entre (2) e (3) é possível propor que há o estabelecimento da relação de *preparação*. O ladrão não entende o que o papagaio havia lhe dito; e, por isso, pede um esclarecimento em forma de pergunta. O leitor, provavelmente, se sente mais interessado para ler a resposta, ou seja, o núcleo. Ao responder, o papagaio repete o enunciado veiculado em (1). De acordo com Mann e Thompson (1988), a relação de *preparação* tende a fazer com que o leitor esteja mais interessado para ler o núcleo.

Na porção textual na qual se encontra o núcleo (4-7) é identificado o primeiro par dialógico (P-R) representado pelas UIs (4-5) — (4) — *Ah, você que é Jesus???* — e — (5) — *Não. Eu sou o Judas.*

Em seguida, é detectado o segundo par dialógico (P-R) composto pelas UIs (6-7) — (6) — *Quem é o louco que põe o nome de Judas em um papagaio???*, e, (7) — *O mesmo louco que colocou o nome de Jesus naquele pittbul... PEGA ELE JESUS!!!*.

Entre (4-5) e (6-7) é possível o estabelecimento da relação núcleo – satélite de *Resultado*. As UIs (4-5) são núcleo e (6-7) são o satélite. O leitor reconhece que o núcleo causou a situação no satélite.

Na constituição do 1º par dialógico (P-R) são localizadas as UIs (4-5). Entre os dois segmentos — (4) — *Ah, você que é Jesus???* — e (5) — *Não. Eu sou o Judas.* — estabelece-se a relação *núcleo-satélite*. Nesse caso, (4) é o satélite, e (5) representa o núcleo; na ligação entre (4) e (5) emerge a relação de *preparação*. O ladrão pergunta se o papagaio era o Jesus e obtém uma resposta negativa e a explicação de que ele era o Judas. Portanto, a emergência dessa relação busca preparar o leitor para a resposta, ou o que está escrito no núcleo.

Na conexão do 2º par dialógico (P-R), que são as UIs (6-7) estabelece-se a relação *núcleo-satélite*. A UI (6), que é a P — *Quem é o louco que põe o nome de Judas em um papagaio???* — representa o satélite; e a UI (7), que é a resposta — *O mesmo louco que colocou o nome de Jesus naquele pitbull... PEGA ELE JESUS!!!* — assume o papel de núcleo.

Nessa conexão, é possível emergir a relação de *preparação*. O ladrão faz, ao mesmo tempo, um julgamento que se estabelece em forma de uma pergunta. O leitor sente-se tentado a ler a resposta do núcleo, e nesse ponto, aguça-se a curiosidade de quem lê para a mensagem veiculada que irá, com certeza, provocar o humor.

Quadro13- Ocorrência das relações retóricas do SI (P-R) e pares dialógicos da piada 5.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Preparação	5
	Resultado	1
Total	2	6

3.1.6 Análise da Piada 6

Piada 6

O paciente chega ao psiquiatra, tímido e cabisbaixo: — Doutor, eu tenho dupla personalidade. — Esquenta não, meu filho. Senta aí e vamos conversar nós quatro.

Fonte: [https:// www. piadas + engraçadas](https://www.piadas+engracadas).

Com apoio na noção de *idea unit*, a piada 6 foi segmentada em cinco unidades informacionais, demonstrada a seguir:

- (1) *O paciente chega ao psiquiatra, tímido e cabisbaixo:*
- (2) *— Doutor, eu tenho dupla personalidade.*

- (3) — *Esquenta não, meu filho.*
 (4) *Senta aí*
 (5) *e vamos conversar nós quatro.*

Exibimos o diagrama 14 que apresenta a macroestrutura da piada 6:

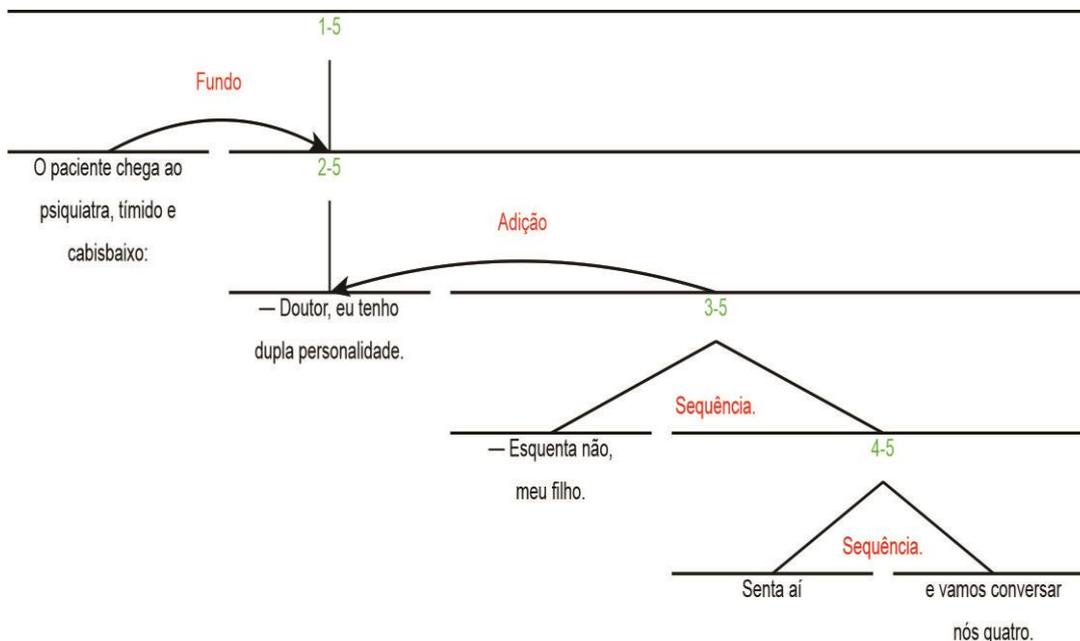


Diagrama 14: Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 6.

Pelos critérios da RST, a piada 6 apresenta cinco unidades de informação. Nesse arranjo combinacional, temos duas porções textuais, sendo que a primeira porção corresponde à UI (1) — *O paciente chega ao psiquiatra, tímido e cabisbaixo:* — e a segunda porção corresponde às UIs (2-5) — (2) — *Doutor, eu tenho dupla personalidade.* (3) — *Esquenta não, meu filho.* — (4) *Senta aí* — (5) *e vamos conversar nós quatro*, evidenciando a relação N-S.

A UI (1) é o satélite e as UIs (2-5) constituem o núcleo. Entre (1) e (2-5) é plausível advogar que emerge a relação de *fundo*. Segundo Mann e Thompson (1988), a emergência da relação de *fundo* incide sobre o leitor para deixá-lo informado sobre a situação expressa em (1) — um paciente que está deprimido vai ao consultório de um psiquiatra.

Na hierarquização textual, na conexão entre (2) — *Doutor, eu tenho dupla personalidade* e (3-5) — (3) — *Esquenta não, meu filho.* — (4) *Senta aí* — (5) *e vamos conversar nós quatro* — é estabelecida a relação de núcleo- satélite, sendo (2) o núcleo e (3-5) o satélite. Entre (2) e (3-5) é plausível interpretar que se estabelece a relação de

Adição, proposta por Correia (2011, p.36-37). Segundo essa autora, a restrição sobre N + S apresenta uma informação que foi acrescentada à que foi veiculada no núcleo. Sendo assim, o leitor reconhece que a informação se torna mais abrangente e mais completa, pela união da informação do núcleo e as do satélite.

A porção textual constituída por (3-5) exhibe ações que o médico passa a tomar. Nesse caminho, propomos que, entre (3) — *Esquenta não, meu filho* — e (4) *Senta aí* — (5) *e vamos conversar nós quatro* — emerge uma relação multinuclear. As UIs (3-5) são interpretadas como uma sequência de atos de fala. Dessa forma, é plausível que entre (3), (4) e (5) emerja relação de *sequência*. O leitor reconhece as relações de sucessão entre os núcleos. As unidades informacionais (4-5) estão interligadas pelo conectivo *e*. De acordo com Taboada (2006), as relações retóricas podem emergir por uma sinalização, como um marcador de discurso que venha a contribuir para a compreensão textual.

A informação transmitida pela UI (5) produz o efeito humorístico, pela transição do modo *bona-fide* para o modo não *bona-fide* que é executada de maneira rápida e de forma inesperada pela fala do psiquiatra — “*e vamos conversar nós quatro.*” — acentuando o poder do contexto sociocultural na construção da piada 6, pois, de acordo com Dell’Isola (2001), o leitor dispõe de redes conceituais pelas informações veiculadas no texto e se mune de conhecimentos apropriados pela vivência particular e social e na construção de diferentes graus de crença, ou seja, o relevo da sabedoria popular sobre os médicos psiquiatras, o de serem loucos.

Na composição da estrutura retórica da sequência dialogal da piada 6, não se apresenta o par dialógico (P-R). Nela, é exibida uma sequência de atos de fala, constituída de 4 segmentos, sendo o primeiro segmento inicial (S1) representando a fala do paciente e os três segmentos posteriores representando a fala do psiquiatra, conforme a segmentação descrita a seguir:

Atente-se para Paciente: PC Psiquiatra: PSI

PC- (S1) (1) - *Doutor, eu tenho dupla personalidade.*

PSI- (S) (2)- *Esquenta não, meu filho.*

(S) (3) *Senta aí*

(S) (4) *e vamos conversar nós quatro.*

Apresentamos o diagrama 15 da estrutura retórica da sequência dialogal da piada 6:

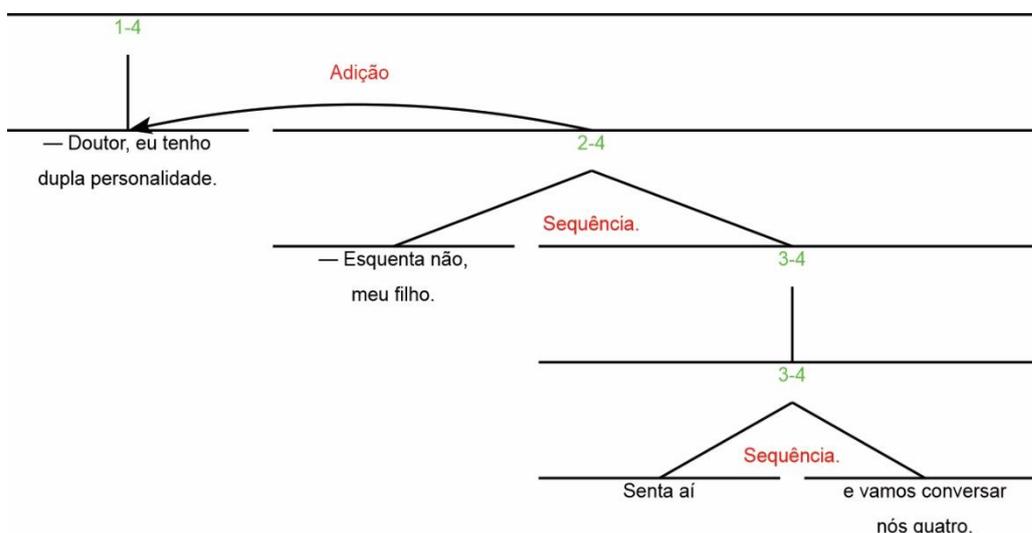


Diagrama 15: Estrutura Retórica da sequência dialogal da piada 6.

De acordo com a segmentação e a apresentação do diagrama da estrutura retórica da sequência dialogal da piada 6, não se verifica o par dialógico pergunta- resposta, estabelece-se a sequência que apresenta (SI-S). Visualizamos o segmento (SI) que forma a UI (1) — *Doutor, eu tenho dupla personalidade.* — que representa o núcleo. Contíguo a SI, o segmento posterior (S) forma as UIs (2-4) — *Esquentá não, meu filho.* — (3) *Senta aí* — (4) *e vamos conversar nós quatro.* — estabelecendo-se como satélite. No eixo combinatório de (1) e (2- 4), permite-se detectar a relação de *adição*.

Conforme foi analisado na macroestrutura, a relação de *adição* tem o propósito de ajuntar as informações contidas no satélite com as informações enunciadas no núcleo, para que o leitor tenha maior ciência sobre o tema tratado no núcleo e no satélite. Assim, o núcleo veicula a mensagem contida na parte mais central, ou seja, o motivo que levou o paciente ao médico. O satélite, por sua vez, transmite uma informação inesperada do médico que constitui atos de fala, como o de tranquilizar o paciente e, ao mesmo tempo, buscar uma interação entre eles.

O segmento posterior formado pelas UIs (2-4) proporcionam a emergência da relação retórica multinuclear *de sequência*, pois o leitor reconhece as relações de sucessão entre os núcleos.

Quadro 14- Ocorrência das relações retóricas da sequência dialogal da piada 6.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Adição	1
Multinuclear	Sequência	2
Total	2	3

3.1.7 Análise da Piada 7

Piada 7

Após a cirurgia: -Doutor, entendo que vocês médicos se vistam de branco.

Mas por que essa luz tão forte?- Meu filho, eu sou São Pedro.

Fonte: [https:// www. piadas + engraçadas](https://www.piadas+engraçadas).

Conforme o conceito de *idea unit* procedemos a segmentação da piada 7, que se constitui em três unidades de informação exibidas a seguir:

(1) *Após a cirurgia:*

(2) *- Doutor, entendo que vocês médicos se vistam de branco. -Mas por que essa luz tão forte?*

(3) *- Meu filho, eu sou São Pedro.*

No diagrama 16, é apresentada as relações retóricas da macroestrutura da piada 7:

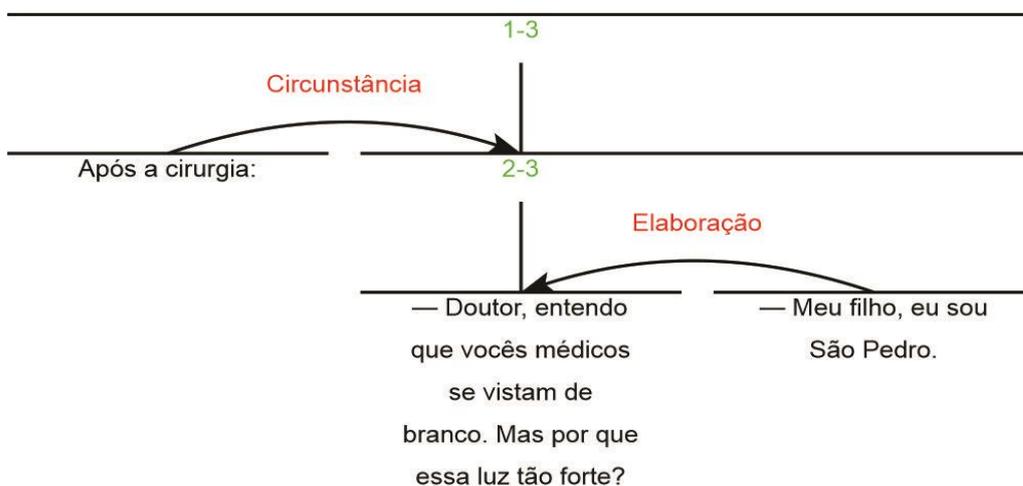


Diagrama 16: Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 7.

No diagrama 16, está representada a macroestrutura da piada 7 evidenciando que, no nível mais alto, emerge a relação núcleo- satélite entre a UI (1) e as UIs (2-3).

Nesse eixo combinatório, a UI (1) é o satélite, e as UIs (2-3) constituem o núcleo porque contêm informações imprescindíveis para a progressão do texto. Entre (1) — *Após a cirurgia:—* e (2-3) — (2) — *Doutor, entendo que vocês médicos se vistam de branco. — Mas por que essa luz tão forte?* — (3) — *Meu filho, eu sou São Pedro. —* é considerável a emergência da relação retórica de *circunstância*, pois em (1) é anunciado o fato que se concretizará em um momento posterior a ele.

O leitor reconhece que (1) descreve uma moldura para a interpretação de (2-3). No conjunto de (2-3), propõe-se que, entre (2) — *Doutor, entendo que vocês médicos se vistam de branco. — Mas por que essa luz tão forte?* — e (3) — *Meu filho, eu sou São Pedro. —* é possível a emergência da relação de *elaboração*.

A UI (3) visa fornecer pormenores, acrescentando mais informações ao núcleo porque o paciente que foi submetido a uma cirurgia fez um comentário sobre a cor branca da vestimenta dos médicos, mas não compreendeu o motivo de a luz ser tão forte. Portanto, (3) veicula a mensagem de que a cor branca e a luminosidade vistas pelo paciente, no contexto textual- discursivo, pela ativação da inferência, veicula indícios de ele não se encontrar na sala de operações, em outras palavras, havia falecido. Segundo Mann e Thompson (1988), o estabelecimento da relação de *elaboração* habilita o leitor a reconhecer que o satélite providencie detalhes adicionais para o núcleo. Sendo assim, o leitor identifica o elemento do assunto para o qual o detalhe é providenciado.

Embora a situação apresentada em (3) não suscite o humor, tenta, de certa forma, a implementar um tom jocoso com relação ao jogo das expressões: médicos se vistam de branco representando anjos e santos, luz tão forte e a metáfora de luminosidade celeste, doutor e São Pedro, ilustrando uma situação do imaginário popular sobre o passamento. Configura-se, no contexto textual, a transição do modo *bona-fide* para o modo não *bona-fide*, apresentando o processo inferencial do tipo indução de natureza lógica que é apropriação de um conjunto de informações, doutor, vestimentas brancas, luz tão forte, e para estabelecer uma conclusão de grau de verdade, o que propicia a compreensão textual.

No exemplo da piada 7 verifica-se, na sequência dialógica, a materialização do par dialógico (P-R), analisado sob a perspectiva das relações retóricas, de acordo com Mann e Thompson (1988).

Apresentamos a segmentação da estrutura retórica do par dialógico da piada7:

Atente-se para PC1: Paciente

SP: São Pedro

PCI- P (1) -Doutor, entendo que vocês médicos se vistam de branco. -Mas por que essa luz tão forte?

SP- R (2) - Meu filho, eu sou São Pedro.

Demonstramos, no diagrama 17, a estrutura retórica do par dialógico da piada 7:

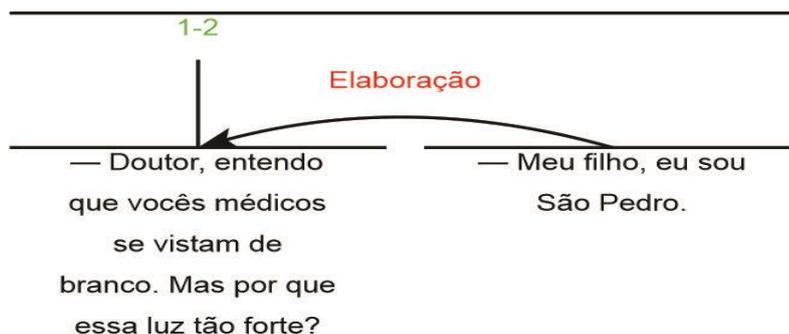


Diagrama 17: Estrutura Retórica do Par dialógico da piada 7.

A análise do diagrama 17 do par dialógico (P-R) nos fornece duas unidades de informação, sendo que a UI (1) representa a pergunta- P e o núcleo, a UI (2), constitui a resposta- R e o satélite. Nessa associação das unidades referidas, é admissível estabelecer a relação de *elaboração*. A UI (2) — *Meu filho, eu sou São Pedro.* — que corresponde a R, comunica ao leitor uma informação adicional para que ele compreenda a situação apresentada no núcleo, representado pela P — *Doutor, entendo que vocês médicos se vistam de branco. — Mas por que essa luz tão forte?*, ou seja, a porção textual considerada a mais central. Portanto, a R possibilita ao leitor compreender o engajamento existente entre (P-R) do par dialógico.

Encabeçando a pergunta, apontamos o marcador discurso *mas*, e ressaltamos que essa marca, no contexto discursivo, tem a função de organizador textual e assume um papel importante para a interação.

Quadro 15- Ocorrência das relações retóricas do par dialógico da piada 7.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Elaboração	1
Total	1	1

3.1.8 Análise da piada 8

Piada 8

A cartomante está vendo a sorte de um cliente na bola de cristal! – Vejo uma morena que o fez sofrer muito no passado. Agora vejo uma loira que o fará sofrer muito no futuro. – É minha mulher! Ela pintou o cabelo!

Fonte: [https:// www. piadas + engraçadas](https://www.piadas+engracadas).

A segmentação do exemplo da piada 8 é formalizada em três unidades informacionais, conforme vemos a seguir:

- (1) *A cartomante está vendo a sorte de um cliente na bola de cristal!*
- (2) *— Vejo uma morena que o fez sofrer muito no passado. Agora vejo uma loira que o fará sofrer muito no futuro.*
- (3) *— É minha mulher! Ela pintou o cabelo!*

No diagrama 18, apresentamos o diagrama da estrutura retórica da macroestrutura da piada 8:

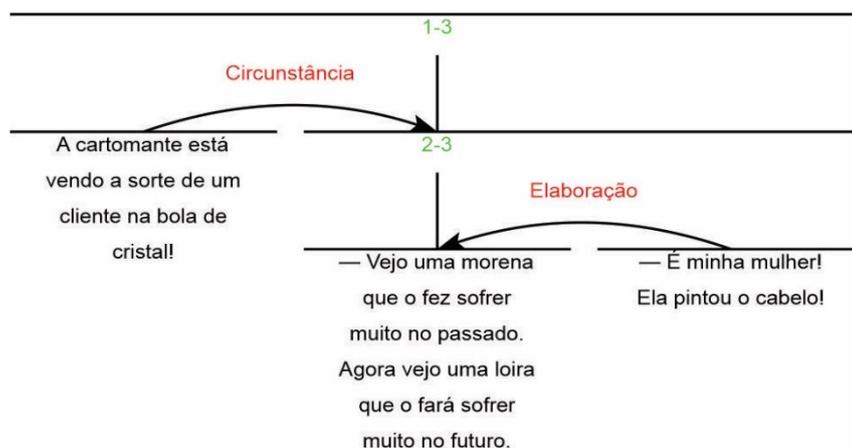


Diagrama 18: Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 8.

A organização da estrutura retórica da piada 8 nos retrata três unidades informacionais. O relacionamento entre as unidades e o critério da plausibilidade nos

permitem apontar que, entre a UI (1) — *A cartomante está vendo a sorte de um cliente na bola de cristal!* — e as UIs (2-3), (2) — *Vejo uma morena que o fez sofrer muito no passado. Agora vejo uma loira que o fará sofrer muito no futuro.*, (3) — *É minha mulher! Ela pintou o cabelo!* — há a configuração da relação núcleo- satélite.

Nesse relacionamento, estabelece-se a relação de *circunstância*. Segundo Mann e Thompson (1988), a emergência da relação de *circunstância* visa a definir um contexto no assunto, no qual se encontra uma cartomante que viu o passado e o futuro de um cliente numa bola de cristal. O objetivo da relação de *circunstância* é habilitar o leitor a reconhecer que o satélite fornece um contexto para interpretar o conteúdo do enunciado do núcleo, ou seja, as UIs (2-3).

No nível das UIs (2) — *Vejo uma morena que o fez sofrer muito no passado.* — *Agora vejo uma loira que o fará sofrer muito no futuro.* — e (3) — *É minha mulher! Ela pintou o cabelo!* — é concernente o estabelecimento da relação núcleo-satélite. Nesse processo, (3) fornece dados adicionais a (2), como o do cliente dizendo que a mulher loira, que o faria sofrer no futuro, era a mulher dele mesmo. Segundo ele, a mulher havia pintado o cabelo. Entre (2), núcleo, e (3), satélite, é razoável que emerja a relação de *elaboração*. As informações veiculadas em (2-3) e o contexto pragmático, por meio da ativação do processo de inferências, nos dão a entender que a mulher do cliente era alguém muito difícil ou temos a pressuposição de que era infiel, pois, de acordo com as informações dos personagens da narrativa, ela fez o marido sofrer no passado e o fará sofrer no futuro.

O tom de humorístico da piada 8 é muito sutil, porque na situação discursiva há informações implícitas, que nos fazem pressupor que o cliente sofreu e sofrerá por causa da mulher dele. Percebemos pela afirmação — *É minha mulher! Ela pintou o cabelo!* — que ele a identifica. Para a compreensão da piada em tela, foi processado o tipo de inferência de generalização e de natureza lexical e pragmática, que aponta a veiculação de um dado lexical específico como a mulher morena *versus* mulher loira que causará sofrimento e a atitude de constatação do marido. Dessa forma, visualiza-se uma informação menos preponderante para outra mais preponderante e um desfecho inesperado. Como ressalta Grice (1975, p.45), a construção do sentido está subjacente ao que é dito e não dito, o qual é ativado pelo contexto e outras fontes de ordem pragmática e pelas informações que estão encobertas — as informações implícitas.

Na construção do diálogo dos personagens cartomante e cliente, não se verifica o par dialógico (P-R) na forma convencional. Localizamos, na sequência dialogal, o segmento inicial e um outro segmento, constituindo da sequência (SI-S) no contexto da piada 8.

Apresentamos a segmentação da estrutura retórica da sequência (SI-S):

Atente-se para CT: Cartomante Cliente: Cl1

CT- SI (1) – *Vejo uma morena que o fez sofrer muito no passado. Agora vejo uma loira que o fará sofrer muito no futuro.*

CL1- S(2) – *É minha mulher! Ela pintou o cabelo !*

Apresentação o diagrama 19 da estrutura retórica das unidades informacionais da sequência (SI-S) da Piada 8:



Diagrama 19: Estrutura Retórica da Sequência dialógica da piada 8.

A segmentação e o diagrama 19 da piada 8 nos apontam que a UI (1) — *Vejo uma morena que o fez sofrer muito no passado. Agora vejo uma loira que o fará sofrer muito no futuro* — representa o segmento Inicial (SI) e o núcleo; e a UI (2) — *É minha mulher! Ela pintou o cabelo!* — constitui o segmento posterior e o satélite, estabelecendo-se a relação entre eles de núcleo-satélite de *elaboração*.

A análise nos indica que a UI (1) descreve a informação de uma mulher que causa sofrimento no passado e no futuro de um cliente, enquanto a UI (2) informa que o cliente reconhece que essa mulher era a esposa dele, que mudou a cor do cabelo. Nesse contexto,

é possível a emergência da relação de *elaboração* que possibilita ao leitor o reconhecimento de que o satélite, a UI (2), apresenta detalhes adicionais ao núcleo.

Quadro 16- Ocorrência das relações retóricas do (SI-S) da piada 8.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo- satélite	Elaboração	1
Total	1	1

3.1.9 Análise da piada 9

Traição

Na fila do céu, dois amigos se encontram e um pergunta para o outro: – Como você morreu? – Congelado. – E você, como morreu? – Ataque cardíaco. – E como foi isso? – Imagine que preparei uma arapuca pra minha mulher. Disse que ia viajar e voltei pra casa à noite pra flagrá-la com um amante, mas, ao chegar em casa, encontrei ela sozinha. Aí, deu um ataque cardíaco e eu morri de alegria. – Se você tivesse olhado no freezer, nós dois estaríamos vivos!!!

Fonte: [https:// www. piadas + engraçadas](https://www.piadas+engraçadas).

Apresentamos o texto segmentado em unidades de informação a seguir:

(1) Na fila do céu, dois amigos se encontram

(2) e um pergunta para o outro:

(3) – Como você morreu?

— Congelado.

— E você, como morreu?

— Ataque cardíaco.

— E como foi isso?

— Imagine que preparei uma arapuca pra minha mulher. Disse que ia viajar e voltei pra casa à noite pra flagrá-la com um amante, mas, ao chegar em casa, encontrei ela sozinha. Aí, deu um ataque cardíaco e eu morri de alegria.

(4) — Se você tivesse olhado no freezer, nós dois estaríamos vivos!!!

Apresentação do diagrama 20 da macroestrutura do exemplo da piada 9:

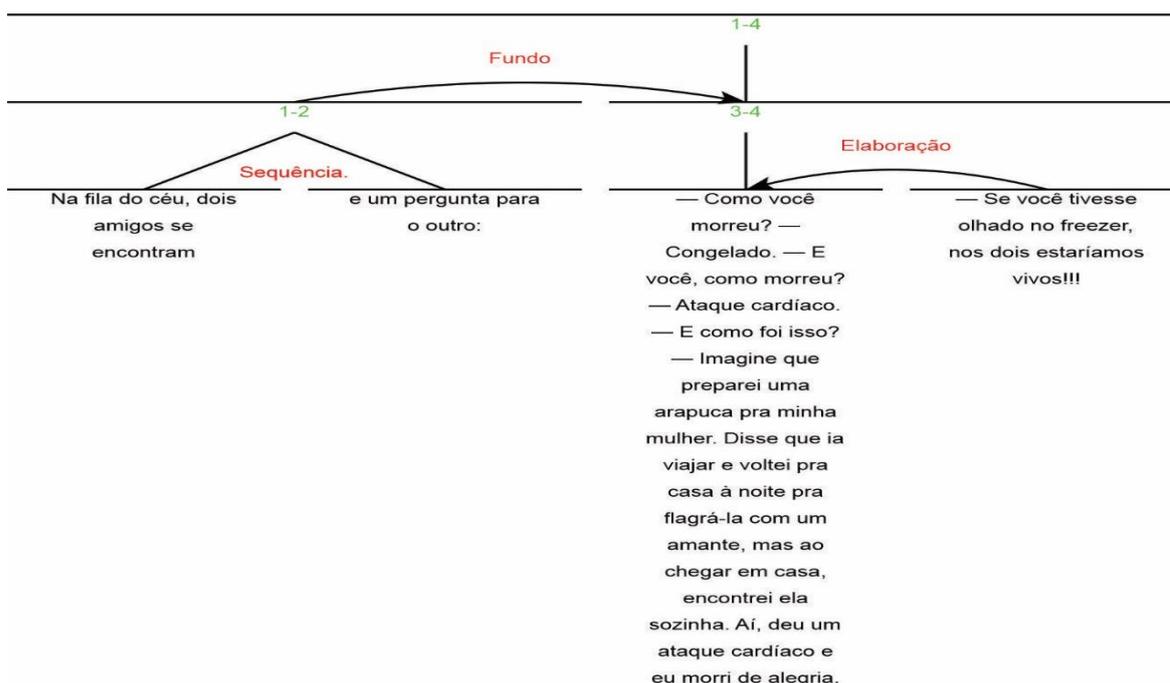


Diagrama 20: Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 9.

A organização da estrutura retórica da macroestrutura da piada 9 nos mostra duas porções textuais.

A primeira composta pelas UIs (1-2), (1) — *Na fila do céu, dois amigos se encontram* — (2) *e um pergunta para o outro:*. E, a segunda é formada pelas UIs (3-4), (3) — *Como você morreu?— Congelado. — E você, como morreu? — Ataque cardíaco. — E como foi isso?— Imagine que preparei uma arapuca pra minha mulher. Disse que ia viajar e voltei pra casa à noite pra flagrá-la com um amante, mas, ao chegar em casa, encontrei ela sozinha. Aí, deu um ataque cardíaco e eu morri de alegria.* — (4) — *Se você tivesse olhado no freezer, nós dois estaríamos vivos!!!.*

Nessa trama combinacional, é plausível que, entre as UIs (1-2) e as UIs (3-4) seja estabelecida a relação núcleo-satélite. O núcleo é composto pelas (3-4), precedendo a ele as UIs (1-2), que formam o satélite. Entre (1-2) e (3-4) é admissível o estabelecimento da relação de *fundo*. As UIs (1-2) apresentam ao leitor as informações sobre como dois amigos morreram, estavam em uma fila no céu e iniciaram uma conversa, identificando um cenário.

A segunda porção textual, a UI (3) — *Como você morreu? — Congelado. — E você, como morreu?— Ataque cardíaco. — E como foi isso?— Imagine que preparei uma arapuca pra minha mulher. Disse que ia viajar e voltei pra casa à noite pra flagrá-*

la com um amante, mas, ao chegar em casa, encontrei ela sozinha. Aí, deu um ataque cardíaco e eu morri de alegria — assume a centralidade, configurando-se como núcleo; e cabe a (4) — *Se você tivesse olhado no freezer, nós dois estaríamos vivos!!!* — a função de satélite.

Entre o núcleo, (3-4), e o satélite, (5), é provável que emergja a relação de *elaboração*. Em (3), apresenta-se um diálogo entre o Marido e o Amante e cada um narra como morreu. A UI (4), que é o satélite, adiciona dados ou detalhes ao assunto, ou à situação ocorrida no núcleo, ou seja, foi acrescentado ao núcleo que, se o marido traído tivesse olhado no freezer, provavelmente ambos, marido e amante estariam vivos.

Evidencia-se ainda na primeira porção que, entre (1) e (2) emerge a relação do tipo multinuclear de *sequência*. As UIs (1) — *Na fila do céu, dois amigos se encontram*, e (2) — *e um pergunta para o outro:* — constituem núcleos que se interligam sucessivamente. Segundo Mann e Thompson (1988), a emergência da relação de *sequência* reflete que o leitor reconhece que as informações constituem uma cadeia sucessiva de fatos, os quais, nesse exemplo, estão ligados pela marca de conectividade *e*.

De acordo com os teóricos supracitados, as relações retóricas que emergem entre as unidades nem sempre são sinalizadas, mas dependendo do objetivo do texto podem ocorrer sinalizações como o marcador *e*, ligando fatos contíguos.

No que tange ao estabelecimento do humor da piada 9, este se consagra quando a verdade vem à tona, pois é evidenciada uma contraposição evocada pelo contexto pragmático. O marido morreu de alegria, achando que não havia sido traído, e o amante morreu congelado, por se esconder dentro de um freezer. Dessa forma, o contexto discursivo da piada 9 apresenta um jogo de ideias explícitas e implícitas para chegar a sua verdadeira intenção.

De acordo com Raskin (1979), a piada é compatível a dois cenários diferentes e opostos, a traição *versus* não traição, a morte do marido ocorrida pela boa surpresa que não era verdadeira, e a morte do amante da mulher ocorrida por encobrir a verdade que se resumem na morte alegre do marido traído *versus* a morte do amigo -‘traíra’ congelado, efetuando-se o *nonsense*, pelo discurso inesperado, ao final do texto.

Na configuração da estrutura retórica do exemplo da piada 9, verificamos a existência de pares dialógicos (P-R) SO.

Exibimos a segmentação dos pares dialógicos e segmento da piada 9:

Atente para Marido (M) Amante (A)

M - P (1) – Como você morreu?

A- R (2) – Congelado.

A- P (3)- E você, como morreu?

M- R (4) – Ataque cardíaco.

A - P (5) – E como foi isso?

M- R (6) – Imagine que preparei uma arapuca pra minha mulher. Disse que ia viajar e voltei pra casa à noite pra flagrá-la com um amante, mas, ao chegar em casa, encontrei ela sozinha. Aí, deu um ataque cardíaco e eu morri de alegria.

A- SO (7) – Se você tivesse olhado no freezer, nós dois estaríamos vivos!!

Apresentação o diagrama 21 da estrutura retórica das unidades informacionais do par dialógico (P-R) SO da Piada 9:

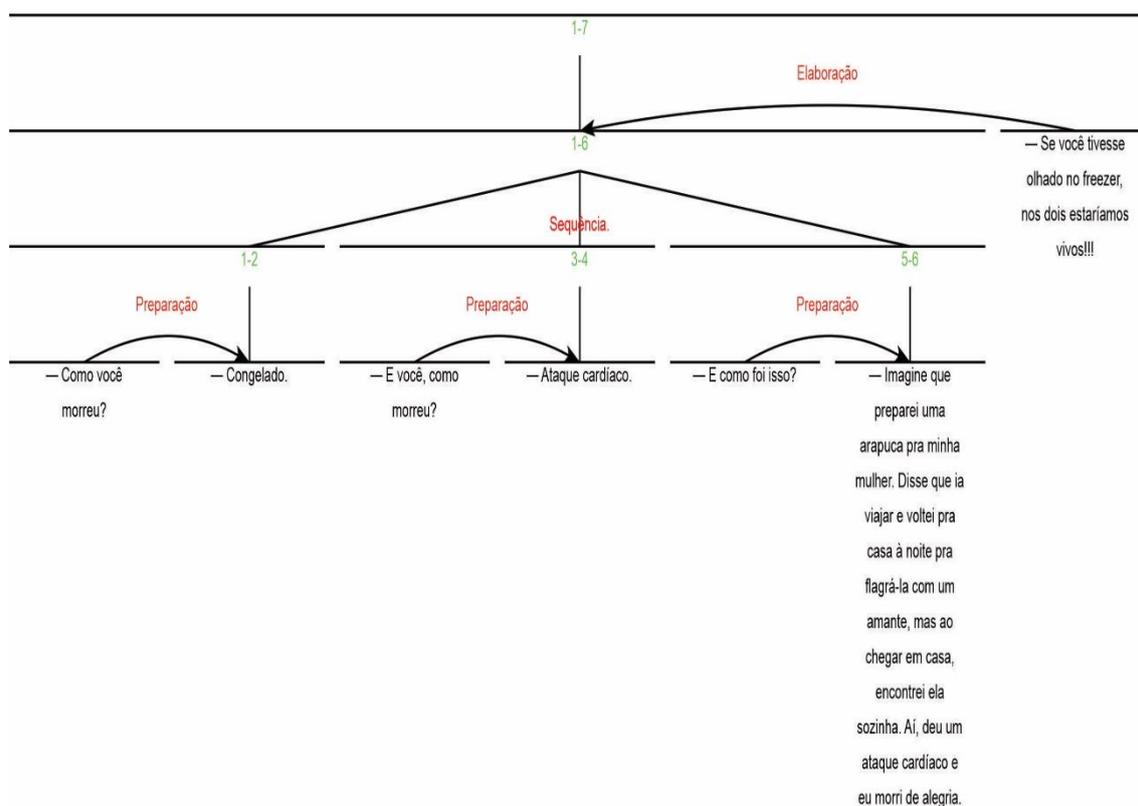


Diagrama 21: Estrutura Retórica do Par dialógico (P-R) SO da Piada 9.

O diagrama 31 da estrutura retórica dos pares dialógicos e segmento opcional nos apresenta sete unidades de informação, que se estabelecem em três pares dialógicos (P-R) e o segmento opcional (SO), que ocorre após o último par dialógico.

Esse segmento é denominado por Fávero, Andrade e Aquino (2006) de opcional e adiciona informações em relação à forma de como cada personagem havia morrido.

Os pares dialógicos (1-2), (3-4) e (5-6) formam o conjunto de (1-6). Entre eles é possível o estabelecimento da relação multinuclear de *sequência*. Essa relação é descrita pela sucessão entre as situações apresentadas nos pares dialógicos. O leitor reconhece que as informações constituem uma cadeia sucessiva entre elas.

Entre o conjunto dos pares dialógicos formado pelas UIs (1-6), (1) — *Como você morreu?* — (2) — *Congelado.* — (3) — *E você, como morreu?* — (4) — *Ataque cardíaco.* — (5) — *E como foi isso?* — e (6) — *Imagine que preparei uma arapuca pra minha mulher. Disse que ia viajar e voltei pra casa à noite pra flagrá-la com um amante, mas, ao chegar em casa, encontrei ela sozinha. Aí, deu um ataque cardíaco e eu morri de alegria.* — e o segmento (SO) composto pela UI (7) — *Se você tivesse olhado no freezer, nós dois estaríamos vivos!!!* — é plausível a emergência da relação núcleo- satélite, sendo que (1-6) representa o núcleo, e (7) assume o papel de satélite. Entre eles há a viabilidade do estabelecimento da relação retórica de *elaboração*. Segundo Mann e Thompson (1988), essa relação apresenta dados adicionais sobre a situação apresentada em (1-6). O leitor reconhece que (7) executa essa função.

Em uma outra interpretação, é plausível considerarmos também a emergência da relação de *lista* entre os pares dialógicos: (1-2), (3-4) e (5-6), já que as perguntas são recorrentes, como, por exemplo, — *Como você morreu?*— e as respostas apontam o motivo da morte de cada um, constituindo-se itens comparáveis. Segundo Meira (2015, p.199-200), existem relações retóricas plausíveis que podem ser interpretadas como uma e/ou outra, no contexto discursivo, para determinação, de forma plausível, de uma delas. Isso porque se percebe que há equivalência ou semelhança em certas relações, o que pode ser explicado pelo fato de essas relações terem características aproximadas, como é retratado nos quadros das definições das relações retóricas da RST, no item 1.22. Fizemos a opção pela relação de *sequência*, porque na situação discursiva os fatos se desenvolveram, formando um encadeamento de pares dialógicos, por isso, a relação de *sequência* é mais condizente para os nossos objetivos.

Na estruturação do primeiro par dialógico (1-2), a UI (1) — *Como você morreu?*— representa a pergunta — e a UI (2) — *Congelado* — representa a resposta. Entre elas é possível estabelecer a relação núcleo- satélite de *preparação*, sendo que a UI (1) é o satélite; e a UI (2) é o núcleo. A intenção da relação de *preparação* é fazer com que o leitor esteja mais interessado para ler o núcleo.

Os dois últimos pares dialógicos (3-4) e (5-6) têm a mesma estrutura e análise que o primeiro par dialógico (1-2) apresenta. Assim, fizemos um quadro descritivo demonstrando o processo analítico.

Quadro 17- Análise dos pares dialógicos (3-4) e (5-6) da piada 9

Descrição	Par dialógico		Relação Núcleo – Satélite		Nome das Relações	Intenção das Relações
	Pergunta	Resposta	Satélite	Núcleo		
2ºpar (3-4)					Preparação	Fazer com que o interlocutor esteja mais interessado para ler o núcleo.
	(3) - <i>E você, como morreu?</i>	(4) - <i>Ataque cardíaco.</i>	(3)	(4)		
3ºpar (5-6)	(5) – <i>E como foi isso?</i>	(6) – <i>Imagine que preparei uma arapuca pra minha mulher. Disse que ia viajar e voltei pra casa à noite pra flagrá-la com um amante, mas, ao chegar em casa, encontrei ela sozinha. Aí, deu um ataque cardíaco e eu morri de alegria.</i>	(5)	(6)		

A UI (7) — *Se você tivesse olhado no freezer, nós dois estaríamos vivos!!!* — que é o segmento opcional (SO), se trata de uma reação às UIs (1-6), pois veicula informações acrescidas, conforme já foi ressaltado no segundo e quarto parágrafos da presente análise.

Quadro 18- Ocorrência das relações retóricas do par dialógico e segmento da piada 9.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência

Núcleo- satélite	Elaboração	1
	Preparação	3
Multinuclear	Sequência	1
TOTAL	3	5

3.1.10 Análise da piada 10

Separação

Um casal de velhos estava discutindo sobre a possível separação. O velho disse à mulher. — Aqui, se nós divorciá, Ocê nunca vai acha um Homi iguá Eu! A mulher prontamente responde: — Deus te ouça!!!

Fonte: [https:// www. piadas + engraçadas](https://www.piadas+engracadas).

O texto da piada 10 foi segmentado em três unidades informacionais, conforme vemos a seguir:

- (1) *Um casal de velhos estava discutindo sobre a possível separação.*
- (2) *O velho disse à mulher. - Aqui, se nós divorciá, ocê nunca vai acha um Homi iguá Eu!*
- (3) *A mulher prontamente responde:- Deus te ouça!!!*

Apresentamos o diagrama 22 da macroestrutura da piada 10:

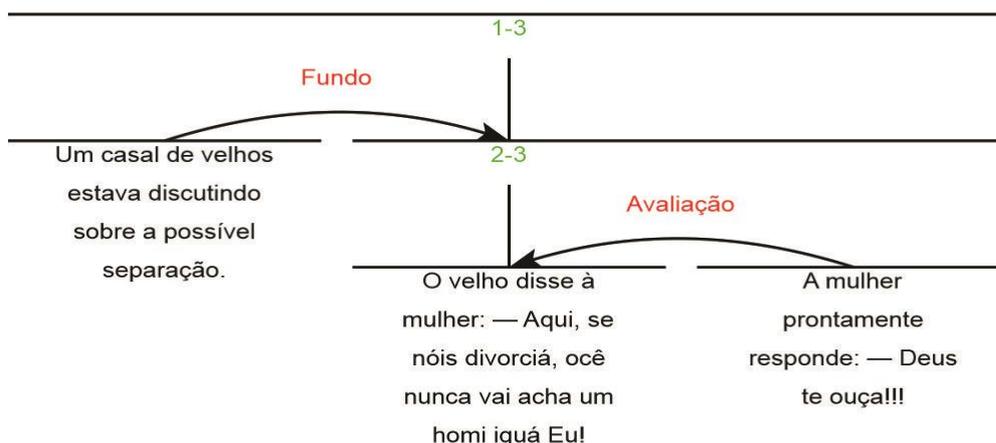


Diagrama 22: Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 10.

Conforme, Mann e Thompson (1988), a análise das relações retóricas é subjetiva, o que significa que pode haver mais de uma interpretação. Entretanto, para os autores, devemos escolher a relação mais proeminente. Dessa forma, o diagrama da estrutura retórica da macroestrutura da piada 10 nos dá possibilidade de detectar a relação *núcleo-satélite* entre a associação das três unidades de informação visualizadas.

Assim, a associação entre a UI (1) — *Um casal de velhos estava discutindo sobre a possível separação* — e as UIs (2-3) — (2) *O velho disse à mulher. — Aqui, se nós divorciá, ocê nunca vai acha um Homi iguá Eu!* — (3) *A mulher prontamente responde: — Deus te ouça!!!* — permite considerar que (1) representa o satélite, e (2-3) é o núcleo dessa relação. Entre (1) e (2-3) é plausível detectarmos a relação de *Fundo*. Sendo assim, a relação de *fundo* propõe que em (1) seja apresentado o contexto situacional ao leitor, de modo que ele venha a compreender as informações posteriores em (2-3).

No conjunto das UIs (2-3), a UI (2) — *O velho disse à mulher. — Aqui, se nós divorciá, ocê nunca vai acha um Homi iguá Eu!* — assume a nuclearidade, pois a informação transmitida ao leitor é mais proeminente. Portanto, cabe a (3) — *A mulher prontamente responde: — Deus te ouça!!!* — a função de satélite. No relacionamento entre as unidades (2) e (3), é considerável a emergência da relação retórica *de avaliação*. Essa relação tem o objetivo de que o leitor reconheça que o satélite confirma a informação veiculada no núcleo e discerne o valor que lhe foi atribuído.

A leitura do texto da piada 10 vem nos direcionar para uma determinada situação que é a separação de um casal de velhos. O marido, na tentativa de fazer com que a mulher desista da separação, efetua a argumentação de que ela não vai achar um homem como ele. A partir dessas palavras, que é o gatilho para que o humor seja produzido, deparamos com uma resposta inesperada da mulher que se materializa pela locução interjetiva: — *Deus te ouça!!!*.

No contexto do discurso, pela ativação da operação inferencial do tipo indução, de natureza lógica, chegamos a uma conclusão: de que a mulher faz uma avaliação do marido e quer um homem bem diferente dele. O tom humorístico se deve à informação explícita contida na resposta da mulher que implica um desejo, que acarreta uma informação implícita e sutil.

Na macroestrutura da piada 10, situamos que não ocorreu o par dialógico (P-R). Localizamos, na estrutura dialogal, a sequência (S1-R).

Para a análise, segmentamos a estrutura retórica da sequência (SI-R), conforme é demonstrado a seguir:

Atente-se para Marido: M1 Mulher: ML

M1 SI- (1) - Aqui, se nós divorciá, ocê nunca vai acha um Homi iguá Eu!

ML R- (2) - Deus te ouça!!!

Apresentamos o diagrama 23 da sequência dialogal da piada 10



Diagrama 23: Estrutura Retórica da Sequência dialogal (SI-R) da piada 10.

Na configuração da estrutura retórica da sequência (SI-R), são constituídas duas unidades informacionais e a existência da relação núcleo-satélite, sendo que a UI (1) — *Aqui, se nós divorciá, Ocê nunca vai acha um Homi iguá Eu!* — representa o núcleo e

corresponde à SI, e a UI (2) — *Deus te ouça!!!* — é o satélite e representa a resposta — R.

A UI (1) veicula informações de maior abrangência, pois a partir de sua materialização surge uma resposta inusitada, constituindo-se a UI (2).

Entre a UI (1) e a UI (2) ocorre a sequência SI – R, na qual é possível considerar a emergência da relação de *interjeição*, pois a R, que é a UI (2), expressa um desejo e, ao mesmo tempo, uma avaliação em relação ao que foi dito no núcleo. Segundo Caixeta (2005), a UI (2) é um enunciado interjetivo que expressa um desejo, assumindo-se como uma unidade informacional comunicativa.

Nesse contexto, a UI (1) contém o marcador discursivo *se*, indicando uma condição, confirmando que no núcleo pode ocorrer uma situação hipotética, colaborando com essa expectativa; a UI (2) expressa um desejo que, se for alcançado, a situação descrita, no núcleo, pode se realizar.

No contexto situacional da piada 10, a UI (2) configura-se um desejo de forma paradoxal, porque a mulher confirma as palavras do marido, mas no sentido de encontrar um homem que não seja igual a ele.

Quadro 19- Ocorrência das relações retóricas da sequência (SI-R) da piada 10.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Interjeição	1
Total	1	1

3.1.11 Análise da piada 11

Quem são os descendentes...

Mamãe, mamãe, de onde viemos?? — Filho o homem é descendente de Adão e Eva. — Mas o papai me disse que o homem descende do macaco. — Uma coisa é a família de seu pai, outra coisa é a minha.

Fonte: [https:// www. muitobacana. com](https://www.muitobacana.com).

Com apoio na noção de *idea unit*, o texto da piada 11 foi segmentado em quatro unidades informacionais, como demonstrado a seguir:

- (1) *Mamãe, mamãe, de onde viemos??*
 (2) — *Filho o homem é descendente de Adão e Eva.*
 (3) — *Mas o papai me disse que o homem descende do macaco.*
 (4) — *Uma coisa é a família de seu pai, outra coisa é a minha.*

Apresentamos, no diagrama 24, a macroestrutura retórica da piada 11:

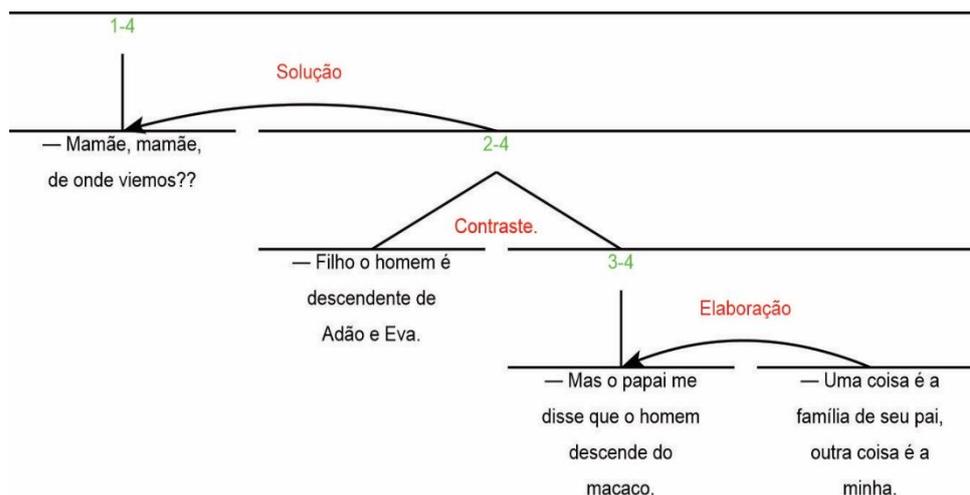


Diagrama 24: Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 11.

A segmentação e o diagrama da piada 11 exibem quatro unidades informacionais. A primeira porção é composta da UI (1) e a segunda porção é formada pelas UIs (2-4). Na composição de (1), *Mamãe, mamãe, de onde viemos??*; e de (2-4), (2) — *Filho o homem é descendente de Adão e Eva.* — (3) — *Mas o papai me disse que o homem descende do macaco.* — (4) — *Uma coisa é a família de seu pai, outra coisa é a minha.* — é considerável que emergja a relação núcleo- satélite, (1) descrito como núcleo e (2-4) como satélite.

Entre (1) e (2-4) é possível o estabelecimento da relação retórica de *solução*. Essa relação, conforme Mann e Thompson (1988), visa orientar o leitor para o reconhecimento de uma solução para o conteúdo veiculado pelo núcleo. O filho faz uma pergunta à mãe, querendo saber a origem da humanidade, evidenciando um problema. Sendo assim, é possível que a resposta veicule a solução.

Entretanto, o filho traz à tona a resposta do pai que é divergente com a da mãe. Dessa forma, na porção constituída das UIs (2-4), entre (2) — *Filho o homem é descendente de Adão e Eva.* — e (3-4) — *Mas o papai me disse que o homem descende*

do macaco. — Uma coisa é a família de seu pai, outra coisa é a minha. — configura-se a relação multinuclear de *Contraste*. Os conteúdos de (2) e (3-4) são compreendidos como diferindo em alguns aspectos como a resposta da mãe comparada com a do pai. A mãe disse que eles se originaram de Adão e Eva, e a resposta do pai para o filho foi a de que eles se originaram do macaco, estabelecendo uma discordância.

Na ótica da RST, o leitor reconhece a comparabilidade e as diferenças pela comparação que foi realizada entre as respostas dirigidas ao filho.

Em relação à porção composta pelas UIs (3-4), é plausível a emergência da relação núcleo-satélite, sendo que entre (3) — *Mas o papai me disse que o homem descende do macaco.*, sendo o núcleo, e (4) — *Uma coisa é a família de seu pai, outra coisa é a minha.* — constituindo o satélite, é considerável que emerja a relação de *elaboração*. Mann e Thompson (1988) definem que a relação de elaboração apresenta detalhes sobre o tema que é apresentado no núcleo. Podemos perceber o detalhamento, quando a mãe disse que a família dela era uma coisa, e a do pai do filho era outra coisa. O leitor reconhece que (4) fornece detalhes adicionais a (3).

A piada se desencadeia uma crítica ou um humor negro, de acordo com Raskin (1979), no fato de o contexto textual da piada 11 se ater à mudança do modo *bona-fide* (confiável) para o modo não *bona-fide*, (não confiável). Nesse caso, temos a crença da mãe sob o ponto de vista religioso e cultural *versus* a crença do pai sob a perspectiva científica, sem o julgamento da descendência familiar, embora fique clara, no contexto textual, sob a perspectiva da mãe, a oposição de origem familiar de cada um. Portanto, há dois cenários que se contrapõem na trama textual, que produz um efeito que provoca a crítica.

É perceptível que o desfecho da piada, além de ser uma resposta inesperada, contém um duplo sentido no emprego do item lexical *macaco*, que em nosso contexto social e cultural tem sentido pejorativo e racista. Assim, para o entendimento da piada, na situação contextual, houve a ativação do mecanismo de inferência de natureza lexical, semântica e pragmática pela condição do emprego de base lexical — *macaco* —, fundamentado em experiências pessoais e culturais.

Antonio e Barbosa (2012, p.109), no seu estudo sobre elocuições formais gravadas durante aulas, analisaram o emprego canônico do par dialógico pergunta – resposta (P-R). De acordo com os autores supracitados, os dados indicaram que *a pergunta* apresentava *um problema* e a *resposta* trazia a *solução*, estabelecendo a relação núcleo-satélite. Dessa forma, a relação retórica emergida entre a *pergunta* (núcleo) e a *resposta*

(satélite) configura-se como a relação retórica de *solução*. Essa relação se caracteriza de forma que o núcleo apresenta um problema e, no satélite, é exibida uma solução para o problema externado em N. O leitor reconhece S como uma solução para o problema retratado em N.

Vemos que a macroestrutura do exemplo da piada 11 é constituída de um par dialógico (P-R) SO, pergunta-resposta e segmento opcional, constituindo uma variação, conforme postulam Fávero, Andrade e Aquino (2006); e um outro segmento (S), como vemos a seguir.

Atente-se para MA: Mãe F: Filho

F- P- (1) Mamãe, mamãe, de onde viemos??

MA- R -(2) – Filho o homem é descendente de Adão e Eva.

F- SO -(3) – Mas o papai me disse que o homem descende do macaco.

MA- S- (4) – Uma coisa é a família de seu pai, outra coisa é a minha.

Dessa forma, a estrutura retórica do par dialógico (P-R) SO e do (SO-S) é exposta na macroestrutura do texto da piada 11 configurada no diagrama 25:

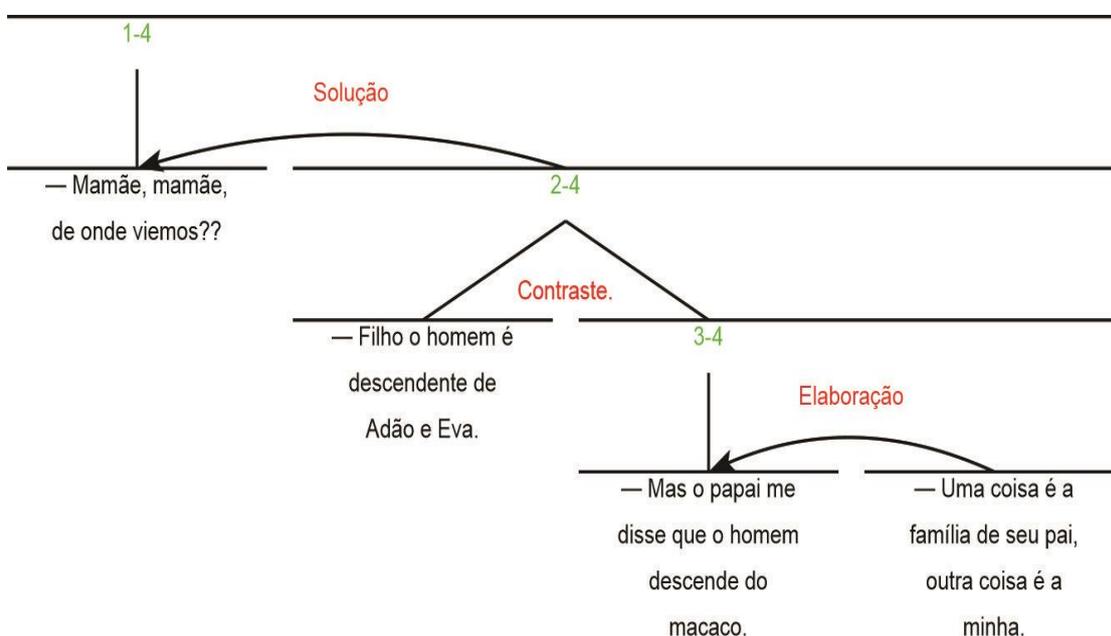


Diagrama 25: Estrutura Retórica do Par dialógico (P-R)SO e de (SO-S) da piada 11.

Assim, na estrutura dialógica da piada 11, é exibido um par dialógico (P-R) SO composto pelas UI (1) — Mamãe, mamãe, de onde viemos? — materializando uma Pergunta- P., e a UI (2) — *Filho o homem descendente de Adão e Eva* — representando a resposta- R do par dialógico (P-R).

Na combinação do par dialógico, a relação emergida entre (1) e (2) é do tipo da relação núcleo – satélite, sendo (1) o núcleo; e (2) o satélite.

O relacionamento entre (1) e (2) nos permite considerar o surgimento da relação de *solução*. Essa relação visa a que o leitor reconheça, no núcleo, a apresentação de um problema; e no satélite, a solução do problema retratado no núcleo.

Após o par dialógico (1-2), estabelece-se o segmento opcional SO — que é constituído pela UI (3) — *Mas o papai me disse que o homem descende do macaco* — e o segmento (S) composto pela UI (4) — *Uma coisa é a família de seu pai, outra coisa é a minha*.

Entre a R- (2), e os SO-S- (3-4), nota-se o afloramento da relação multinuclear de *contraste*. Essa relação indica uma oposição de ideias, ou seja, o leitor reconhece a possibilidade de comparação e as diferenças suscitadas pela comparação realizada.

A UI (3) — *Mas o papai me disse que o homem descende do macaco* — desencadeia, no contexto discursivo, a unidade de informação (4) — *Uma coisa é a família de seu pai, outra coisa é a minha*. Entre a UI (3) e a UI (4) é possível estabelecer-se a relação de núcleo-satélite, sendo (3) o núcleo, e (4) o satélite. Entre as duas UIs (3) e (4) é admissível o estabelecimento da relação de *elaboração*. Essa relação tem por objetivo adicionar detalhes ao núcleo.

Quadro 20 - Ocorrência das relações retóricas do par dialógico (P-R) SO e da sequência (SO-S) da piada 11.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo- satélite	Elaboração	1
	Solução	1
Multinuclear	Contraste	1
TOTAL	3	3

3.1.12 Análise da piada 12

O Que Eu Tenho?

Uma mulher vai em uma consulta e diz para o médico:

— Doutor, eu estou me sentindo feia e gorda... O que eu tenho?

O médico observa a mulher e responde: - Razão.

Fonte: [https:// www. muitobacana. com.](https://www.muitobacana.com)

O texto da piada 12 foi segmentado em quatro unidades de informação, conforme o conceito de *idea unit* postulado por Chafe (1982):

(1) *Uma mulher vai em uma consulta*

(2) *e diz para o médico: — Doutor, eu estou me sentindo feia e gorda...*

O que eu tenho?

(3) *O médico observa a mulher*

(4) *e responde: - Razão.*

Apresentamos no 26, o diagrama da macroestrutura retórica da piada 12:

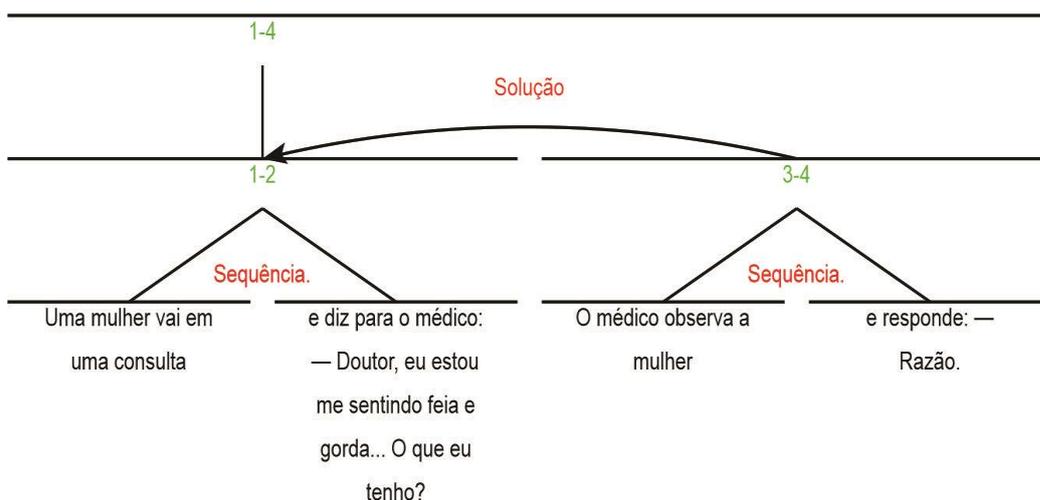


Diagrama 26: Estrutura Retórica da Macroestrutura retórica da piada 12.

A macroestrutura da piada 12 é constituída de quatro unidades informacionais, as quais compõem duas porções textuais, a primeira é formada pelas UIs (1-2) e a segunda composta pelas UIs (3-4).

As UIs (1-2) — (1) *Uma mulher vai em uma consulta* — (2) *e diz para o médico: — Doutor, eu estou me sentindo feia e gorda... O que eu tenho?* — podem ser interpretadas como satélite — e as UIs (3-4) — (3) *O médico observa a mulher* — (4) *e responde: — Razão.* — podem ser expressas como núcleo.

Nessa rede combinacional de (1-2) e (3-4), é possível a emergência da relação núcleo-satélite. As UIs (1-2) são o núcleo, apresentando um problema: o da mulher se sentir feia e gorda e a pergunta. E as UIs (3-4) representam o satélite, que busca uma solução.

Permeando (1-2) e (3-4) é plausível o surgimento da relação retórica de *solução*. Essa relação objetiva que o interlocutor reconheça que o núcleo traz um problema e o satélite constitui uma solução para o problema evidenciado no núcleo. Dessa forma, a UI (1) apresenta um problema, já mencionado, e contém uma pergunta relacionada a ele; e a resposta do médico implicitamente apresenta a solução, de que a paciente precisa emagrecer e em decorrência disso, possivelmente, melhorará a aparência.

Entre (1) e (2) estabelece-se a relação multinuclear *de sequência*. Temos dois fatos que se sucedem interligados pelo conectivo *e*, conforme se apresentam “*Uma mulher vai em uma consulta e diz para o médico...*”. Esse conector, segundo Koch e Vilela (2001, p. 262) serve para ligar orações e tem o valor convencional de adição.

No satélite, as UIs (3-4), ao se articularem, estabelecem a relação multinuclear *de sequência*, sendo que a UI (3) — *O médico observa a mulher* — e a UI (4) *e responde: — Razão* — apresentam uma relação de situações sucessivas. O leitor reconhece essa sucessão de fatos. A união entre os dois núcleos se faz pelo emprego do conectivo *e*, explicitando o mesmo valor descrito no parágrafo anterior.

A piada 12 veicula um discurso sobre a baixa autoestima relacionada à questão da obesidade considerada um grande problema, principalmente, pelas mulheres. Sendo assim, a mulher procura o médico para saber o motivo de ela estar se sentindo feia e gorda. O humor, no contexto textual, de uma forma sarcástica, advém da resposta do médico. Segundo as máximas de Grice (1975), há uma transgressão do princípio cooperativo, no caso, a máxima de quantidade, que transmite a mensagem: não faça sua contribuição mais informativa do que é necessário.

Para a análise do gênero piada, em particular, não consideramos dessa forma, argumentamos que há um novo contrato. O objetivo do construtor da piada é condizente com as máximas adaptadas por Raskin (1979) sobre o texto do humor.

Na piada 12, configuram-se dois princípios propostos por Raskin, o de qualidade e o de relação; o primeiro que tem o teor de dizer apenas o que é compatível com o mundo da piada, e o segundo o de dizer apenas o que é relevante para a piada. Portanto, a piada em tela cumpre o seu objetivo de ser crítica e sarcástica, ao mesmo tempo.

Conforme Fávero, Andrade e Aquino (2006) e Antonio e Barbosa (2012), a macroestrutura da piada 12 nos mostra o emprego convencional do par dialógico-pergunta – resposta (P-R) conforme a segmentação aqui demonstrada.

Atente-se para ML1: Mulher D: Doutor

ML1 P (1) - Doutor, eu estou me sentindo feia e gorda... O que eu tenho?

D R (2)- Razão.

Exibição do diagrama 27 da estrutura retórica do par dialógico da piada 12:

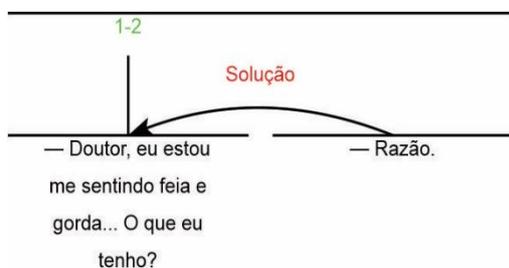


Diagrama 27: Estrutura Retórica do Par dialógico da piada 12.

Como podemos observar, a piada 12 apresenta um par dialógico canônico pergunta-resposta (P-R) constituído de duas unidades informacionais: (1) — *Doutor, eu estou me sentindo feia e gorda... O que eu tenho?* — é a pergunta e o núcleo; e (2) — *Razão* — é o satélite e a resposta, sendo que a pergunta expõe um problema e a resposta evidencia uma solução. Por isso, entre (1) e (2) é plausível que emerja a relação de *solução*. A UI (1) apresenta um problema e a UI (2) procura resolver esse problema, ou seja, é a solução.

Quadro 21 - Ocorrência das relações retóricas do par dialógico da piada 12.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo- satélite	Solução	1
Total	1	1

3.1.13 Análise da piada 13

A profissão ideal para o filho

2 amigos conversando... — **Meu pai quer que eu faça Direito e seja um bom Advogado.** — **Que bom, vai seguir a profissão do velho?** — **Não, ele quer que tire ele da cadeia.**

Fonte: [https:// www. muitobacana. com](https://www.muitobacana.com) .

Com apoio no conceito de *idea unit*, a piada 13 foi segmentada em cinco unidades informacionais, conforme demonstrado a seguir:

- (1) *2 amigos conversando...*
- (2) — *Meu pai quer que eu faça Direito*
- (3) *e seja um bom Advogado.*
- (4) — *Que bom, vai seguir a profissão do velho?*
- (5) — *Não, ele quer que tire ele da cadeia.*

Exibimos o diagrama 28 da macroestrutura retórica da piada 13:

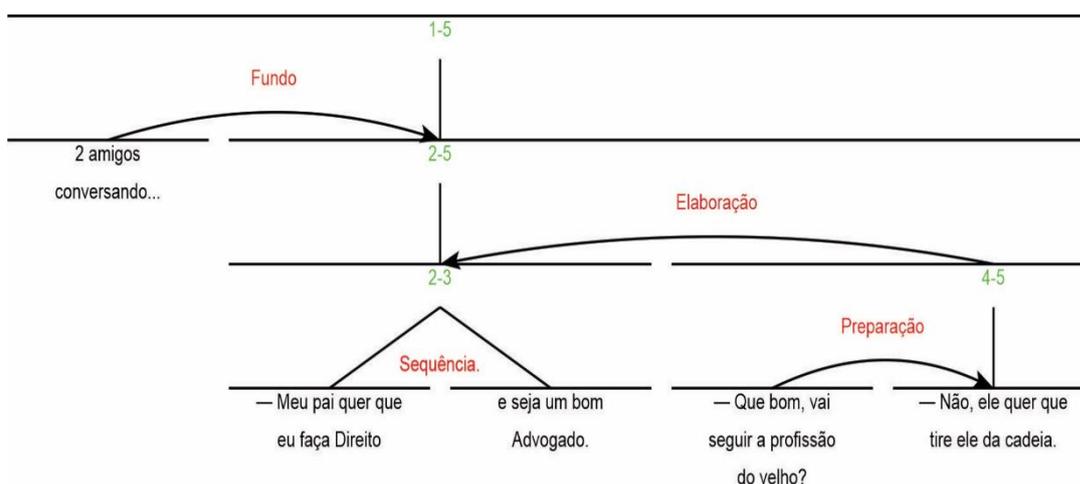


Diagrama 28: Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 13.

A composição da macroestrutura da piada 13 é construída por cinco unidades de informação, sendo que a primeira porção textual é formada pela unidade informacional (1) *2 amigos conversando...*

Já a segunda porção textual é integrada pelas UIs (2-5), (2) – *Meu pai quer que eu faça Direito e* — (3) *e seja um bom Advogado.* — (4) — *Que bom, vai seguir a profissão do velho?* e (5) — *Não, ele quer que tire ele da cadeia.*

Entre as porções (1) e (2-5) é plausível a emergência de núcleo- satélite. Nessa conexão, (1) é o satélite; e (2-5) assume o papel de núcleo. Nessa associação, é considerável que emerja a relação de *fundo*. Essa relação fornece ao leitor o cenário em que a situação discursiva transcorrerá, assim o satélite transmite a informação de dois amigos que estavam conversando sobre uma profissão ideal para um deles, o que permite capacitar melhor o leitor em compreender o núcleo.

Uma outra análise plausível para a piada 13, no relacionamento de (1) e (2-5), permitiria apontar a emergência da relação de *circunstância*, pelo emprego do verbo *conversar*, na forma nominal gerúndio, que expressa uma ação em curso. Conforme, já apontamos há relações retóricas plausíveis que têm algumas afinidades, pois suas características se aproximam, por isso podem ser interpretadas, de forma plausível, como uma e/ou outra para a determinação de uma delas. Desse modo, preferimos a primeira análise porque a relação de *fundo* tende a *aumentar a capacidade do interlocutor para compreender o núcleo*, ou seja, o conteúdo da conversa é mais relevante na situação discursiva.

Na ligação de (2-3), (2) — *Meu pai quer que eu faça Direito* — e (3) — *e seja um bom Advogado.* — porção textual em que há o enunciado proferido pelo primeiro amigo — é possível que emerja a relação *multinuclear de sequência*, uma vez que há dois eventos que se relacionam criando uma sucessão entre eles. Assim, o pai do primeiro amigo deseja que o filho se forme em Direito e se torne um bom advogado.

A porção textual formada pelas UIs (2-3) — (2) — *Meu pai quer que eu faça Direito* — e (3) *e seja um bom Advogado.* — assume o papel de núcleo em relação às UIs (4-5), (4) — *Que bom, vai seguir a profissão do velho?* — e (5) — *Não, ele quer que tire ele da cadeia*, que é o satélite — configurando-se a relação núcleo-satélite.

Entre (2-3) e (4-5) é plausível o estabelecimento da relação de *elaboração*. Essa relação tem o objetivo de apresentar detalhes, pormenores sobre a situação do núcleo. O segundo amigo pergunta ao primeiro se ele vai seguir a profissão do pai; e este lhe dá

uma resposta inesperada, dizendo que a intenção do pai é para que ele se torne um bom advogado, a fim de tirá-lo da cadeia.

A análise nos mostra que, na associação das UIs (4-5), (4) é descrito como satélite e (5) como núcleo. Nessa combinação, é possível a emergência da relação de *preparação*. Segundo Mann e Thompson, a relação de *preparação* visa a despertar no leitor o interesse para o que está escrito no núcleo. Assim, em (5), é veiculada a razão do pai querer que o filho seja um bom advogado.

A piada 13 estampa, à primeira vista, em um contexto sociocultural, um fato muito comum nas famílias: o de os pais quererem escolher a carreira profissional dos filhos, seja para dar continuidade ao legado familiar, ou um sonho que um dos pais não pôde realizar, ou por ter admiração por uma carreira que será promissora para filho.

Na sequência dialogal, o primeiro amigo expôs o desejo do pai para que ele se formasse em Direito e se tornasse um bom advogado. Quando o segundo amigo perguntou se ele ia seguir a carreira do pai, ocorre, na situação discursiva, a mudança do modo *bona-fide* (confiável) para o modo não *bona-fide* (não confiável). Essa transição favorece a comicidade, pelas razões apresentadas pelo primeiro amigo.

No âmbito contextual, é ativada a operação inferencial de natureza lexical, semântica e pragmática pelas pistas textuais que estão explicitadas no texto, como o filho do preso se formar em direito e ser um bom advogado, o que nos permite fazer a seguinte leitura: o pai deve ser um bandido ou criminoso de alta periculosidade, pois somente um bom advogado poderia tirá-lo da cadeia.

Aflora-se, ainda, o apelo emocional, pois o filho, sendo advogado e bom, poderia lutar com mais afinco para livrar o pai do aprisionamento.

Observamos que, na piada 13, existem as condições que Raskin (1979) apregoa para se considerar um gênero como piada: a intencionalidade de ser engraçada, a existência de dois *scripts* sobrepostos compatíveis ao texto, uma relação de oposição entre os dois *scripts*, um gatilho óbvio ou implícito.

Com relação à estrutura retórica da estrutura dialogal da piada 13, a segmentação nos exhibe quatro unidades de informação. Sendo composta por segmento inicial (SI) e um par dialógico, conforme apresentado a seguir:

Atente-se para AM: amigo 1 AM 1: amigo 2

(1) AM SI (1) – Meu pai quer que eu faça Direito

(2) AM e seja um bom Advogado.

(3) AMI P – Que bom, vai seguir a profissão do velho?

(4) AM R – Não, ele quer que tire ele da cadeia.

Apresentação do diagrama 29 da estrutura retórica do par dialógico da piada 13:

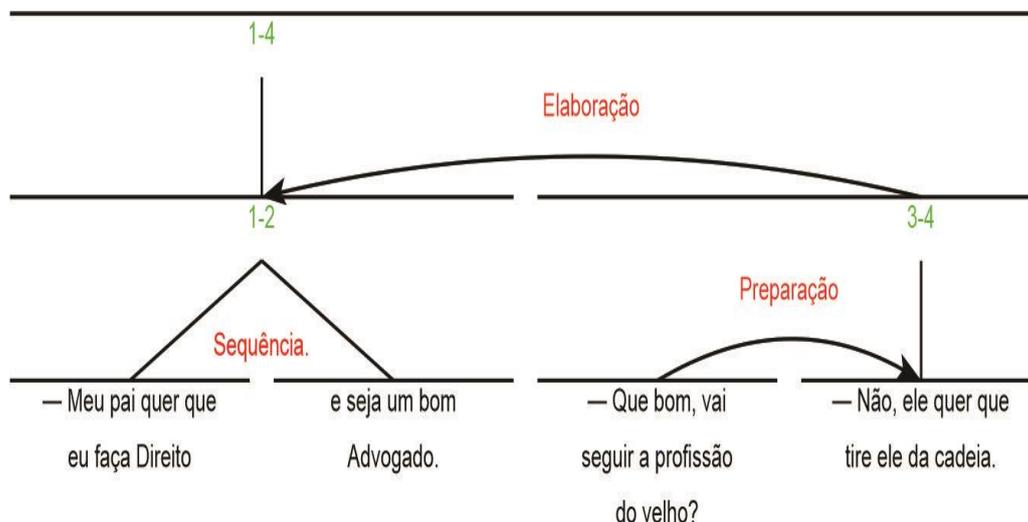


Diagrama 29: Estrutura Retórica do Par dialógico SI (P-R) da piada 13.

A segmentação e o diagrama do par dialógico da piada 13 nos mostram quatro unidades informacionais.

A UI (1) e a UI (2) formam o segmento inicial — (1) — *Meu pai quer que eu faça Direito* — (2) *e seja um bom Advogado.* — e as UIs (3-4) — (3) — *Que bom, vai seguir a profissão do velho?* — (4) — *Não, ele quer que tire ele da cadeia.* — constituem o par dialógico (P-R), constituindo a estrutura SI (P- R).

As UIs (1-2) correspondem ao núcleo em relação ao par dialógico (P-R), ou seja, (3-4). As UIs (3-4) assumem o papel de satélite. Entre o conjunto das UIs (1-2) e o das UIs (3-4) é possível argumentar a emergência da relação retórica *de elaboração*.

A finalidade dessa relação é fornecer detalhes adicionais ao conteúdo apresentado no núcleo. O leitor reconhece que o conteúdo, descrito no satélite, projeta essa finalidade. Portanto, em (3-4), a UI (3) veicula uma informação positiva, e a UI (4) realça a informação real sobre o desejo do pai.

No nível de (1-2), a combinação de (1) — *Meu pai quer que eu faça Direito,* e (2) — *e seja um bom Advogado.* — corresponde à estrutura do segmento inicial (SI),

emergindo a relação *multinuclear de sequência*, que caracteriza um conjunto de fatos que se sucedem.

No conjunto (3-4), é perceptível que emerja a relação núcleo - satélite. A UI (3) é o satélite, que representa a pergunta P — *Que bom, vai seguir a profissão do velho?* — e a UI (4) corresponde ao núcleo e à resposta R — *Não, ele quer que tire ele da cadeia* — do par dialógico (P-R).

Entre (3) e (4) é plausível que emerja a relação de *preparação*, pois há uma pergunta formulada, no ambiente discursivo, pelo segundo amigo. Segundo Mann e Thompson (1988), o leitor sente-se mais interessado em ler o núcleo, ou seja, a resposta veiculada pela UI (4).

Quadro 22- Ocorrência das relações retóricas do segmento inicial e do par dialógico da piada 13.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo- satélite	Elaboração	1
	Preparação	1
Multinuclear	Sequência	1
TOTAL	3	3

3.1.14 Análise da piada 14

Remédio para a obesidade

— **Doutor, como eu faço para emagrecer?** — **É simples respondeu o médico, basta a senhora mover a cabeça da esquerda para direita e da direita para esquerda.**

— **Quantas vezes, doutor?** — **Todas as vezes que lhe oferecerem comida.**

Fonte: [https:// www.muitobacana. com](https://www.muitobacana.com)

O exemplo da piada 14 foi segmentado em quatro unidades de informação, de acordo com o conceito de *idea unit* de Chafe (1982).

- (1) — *Doutor, como eu faço para emagrecer?*
 (2) — *É simples respondeu o médico, basta a senhora mover a cabeça da esquerda para direita e da direita para esquerda.*
 (3) — *Quantas vezes, doutor?*
 (4) — *Todas as vezes que lhe oferecerem comida.*

Apresentação do diagrama 30 da macroestrutura da piada 14:

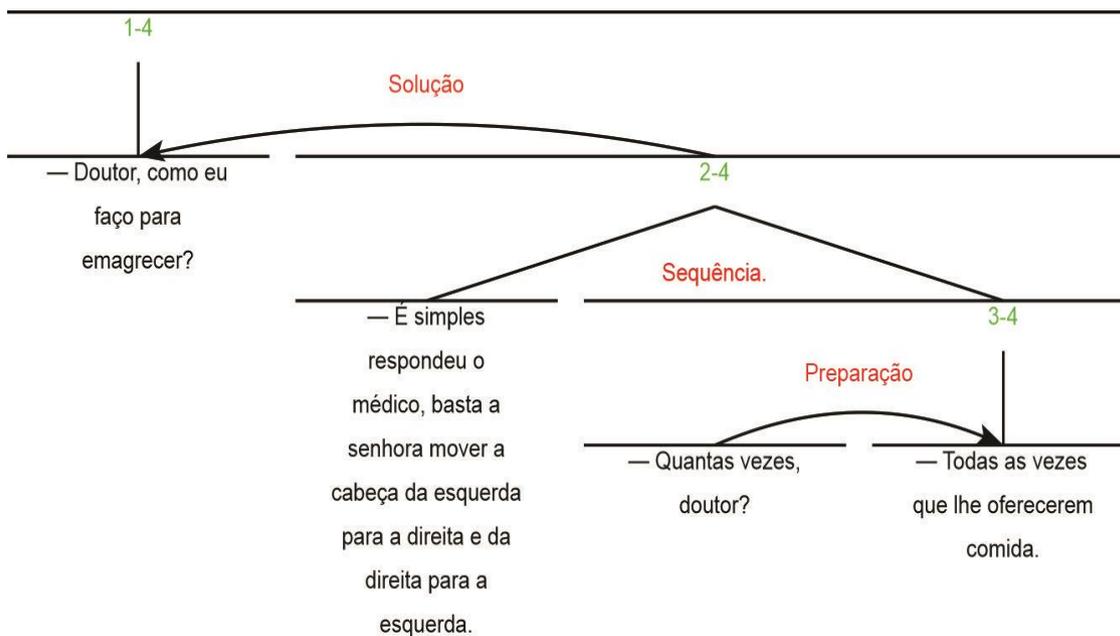


Diagrama 30: Estrutura Retórica da Macroestrutura da piada 14.

A macroestrutura da piada 14 é constituída de quatro unidades informacionais. No arranjo combinacional entre (1) e (2-4), pelo critério da plausibilidade, é possível a emergência da relação núcleo-satélite.

A UI (1) — *Doutor, como eu faço para emagrecer?* — é o núcleo, e as UIs (2-4) — (2) — *É simples respondeu o médico, basta a senhora mover a cabeça da esquerda para direita e da direita para esquerda.* — (3) — *Quantas vezes, doutor?* — (4) — *Todas as vezes que lhe oferecerem comida* — é o satélite.

Nesse arranjo de ligações, entre (1) e (2-4) é plausível o estabelecimento da relação de *solução*. A UI (1) retrata um problema, a senhora que quer emagrecer procura o médico. As UIs (2-4) apresentam a solução: movimentar a cabeça e, principalmente, quando houver oferta de comida. De acordo com Mann e Thompson (1988), o leitor reconhece que o satélite é a solução para o problema identificado no núcleo.

No satélite, apresentam-se novas conexões entre (2) — *É simples respondeu o médico, basta a senhora mover a cabeça da esquerda para direita e da direita para esquerda.* — e (3-4) — (3) — *Quantas vezes, doutor?* — (4) — *Todas as vezes que lhe oferecerem comida* — é plausível a emergência da relação *multinuclear de sequência*.

Verificamos que há uma sucessão de passos a seguir para a resolução do problema, ou seja, há recomendações do médico para que a paciente emagreça. De acordo com a RST, o leitor reconhece a sucessão temporal dos eventos apresentados.

Ainda, nesse contexto, se concretiza a ligação entre (3-4); nela, é perceptível o estabelecimento da relação núcleo-satélite. A UI (3) — *Quantas vezes, doutor?* — representa o satélite em relação à UI (4) — *Todas as vezes que lhe oferecerem comida* — que assume a função de núcleo.

A ligação das UIs (3) e (4) possibilita a emergência da relação de *preparação*. Dessa forma, o leitor sente-se curioso para o que vai ser escrito no núcleo; no caso, o médico recomenda à paciente que ela não se alimente quando alguém lhe oferecer comida.

Categoriza-se, na piada 14 um tema já discutido na análise da piada 12, que é considerado como lugar-comum, ou seja, a questão da obesidade. De acordo com Possenti (1988), não importa se o tema é recorrente, porque o que é relevante é a maneira de contar e a conclusão a que se chega. Portanto, a piada 14 exhibe um cenário em que uma senhora vai ao médico para que ele lhe desse um programa de emagrecimento. Assim, o médico, de forma sarcástica, dá-lhe a instrução, que é movimentar a cabeça de um lado para o outro. Pelo contexto sociocultural, tal instrução já denuncia uma prática estranha de emagrecimento que a paciente não consegue inferir o que o médico havia recomendado.

No ambiente textual, o humor se instaura quando ela pergunta quantas vezes deveria fazer tais movimentos e, ainda para completar, o médico lhe diz claramente: *todas às vezes que lhe oferecem comida, ou seja, “feche a boca”*.

Registram-se, na construção do humor da piada 14, as máximas de Grice que foram adaptadas por Raskin (1979), — a de quantidade: diga somente a informação necessária à piada, o texto deve ser enxuto; — a de qualidade: diga apenas o que é compatível com o mundo da piada — a forma de como as palavras devem ser expressas; e — a de relação: diga apenas o que é relevante para a piada, o fato inusitado, ou seja, a cliente perguntar o número de vezes para o movimento da cabeça, e a resposta sarcástica do médico. O texto se delinea, como coerente, se atentarmos para os objetivos do gênero a que ele pertence.

Com relação à estrutura retórica do par dialógico da piada 14, é visível a existência de pares dialógicos que podem ser comprovados pela segmentação da estrutura dialogal da piada 14.

Atente-se para PC2: Paciente D1: Doutor

PC2 –P- (1) - Doutor, como eu faço para emagrecer?

D1- R-(2) - É simples respondeu o médico, basta a senhora mover a cabeça da esquerda para direita e da direita para esquerda.

PC2- P-(3) - Quantas vezes, doutor?

D1-R-(4) - Todas as vezes que lhe oferecerem comida.

Nesse caso, a análise das relações retóricas da estrutura dialogal configura-se como sendo a mesma da macroestrutura, porque nela evidenciamos os pares dialógicos que a formam, de acordo com a segmentação e o diagrama da macroestrutura apresentados na figura 39. Sendo assim, o primeiro par dialógico (P-R) é constituído pela P— UI— (1) — *Doutor, como eu faço para emagrecer?* — que é núcleo — e a R — UIs — (2-4) — (2) — *É simples respondeu o médico, basta a senhora mover a cabeça da esquerda para direita e da direita para esquerda.* — (3) — *Quantas vezes, doutor?* — (4) — *Todas as vezes que lhe oferecerem comida.* — configura-se como satélite. Nesse contexto, entre (1) e (2-4) é possível a emergência da relação retórica de *solução*.

A UI (2) — *É simples respondeu o médico, basta a senhora mover a cabeça da esquerda para direita e da direita para esquerda.* — e as UIs (3-4) — (3) — *Quantas vezes, doutor?* — (4) — *Todas as vezes que lhe oferecerem comida.* — constituem uma sequência de ações, por isso, é admissível a emergência da relação de *sequência*.

Na constituição do par dialógico, que corresponde às UIs (3-4), em que a UI (3) representa a pergunta P e o satélite, e a UI (4) que constitui a resposta R e o núcleo, é possível a emergência da relação de *preparação*. Essa relação objetiva a que leitor esteja mais preparado para ler o núcleo.

Quadro 23- Ocorrência das relações retóricas dos pares dialógicos da piada 14.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo- satélite	Solução	1
	Preparação	1
Multinuclear	Sequência	1
TOTAL	3	3

3.1.15 Análise da piada 15

A minha preferida

O pai pergunta à filha: —Filha, você acha que sua professora desconfia que eu estou te ajudando a fazer a lição de casa? — Acho que sim, pai. Ela até já me disse que você deveria voltar pra escola!

Fonte: [https:// www. muitobacana. com.](https://www.muitobacana.com)

O texto da piada 15 apresenta 3 unidades informacionais, conforme se vê a seguir:

- (1) *O pai pergunta à filha: — Filha, você acha que sua professora desconfia que eu estou te ajudando a fazer a lição de casa?*
- (2) *— Acho que sim, pai.*
- (3) *Ela até já me disse que você deveria voltar pra escola!*

Apresentamos o diagrama 31 da macroestrutura da piada 15:

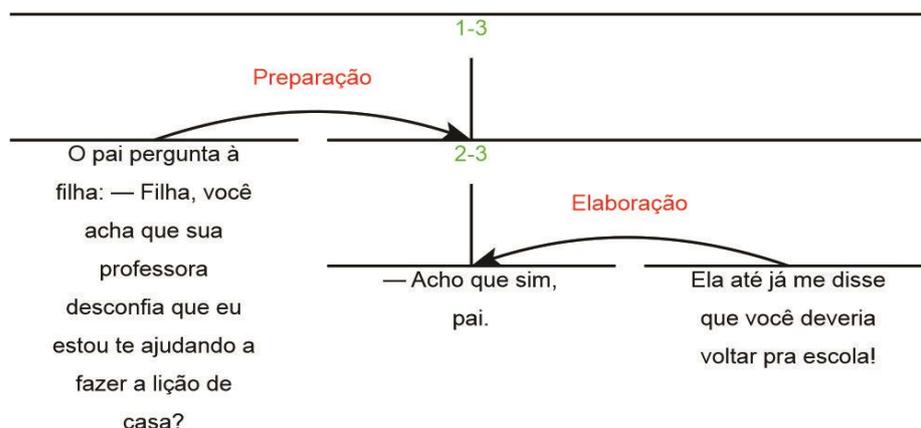


Diagrama 31: Estrutura Retórica da macroestrutura da piada 15.

Conforme a segmentação e o diagrama 31 da macroestrutura da piada 15, são exibidas 3 unidades de informação. A UI (1) tem a função de satélite em relação às UIs (2-3) que representa o núcleo. Nesse caso, é configurada a relação núcleo-satélite. Nessa ligação, é possível a emergência da relação de *preparação*. O pai faz uma pergunta à filha para saber se a professora desconfiava de que ele a ajudava na execução das tarefas escolares. Segundo Mann e Thompson (1988), a emergência da relação de *preparação* orienta o leitor para o entendimento do que está escrito no núcleo.

Na porção textual composta por (2) e (3), é possível argumentar a existência da relação núcleo-satélite. A UI (2) — *Acho que sim, pai.* — representa o núcleo, e a UI (3) — *Ela até já me disse que você deveria voltar pra escola!* — se configura como satélite. Entre as duas unidades informacionais (2) – (3) é possível a emergência da relação de *elaboração*. A UI (3) adiciona informações ao núcleo.

O texto da piada 15 nos apresenta uma situação hilária, pois, o pai, se achando todo sabedor e curioso, pergunta à filha, no intuito de saber se a professora desconfiava de que ele a ajudava nas tarefas escolares.

O humor é produzido quando, no ambiente discursivo, a filha diz a ele que a professora desconfiava sim, e já havia comentado que ele deveria voltar para escola. Nesse momento, ativa-se o mecanismo de inferência indutiva de natureza lógica, evidenciando que o pai ensinava tudo errado à filha.

Vemos, neste exemplo, a transição de uma situação menos densa de informação, a pergunta do pai para filha, para outra mais densa de informação, a resposta da filha para

o pai, que se apresenta de forma inesperada e com uma boa dose de elaboração de informação implícita: o pai não tinha o conhecimento suficiente para ensinar; e, por isso, deveria voltar a estudar.

Conforme Grice (1975) destaca, a construção do sentido submete-se ao que se diz e àquilo que não se diz, e ao contexto semântico, cultural e pragmático. Portanto, no exemplo da piada 15, segundo Raskin (1979), há uma relação de oposição entre dois *scripts*, a ilusão do pai em ensinar, corretamente, à filha *versus* a informação adicional da professora de que ele não sabia ensinar os conteúdos das tarefas escolares para a filha.

A estrutura retórica da piada 15 apresenta-nos duas unidades de informação que formam o par dialógico (P-R) SO como vemos a seguir:

Atente-se para Pa: Pai Fa: Filha

Pa - P (1) – Filha, você acha que sua professora desconfia que eu estou te ajudando a fazer a lição de casa?

Fa- R (2) – Acho que sim, pai.

Fa- SO (3) Ela até já me disse que você deveria voltar pra escola!

Apresentação do diagrama 32 da estrutura retórica do par dialógico da piada15:

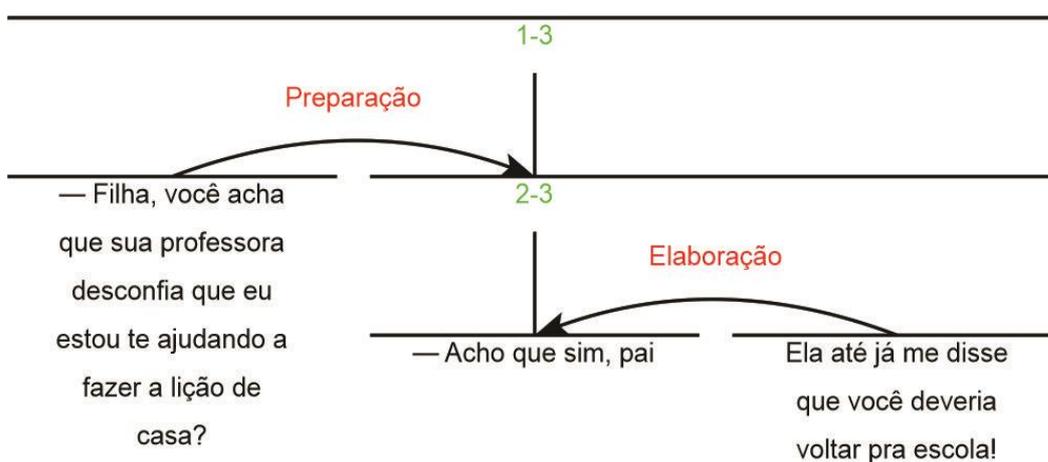


Diagrama 32: Estrutura Retórica do Par dialógico da piada15.

Com relação à estrutura retórica do par dialógico, a segmentação e o diagrama 32 apresentam um par dialógico (P-R)SO, sendo que a P corresponde à UI (1) — *Filha, você acha que sua professora desconfia que eu estou te ajudando a fazer a lição de casa?*

— que é o satélite, e as UI (2-3) — (2) — *Acho que sim, pai.* — (3) *Ela até já me disse que você deveria voltar pra escola* — constituem a R — que assumem a função de núcleo, configurando-se a relação núcleo-satélite. Na ligação, entre (1) e (2-3) é plausível que emerja a relação de *preparação*, que visa a orientar o leitor para ler o núcleo. E, ainda entre as UIs (2) e (3) emerge a relação *de elaboração*. Essa relação tem o propósito de adicionar detalhes ao conteúdo retratado no núcleo.

Quadro 24- Ocorrência das relações retóricas do par dialógico da piada 15.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo- satélite	Solução	1
	Elaboração	1
Total	2	2

Finalizando esta seção, apresentamos o quadro das relações retóricas emergidas na macroestrutura das piadas de 1 a 15. Apontamos que as relações retóricas estabelecidas nos pares dialógicos e nas sequências dialogais já foram exibidas após cada análise.

Quadro 25- Relações Retóricas das Macroestruturas das piadas de 1 a 15

Ordem Piadas	TIPO Multinu-clear	Nome da relação	Ocor-rências	TIPO Núcleo-satélite	Nome da relação	Ocor-rências	Total
1	-	-	-	X	Fundo Circunstância	1 1	2
2	-	-	-	X	Fundo Circunstância	1 1	2
3	-	-	-	X	Fundo Circunstância	1 1	2
4	X	Lista	1	X	Preparação Justificativa	1 1	2

5	-	-	-	X	Fundo Circunstância Resultado Preparação	1 1 1 1	4
6	X	Se- quên- cia	1	X	Fundo Adição	1 1	2
7	-	-	-	X	Circunstância Elaboração	1 1	2
8	-	-	-	X	Fundo Elaboração	1 1	2
9	X	Se- quên- cia	1	X	Fundo Elaboração	1 1	2
10	-	-	-	X	Fundo Avaliação	1 2	3
11	X	Con- traste	1	X	Solução Elaboração	1 1	2
12	X	Se- quên- cia	1	X	Solução	1	1
13	X	Se- quên- cia	2	X	Fundo Elaboração Preparação	1 1 1	3
14	X	Se- quên- cia		X	Solução Preparação	1 1	2
15	-	-	-	X	Preparação Elaboração	1	1

Continuação do **Quadro 25**- Relações Retóricas das Macroestruturas das piadas de 1 a 15.

Total	7		8	15		33	33
-------	---	--	---	----	--	----	----

Conclusão do quadro 25- Relações Retóricas das macroestruturas das piadas 1 a 15.

Pontuamos que a análise, sob a perspectiva da RST, mobilizou os critérios mais importantes que se resumem em, primeiramente, na constituição das unidades informacionais — *idea unit*, sem os quais, não teríamos uma direção; em segundo, o reconhecimento e a recorrência das relações retóricas emergidas nas e pelas UIs; e o terceiro, a plausibilidade, compreendida como as possibilidades de leitura, ou interpretação adequada de um dado textual, considerando os aspectos socioculturais, semânticos e pragmáticos, dentre outros.

No fenômeno combinacional das relações retóricas, com vistas para a hierarquização, coerência e organização textual, vemos um trabalho de produção e de compreensão textual mais funcional associado aos mecanismos, como a operação inferencial, que contribuem para a finalidade a que o gênero está proposto.

E, ainda, na análise, evidenciamos a existência do par dialógico e das relações retóricas que nele emergiram. Observamos que, em algumas piadas, nem sempre houve a tipologia do par dialógico pergunta- resposta (P-R). Entretanto, ocorreram segmentos dialógicos que se configuraram como trocas interativas, ou segmentos, como reações às respostas, com informações acrescidas de forma positiva ou negativa.

3.2 Análise da estrutura narrativa de Labov e Waletzky (1967) e dos pressupostos da linguística textual presentes nas piadas do *corpus*

Nesta seção, iniciamos a análise de acordo com os elementos narrativos de Labov e Waletzky (1967), e as teorias do texto sob égide da linguística textual no *corpus* representativo do gênero piada.

No enquadre da tipologia narrativa, nos ancoramos no modelo laboviano, que é constituído dos seguintes elementos: *resumo*, *orientação*, *complicação*, *avaliação*, *resolução* e *coda*. Análises preliminares nos apontaram que raramente encontramos, na

piada, os elementos *avaliação*, por parte do narrador, *resumo* e *coda*. Para a questão avaliativa do narrador, ficaria difícil mensurá-la na modalidade escrita, pois a piada, em si mesma, carrega esse cunho avaliativo que pode suscitar críticas. Por outro lado, na modalidade oral, isso seria, provavelmente, possível porque poderíamos analisar o modo como o narrador se posiciona na situação comunicativa, através da expressão facial e corporal.

Nas análises da piadas de um a quinze, pontuamos que houve a presença de três elementos narrativos, a orientação, a complicação e a resolução de forma recursiva.

3.2.1 Piada 1

Na piada 1, encontramos os elementos a seguir descritos:

- **Orientação:**

Um conhecido especulador da bolsa, também banqueiro, caminhava com um amigo na principal avenida de Viena,

Nessa parte, é apresentado o cenário, em que há o ambiente situacional para que o leitor tenha informações importantes do contexto, no qual se passa a narrativa. Nele, os personagens aparecem pensando, falando e agindo, como, por exemplo, na porção textual em se encontra identificado o emprego do verbo *caminhava*, no pretérito imperfeito, indicando uma ação inacabada, e, ao mesmo tempo, denotando uma cronologia. Além disso eles são descritos como *um conhecido especulador da bolsa, também banqueiro, e o amigo dele*, denotando a profissão de cada um, bem como o local onde eles estavam: *na principal avenida de Viena*. O local onde se passa o evento, é um elemento importante, pois nos fornece pistas sobre o comportamento dos personagens e hábito culturais e sociais. Consideramos que todos esses elementos estão e são característicos de uma narrativa.

- **Complicação:**

O segundo elemento identificado é a *complicação: quando passaram por um café, disse: - Vamos entrar e tomar alguma coisa?*

A *complicação* é praticamente o corpo da narrativa, ou da piada, em que há o desenvolvimento das ações e o conflito. Nesse elemento, encontramos uma série de orações ordenadas temporalmente, como “*quando passavam por um café; disse; Vamos entrar; e tomar alguma coisa,*” constituindo uma sequência de fatos. Na piada 1, a *complicação* é a parte na qual o motivo complicador é efetuado, como o emprego do verbo *tomar* que, no contexto textual, adquire uma significação diferente do sentido de beber. Nessa parte, contém elementos que contribuem para o entendimento, porque o que foi dito ou que foi ocorrido passará a fazer sentido a partir da evolução das ações. Nas piadas, é comum o estabelecimento de segmentos dialógicos; nessa parte se concentram os recursos linguísticos, próprios do texto narrativo, como o discurso direto e o emprego característico da pontuação, os travessões, as aspas, os pontos de interrogação, exclamação e final.

Logo após o desenrolar da ação complicadora, temos:

- **Resolução:**

Seu amigo o conteve: - Mas, Herr Hofrat, o lugar está cheio de gente!”.

Nesse elemento, geralmente, tende a se chegar a uma resolução. No ambiente da resolução, na maioria das vezes, ocorre um final inesperado, que provoca a ativação do processo inferencial, que vem para decifrar as pistas e para a emergência do sentido pretendido, e assim se efetuar a interpretação que pode ser de cunho humorístico ou de críticas.

No exemplo 1, constatamos que a macroestrutura do gênero piada é constituída de três elementos narrativos labovianos: a *orientação*, a *complicação* e a *resolução*. Não foram pontualizados o *resumo* e a *coda*, que não são obrigatórios em uma narrativa. Na piada 1, consideramos que não foi identificada a avaliação do narrador, explicitamente, o que normalmente ocorre, na contação da piada, na modalidade oral. Contudo, percebemos uma possível avaliação por meio do ato de fala do amigo do banqueiro.

Percebemos que o esquema da macroestrutura da piada 1 se harmoniza com o esquema narrativo de Labov e Waletzky (1967) pela constatação de, ao menos, três elementos já identificados e, sobretudo, pela junção temporal, elemento preponderante para a construção do gênero da tipologia da ordem do narrar, e, assim, a piada 1 analisada se incorpora dessa condição.

Segundo Bakhtin (1997), um gênero é constituído de um conteúdo temático, um estilo e uma construção composicional. Isto posto, verificamos que o exemplo 1 apresenta um tema, a esperteza dos profissionais da área econômica; um estilo, pela utilização de uma linguagem metafórica e uma construção composicional, conforme os elementos narrativos que foram descritos na análise, o que imprime, no exemplo da piada, as condições de ser concebido como um gênero textual e da ordem do narrar.

Na orientação, fomos informados a respeito dos personagens e do ambiente no qual os acontecimentos foram-se evoluindo. São fatores de contextualização que permitem ao interlocutor ter uma noção de quem está envolvido na situação discursiva, para que se vai criando um cenário.

Nesse enquadre, podemos inferir que o banqueiro e o amigo exercem papéis dentro de um contexto econômico que visam à lucratividade. A pressuposição de que são profissões que causam uma certa desconfiança e um descrédito no contexto social — tendo em vista nosso conhecimento prévio e sociocultural — nos dá a percepção de que esses profissionais da área econômica não têm a sensibilidade de entender as dificuldades e os problemas financeiros de quem os procura, e, ao menor deslize, cobram juros exorbitantes, impossibilitando as pessoas de sanarem as suas dívidas e as executam.

Na *complicação*, sempre ocorre o diálogo, representado pelo discurso direto, e, em meio às trocas de turnos, ergue-se o gatilho, elemento responsável por criar um conflito, segundo as palavras de Raskin (1979). Por exemplo, quando o banqueiro diz - vamos *tomar alguma coisa*, na mente do amigo vem logo a ideia de tirar algo de alguém, levar vantagem da fragilidade dos outros, sem transparecer uma falcatrua, o que provoca um momento de tensão no desenrolar dos fatos.

O emprego do verbo *tomar*, nesse contexto, à primeira vista, se efetua com o sentido de beber, mas no decorrer dos acontecimentos, verificamos uma desconstrução desse sentido, devido às pistas textuais, de o amigo do banqueiro se sentir apreensivo, ao dizer que o local estava cheio de gente, o que causa um estranhamento no contexto discursivo.

Na parte *resolução* da piada, tudo parece se esclarecer, pois é nela que emerge um final inesperado. Segundo Antunes (2005), temos uma informação nova e mais informativa, indicando uma imprevisibilidade. A informatividade compreende um efeito interpretativo produzido pelo caráter inesperado da informação nova. Nesse enfoque, a piada, para ser interpretada, dependerá dos fatores conceituais, cognitivos e pragmáticos.

Segundo Dell' Isola (2001), o leitor precisa raciocinar para compreender um texto, ou seja, raciocinar é colocar, em movimento, o pensamento, é inferir, ou seja, a inferência “se revela como conclusão de um raciocínio, como elaboração, como uma expectativa.” (p.42). Portanto, as palavras do amigo do banqueiro, ao final da piada, proporcionam ao leitor o estabelecimento das inferências, para que o humor ou a crítica venham à tona. A percepção dessa estratégia ancora-se nos três níveis socioculturais que a autora supracitada sinaliza:

1º momento: ao decodificar e, posteriormente, compreender a informação explícita, o leitor seleciona o que considera mais significativo, de acordo com sua visão de mundo. Isso já direciona a sua leitura e uma determinada compreensão específica;

2º momento: ao ler as “entrelinhas” e integrar os dados do texto com a própria experiência ou conhecimento do mundo, o leitor infere de acordo com o seu “background” que está enraizado em uma sociedade e em uma cultura;

3º momento: ao apreciar ou depreciar, criticar e julgar, o leitor é levado a se posicionar emocional e afetivamente diante do texto e a avaliar os fatos que lhe forem apresentados. (DELL' ISOLA, 2001, p. 109).

O contexto situacional nos permite a leitura de que o verbo *tomar* assume um novo sentido, o de *roubar* ou de *tirar algo de alguém de forma escusa*. Não é novidade que especuladores da área econômica trabalham de forma insensível, suas ações terminam em armadilhas para as pessoas que se encontram à mercê de suas propostas. Esse fato é bem evidente nos dias de hoje.

Dessa forma, a construção do humor é possível pelo processo de inferência, no ambiente textual e contextual, os quais propiciam o fator textual da coerência, que, segundo Koch e Vilela (2001, p.554), diz respeito à adequação do gênero ao contexto a que ele é proposto. Assim, as informações contidas na piada 1, segundo Grice (1975, p.45), mostram que a atribuição de sentido está implicada no contexto e em outros fatores de ordem pragmática e pelas informações implícitas, em outras palavras, informações que estão encobertas e que precisam ser mostradas e reelaboradas.

Nessa discussão, nos apropriamos das palavras de Romão (2001), de que as piadas operam com os níveis explícito, metaimplícito e implícito, seu contrato interacional é especial, devido aos modos *bona-fide* e não *bona-fide*.

Nesse sentido, argumentamos que a deflagração do humor ocorre pela passagem do modo *bona-fide* (*confiável*) para modo *não bona-fide* (*não confiável*). De acordo com Raskin (1979, p. 330), a partir da percepção de que o primeiro sentido é construído, no gênero piada, efetua-se, pelas pistas textuais e contextuais, o mecanismo das inferências,

que provocarão uma reconstrução do primeiro sentido, aproveitando o seu alicerce para a edificação de um novo e diferente sentido que passará a ter mais relevo, especialmente no contexto piadista, pela intencionalidade a que se propõe. Como exemplo, citamos novamente o emprego do verbo *tomar*, que, associado ao operador discursivo *mas* e à parte do enunciado *o lugar está cheio de gente!*, assumiu o sentido de *roubar* ou *de tirar algo de alguém pela especulação financeira*. Dessa forma, o verbo *tomar*, no nível explícito, está com o sentido, de forma clara e óbvia, de beber algo; porém no nível implícito, ou seja, o que está nas entrelinhas, esse item lexical se revestiu de outra acepção já mencionada na presente análise.

Na literatura, o autor Possenti (1998) afirma que uma das características do gênero piada é a existência de um elemento ambíguo que se incorpora de pelo menos dois possíveis sentidos. A forma verbal *tomar* é um exemplo dessa característica. Tal exemplo serve para mostrar que as piadas transmitem uma informação indireta.

Nesse ângulo, além do elemento deflagrador do humor e da crítica, encontramos outras marcações que auxiliam na operacionalização em busca do sentido: são a do verbo *conteve* e a do conectivo *mas*.

Quando o narrador da piada 1 profere a forma verbal *conteve*, causa um estranhamento no decorrer da leitura, pois demonstra um comportamento suspeito do amigo do banqueiro, o de evitar algo. O emprego do conectivo *mas* indica, nesse contexto, uma oposição à atitude do banqueiro, interpretada pelo amigo, de ele querer especular, em meio de muita gente, o que contribui para o propósito da piada, o de provocar o riso e a crítica.

Um outro aspecto a ser evidenciado na construção do gênero piada é a configuração do par dialógico (P-R) na sequência dialogal. Na sequência dialogal, a pergunta- P, em relação à organização tópica, introduz o tópico, — *Vamos entrar e tomar alguma coisa?*. Esse tipo de estratégia, a introdução de tópico, é muito comum para iniciar uma conversação.

A P, em termos de natureza, apresenta a relação de pedido de informação, ou seja, há uma solicitação de um pedido de informação, que pode ser interpretada como algo que o interlocutor deseja por alguma necessidade.

Com relação à estrutura, a P pode ser considerada como aberta, pois a R não foi sim nem não, e ela se inicia com um elemento de conectividade, *mas*.

Quanto às condições de satisfação da Resposta-R, consideramos parcialmente adequada, sob o ponto de vista dos interlocutores do contexto discursivo, visto que a R não atende a todas as condições propostas por Fávero, Andrade e Aquino (2006).

Dessa forma, as condições descritas em R, no par dialógico da piada, são:

- a- manutenção do tópico: A R está implicitamente relacionada com a Pergunta –P; pois não houve a mudança de assunto;
- b- conteúdo proposicional: a R refere-se semanticamente à P, por meio de relações de oposição ou questionamento do conteúdo proposicional apresentado na P;
- c- função ilocucionária: a R não é compatível com a P, pois há questionamentos de seu conteúdo proposicional;
- d- orientação argumentativa: a R não apresenta a mesma orientação argumentativa da P, pois seu conteúdo é questionável.

Se considerarmos essas condições de satisfação da resposta em relação à pergunta do banqueiro e especulador da bolsa, diríamos que a resposta torna o texto parcialmente incoerente.

Entretanto, como a análise se detém ao gênero piada, fica evidente que, na sua construção, a incoerência é relativa ao *modus operandi* do gênero, porque a partir dela a piada passa a revelar o seu sentido pretendido, decorrendo, então, a edificação da coerência, que se efetua pelas condições de produção que o gênero piada exige.

3.2.2 Piada 2

Na piada 2, verificamos a presença dos três elementos narrativos de Labov e Waletzky (1967), na sua organização textual, descritos a seguir.

O elemento *orientação* visa situar os leitores para a contextualização da piada a ser narrada.

- **Orientação:**

A mulher desempregada estava consultando os classificados e decide ligar para um anúncio de faxineira.

O elemento *orientação* é guiado pelas perguntas: — quem?; — quando?; — onde?. Nesse processo, encontramos o personagem, a mulher desempregada, que provavelmente estava em casa, lendo um jornal com o propósito de procurar um emprego

e toma a decisão de ligar para o anúncio de faxineira. Essas informações respondem às questões, — quem?; — quando?; — onde?; e são consideradas importantes para que o leitor saiba se orientar e preparar para o assunto veiculado na piada.

O segundo elemento verificado que atualiza os leitores sobre as ações e o conflito na situação discursiva é a

- **Complicação:**

No final da conversa, a senhora que atendeu lhe pergunta:- E quanto a senhora espera ganhar por dia?

– Ah, por menos de sessenta Reais por dia eu nem saio de casa! - a mulher responde, categórica. – Mas isso é um absurdo! Eu sou professora e não ganho tudo isso

Na *complicação*, percebemos que o elemento orientação não termina apenas em uma porção textual determinada, algumas informações podem aparecer no desenrolar da narrativa, como, por exemplo, a senhora que se configura como uma futura patroa e tem como profissão o magistério.

No ambiente complicador, temos a presença do discurso direto que se caracteriza como fala dos personagens e pelos sinais característicos como o travessão, além da forma verbal, *atendeu*, no pretérito perfeito, indicando uma ação acontecida e acabada no passado. Alguns verbos se apresentam no presente, como *pergunta*, *saio*, *responde* para que o leitor vivencie a cena ou como se estive envolvido no cenário, como um espectador do que está acontecendo.

No diálogo estabelecido entre os personagens surge o conflito, ou seja, o embate sobre a questão salarial e a posição da professora que compara o salário dela com o da faxineira, que seria maior.

Na perspectiva de Raskin (1979) e de Romão (2001), a piada 2 tem o gatilho, ou seja, o elemento provocador, explicado pelo posicionamento da professora ao enunciar que não ganhava o suficiente para pagar a faxineira. Nesse ambiente discursivo, o elemento provocador é identificado como a decorrência e as consequências do baixo salário dos professores. Portanto, o embate entre as duas se delinea como uma situação considerada inusitada.

E por último, apontamos o elemento que evoca o final mais informativo da piada, que causa a surpresa, que é a

- **Resolução:**

– *E por que a senhora acha que eu parei de dar aula?*

A *resolução* confirma, de forma notória, a crítica em relação à situação salarial do professorado, pois muitos desistem e vão trabalhar em outros campos profissionais, que não exigem tanta qualificação e concedem salários melhores. Dessa forma, ao final da piada, apresenta-se um fato inesperado, que provoca a crítica, e, ao mesmo tempo, podemos pressupor que há uma avaliação por parte do narrador que está embutida na fala da senhora contratante, a professora.

Segundo os autores Labov e Waletzky (1967), a narrativa é construída de propriedades identificáveis bem delimitadas, sequências verbais e sequências de eventos, o que ocorre na piada 2.

Os três elementos estabelecidos na piada 2 evidenciam a macroestrutura do gênero piada, que é constituída da *orientação, complicação e resolução*.

Sendo assim, constatamos que a piada 1 e a 2 apresentam um princípio de regularidade da estrutura composicional do gênero piada, conforme explicitada no parágrafo anterior.

No exame da piada 2, observamos que a intenção obviamente não é provocar riso, mas a crítica que é encapsulada em forma de brincadeira textual, ou seja, a piada.

Não há termos ambíguos nem metafóricos, mas evoca-se a forma de como o tema e texto foram trabalhados, o que possibilita caracterizá-lo como do gênero piada.

Segundo Marcuschi (2008, p.18), os gêneros textuais “são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade, ou natureza de temas”.

Situamos que a natureza do tema é um dos traços caracterizadores da piada 2, isto é, ela tem um propósito comunicativo que está diretamente conectado à vida social e cultural de nossa sociedade, além de detectarmos a existência de uma juntura temporal conforme apregoa Labov (1979).

Salientamos que a piada 2 é um gênero textual que reflete fatos sociais manifestados pela materialidade linguística. (BAZERMAN, 2006, p.22), no caso, a condição social e econômica dos personagens.

Na visão de Dolistsky (1992, p.37), as piadas sociais apresentam temas que, de alguma forma, são tabus, como exemplos as piadas étnicas, de gênero” dentre outros,

como o exibido no exemplo 2, o baixo salário do professor e a sua desvalorização em decorrência disso, o que o torna um tema social.

A função do exemplo 2 é a de demonstrar uma situação inusitada, provocando nos leitores um julgamento inesperado, como constatamos ao final do texto, quando nos é revelado que a faxineira era também uma professora que se cansou do baixo salário que costumava receber.

Para o entendimento da piada foi acionado o processo inferencial, conforme Marcuschi (2008, p. 225), do tipo lexical e pragmático e o de indução, de natureza lógica, ou seja, a percepção de informações textuais (pistas), a fala e a reação da professora sobre a questão salarial, e a da faxineira, que mudou de profissão, para chegarmos a uma conclusão. Dessa forma, as informações contidas na piada 2 possibilitaram conclusões sobre o tema tratado, um saber institucionalizado, como a questão salarial dos professores. Nesse construir textual, fica evidente que se alinharam os fatores semânticos, socioculturais e pragmáticos.

Na perspectiva de Dell’Isola (2001), as inferências emergem das influências socioculturais do ambiente e da vivência dos receptores textuais. Portanto, o propósito comunicativo é suscitar a crítica, demonstrando para quem lê que o salário dos professores é uma piada, ou seja, não se leva a sério a carreira do professor em termos do campo salarial.

No ponto de vista de Raskin (1979), a comicidade da situação exibida pela piada 2 condiz com a *máxima de quantidade*, ou seja, explicita somente a informação necessária, compreensível pela argumentação de cada um dos personagens. Aplica-se, ainda, a *máxima de relação* — diga apenas o que é relevante para a piada — o que ocorre na última fala da candidata ao emprego, “*E por que a senhora acha que eu parei de dar aula?*”.

A sequência dialogal da piada 2, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2006) retrata o par dialógico (P-R) SO e a sequência (SO-R). Em (P-R), a P é formulada pela senhora contratante. A P, em relação à organização tópica, tem a função de iniciar o diálogo em torno das condições contratuais entre patrão e empregado, ou seja, introduz o tópico.

Quanto à natureza, a P é um pedido de informação, ou seja, a senhora contratante deseja saber quanto a faxineira quer ganhar.

Estruturalmente, a P é aberta, pois suscita uma resposta que não se configura como sim ou não. Seu propósito é que a resposta seja uma informação solicitada e esclarecedora.

Com relação à R do par dialógico da piada 2, são apresentadas as condições de satisfação que são adequadas ao contexto em relação à perspectiva da faxineira. Porém na da senhora contratante, a condição argumentativa não atende à sua expectativa. Dessa forma, a R, de uma e de outra, estão relacionadas explicitamente com a P, ou seja, houve a manutenção de tópico, o conteúdo proposicional referem-se semanticamente à P, por meio de uma implicação.

A função ilocucionária veicula que a R da faxineira é incompatível com a P, já que traz um questionamento de forma indireta. A condição de argumentativa não apresenta a mesma orientação argumentativa, pois implicitamente há um questionamento, trazido aqui para comprovação: — *Ah, por menos de sessenta Reais por dia eu nem saio de casa!*

Seguindo a R — *Ah, por menos de sessenta Reais por dia eu nem saio de casa!* formulada pela faxineira, surge o segmento opcional (SO), que constitui uma reação da senhora contratante, a professora, à resposta – R da faxineira, transcrita aqui, — *Mas isso é um absurdo! Eu sou professora e não ganho tudo isso!*

Esse segmento opcional suscita uma resposta da faxineira. Dessa forma, SO — produzido pela senhora contratante — tem dupla função: a primeira, a de ser uma reação à resposta do par dialógico (P-R); e a segunda compõe a sequência (SO- R), sendo que o segmento opcional é um ato de fala que introduz um subtópico, o de a contratante ganhar pouco e ser professora e, ao mesmo tempo, requisita um outro ato de fala, ou seja, a resposta da faxineira a esse comentário. Conforme dissemos na análise das relações retóricas, a R se configura como uma pergunta P, devido a interferência do fator pragmático; além de, no contexto discursivo, a resposta a essa pergunta não é expressa explicitamente, já que a resposta está materializada no segmento opcional ou na memória do leitor.

3.2.3 Piada 3

Conforme as análises anteriores, na piada 3 foram identificados os três elementos correspondentes aos do modelo narrativo de Labov e Waletzky, a seguir.

- **Orientação:**

Aquele político velho de guerra estava sendo julgado por corrupção. Enquanto transcorria o julgamento, ele aguardava em sua casa nervosamente.

- **Complicação:**

De repente, toca o telefone e o advogado encarregado da sua defesa diz, sem esconder a euforia: - Doutor, a justiça foi feita!

- **Resolução :**

– Vamos apelar! – responde o político.

Até aqui, podemos constatar que a macroestrutura das piadas 1, 2 e 3 vem apresentando os três elementos narrativos: orientação, complicação e resolução reiteradamente.

Vemos que, na piada 3, a *orientação* apresenta o personagem, um político caracterizado como velho de guerra, que estava sendo julgado por crime de corrupção, que se delineia como um ator paciente. Nela, foi apontado o espaço, no qual o político se encontrava, ou seja, a casa dele. Situa-se o momento, indicado pela porção textual iniciada por uma circunstância de tempo *enquanto* e, ao mesmo tempo, funciona como um elo entre dois espaços em que as ações se desenvolvem, ou seja, a casa do julgado e o julgamento tomado com a acepção de espaço e, ao mesmo tempo, denotando uma ação.

Verificamos, ainda na, orientação, que o ator passivo, o velho político, se transforma em um ator ativo, como em *ele aguardava* e retrata-se o modo de como ele aguardava — *nervosamente* — denotando um comportamento de alguém que possivelmente agiu de má fé.

Na porção textual denominada *complicação*, pelo viés laboviano, centralizam –se as ações que influíram para que o final se tornasse um fato absurdo. Ainda nessa parte, descreve-se o personagem, o advogado, que, em estado de euforia, transmite a tão aguardada sentença, materializada por um discurso direto: — *Doutor, a justiça foi feita!*. O resultado da sentença, na visão do velho político corrupto, torna-se o motivo gerador que desencadeia um final absurdo.

Observamos que, nessa piada, o elemento fronteiroço entre a orientação e a complicação é o elemento circunstancial temporal —*De repente*— que interrompe a estabilidade do que acontece na orientação, sem que haja o desligamento do fio temático do texto e, ao mesmo tempo, permitindo que haja a progressão textual.

Por fim, o terceiro elemento, *a resolução*, apresenta-nos um final bem atípico, que produz um efeito cômico, o fato de o político ter outro entendimento da sentença, ou seja, que ele fora condenado. Por isso, o final se torna absurdo pela resposta do político, que se instaura de forma direta, — *Vamos apelar!*.

A piada 3 exhibe um conteúdo explícito na orientação e na complicação, pois o interlocutor narra com clareza a situação discursiva nos dois elementos narrativos.

Conforme Romão (2001, p. 89-90), o conteúdo explícito corresponde àquilo que o autor apresenta claramente, o que está efetivamente escrito.

Nessa mesma linha de raciocínio, o elemento resolução expõe um conteúdo claro, mas que se transforma em um conteúdo reverso, ou seja, submerge um sentido contrário e inesperado no compreender do político corrupto. Sendo assim, o personagem político não foi capaz de compreender a explicitude do conteúdo, tornando-se o elemento provocador do humor, pelas palavras proferidas na resolução.

Na visão de Raskin (1985), esse exemplo evidencia claramente dois *scripts* opostos configurados pela atitude do velho político. Assim, a situação discursiva da piada 3 propicia ao interlocutor um enigma, isto é, um *script* que, no decorrer dos acontecimentos, passa para uma outra dimensão, ou seja, a incompreensão do velho político diante dos fatos.

A reação do velho político em relação ao resultado, que para ele soou como uma condenação, pode ser explicada pelo contexto sociocultural no qual ele transita. Este é um contexto nebuloso e carregado de artimanhas. Cabe ao leitor perceber a intencionalidade da piada, porque, ao ler “as entrelinhas e integrar os dados do texto com a própria experiência ou conhecimento do mundo, o leitor infere de acordo com o seu *background* que está enraizado em uma sociedade e em uma cultura”. (DELL’ ISOLA 2001, p. 109). Assim, podemos perceber que o velho político corrupto é um exemplo de temas que perpassam o contexto humorístico, como o das piadas.

Na piada 3, realçamos um cenário específico em que são empregados termos da área jurídica como *juízo*, *advogado*, *justiça apelar*, expressões linguísticas que nos conduzem para outra esfera de práticas sociais em que outros gêneros são veiculados, como a petição e demais gêneros de caráter legal. Sendo assim, apontamos que as piadas,

como gêneros textuais, são muito versáteis quanto à temática e ao emprego do vocabulário, pois aproveitam qualquer tipo de situação corriqueira que é demandada pelo contexto de produção, levando-se em consideração os aspectos funcionais e pragmáticos na constituição de um gênero textual.

Segundo Decat (2012, p.230), “um gênero textual não é identificável somente pela predominância linguística, mas calca-se em aspectos funcionais e pragmáticos”.

Nesse recorte, consideramos que a piada 3 é pulverizada de segmentos narrativos, descritivos e dialogais. Todos esses segmentos se combinam de uma forma paradoxal para que os objetivos sociocomunicativos sejam alcançados.

Nossa afirmação contrapõe-se ao que Cavalcante (2016, p.78) apregoa, no trecho destacado, que “a piada é, geralmente, constituída “de sequência narrativa e de sequência dialogal, sendo que ‘a primeira é dominante’ e a segunda se configura apenas nos discursos interativos dialogais”. Constatamos que na piada 3, como nas de números 1 e 2, as sequências narrativas e dialogais são de igual importância, no contexto textual, conforme já afirmamos. No nosso entender, talvez a autora utilize esse argumento para caracterizar a piada como a da tipologia narrativa, colocando esse aspecto como o dominante

No exemplo analisado, pontuamos novamente os recursos linguísticos como o uso de travessões para inserir a fala dos personagens, ou seja, os discursos diretos que constituem a sequência dialogal, o emprego dos verbos *dicendi* como *diz* e *responde*, constituindo uma transição frasal.

Na operacionalização da piada 3, mobiliza-se a coerência textual, como fator preponderante para que o sentido seja construído, de modo que se garanta a interpretabilidade local e global. Para Antunes (2010), a coerência é um encadeamento de sentido, ou seja, a piada possui uma sucessão de fatos próprios, no sentido de uma continuidade, não apenas linear, mas o que se extrai dessa continuidade.

Quanto à aspectualidade do par dialógico pergunta- resposta (P-R), consideramos que não há o registro na piada 3. No entanto, são perceptíveis os atos de fala, que evidenciam a sequência constituída de segmento inicial (SI) e a resposta- R, sendo que SI é um segmento inicial dito pelo advogado de defesa — *Doutor, a justiça foi feita!* — que no contexto textual funciona como uma reação positiva em face do julgamento, que compreende a uma resposta R parcialmente adequada, que é o ato de fala proferido pelo político.

Nessa relação, é perceptível a existência de uma circularidade. Embora o SI não constitua uma pergunta, podemos caracterizá-lo quanto à função na organicidade tópica, como um introdutor de um tópico porque inicia o contexto discursivo sobre enunciando a sentença promulgada no julgamento.

Quanto à natureza, no contexto da piada 3, o SI se caracteriza como um esclarecimento em relação ao contexto referenciado imediatamente anterior ao seu.

Em relação à sua estrutura, configura-se como aberto, pois seu conteúdo requisitava uma resposta extensiva.

Quanto à adequação das condições de satisfação da resposta, no contexto da piada 3, é perceptível que é parcialmente apropriada em relação aos interlocutores do contexto discursivo. Para o advogado de defesa não foi adequada, porque a primeira condição não foi satisfeita.

No contexto discursivo, verificamos que a R, formulada pelo político, está relacionada implícita — pelo fato de o político achar que havia perdido a causa — ou explicitamente com o SI — pois a R é construída com as palavras usuais e convencionais de quem perde uma demanda.

Já no que se refere ao tema, ou seja, o conteúdo proposicional: a R refere-se semanticamente ao SI, embora houvesse um questionamento do conteúdo proposicional apresentado no SI.

Quanto à função ilocucionária, a R não é compatível com o SI, pois o político não compreendeu a sentença que foi favorável a ele, por isso a R não apresenta a mesma orientação argumentativa do SI, que veicula um conteúdo positivo. Portanto, o conteúdo proposicional do SI foi questionado, pela falta do entendimento por parte do político.

Entretanto, no contexto piadista, a R adquire uma nova concepção, um novo contrato, o que promove a satisfação das condições específicas do gênero, pois este é construído por um cenário sobreposto e contraditório, porém as condições, mesmo sendo parcialmente satisfatórias, são adequadas ao contexto do gênero piada, dadas as suas condições de produção.

3.2.4 Piada 4

Na análise da piada 4, evidenciamos novamente os três elementos narrativos, segundo o modelo de Labov e Waletzky (1967). Podemos conferir essa ocorrência pela análise da macroestrutura do exemplo em tela, ou seja:

- **Orientação:**

Muito nervoso, o cliente grita: - Garçom, essa sopa está com gosto de inseticida!

Labov e Waletzky (1967) postulam que, na fase denominada *orientação*, são apresentados, dentre outros elementos, os personagens que atuarão na narrativa, já que sem eles não haveria como a ação ser desencadeada.

Nela, identificamos o cliente que se encontra muito nervoso, evidenciando um estado transitório e, por isso, grita convocando o garçom.

Ao fazer este ato, entra em cena mais um personagem, o garçom. Tal ação decorreu-se pela fala do cliente, representada no discurso direto. Ao proferir suas palavras — *Garçom, essa sopa está com gosto de inseticida!* — conseguimos construir um cenário, ou seja, o lugar onde se passará a ação, que, nesse caso, inferimos ser um restaurante.

Esse contexto situacional vem confirmar a proposta do modelo narrativo de Labov e Waletzky, de que a *orientação* é endereçada ao leitor para que ele conheça os atores participantes da ação e o ambiente em que esta acontece.

- **Complicação:**

O garçom responde, inconformado: - Cliente nunca fica satisfeito!

A *complicação* constitui-se o elemento realizado na parte central da narrativa que, nesse caso, é uma resposta à reclamação feita pelo cliente.

Nessa parte, encontramos uma situação incomum, que é a resposta do garçom, pois espera-se, pelas regras sociais, que o garçom peça desculpas e troque o prato ou que o restaurante ressarça seu cliente pelo mau atendimento.

- **Resolução:**

Quando tem mosca, reclama. Quando a gente toma uma providência, reclama também!

Esse segmento constitui o elemento *resolução*, no qual se encontra uma explicação do garçom, que parece ser alguém despreparado para a função, em relação à insatisfação do cliente. Tal explicação do garçom suscita a inferência de que, geralmente, os clientes não ficam satisfeitos.

Podemos pressupor que o restaurante não atende às exigências da vigilância sanitária já que existem moscas no estabelecimento e nos produtos oferecidos nele. A providência foi tomada, descuidadosamente, pelo fato de o garçom pulverizar inseticida e este cair na comida que será servida aos clientes.

A piada 4 veicula, em seu conteúdo, de forma exagerada, problemas que costumam e podem acontecer com os clientes em restaurantes, como despreparo de atendentes, má qualidade dos produtos oferecidos, falta de higiene, por exemplo, o fato de fios de cabelos serem encontrados na comida, dentre outros.

A intenção é satirizar a atitude do garçom de jogar inseticida na sopa, e de demonstrar incidentes que não deveriam ocorrer, mas acontecem.

Configuram-se, nesse contexto, as máximas de Grice (1975) adaptadas por Raskin (1979). Assim, observamos a máxima de relação, o conteúdo veiculado se torna relevante para a piada e a passagem do modo *bona-fide* – reclamação procedente do cliente — para o modo não *bona-fide* — reclamação não procedente do garçom, estabelecendo-se um novo contrato na tessitura textual.

É evidente que, para o entendimento da piada 4, os leitores ativaram o conhecimento sobre as regras sociais; e, nesse sentido, situamos que há a quebra de expectativa, alçando assim o conteúdo implícito já comentado no elemento *complicação*.

Retomando as palavras de Romão (2001, p. 20), “a partir da conjugação de informações que estão no nível explícito, implícito e metaplícito” podemos ter a habilidade para interpretar o texto da piada 4.

O exemplo da piada 4 é de extensão breve, mas consegue alcançar o seu objetivo, transforma um acontecimento que poderia ser narrado com suas consequências já previstas. No entanto, apresenta uma situação diferente, causando uma certa ironia. Para Bakhtin (2000), todo enunciado é produzido de acordo com a área da atividade humana.

Assim, de acordo com Bakhtin (2000), quando emitimos um enunciado, o elaboramos para uma determinada situação. Ancorados nas palavras de Bakhtin,

consideramos que a piada 4 é descrita para essa finalidade, ou seja, a de ironizar a atitude do garçom de jogar inseticida para acabar com as moscas e deixar cair na sopa.

O exemplo é, portanto, um texto curto, mas possui uma estrutura organizacional como pudemos constatar pelo entrelaçamento das relações de coerência que emergiram na sua construção, formando a arquitetura textual. De acordo com Marcuschi (2008, p.99), a piada 4 atende aos critérios ou padrões de textualização, como a coerência; as informações aparentemente incoerentes, se tornam coerentes de acordo com o gênero piada; a coesão se pontua pelas relações entre os enunciados colaborando para a atribuição de sentido; a intencionalidade, a que se propõe ironizar uma situação sobre reclamações de clientes e garçons em restaurantes; a aceitabilidade, que dependerá do entendimento e do conhecimento sociocultural do interlocutor, considerando que, a situação é narrada em um texto humorístico; e a informatividade, que contribui para que as informações se articulem para a percepção de uma possível leitura, por meio de inferências.

Como o conteúdo da piada é veiculado por meio de atitudes e posicionamentos não esperados na situação que envolve cliente e, principalmente, o garçom, é perceptível que há um desrespeito quanto à máxima griceana, o princípio colaborativo, pois é esta a intenção do texto piadista. Segundo Grice (1975), ocorre uma transgressão sociocultural, o agir politicamente correto e a máxima de quantidade, ou seja, a informação mais do que necessária que surpreende o leitor. A piada 4 subverte esse princípio, efetivando a sua intencionalidade, a de provocar uma reação no leitor. Já para Raskin (1979), não há um desrespeito selado quanto às máximas e, sim, um novo contrato, com vistas à significação construída pelos envolvidos na situação discursiva. Nossa posição é a mesma, portanto para nós o que ocorre é uma nova perspectiva sobre as máximas griceanas.

Na construção da piada 4, a passagem que é representada pela resposta do garçom —*Cliente nunca fica satisfeito!*— contém uma afirmação caracterizada por uma inferência dedutiva que é sustentada por duas premissas: *Quando tem mosca, reclama. Quando a gente toma uma providência, reclama também!* De acordo com Marcuschi (2008, p. 255), as inferências são mecanismos que possibilitam a compreensão textual. Portanto, para a interpretabilidade do gênero piada concorre uma série de mecanismos inferenciais e de outras ordens como já apontamos nesse exemplo analisado.

De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2006), com relação ao par dialógico, registra-se, na piada 4, a sequência (SI - R), em que se inscreve o segmento inicial, o qual tem a marcação de um ponto de exclamação; mas, se considerarmos o enunciado como

um todo, é perceptível que nele subjaz uma indagação, que tem a intenção de uma pergunta. O segmento posterior pode confirmar tal propósito. Este representa a R, que é concretizada pela justificativa do garçom, alusiva à reclamação do cliente.

Quanto à organização tópica, o SI — reclamação do cliente — no contexto da piada 4, se define como introdutor de um tópico, porque inicia o diálogo.

Quanto à natureza percebe-se um pedido de informação, isso pode ser constatado pela paráfrase: “– Garçom, por que essa sopa está com gosto de inseticida?”. Dessa forma, o SI visa à obtenção de uma explicação que decorre de um ponto a ser resolvido.

Estruturalmente, o SI se descreve como aberto, pois suscita uma resposta que não é de *sim* ou de *não*.

Com relação à adequação da R — justificativa do garçom — a R não satisfaz a expectativa da P do cliente, o que aponta uma inadequação, ou seja, a R é incoerente. Por outro lado, a R está implicitamente relacionada ao tópico, pois não houve mudança do tema. O seu conteúdo proposicional alude semanticamente à P, por meio de uma oposição ou questionamento — justificativa do garçom — do conteúdo proposicional veiculado na P, quanto à função ilocucionária, a R não é compatível, pois há um questionamento ao conteúdo proposicional do SI.

Entretanto, por se tratar do gênero piada, as condições de satisfação da R caracterizam que as duas primeiras condições contrastam com as duas últimas condições, retratando os dois planos sobrepostos e contraditórios do gênero piada, o que demonstra, a princípio, uma falta de coerência textual, que, ao final, torna-se coerente devido aos objetivos sociocomunicativos e pragmáticos do gênero.

3.2.5 Piada 5

Nesta subseção, apresentamos a análise da piada 5, quanto à presença dos elementos narrativos.

Vejamos, a seguir, os elementos constituídos pelos segmentos textuais que a piada 5 nos proporciona:

- **Orientação:**

Um ladrão pula o muro de uma casa. Quando está tentado arrombá-la, ouve uma voz que diz:

– *Jesus está te vendo!!!*

O elemento *orientação* tem a função de situar o leitor, contextualizar e apresentar os personagens. Sendo assim, temos um ladrão que pula o muro de uma casa e estava tentando arrombá-la, quando ouve uma voz que dizia que Jesus o estava vendo.

- **Complicação:**

O ladrão assustado para e pergunta:

– *Como é???*

E novamente ouve:

– *Jesus está te vendo!!!*

Ele usa a lanterna e vê que a voz vem de um papagaio e ele diz:

– *Ah, você que é Jesus???*

E o papagaio responde:

– *Não. Eu sou o Judas.*

Após o ladrão ouvir a voz, a piada ganha desenvoltura. Nessa parte, identificamos o corpo da piada, ou seja, a ação complicadora, constituindo o elemento narrativo *complicação*, no qual o ladrão ficou muito assustado e passou a estabelecer um diálogo com a voz.

Em meio ao diálogo, o ladrão acendeu a lanterna e viu que a voz era de um papagaio. Perguntou ao papagaio se ele era o Jesus, o qual respondeu que não. Ele era o Judas.

O diálogo fornece uma sequência de orações que formam uma juntura temporal, conforme Labov e Waletzky (1967).

A configuração do elemento *complicação*, que se efetua no desenvolvimento das ações, foram evidenciados verbos no presente, como *sou, para, pergunta, é, usa, vê* dentre outros. Essa estratégia objetiva a presentificação da cena, transportando um fato passado para o momento presente, trazendo mais cor e vivacidade à piada. Há uma sucessão de ações que decorrem no diálogo.

- **Resolução:**

Então o ladrão diz:

– *Quem é o louco que põe o nome de Judas em um papagaio???*

E o papagaio responde:

– *O mesmo louco que colocou o nome de Jesus naquele pittbul...*

PEGA ELE JESUS!!!

No elemento *resolução*, deflagra-se o humor e graça da piada, pois é incrementado pelo elemento surpresa. Nessa parte, o ladrão fez um comentário, chamando de louco a quem havia dado esse nome ao papagaio. Este lhe responde de que era o mesmo louco que havia dado o nome de Jesus ao *pittbul* e, em seguida, deu a ordem ao canino para pegá-lo.

Neste final, apresenta-se um jogo com os nomes Judas e Jesus. O conhecimento de mundo, nos dá a possibilidade de relacionar nomes e personagens; pois, sabemos quem é Judas, ele traiu e entregou Jesus, o rei dos judeus e filho de Deus Pai, aos romanos. Nesse caso, Judas representa o papagaio que entrega o ladrão a Jesus, o qual, no contexto discursiva, é o cão de raça considerada feroz e agressiva. Dessa forma, delineia-se uma brincadeira com o nome dos personagens bíblicas, Judas, Jesus e ladrão.

O objetivo da piada é alcançado pelo recurso de inferência. Portanto, na *resolução*, há a ativação da inferência que é descrita pela associação de nomes de personagens bíblicas ao contexto da piada, configurando-se por natureza lexical, semântica e pragmática, conforme Marcuschi (2008).

Na arquitetura textual da piada 5, de acordo com Dell' Isola (2001), a inferência foi ativada no primeiro, segundo e no terceiro momento, sendo que este último foi de modo mais contundente, porque o leitor é levado a se posicionar emocionalmente, ou seja, ele inclina-se a apreciar a piada, estabelecendo uma interação que propiciará o efeito de achar a piada engraçada.

O jogo com os nomes dos personagens da piada 5 com os nomes bíblicos de Judas e Jesus apresenta uma intertextualidade, lembrando o papel de Judas, o traidor que, na piada, representa o papagaio e configurando-se como o gatilho das cenas hilárias, materializadas por meio do diálogo entre o papagaio e o ladrão. Esses elementos se coadunam para a passagem do modo *bona-fide* para o modo não *bona-fide*; pois, no decorrer da piada, temos a impressão de que Jesus é o filho de Deus Pai, e que, no contexto religioso, nada fica impune a Ele. Ao final da piada, descobre-se realmente quem é Jesus, ou seja, o *pittbul* que recebe a ordem de ataque de Judas.

De acordo com Raskin (1979), a piada, para cumprir seus objetivos, precisa levar em conta as máximas de: a) qualidade: o jogo de palavras em relação aos nomes e

personagens; b) relação: o texto não deve ser muito explicativo em detalhamento; e c) modo: a piada apresentou-se de forma hilária.

Vemos que a elaboração textual é construída em dois planos. No primeiro plano temos três personagens, sendo que dois cumprem o papel já esperado, ou seja, o ladrão, aquele que tenta arrombar a casa e o cão que tem a função de atacar pessoas que não são convidadas a adentrarem na casa. E o terceiro personagem é metaforizado pelo papagaio, que representa os olhos e a voz que vigia a casa.

Já no segundo plano, pela implicitude, percebemos o papel de cada personagem alinhado ao significado dos nomes. Segundo Romão (2001), o conteúdo implícito traz informações que não se materializam, na forma escrita, no contexto discursivo, porém, a partir de outras informações expressas linguisticamente, ele se ergue no contexto pragmático por meio do conhecimento sistêmico do interlocutor.

A análise da piada 5 se mostra adequada a seu gênero, pois exibe uma coerência estrutural. Segundo Koch e Vilela (2001), a composicionalidade possui uma coerência temática, ou seja, as ideias estão bem articuladas, seguem um princípio de relevância, além da coerência temporal, pois o estabelecimento dos fatos se atém a uma juntura temporal adequada, sem fragmentos.

Com relação à descrição do par dialógico da piada 5, a análise apresenta um segmento inicial (SI) e o conjunto constituído de uma pergunta e uma resposta, SI (P-R), e dois pares dialógicos compostos por pergunta e resposta (P-R).

Na sequência temos o segmento inicial constituído pela primeira fala do papagaio. Esse segmento é marcado por pontos de exclamação e tem a finalidade de iniciar o diálogo, e, ao mesmo tempo, demonstra uma reação ao fato de o ladrão arrombar a casa. Assim, segundo Fávero, Andrade e Aquino (2006, p.142), há uma asserção que representa o início de tópico.

No primeiro par dialógico (P-R), estabelece-se a pergunta formulada pelo ladrão referente ao segmento inicial (SI). Dessa forma, segundo Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 156) a P, quanto à organização tópica, é compreendida como continuidade de tópico. Como o ladrão não captou a mensagem do enunciado do S inicial, ele busca, por meio da pergunta, voltar ao tópico original.

Quanto à natureza, a P é representada como pedido de esclarecimento, porque o ladrão não conseguiu compreender o que foi proferido pelo papagaio no segmento inicial, e lhe solicita que repita-o novamente; por isso, em função desse esclarecimento a P foi formulada pelo ladrão pelo advérbio interrogativo e o verbo ser – *Como é??*. Diante do

pedido, o papagaio reproduz o enunciado que se configura como uma R em atendimento ao pedido.

As condições de satisfação da resposta são adequadas, sob o ponto de vista dos interlocutores participantes da situação discursiva.

No segundo par dialógico (P-R), a pergunta formulada pelo ladrão, quanto à organização tópica evidencia a continuidade do tópico em torno do nome Jesus.

Quanto à natureza, a P representa um pedido de confirmação que é sustentada pelo marcador discursivo — *Ah* — e pela intencionalidade da P.

No que diz respeito à estrutura, a P se materializa como semiaberta com expressões adicionais.

A resposta do segundo par dialógico atende adequadamente às condições de satisfação, sob as perspectivas do papagaio e do ladrão, pois não houve desvios nem falta de coerência entre o par com relação à manutenção do tópico, conteúdo proposicional, função ilocucionária e orientação argumentativa.

No terceiro par dialógico (P-R), a pergunta é formulada pelo ladrão com a intenção de se saber quem era o louco que havia colocado o nome de Judas em um papagaio. Dessa forma, houve introdução de um novo tópico.

Quanto à organização tópica, a P constitui-se pela mudança de tópico, uma vez que a atenção é dirigida não mais pelo nome do papagaio, mas sobre quem havia colocado o nome do papagaio.

Quanto à natureza, a P é um pedido de esclarecimento, que se materializa em forma de ironia, pois o ladrão chama a pessoa de louca pelo fato do nome do papagaio ser Judas.

Quanto à estrutura a P é aberta, já que seleciona uma resposta que necessita ter uma explicação.

As condições de satisfação da R do papagaio do terceiro par dialógico são parcialmente adequadas, isso porque a manutenção do tópico está relacionada explicitamente com a P porque faz referência à pessoa que colocou o nome no papagaio; o conteúdo proposicional refere-se semanticamente à P, por meio de implicação.

No tocante à função ilocucionária, consideramos que não é compatível com a P porque as concepções, sobre o item lexical *louco*, diferem-se, sob o ponto de vista do papagaio e do ladrão. Assim, a R traz implicitamente um questionamento do conteúdo proposicional da P. Por esse prisma, a orientação argumentativa da R não apresenta a

mesma orientação, porque o conteúdo proposicional da P está implicitamente questionado.

Desse modo, o diálogo desenvolvido nos pares dialógicos e na estrutura dialógica da piada 5, traz um conteúdo muito interessante e engraçado, pois é concernente aos propósitos do gênero piada.

3.2.6 Piada 6

De acordo com Labov e Waletzky (1967), para se constituir uma narrativa são necessárias aos menos três partes como as que foram evidenciadas na macroestrutura da piada 6. E outro critério mais importante é que haja a juntura temporal, o que podemos constatar no texto pela sequência de como os fatos são encadeados.

A composicionalidade da piada 6 demonstra que as piadas analisadas de 1 a 6 possuem as mesmas condições de elaboração, são curtas, compõem-se de três elementos narrativos que se comunicam entre si e se propõem em direcionar o leitor para as finalidades de provocar risos, críticas e suscitar ironias. A seguir, exibimos a análise desses elementos na piada 6.

- **Orientação:**

O paciente chega ao psiquiatra, tímido e cabisbaixo:

O elemento *orientação* contém a informação do paciente que chegou tímido e cabisbaixo, situando o receptor textual para o assunto a ser tratado no texto, ou seja, há a construção de um cenário, em que existe um paciente com alguma doença mental ou uma psicose que procura um médico para ajudá-lo nesse problema.

- **Complicação:**

Doutor, eu tenho dupla personalidade.

Na fase *complicação*, nos é exibido o fato complicador que se desenvolve por meio de um enunciado rápido que informa o problema do paciente.

- **Resolução:**

- *Esquenta não, meu filho. Senta aí e vamos conversar nós quatro.*

De repente, na fase da *resolução*, somos surpreendidos, quando o médico se dirige ao paciente, ao dizer que eles vão conversar em quatro pessoas. Isso provoca no leitor um estranhamento, pois essa informação nos ladeia para o surgimento de uma crítica incorporada, em forma de uma ironização, sobre a crença popular de os médicos psiquiátricos serem taxados de loucos ou em mais loucos que seus pacientes.

Atentamos para o fato de que a piada como gênero dispõe de objetivos sociais, culturais e pragmáticos. No exemplo em tela, configuram-se salientemente os aspectos culturais de uma parcela da sociedade que trata a questão evidenciada dessa forma.

Em nosso posicionamento, acreditamos que as experiências, o conhecimento de mundo e o textual são recursos importantes para a compreensão dos textos piadistas. Nesse aspecto compactuamos com Dell’Isola (2001), pois a capacidade leitora de cada leitor é diferente devido a interferência de diversos fatores.

Portanto, para a compreensão de uma piada, o leitor/ouvinte precisa ter a habilidade de inferir informações explícitas e implícitas. Segundo Romão (2001), o nível implícito se refere àquilo que não está expresso no texto, cabe à proficiência leitora construir ou desvelar o significado embutido nas palavras do contexto textual.

Na piada 6, na visão de Welwei (2012), ocorre uma violação aos princípios de Grice (1975), quando a informação dada é mais do que necessária, porque o médico acrescenta um informe desnecessário ao dizer *vamos conversar nós quatro*.

Aparentemente, percebemos uma incoerência na situação discursiva, porque o texto nos apresenta um paciente com problemas psiquiátricos que precisa de um médico, mas no decorrer do texto, nos mostra que o médico possui o mesmo sintoma de seu paciente.

Entretanto, na construção do gênero piada, levamos em conta a finalidade e os objetivos a que ele se propõe, não podemos falar em incoerência, pois seu sentido é estabelecido por esse jogo de ideias contrárias ou incongruentes, segundo Romão (2008, 262).

A piada 6 encena uma situação hilária em que, segundo Raskin (1979, p. 330), configura-se a passagem do modo *bona-fide* para o modo não *bona-fide*, ou seja, estado de saúde do paciente (dupla personalidade) *versus* estado de saúde do médico (dupla

personalidade). Nesse ponto, cria-se uma situação incomum, com intenção de provocar o humor pela passagem do texto *vamos conversar nós quatro*.

Na piada 6, situamos que não foi registrado o par dialógico (P-R) na sua forma canônica, embora as autoras Fávero, Andrade e Aquino (2206, p 133) aleguem que ele pode sofrer variações. Dessa forma, consideramos a sequência segmento inicial SI mais segmento posterior S, configurando-se como atos de fala, sendo este último com acepção de uma resposta.

O segmento inicial (SI) tem a função de introduzir o assunto, ou seja, o problema. O paciente, ao fazer essa declaração, espera uma resposta; sob esse ponto de vista, podemos afirmar que ele deseja um esclarecimento, e, ao mesmo tempo, representa uma declaração do tipo aberta, porque o segmento posterior a ele não seleciona as respostas sim e não.

O segmento posterior- S ao segmento inicial- SI evidencia-se de forma pragmática no contexto como uma resposta-R. Sendo assim consideramos que as condições de satisfação são adequadas aos interlocutores, paciente e médico. Isso porque a manutenção do tópico e de conteúdo proposicional estão apropriados ao conteúdo do SI.

O assunto da R está relacionado ao SI; o conteúdo proposicional refere-se semanticamente também a ele por meio de relação de paráfrase — *Esquenta não, meu filho — eu também tenho dupla personalidade. — Senta aí e vamos conversar nós quatro*.

A função ilocucionária e a orientação argumentativa são compatíveis ao conteúdo do segmento inicial. Entretanto, sob o ponto de vista do leitor e do senso comum, os itens função ilocucionária e orientação argumentativa não são condições adequadas ao contexto real, o que condiz com a construção do gênero piada, pois não haveria a imprevisibilidade. No gênero piada, a imprevisibilidade é um fator indispensável para ela atingir seu objetivo, de acordo com a temática a ser explorada.

3.2.7 Piada 7

Consideramos que a estrutura composicional da piada 7 é marcada pelos mesmos elementos narrativos identificados nos exemplos das piadas de 1 a 6, o que nos leva a uma identificação de um padrão composicional que demonstra uma regularidade.

Seguindo a estrutura composicional ancorados no modelo laboviano, exibimos os elementos identificados na macroestrutura, a seguir.

- **Orientação:**

Após a cirurgia:

A parte *orientação* tem sempre o papel de contextualizar a situação discursiva, como o ambiente, os participantes e se remete ao receptor do texto, contribuindo para que ele saiba do assunto ou temática que perpassará no corpo da narrativa. Nessa parte, segundo Labov e Waletzky (1967), estabelece-se a junção temporal, condição básica para que a piada seja enquadrada na tipologia narrativa. Nela, ocorre um fator temporal, expresso pela locução adverbial *Após a cirurgia*, indicando uma circunstância que indica um situação fatural, no anúncio do contexto textual.

- **Complicação:**

-Doutor, entendo que vocês médicos se vistam de branco. Mas por que essa luz tão forte?

A *complicação* sempre se configura no desenvolvimento da ação. Nessa parte da piada, são focalizados situações e diálogos que desencadeiam a situação conflituosa a ser, possivelmente, esclarecida.

Nesse desenvolvimento, efetivam-se as ações dos personagens e alguns estados emocionais revelando que o elemento *orientação*, às vezes, se encontra diluído em alguns pontos do texto.

Na complicação, pontua-se o gatilho, elemento responsável para a deflagração de uma situação satírica — o fato de o paciente entender a cor branca das roupas dos médicos e não compreender o motivo da luz ser tão forte, e ainda referir-se a S. Pedro como doutor — o que alude ao imaginário coletivo sobre quando se vai para o mundo espiritual, veem-se luzes muito fortes.

O entendimento da situação retratada, na complicação, pode ser explicado pela ativação do procedimento inferencial. Segundo Marcuschi (2008, p.255), esse mecanismo se processa pela indução e pela lógica, que se manifestam pelo reconhecimento de

informações textuais para chegar a uma conclusão — a de que o paciente se encontrava no mundo espiritual e não entendia o que aconteceu.

Ressaltamos que as ações acontecem de forma rápida. Justificamos esse procedimento porque a piada é um gênero narrativo de curta extensão, que emprega informações explícitas/implícitas, de modo que sua compreensão possa estar ao alcance de seu público-alvo, de forma mais rápida; por isso não se deve materializar em um texto muito extenso; caso contrário, a piada perde sua finalidade, pois são exigidas uma rapidez de raciocínio e uma prontidão de habilidades para compreendê-la. Se o narrador/ produtor estender muito o texto, provavelmente, a piada perderá o ritmo, e o seu objetivo, provavelmente, não será atingido.

A rapidez das ações contribui, em grande parte, para quebrar a expectativa do leitor em relação à resolução, na qual comparece o final inesperado, que pode provocar o surgimento da ironia, de uma crítica ou ainda de uma sátira em relação à situação mostrada na piada.

Nas palavras de Raskin (1979), o gatilho é responsável pela passagem do modo *bona-fide* para o não *bona-fide*, contribuindo para que haja uma reviravolta da situação ou daquilo que era esperado. Portanto, compreende-se que a piada deve ser caracterizada por dois espaços — sala de cirurgia e os acontecimentos após a cirurgia — existência de dois scripts parcialmente sobrepostos compatíveis ao texto — por um gatilho óbvio — o questionamento sobre a luz forte e o vocativo — doutor — sendo fonte para a emergência de outro — Eu sou S. Pedro. Dessa forma, cabe a quem lê ou escuta a operacionalização desse processo o de extrair e construir o sentido adequado à situação discursiva.

- **Resolução:**

- *Meu filho, eu sou São Pedro.*

Na *resolução*, no evento narrável, o paciente ainda pensa que está na mesa da cirurgia. Entretanto, quando São Pedro lhe dirige a palavra, tanto paciente quanto leitor se detêm diante de um novo cenário, ou seja, o paciente estar na presença de S. Pedro. Conforme explicamos, ocorre a inferência do tipo associação de natureza lexical, semântica e pragmática, que se processa pelas informações implícitas advindas do que foi expresso no ambiente textual.

Vemos que as informações vão se articulando de modo que o texto vai sendo incorporado pelos fatores textuais, como a coerência e a coesão e os elementos pragmáticos.

Com relação à descrição do par dialógico (P-R) da piada 7, registramos a sua ocorrência, sendo que pergunta P feita pelo paciente é constituída, na sua organização tópica, como introdutora de tópico, pois evidencia o fato de a luz ser intensa.

Quanto à natureza, a P requer um pedido de esclarecimento, sobre questão da luz, já mencionada; e em relação à sua estrutura é do tipo aberta porque seleciona uma resposta que, provavelmente, explicaria o que foi questionado.

Na constituição da resposta aberta, verificamos que as condições de satisfação não são adequadas aos interlocutores participantes da trama.

No ponto de vista descritivo, as condições de satisfação da R de S. Pedro ao paciente são inadequadas, isso porque a manutenção do tópico não está relacionada explicitamente com a P, porque não é apresentada uma resposta relativa ao tema; por isso, a R não se refere semanticamente ao conteúdo proposicional da P, nem por paráfrase, implicação, oposição ou questionamento.

Em relação à função ilocucionária, consideramos que a R não é compatível com a P porque a R não concebe uma resposta de acordo com o tema; e, implicitamente, veicula um questionamento em relação ao fato de o paciente tratar S. Pedro como doutor.

Como o gênero piada é construído por dois cenários sobrepostos, fica complicado afirmar que as condições de satisfação possam atender totalmente o contexto discursivo interativo. Ressaltamos que, na piada 7, a inadequação da resposta apresentada pelas condições de satisfação, colabora para a caracterização da construção e organização textual desse gênero.

3.2.8 Análise da piada 8

Na presente análise da piada 8, apresentamos as porções textuais correspondentes aos três elementos narrativos.

- **Orientação:**

A cartomante está vendo a sorte de um cliente na bola de cristal!

No elemento *orientação*, é construído um palco, no qual se apresentam os personagens e os elementos figurativos. Os personagens são a cartomante, o cliente e a bola de cristal. O cliente procura a cartomante para ver a sua sorte.

- **Complicação:**

– *Vejo uma morena que o fez sofrer muito no passado. Agora vejo uma loira que o fará sofrer muito no futuro.*

A *complicação* é construída quando a cartomante se manifesta em discurso direto, que é introduzido pelo travessão. Nesta parte, é perceptível a voz do narrador, que se apresenta na 3ª pessoa como observador. Para a presentificação da cena, apontamos o emprego do verbo *ver* no presente do indicativo. Ao fazer a leitura da sorte, o personagem, cartomante, contrapõe o passado e futuro do cliente. Ao usar essa estratégia, ela vê uma mulher morena representando o passado e utiliza a forma verbal *fez* para mostrar o que havia acontecido no passado. Para dar sequência à leitura emprega o advérbio *agora* e o verbo *ver* novamente no presente do indicativo. Ao continuar, a cartomante faz a previsão do futuro, aparentemente, nele aparece uma nova mulher, que é loura. Para efetuar a leitura no futuro; o personagem emprega o verbo *fazer* no futuro do presente. Vemos, dessa forma, como ocorreu a leitura da sorte, trazendo o passado e buscando o futuro para o cenário atual. Na passagem do passado para o futuro, subentende-se que o cliente sofreu com a mulher morena, por algum motivo não explicitado no texto, e que, provavelmente, vai sofrer com a mulher loura.

- **Resolução:**

– *É minha mulher! Ela pintou o cabelo!*

Na *resolução*, o personagem, cliente, manifesta-se, por meio do discurso direto. Reconhece a mulher loura, dizendo que ela era mulher dele e que havia pintado o cabelo. Nota-se, claramente, no contexto, nenhuma preocupação do cliente sobre a causa do seu sofrimento. Fica subentendido que ele procura a cartomante para resolver seu problema conjugal, mas no contexto piadista há uma subversão de fatos, mudando o foco do real motivo, ou seja, o cliente enfatiza a mudança da cor dos cabelos da mulher para não sobressair a verdadeira questão, o sofrimento em relação à mulher dele.

Com relação ao entendimento da situação apresentada na piada 8, é crucial ativar a inferência sociocultural, pois, segundo Dell’Isola (2001, p.103), ela perfaz um conjunto de aprendizagens formais e informais que os leitores adquirem na interação do seu ambiente e também com outros. Portanto, a piada 8 não é apenas um simples relato de alguém que procura uma cartomante para ler a sorte e, que, por meio de leitura, faz uma identificação de uma mulher só porque mudou a cor dos cabelos. Essa leitura seria muito óbvia. Dessa forma, a inferência processa informações mais relevantes que as informações contidas na superfície textual.

De acordo com Marcuschi (2001, p.255), podemos processar a inferência, a qual é de natureza lógica, lexical, semântica e pragmática, dentre outras; pois são informações obtidas através de saliências lexicais ou cognitivas por associações para chegar a uma conclusão.

Portanto, o que está expresso, no texto, suscita informações implícitas que, por meio do processo inferencial, chega-se à conclusão de que a informação principal é a de que a mulher do cliente o fez sofrer no passado e o fará sofrer no futuro, mas o cliente não quer enxergar a verdade. Para ele, vale o ditado popular “o pior cego é aquele que não quer ver”, ou seja, o cliente se aliena diante da verdade e disfarça, dando ênfase para o fato de a mulher dele ter pintado o cabelo de outra cor.

A situação apontada na piada 8, no tocante ao humor, é construída como forma de ridicularização em face da alienação de muitas pessoas que não enxergam a realidade e procuram consulentes, como tábua de salvação, em vez de procurar resolver o conflito que está vivendo. Segundo Raskin (1979, p. 103), há uma relação de oposição entre dois *scripts*, mulher morena que causa sofrimento no passado *versus* mulher loira que causará sofrimento no futuro. Dessa contraposição, fica clara a seguinte hipótese: o marido reconhece que é a mulher dele, mas não se importa. E, de forma, inusitada, ele simplesmente ignora a verdade. Na visão de Wewei (2012, p. 22), o texto da piada 8 desrespeita a máxima de quantidade, em que ocorre uma violação, pois a informação dada é mais do que necessária, como em – *É minha mulher! Ela pintou o cabelo!*. Nesse caso, há a adição de uma informação que irrompe de maneira sutil o humor, pois constitui um final inesperado.

Na edificação da textualidade da piada, ela é construída de forma coerente, porque, segundo Bernádez (1995, p. 129), a coerência é um fator central e definidor de um texto. Entretanto, a emergência da coerência se processa de maneira paradoxal, como percebemos na análise desta piada e de outras.

No diálogo entre os personagens da piada em tela, consideramos que não há a emergência do par dialógico (P-R), entretanto identificamos a sequência instituída pelo segmento inicial mais o segmento posterior (SI-S).

O segmento inicial (SI) tem a função de introduzir o tópico. Esse segmento, no contexto textual pragmático, configura-se como um pedido de confirmação, principalmente, em relação à passagem do texto em que a cartomante diz que viu uma mulher morena no passado, que fez o cliente sofrer muito. Quanto à sua estrutura, em relação à situação discursiva, consideramos como semiaberto, pois há no segmento posterior uma informação positiva com informações adicionais.

Quanto ao segmento posterior (S), vemos que as condições de satisfação da resposta são adequadas, sob o ponto de vista dos participantes do diálogo. Sendo assim, a condição de manutenção de tópico está relacionada explicitamente ao conteúdo do SI, a identificação da mulher, a resposta faz a referência semântica ao conteúdo do SI, pois não houve modificação nem desvio do tema; a condição de função ilocucionária é compatível com o conteúdo do SI, não houve questionamento por parte do cliente sobre a leitura da sorte; e, de orientação argumentativa apresenta a mesma orientação do conteúdo proposicional do SI, pois também não houve qualquer questionamento.

Porém, no contexto piadista, há percepção de algo encoberto na resposta do cliente. Para o entendimento do texto, tem-se a suposição de que o cliente vai se dar mal, o que transparece um ar zombeteiro.

3.2.9 Análise da piada 9

A análise desta piada evidencia, de acordo com Labov e Waletzky (1967), os três elementos narrativos que correspondem às porções textuais visualizadas a seguir.

- **Orientação:**

*Na fila do céu, dois amigos se encontram
e um pergunta para o outro:*

Nesse elemento, *orientação*, são apresentados dois personagens, que, à primeira vista, são descritos como dois amigos que iniciam um diálogo. Nela, é constituída a

localização espacial, ou seja, a fila do céu, na qual transcorrerá o fato a ser narrado, ou seja, o encontro deles.

- **Complicação:**

- *Como você morreu?*

- *Congelado.*

- *E você, como morreu?*

- *Ataque cardíaco.*

- *E como foi isso?*

- *Imagine que preparei uma arapuca pra minha mulher. Disse que ia viajar e voltei pra casa à noite pra flagrá-la com um amante, mas, ao chegar em casa, encontrei ela sozinha. Aí, deu um ataque cardíaco e eu morri de alegria.*

No elemento *complicação*, é construído o diálogo, no qual o conflito se desenvolve. Cada um dos amigos conta como morreu, situando as causas das mortes. Um morreu congelado, e outro morreu de ataque cardíaco, por se sentir muito alegre, porque havia armado um armadilha para a mulher para descobrir se ela tinha um amante. Mas, isso não foi confirmado; e, por isso, a alegria foi tanta que ele enfartou e morreu. Dando continuidade ao desenrolar da trama, chega-se à resolução.

- **Resolução:**

- *Se você tivesse olhado no freezer, nós dois estaríamos vivos!!!*

Na *resolução*, vislumbra-se um final inesperado, o amigo que morreu congelado diz para o outro que se ele tivesse olhado no freezer, eles estariam vivos. Nesse ponto, a verdade é revelada, a mulher tinha mesmo um amante.

O entendimento da piada 9 se processou de forma bem simples, por meio do que foi expresso ao final da piada. A explicitude do que foi dito provocou as informações implícitas de que a mulher não estava sozinha, e o seu amante havia se escondido no freezer, onde ele acabou morrendo, fato que foi de encontro à expectativa do marido traído. Isso foi possível porque foi ativado o processo inferencial do tipo indução de natureza lógica; e do tipo de sintetização, de natureza lexical, semântica e pragmática, pois houve uma tomada de informações que foram condensadas, pelo enunciado — *Se*

você tivesse olhado no freezer, nós dois estaríamos vivos!!! — por meio de saliências lexicais sem eliminação de elementos essenciais para se chegar a uma conclusão.

O tom humorístico da piada em tela ocorre na parte *resolução*, na qual há um desfecho inesperado e engraçado. Costa (2014, p. 190) enfatiza que, geralmente, a piada apresenta situações maliciosas ou desonestas com o objetivo de provocar risos, como foi percebido no exemplo analisado. Vemos que, na resolução, sob o ponto de vista de Wewei (2012, p.22), ocorre o abandono da máxima de quantidade de Grice (1975): a informação do amante da mulher é mais do que necessária, o que incorre para o marido traído, o fato que sua suspeita era verdadeira. Assim, implicam-se as máximas de qualidade e de relação de Raskin (1979), que foram adaptadas de Grice (1975), como: utilizar recursos próprios e pertinentes para o contexto piadista.

Na elaboração da piada 9, concorrem os fatores da textualidade como a coesão, que é verificada por conectivos *e, que, mas*, ligando os enunciados, os quais contribuem para a coerência textual no contexto semântico e sintático. Ressaltamos que a coerência nas piadas se processa diferentemente de outros gêneros textuais, porque sempre ocorrerão dois planos de ideias contraditórias que se incorporam um no outro para se evidenciar a coerência textual no contexto piadista.

Com relação à sequência dialogal, pontuamos a existência de três pares dialógicos (P-R) que predominam em toda a extensão do texto. E ao final, após o último par dialógico, temos o segmento (S) que constitui uma reação à resposta a ele.

Detectamos que, no primeiro par dialógico, a (P), quanto à organização tópica, introduz o tema, ou seja, como cada um havia morrido. Quanto à natureza, há um pedido de informação, materializada pelo ato de fala — *Como você morreu?*, e quanto à estrutura, a P apresenta-se aberta, pois seleciona uma resposta que não é de sim ou de não, uma vez que é iniciada pelo advérbio interrogativo *como*.

No segundo par dialógico, a P é descrita, em relação à organização tópica, como manutenção do tema em torno de como cada um morreu; quanto à natureza explícita, é um pedido de informação, — *E você, como morreu?*.

Em relação à estrutura, a P é aberta, mantendo a mesma estrutura da primeira pergunta introdutória de tópico, com acréscimos apenas do conectivo *e*, e da forma pronominal *você*. Quanto à natureza é aberta, pois precisa de uma resposta explicativa.

Em relação à P do terceiro par dialógico, o personagem amante desejava mais explicações sobre a morte do rival, e faz a seguinte pergunta: — *E como foi isso?*. Sendo

assim a P, com relação à organização tópica, se caracteriza como manutenção do assunto; quanto à natureza é um pedido de informação, pede uma resposta extensiva e explicativa.

As condições de satisfação da resposta, em relação aos interlocutores e às duas Ps do primeiro e do segundo par dialógico (P-R), são adequadas quanto à manutenção do tema, pois se relacionam explicitamente com as Ps, levando em conta o tema.

As respostas referem-se semanticamente ao conteúdo proposicional das Ps, por meio de relações como paráfrase, no primeiro par dialógico — *Eu morri congelado* — e no segundo par dialógico — *Eu morri de ataque cardíaco*.

A função ilocucionária é compatível com as Ps, pois não houve questionamento de seus conteúdos proposicionais.

A orientação argumentativa das Rs se apresentam com a mesma orientação, porque não houve questionamento do conteúdo proposicional das Ps.

Após o terceiro par dialógico, apresenta-se o Segmento opcional (SO) que constitui uma reação à resposta do par dialógico (P-R) e representa um comentário com informações adicionais que conclui o diálogo da piada 9.

O segmento opcional produz um efeito humorístico ao contexto da piada.

3.2.10 Análise da piada 10

Na análise da macroestrutura desta piada, verificamos a correspondência entre os elementos narrativos e as porções textuais que materializam a piada 10.

- **Orientação:**

Um casal de velhos estava discutindo sobre a possível separação.

O elemento *orientação* nos informa quem são os personagens que participam da situação discursiva. Nela há um casal de velhos que discutem sobre a possível separação deles.

- **Complicação:**

O velho disse à mulher.- Aqui, se nós divorciá, Ocê nunca vai acha um Homi iguá Eu!

No elemento *complicação*, situa-se uma argumentação, que, por meio do diálogo o marido diz à sua mulher, numa linguagem característica do linguajar caipira, que, se eles se divorciarem, ela nunca irá encontrar um homem como ele. Nessa argumentação, vemos que o marido não deseja se separar.

- **Resolução:**

A mulher prontamente responde:- Deus te ouça!!!

Na porção textual que representa a *resolução*, a mulher se manifesta, respondendo em forma de uma exortação: - *Deus te ouça!!!*, ficando claro o motivo da separação: ela deseja um homem bem diferente do marido dela.

A piada 10 evidencia um final bem engraçado e de uma sutileza bem arrojada. O conteúdo explícito das palavras da mulher, ao proferir o enunciado — *Deus te ouça!!!* — conduz a uma informação implícita que contraria as palavras do marido, — *Ocê nunca vai acha um Homi iguá Eu!*. Essa contraposição corresponde ao modelo semântico de Raskin (1979. p.328): a existência de dois *scripts* parcialmente sobrepostos compatíveis ao texto e uma relação de oposição entre eles.

O desejo da mulher é compreendido por ativação de inferências, o qual se processa por indução de natureza lógica, que se realiza por tomada de informações, ou seja, a expressão interjetiva, para se chegar a uma conclusão com valor de probabilidade com o grau de verdade, em outras palavras, a velha deseja um homem diferente e melhor que o marido.

A construção da coerência da piada 10 se estabelece pela contraposição de ideias, que é incorporada e ampliada para a atribuição de um sentido novo que emerge no contexto piadista.

Na composição da piada 10, consideramos que não foi registrado o par dialógico (P-R) na sua forma convencional. Entretanto, identificamos a sequência (SI-R). Para a análise da sequência, consideramos que o segmento inicial tem a função de introduzir o tópico, a possível separação do casal e a suposição do marido. Podemos atribuir ao SI,

com relação à sua natureza, a aceção de pedido de informação, pois o marido deseja saber o posicionamento da mulher.

E quanto à estrutura, é aberta, pois houve uma resposta extensiva, por meio de uma locução interjetiva.

Com relação às condições de satisfação da resposta entre os personagens, consideramos adequadas, sob o ponto de vista do primeiro plano do contexto textual piadista. Portanto, a condição de manutenção de tópico se relaciona explicitamente ao SI. A condição de conteúdo proposicional alude semanticamente ao SI. A condição de função ilocucionária é compatível com o SI, pois não existe um questionamento de seu conteúdo proposicional. A condição de orientação argumentativa é a mesma orientação do SI, porque inexistente um questionamento de seu conteúdo proposicional.

Entretanto, no jogo do contexto da piada, as duas últimas condições de resposta — de função ilocucionária e da orientação argumentativa — são aparentemente adequadas, pois, a confirmação positiva pela resposta, adquire uma aceção diferente, trata-se de uma ironia.

Lembramos que, no cenário piadista, os enunciados apresentam sentidos ambíguos e contraditórios, como, por exemplo, o sim representa o não, e o não representa o sim porque as informações concretizadas nesse contexto, aparentemente, não são o que parecem ser. Graças a essa inadequação é que se confere o tom humorístico ao texto.

3.2.11 Análise da piada 11

No contexto da macroestrutura da piada 11, considerando os elementos que a narrativa do esquema de Labov e Waletzky (1967) propõe, os quais se apresentam para identificar as porções textuais com que se associam no plano organizacional da piada 11. Vemos a seguir essa associação.

- **Orientação:**

Mamãe, mamãe, de onde viemos??

No elemento *orientação*, normalmente, são descritos explicitamente o local onde se passa a trama. No caso da piada 11, esse elemento nos aponta os personagens filho e mãe que dialogam sobre o tema da origem do homem. Por essa saliência textual, podemos inferir que, provavelmente, a situação discursiva se passa na casa dos personagens.

- **Complicação:**

- *Filho o homem é descendente de Adão e Eva.*
- *Mas o papai me disse que o homem descende do macaco.*

Na *complicação*, estabelece-se a resposta da mãe, dizendo que eles descendem de Adão e Eva. Essa resposta vai gerar o motivo complicador, pois vai se contrapor à resposta do pai. Nessa organização, vemos o emprego do conectivo *mas*, indicando uma oposição, encabeçando o enunciado dito pelo pai ao filho de que eles descendiam do macaco.

- **Resolução:**

- *Uma coisa é a família de seu pai, outra coisa é a minha.*

Na *resolução*, a mãe, para manter seu argumento e a sua posição de superioridade, responde ao filho de maneira sagaz de que a família dela tem descendência diferente da do pai. Nesse ponto, verifica-se uma comparação da descendência de uma família com a outra, ou seja, a mãe considera a família dela como superior; pois, culturalmente, sabemos que existe um preconceito muito grande em torno da palavra macaco, que preceitua o racismo.

O tom da piada reside, justamente, pela contraposição da ideia da descendência familiar e pelo emprego do termo macaco. Evidenciamos o que Raskin postula no seu esquema semântico de piadas, a mudança do modo *bona-fide* para o modo não *bona-fide* — uma coisa é a família de seu pai (descendente do macaco) — outra coisa é a minha (descendente de Adão e Eva), a existência de uma relação de oposição de ideias, que mencionamos no início desse parágrafo. E um gatilho responsável, o termo *macaco*,

referindo-se à família do pai, que provoca e desencadeia um humor considerado negro, que na piada 11 é entendido como uma crítica àquela família.

No texto, o enunciado – *Uma coisa é a família de seu pai, outra coisa é a minha*; a expressão *uma coisa* refere-se à descendência da família da mãe, que é a de Adão e Eva, e a palavra *coisa* determinada pelo forma pronominal indefinida, *outra*, referindo-se à descendência do pai, que é a do macaco. Ressalta-se, ainda, a contraposição das formas pronominais possessivas, *minha* e *seu*. Nessa construção, processa-se o fator textual coesivo que contribui para a emergência da coerência do texto.

Para entender o jogo de ideias, *uma coisa é a família de seu pai, outra coisa é a minha*, que se concretiza no texto, é preciso ativar o mecanismo inferencial que se processa em dois planos textuais. No primeiro plano, visualiza-se a atitude da mãe em querer impor a sua crença ou argumento sobre a descendência, e, no segundo plano, há a percepção de uma postura crítica em relação à família do pai. Dessa forma, no primeiro plano, ocorre a inferência indutiva e lógica; e, a partir de informações textuais, chega-se à conclusão com probabilidade de acordo com o grau de verdade. E, no segundo plano, o processamento da inferência de generalização, lexical e pragmática que é constituída pela saída de uma informação específica para se chegar a outra mais geral.

O exemplo da piada 11, com relação à sequência dialogal, é composto por um par dialógico (P-R)SO e um segmento posterior ao par, (S).

No estabelecimento da coerência textual, o par dialógico (P-R) SO e o segmento posterior (S) a ele contribuem para o encadeamento da progressão textual, o que implica o processamento da coerência. Dessa forma, na constituição do par dialógico, a P é descrita, em relação à organização tópica, como introdutora de tópico, pois transmite o conteúdo a ser discutido em pauta; quanto à natureza, a P veicula um pedido de informação que incide sobre a descendência da humanidade; quanto à sua estruturação, é apresentada como aberta, pois precisa ser respondida, solicitando uma explicação.

As condições de satisfação da resposta do par são parcialmente adequadas, sob a perspectiva dos participantes do jogo textual. A condição de manutenção de tópico encontra-se relacionada explicitamente à P. A condição de conteúdo proposicional está se referindo semanticamente à P. A condição de função ilocucionária é compatível com a P, pois não desperta um questionamento de seu conteúdo proposicional. A condição de orientação argumentativa é a mesma orientação da P, porque não há um questionamento de seu conteúdo proposicional.

Entretanto, condicionado à Resposta (R) da mãe, identificamos o segmento opcional (SO) — *Mas o papai me disse que o homem descende do macaco.* — que constitui uma reação à R da mãe. Este segmento opcional veicula uma informação contrária à R da mãe. Nesse embate, o segmento opcional (SO) suscita um segmento - S após ele, configurando a reação da mãe ao SO. O S conduz informações adicionais, tendo como finalidade a preservação das faces, que se concretiza em forma de réplica.

3.2.12 Análise da piada 12

Na análise da piada 12, quanto à estrutura narrativa de Labov e Waletzky (1967), também verificamos a composição das porções textuais, que demonstramos a seguir.

- **Orientação:**

Uma mulher vai em uma consulta e diz para o médico:

Na *orientação*, tece –se o cenário, em que o personagem é uma mulher que vai a uma consulta médica. Ainda nessa etapa, ela se prepara para dizer o motivo da consulta.

- **Complicação:**

- Doutor, eu estou me sentindo feia e gorda... O que eu tenho?

Na ambientação da trama, que corresponde ao elemento *complicação*, a mulher expõe ao médico que ela está se sentindo feia e gorda. E quer saber a causa desses problemas.

- **Resolução:**

O médico observa a mulher e responde: - Razão.

No elemento *resolução*, o médico, muito sarcástico, desfere a resposta de que ela tinha razão.

No elemento *resolução*, nos é apresentado o tom provocativo do humor que desencadeia também uma crítica em relação ao atendimento de alguns médicos que tratam seus pacientes com frieza e distanciamento. O entendimento desta piada não é apenas o fato de a paciente estar com problemas de baixa autoestima, mas como o médico a tratou, que é demonstrado em forma de brincadeira sarcástica, veiculado pela piada.

Instaura-se, segundo o modelo semântico de Raskin (1975), a passagem do modo *bona-fide* para o modo não *bona-fide*: a expectativa da paciente em relação à resposta do médico *versus* a frustração pela resposta dele. Existe a contraposição de dois cenários, pois a paciente, ao colocar o problema, desejava receber uma resposta contrária do que ela pensava, ou, pelo menos, uma recomendação médica para que ela melhorasse o estado físico e psicológico.

Aplicam-se, nesse exemplo, em relação à resposta do médico, as máximas de Raskin (1975), como, por exemplo, a máxima de quantidade, quando o enunciado transmitiu a informação necessária à piada; a de qualidade, pois a resposta foi compatível com o mundo da piada; a de relação, porque a resposta mostrou-se relevante para o contexto da piada 12.

A palavra *razão* dita pelo médico, de forma explícita, implica uma informação não explicitada pela característica do texto piadista, ou seja, a de que a paciente não desejava ouvir essa resposta, o que provoca o tom sarcástico e humorístico da piada.

E, por outro lado, efetua-se uma crítica pelo processamento da inferência sociocultural, a partir de conhecimentos adquiridos pela vivência e troca de experiências entre as pessoas; a atitude do médico demonstra um comportamento inadequado, pois foi grosseiro e desrespeitoso. Na conjuntura social, é comum ouvirmos pacientes se queixarem do distanciamento e comportamento frio de alguns médicos, algo que não deveria acontecer.

Na proposta de Marcuschi (2008), a partir do emprego do item lexical *razão*, efetua-se a inferência do tipo generalização, de natureza lexical e pragmática, entendida pela saída de uma informação mais específica, por exemplo, um lexema, para chegar à informação de outra mais geral.

Em relação à coerência, ela se processa em dois planos: o da construção do texto piadista, que atinge seu objetivo, e o do plano do que se espera da construção de qualquer texto, nesse caso, o enunciado veiculado pela resposta do médico transmite uma

incoerência. Por outro, lado ressaltamos que a incoerência, no gênero piada, está vinculada aos objetivos a que ela se propõe, o que reflete, na verdade, o mecanismo da coerência, pois o seu processamento se dá a partir das incoerências na elaboração desse gênero.

Na sequência dialogal, identificamos um par dialógico (P-R) que representa o enredo da piada. A pergunta é formulada pela paciente e consideramos, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2006), que ela é caracterizada quanto à organização tópica, como introdutória de tópico, pois veicula o assunto a ser discutido. Com relação à natureza, a P tem a função de pedir um esclarecimento, nela situa-se a marca da forma pronominal interrogativa *que*. A P tem a estrutura de pergunta aberta, pois solicita uma explicação e é finalizada pelo ponto de interrogação.

As condições de satisfação da resposta do par dialógico são inadequadas, sob a perspectiva da paciente, embora, a análise reflita que a condição de manutenção de tópico encontra-se relacionada explicitamente à P. A condição de conteúdo proposicional está se referindo semanticamente à P. A condição de função ilocucionária é compatível com a P, pois não desperta um questionamento de seu conteúdo proposicional. A condição de orientação argumentativa é a mesma orientação da P porque não há um questionamento de seu conteúdo proposicional. Entretanto, as condições de satisfação, diante da expectativa da paciente, no contexto social e pragmático, são inadequadas, em relação às duas últimas condições, ou seja, a condição de função ilocucionária e condição de orientação argumentativa, pois não atendem à expectativa da paciente, mas está pertinente ao ambiente piadista.

3.2.13 Análise da piada 13

Na macroestrutura da piada 13, exibimos os elementos narrativos que correspondem às porções textuais.

- **Orientação:**
2 amigos conversando...

Na construção do elemento orientação, são apontadas as informações de que há dois amigos que estão conversando. Vamos identificá-los, como amigo 1 e o outro, como amigo 2. O amigo 1 manifesta que o pai dele deseja que ele faça direito e seja um bom advogado.

- **Complicação:**

– *Meu pai quer que eu faça Direito e seja um bom Advogado.*

No elemento *complicação*, se processa a informação de que o amigo 1 manifesta que o pai dele deseja que ele faça direito e seja um bom advogado. Nesse momento, cria-se um clima de expectativa.

- **Resolução:**

– *Que bom, vai seguir a profissão do velho?*

– *Não, ele quer que tire ele da cadeia.*

Na *resolução*, o amigo 2 se manifesta, elogia e destaca, em forma de pergunta, se o amigo 1 iria seguir a carreira do pai dele. O amigo 1, ao responder a indagação, nos causa uma surpresa, quando diz que não é esse o motivo que leva o pai a desejar que ele seja um bom advogado, porque o desejo do pai implica outros motivos. Portanto, temos a informação de que o pai se encontra preso.

O relevo do humor da piada fica evidente na parte *resolução*, quando se dá o destaque para o fato do pai do amigo 1 estar preso, e a razão para que o filho se forme em direito e ainda o de ser um bom advogado. Dessa forma, o fato de o filho se tornar um bom advogado, no contexto textual, implica a ativação da inferência de que o preso, pai do amigo 1, não é um preso qualquer, e que, provavelmente, deve ser muito perigoso à sociedade. Portanto, para que ele ganhe a liberdade, precisará de que o filho seja um bom advogado. Segundo Marcuschi (2008, p. 255), no processo inferencial, extraem-se informações muito mais salientes que as informações situadas no texto. Dessa forma, para o entendimento da piada 12, é fundamental buscar a informação implícita para que ela alcance seu objetivo.

Para Marcuschi (2008), esse tipo de operação inferencial é indutiva, lógica e se realiza pela tomada de várias informações textuais para chegar a uma conclusão com valor de verdade.

Nesta piada, a criação dos *scripts* sobrepostos, de acordo com Raskin (1979), se edifica com a mudança do modo *bona-fide* para o modo não *bona-fide*, opondo as ideias de o amigo 1 ser bom advogado na área do direito *versus* ser um bom advogado para tirar o pai da cadeia. Percebe-se a oposição entre os dois *scripts*. A partir dessa constatação, se processa uma situação inesperada que desencadeia a comicidade.

Como a piada é construída por meio de oposições, ou seja, o que está explícito *versus* o que não está explícito, resulta uma aparente falta de coerência. Contudo a coerência, no gênero piada, está vinculada à intencionalidade do contexto sociocultural – pragmático.

Na composição diálogo entre os dois amigos da piada 13, focalizamos o segmento inicial (SI) e um par dialógico (P-R) que é construído a partir do conteúdo do segmento inicial.

O enunciado do segmento inicial contém uma informação sobre o desejo do pai em relação à carreira profissional e introduz o tema da situação discursiva. Este segmento suscita uma pergunta que é, segundo Fávero, Andrade e Aquino (2006), caracterizada quanto à organização tópica como manutenção, ou continuidade de tópico, e visa a dar prosseguimento ao assunto focado no segmento inicial (SI), além de conter uma avaliação pela expressão que inicia a pergunta — *Que bom... ?*. Com relação à natureza, a P tem a função de pedido de confirmação, porque, pela informação dada no segmento inicial, pressupõe que o amigo 1 vai seguir a carreira que o pai deseja para ele. A P se configura estruturalmente como uma de pergunta fechada, pois solicita uma resposta afirmativa, como sim, na perspectiva do amigo 2. De acordo com Fávero *et al* (2006) é comum, no português brasileiro, o advérbio *sim* ou o *não*, virem acompanhados de outras expressões, como ocorreu com a R do interlocutor 1.

Consideramos as condições de satisfação da resposta do par dialógico como inadequadas, sob a perspectiva do amigo 2. Desse modo, a condição de manutenção de tópico está relacionada explicitamente à P, pois trata-se ainda sobre seguir a carreira de advogado. A condição de conteúdo proposicional refere-se semanticamente à P, mas conduz uma oposição. A condição de função ilocucionária não é compatível com a P, pois enseja um questionamento de seu conteúdo proposicional, — *Não, ele quer que tire*

ele da cadeia. A condição de orientação argumentativa não tem a mesma orientação da P, porque existe um questionamento de seu conteúdo proposicional.

Dessa forma, situa-se, na sequência dialogal, uma resposta pouco esperada, provocando o caráter humorístico.

3.2.14 Análise da piada 14

Sob a perspectiva da estrutura narrativa de Labov e Walestky (1967), apresentamos a análise. Ressaltamos que, neste exemplo, a orientação inicia-se pelo diálogo.

- **Orientação:**

- Doutor, como eu faço para emagrecer?

A porção textual da piada 14, que corresponde à *orientação*, apresenta-nos a fala de uma senhora que pergunta ao médico o que ela teria que fazer para emagrecer. Nessa parte, ficam evidentes os personagens: a senhora paciente e o médico.

- **Complicação:**

- É simples respondeu o médico, basta a senhora mover a cabeça da esquerda para direita e da direita para esquerda.

- Quantas vezes, doutor?

A resposta do médico localiza-se na porção textual que corresponde à *complicação*. Nesse elemento, o médico faz a sua recomendação de que ela fizesse o exercício de movimentar a cabeça da esquerda para a direita e vice-versa. A paciente, toda confiante, pergunta ao médico quantas vezes ela teria que fazer o exercício.

Observa-se, na conversa entre paciente e médico, uma situação bem absurda, sob o ponto de vista de uma consulta médica para emagrecer.

- **Resolução:**

- *Todas as vezes que lhe oferecerem comida.*

Na porção textual que corresponde à resolução, obtém-se a resposta ao que foi perguntado a ele, finalizando a conversa de forma irônica.

A situação vivenciada na piada 14 exibe um problema que preocupa a todos, principalmente a maioria das mulheres, a questão da obesidade. De forma sarcástica, o médico recomenda a paciente que ela não coma, chamando-a implicitamente de gulosa. Dessa forma, configura-se uma crítica às pessoas que comem muito. É evidente que o problema da obesidade se processa por variados motivos. A gula, por exemplo, pode ser causada por algum distúrbio, que precisa ser tratado. De toda forma, a situação mostrada no texto foi conduzida de forma a ser ironizada, salientando uma das características do gênero.

Na construção da piada, operam as máximas de Raskin (1979), como a informação necessária, a recomendação médica; o que é compatível, a descrição absurda para o emagrecimento; e o que é relevante, a paciente ter que se recusar a comer. Portanto, para a instauração do aspecto cômico, há a transposição do modo *bona-fide* para o modo não *bona-fide*, uma recomendação médica que assume um grau de anormalidade, demonstrando a oposição de dois cenários, pelo par normal *versus* anormal.

O sentido da recomendação médica é recuperado pela informação implícita que transmite a ideia de a paciente não comer para emagrecer. Para a obtenção do sentido, é acessado o mecanismo referencial. Esse mecanismo, de acordo com Marcuschi (2008, p.255), propicia a informação mais relevante em relação ao que se encontra expresso na superfície textual. Nesse caso, foi processada a inferência do tipo indutiva, lógica que se realiza pela tomada de informações textuais — *Todas as vezes que lhe oferecerem comida.* — que conduzem a uma conclusão.

No tocante à coerência textual, o apelo textual retrata uma situação incoerente em relação ao senso comum. Entretanto, pelos objetivos centrais da piada, os fatores de contradição colaboram para a coerência do gênero piada, que se processa de forma inusitada, e de outros fatores que interagem entre si para o estabelecimento da coerência.

A estrutura da piada14 é composta pelo diálogo entre paciente e médico. Nele, identificamos, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 133), o par dialógico

de tipologia pergunta-resposta (P-R). Assim, na análise localizamos dois pares dialógicos, que serão descritos a seguir.

No primeiro par dialógico, ocorre a primeira pergunta da paciente, que se caracteriza quanto à organização tópica como introdutória de tópico, pois indica o motivo de sua consulta. Com relação à natureza, a P é descrita como um pedido de esclarecimento, ela deseja saber como poderá emagrecer. Na sua composição, apontamos o advérbio interrogativo *como*. A estrutura da P tem a condição de pergunta aberta, direcionando o interlocutor a dar uma explicação.

No segundo par dialógico, observamos que a P reflete uma continuidade de tópico, marcada por um pedido de esclarecimento, com a estrutura de pergunta aberta — *Quantas vezes, doutor?*— requisitando uma explicação.

Com relação às respostas às perguntas da paciente nos dois pares dialógicos, as condições de satisfação das respostas do médico, sob o ponto de vista dos personagens, são consideradas adequadas. Conforme Fávero, Andrade e Aquino (2006, p.165), a condição de manutenção de tópico se relaciona de forma explícita às Ps. A condição de conteúdo proposicional se encontra em referência semanticamente às Ps. A condição de função ilocucionária é compatível com as Ps, pois não demonstra questionamento, por parte, da paciente de seu conteúdo proposicional. A condição de orientação argumentativa possui a mesma orientação das Ps, não existindo nenhum questionamento de seu conteúdo proposicional pela paciente.

Sob o ponto de vista do senso comum, as perguntas e as condições de satisfação das respostas são inadequadas, o que garante o teor piadista.

3.2.15 Análise da piada 15

Apresentamos a última análise do *corpus* representativo, a piada 15. Apontamos que a piada 15, como as piadas 11 e 14 são iniciadas e compostas pela sequência dialogal, o que não as descaracterizam como pertencentes ao gênero narrativo. Conforme as análises anteriores, os elementos orientação, complicação e resolução se apresentaram recursivamente nos textos piadistas, o que consideramos como um quadro de regularidade.

- **Orientação:**

– *Filha, você acha que sua professora desconfia que eu estou te ajudando a fazer a lição de casa?*

Na composição da porção textual que corresponde ao elemento *orientação* são apresentados os personagens pai e filha. Pela saliência textual, *lição de casa*, é desenhado o cenário, que é a casa dos personagens. O pai inicia o diálogo e pergunta à filha se a professora desconfia de que ele a auxiliava na lição de casa.

- **Complicação:**

– *Acho que sim, pai.*

No elemento *complicação*, a filha manifesta, respondendo ao pai, que a professora desconfiava de que ele a ajudava nas lições de casa.

- **Resolução:**

Ela até já me disse que você deveria voltar pra escola!

Na porção textual que corresponde à *resolução*, acontece o desfecho inesperado. A filha disse ao pai que a professora achava que ele devia voltar para a escola.

Na piada 15, o contexto discursivo apresenta-nos uma situação muito corriqueira, os pais ajudarem os filhos nas tarefas escolares. O relevo da piada atinge seu estado de graça quando a filha conta para o pai que a professora desconfiava de que ele a ajudava nas lições. Essa informação explicitada no texto assume outra dimensão, implicando a ideia subentendida — o pai estava ensinando tudo errado à filha. E, além disso, o contexto textual faz transparecer que o pai se achava muito confiante para ensinar à filha. Subentendem-se, nesse arranjo textual, três gatilhos, a soberba do pai, a desconfiança da professora e o despreparo do pai em ensinar, que, de maneira implícita, provocam o humor.

De acordo com Raskin (1979, p.335), um texto para ser considerado como piada deve ter compatibilidade em sua totalidade, ou parcialmente, no que diz respeito a dois *scripts* diferentes e opostos no texto. O texto piadista apresenta um jogo de ideias contrárias que se harmonizam para se chegar à verdade dos fatos. Portanto, apontamos a mudança do modo *bona-fide* para o modo não *bona-fide*: o pai pensa que ensina à filha corretamente *versus* o pensamento da professora de ele ensinar de forma errada.

A partir das saliências textuais se processa o mecanismo de inferência, que, segundo Dell’Isola (2001, p.42), depende de um trabalho elaborativo, a partir de alguma pista que cria uma expectativa. Dessa forma, para compreender a piada 15, o leitor precisa exercitar o pensamento, isto é, inferir que a informação veiculada pela pergunta do pai deixa transparecer que ele está perfeitamente qualificado para ensinar a filha e, por outro lado, a informação explicitada pela filha que destrói essa imagem.

Na perspectiva de Marcuschi (2008, p. 249), o que está expresso na superfície textual —*Ela até já me disse que você deveria voltar pra escola!*— ativa o processo inferencial que transmite uma informação mais relevante, a de o pai não estar qualificado para ajudar à filha, porque ensina errado as lições de casa.

Na construção da piada 15, as informações explícitas e as implícitas contribuem para que o texto seja compreendido. A coerência, no gênero piada, ocorre de forma pragmática, por um conjunto de fatores, como, por exemplo, os objetivos do texto, conhecimentos prévios e partilhados. A coerência, no gênero piada, se manifesta por meio de um plano de ideias que seguem perspectivas bem diferentes e inusitadas — que transitam a incoerência — próprias para esse gênero.

Nesta análise, pontuamos a descrição do par dialógico que compõe a piada 15, na visão de Fávero, Andrade e Aquino (2006).

A piada 15 apresenta o par dialógico da tipologia pergunta-resposta (P-R) e segmento opcional (SO). Assim, ele se apresenta como (P-R) SO. Considerando os critérios propostos pelas autoras supracitadas, registramos que a P, quanto à sua organização tópica, tem a função de introduzir o tópico, a ajuda do pai nas tarefas escolares. Em relação à sua natureza, se realiza como um pedido de informação, o pai deseja saber se a professora tinha a desconfiança de que ele ensinava à filha. Quanto à estrutura da P, é reconhecida como semiaberta, pois a resposta pode ser considerada como sim, acompanhada de explicação.

Com relação à resposta, as condições de satisfação da resposta da filha, sob o ponto de vista de Fávero, Andrade e Aquino (2006), são consideradas adequadas. De

acordo com as autoras supracitadas (2006, p.165), a condição de manutenção de tópico está relacionada de forma explícita à P. A condição de conteúdo proposicional refere-se semanticamente à P. A condição de função ilocucionária é compatível com a P, pois não há questionamento de seu conteúdo proposicional. A condição de orientação argumentativa exibe a mesma orientação da P, não existindo nenhum questionamento de seu conteúdo proposicional.

Entretanto, o segmento opcional apresenta uma informação transmitida pela filha, contendo dados adicionais, no tocante ao que a professora achava em relação à ajuda do pai nas lições de casa, constitui uma reação à pergunta do pai. A resposta da filha, acrescida do segmento opcional garantem o relevo humorístico à piada 15.

Finalizando, esta seção, a título de comprovação da análise da ocorrência dos elementos: orientação, complicação e resolução, apresentamos o quadro 26.

Quadro 26- Ocorrência dos Elementos da Estrutura Narrativa de Labov e Waletzky (1967) do *corpus* representativo das piadas

Elementos da narrativa	Resumo	Orientação	Complicação	Avaliação	Resolução	Coda	Ocorrências
Função	Resumir o que vai ser narrado	Orientar os leitores	Situar as ações e a situação conflituosa	Avaliar a atitude do narrador ao narrar	Finalizar a narração	Retornar ao momento presente	
Ordem							
Piada 1	-	x	x	-	x	-	3
Piada 2	-	x	x	-	x	-	3
Piada 3	-	x	x	-	x	-	3
Piada 4	-	x	x	-	x	-	3
Piada 5	-	x	x	-	x	-	3
Piada 6	-	x	x	-	x	-	3
Piada 7	-	x	x	-	x	-	3
Piada 8	-	x	x	-	x	-	3
Piada 9	-	x	x	-	x	-	3
Piada10	-	x	x	-	x	-	3
Piada11	-	x	x	-	x	-	3
Piada12	-	x	x	-	x	-	3
Piada13	-	x	x	-	x	-	3
Piada14	-	x	x	-	x	-	3
Piada15	-	x	x	-	x	-	3
Total	-	15	15	-	15	-	3

Nesta seção, analisamos as piadas, considerando o modelo de narrativa dos autores Labov e Waletzky (1967), em que houve a recorrência de três dos elementos construtores, *a orientação, a complicação e a resolução* desse modelo. Colaborando na análise, enfatizamos os constructos teóricos da linguística textual, parâmetros como: o mecanismo *de inferência*, operação crucial para a compreensão das piadas; *a coerência* como um fator fundamental da textualidade, que no gênero piada se processa de forma única, pois comunga os objetivos a que ele se propõe; algumas *teorias do humor*, como um dos eixos importantes, no sentido, de mostrar como se processa o funcionamento da piada, o qual implica muitos fatores, dentre eles o de elaboração textual, e os de ordem social, cultural e pragmática.

3.3. Correlacionando a teoria da estrutura retórica (RST) e os elementos narrativos de Labov e Waletzky (1967)

Nesta seção, tencionamos efetuar a correlação entre as relações retóricas que emergiram na macroestrutura do gênero piada do *corpus* representativo deste trabalho e os elementos da estrutura narrativa de Labov e Waletzky (1967), além de considerar os constructos teóricos da linguística textual.

Nessa abordagem, contemplamos, de um lado, a proposta de Mann & Thompson (1988), na qual adotam como princípios da RST a organização, a unidade e coerência, a hierarquia, a homogeneidade da hierarquia, a composição relacional, a assimetria das relações, a natureza das relações e número de relações.

E de outro lado, a atenção está na presença dos elementos narrativos específicos do modelo de Labov e Waletzky (1967) na composição das porções textuais, visando à coerência das piadas representadas no nosso *corpus* estudado.

A RST e o modelo narrativo de Labov e Waletzky (1967), que fundamentam o nosso estudo, priorizam a organização dos textos, com o objetivo de se obter uma unidade de sentido.

Nesse ponto, compreendemos que é possível correlacionar ambas as teorias, porque, embora tenham suas especificidades, apresentam objetivos em comum, ou seja,

preocupação com a coerência e com a organização textual, além da adequação do texto/gênero ao contexto de interação.

Na proposta dessa viabilização, procuramos, à luz dos constructos teóricos da RST, identificar a organização retórica das piadas aqui analisadas; para tanto segmentamos as porções textuais em unidades de informação, tal como a proposta de Chafe (1982).

Na identificação da macroestrutura, distinguimos e descrevemos as relações que emergiram entre as unidades.

No tocante à estrutura narrativa de Labov e Waletzky (1967), a segmentação das porções textuais em elementos narrativos mostrou que, na composição dos textos piadistas do nosso *corpus*, é recorrente a presença de três dos elementos narrativos, a saber: a *orientação*, a *complicação* e a *resolução*.

Os diagramas da macroestrutura retórica das piadas de 1 a 15 registram a ocorrência das relações retóricas que enfatizam, de uma certa forma, os mesmos objetivos que os elementos narrativos orientação, complicação e resolução proporcionando essa aproximação.

Nesse sentido, apresentaremos a seguir esses aspectos harmônicos correlacionando as *relações retóricas* identificadas nas porções textuais aos elementos narrativos *orientação*, *complicação* e *resolução*:

a) O elemento narrativo orientação e as relações retóricas

Evidenciamos que o elemento narrativo *orientação* tem por finalidade transmitir ao leitor informações relativas a quê, quando, quem, e onde. Nesse elemento, são oferecidos dados contextualizantes, comunicando ao leitor o que necessita saber para seguir a evolução dos fatos.

Com relação à RST, na parte correspondente ao elemento narrativo orientação, apontamos as relações do tipo *núcleo-satélite* e *multinucleares*. Nas piadas, 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9 e 13, houve a ocorrência da *relação de fundo*, totalizando dez (10) vezes, sobressaindo-se nesse elemento narrativo.

Nas piadas 4 e 15, foi evidenciada a ocorrência da *relação de preparação*, totalizando duas (2) vezes.

A relação *de circunstância* foi apontada três (3) vezes, no elemento *orientação* da piada 7.

Salientamos que a *relação de fundo* tem a intenção de aumentar a capacidade do leitor para compreender o que está narrado no núcleo. A *relação de preparação* objetiva a que o leitor esteja orientado para entender o núcleo e a *relação de circunstância* proporciona ao leitor o reconhecimento de que o satélite fornece o contexto ou o cenário para interpretar o núcleo. Portanto, na nossa perspectiva, as três relações — *fundo*, *preparação e circunstância* — se relacionam com o *elemento orientação* porque tencionam os mesmos objetivos e possuem características bem semelhantes. Assim, consideramos que as relações retóricas referendadas visam a orientar.

Ainda no *elemento orientação*, na macroestrutura da piadas 11e 14, a porção textual representada pela unidade informacional (1) estabeleceu-se como na função de *núcleo* em relação às demais unidades informacionais, contabilizando o total de duas (2) vezes.

A estrutura composicional das duas piadas citadas demonstrou a edificação do texto iniciado pela *sequência dialogal*, sendo que a UI (1), que corresponde ao *núcleo*, comunicava um problema, que necessitava de ser resolvido. A UI (1) das piadas 11 e 14 apontam para a informação relativa à pergunta: o quê?, sendo este um dos elementos contextualizadores da parte orientação. Portanto, a UI (1) desse grupo, *o núcleo*, assevera uma compatibilidade com o elemento estrutural narrativo *orientação*.

A relação de *sequência* emergiu, nas piadas 9 e 13, estabelecendo um encadeamento de fatos. Em outras palavras, deu continuidade aos aspectos evidenciados pela relação de *fundo* para dar mais realce ao contexto situacional, no sentido de desenhar um cenário para o interlocutor.

Portanto, as relações retóricas de *fundo*, *preparação*, *circunstância e sequência* visam a orientar, preparar e apontar informações para que o leitor seja capaz de entender a evolução dos fatos.

No caso das piadas 11e 14, *o núcleo* apresenta um problema, por isso assume a função de contextualizar de forma direta o receptor textual.

b) O elemento complicação e as relações retóricas

Pontuamos que, no elemento *complicação* há o desenvolvimento dos eventos propriamente ditos, o relato da sequência de ações compõe a narrativa ou série de eventos

sucessivos. Nele, geralmente, ocorre o conflito. A *complicação* é considerada como o corpo da narrativa.

No contexto da *RST* e no elemento *complicação*, verificamos a existência das relações *núcleo-satélite e multinuclear*.

Nessa verificação, as piadas de números 1, 2 e 3 registram a ocorrência da relação de *circunstância*, totalizando três (3) vezes. Essa relação emergida na complicação, define o contexto, indicando alguns aspectos, como o de tempo, isto é, os eventos ainda estão em desenvolvimento.

Pontuamos que na função de *núcleo* da relação núcleo-satélite se revela nas piadas de números 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13 e 15, totalizando dez (10) vezes a sua ocorrência, assinalando maior prevalência na *complicação*. Nessa descrição, houve a confirmação de que a UI na função de núcleo, considerada como a porção mais central da relação núcleo-satélite, condiz com os aspectos característicos da complicação, na qual os fatos acontecem.

Registramos que a relação *de solução* configurou-se nas piadas de números 11 e 14, contabilizando duas (2) vezes a sua presença. Lembramos que as piadas 11 e 14 se iniciam por um texto dialogado que evidenciavam um problema, o que demanda uma possível solução, a qual, dependendo do contexto e de seus desdobramentos, pode aparecer tanto no elemento *complicação* quanto no elemento *resolução*, porque no gênero piada, e em outros também, há sempre uma interpenetração desses elementos.

Ressaltamos a ocorrência da relação multinuclear de *contraste* na piada 11, apontando uma oposição entre a resposta da mãe com a resposta do pai ao filho, no nível mais baixo, das UIs (2) e (3) na hierarquia textual.

Portanto, *na complicação*, vemos o desenrolar dos fatos com a intenção de se chegar a uma conclusão ou a um final. Ressaltamos que as relações retóricas podem ocorrer em qualquer parte ou elemento da estrutura narrativa, pois dependem dos objetivos textuais e pragmáticos e da construção proposta.

A confluência entre o elemento *complicação e o núcleo*, da relação núcleo-satélite, sinaliza que a predominância das UIs na função de *núcleo*, nesse elemento, indica uma mesma direção, a centralidade dos eventos, permitindo uma equidade.

As relações de *circunstância, contraste e de solução* viabilizam a confluência com o elemento *complicação* por fatores de ordem textual - pragmática, sendo que os objetivos são pertinentes para o desenvolvimento das ações complicadoras e da situação conflitante.

c) O elemento resolução e as relações retóricas

O último elemento saliente apresentado na estrutura narrativa das piadas é a *resolução*. Esse elemento, no modelo de Labov e Waletzky (1967), indica o desfecho dos acontecimentos. Responde à pergunta: — finalmente o que aconteceu? Os eventos atingem seu clímax e chega-se a uma conclusão. Ressaltamos que, no gênero piada, acontece um final inesperado ou inusitado, além dos planos de oposição de ideias de forma paradoxal.

Na *resolução* e na perspectiva da *RST*, os dados apontam que as UIs na função de *núcleo* da relação núcleo-satélite ocorreu, nas piadas de números 1, 2 e 3, totalizando três (3) ocorrências. É comum, na constituição de algumas piadas, a resolução ter o relevo mais acentuado que os outros elementos. O núcleo representa a porção central da relação núcleo - satélite. Dessa forma, a descrição mostra uma aproximação entre as intenções que ambos os elementos tencionam.

De acordo com o elemento *resolução* e a *RST*, registramos que houve uma (1) vez a emergência da relação retórica de justificativa, na resolução da piada 4. A ocorrência, nesse elemento, decorreu do fato de o garçom dizer que cliente nunca estar satisfeito e pela atitude desatenta por ele tomada. Portanto, é plausível a conjunção entre a relação e a resolução.

Ainda houve a ocorrência da relação multinuclear de Lista, no desdobramento, ou seja, no nível mais baixo da hierarquia textual, da piada 4, entre os segmentos (3) e (4). Portanto, é plausível a conjunção entre a relação e a resolução.

Sob o aporte da *RST* e do elemento resolução, houve o registro de uma (1) vez, da relação de *resultado*, que foi emergida na piada 5. A relação de resultado propõe que o núcleo causou a situação no satélite. No contexto da resolução, os fatos ocorridos na complicação, possivelmente, precisaram ser resolvidos ou finalizados nessa etapa.

Situamos que, no nível mais baixo, entre as UIs (4) e (5) houve a ocorrência da relação de *preparação*, o ladrão fez uma pergunta e obteve uma resposta indesejável.

Prosseguindo, a relação *de adição* foi detectada na piada 6, ocorrendo uma (1) só vez na *resolução*. Essa relação objetiva a preparar o eleitor para ler as informações veiculadas, no núcleo e no satélite, de forma que elas se unam de tal maneira, que sem uma ou outra, a informação fica desconexa, ou seja sem completude. Assim, a união do núcleo e do satélite é fulcral para o entendimento dos enunciados. Ocorreu, na piada 6, a

relação de *sequência*, totalizando duas (2) vezes. Essa relação está, no nível mais baixo, entre os segmentos de (3-5), em que há também a ocorrência da relação de *adição* no nível mais alto. O propósito da relação de *sequência* é fazer com que a informação apresentada na resolução, mostre uma cadeia sucessória de atos de fala.

Apontamos que, na resolução, houve a predominância da ocorrência da relação retórica de *elaboração* relativa às piadas de números 7, 8, 9, 13, e 15, totalizando cinco (5) ocorrências. Essa relação tem a função de apresentar dados adicionais sobre a situação ou a alguns elementos do assunto apresentado no núcleo. Observamos que a relação de elaboração emergida na resolução das piadas citadas é compatível e adequada, porque fornece um esclarecimento relativo ao conteúdo do núcleo, ou à situação apresentada na complicação. No nível mais baixo, na resolução, da piada 11, há a ocorrência da relação de elaboração com a mesma proposta. Dessa forma, alguns dos aspectos da relação de elaboração tendem a uma aproximação com a intencionalidade da resolução

Na piada 13, ocorreu uma só vez a relação de *preparação*, no nível mais baixo, entre os segmentos (4) e (5), com o objetivo de preparar ou motivar o leitor para o que se explana no núcleo. A emergência da relação de preparação tem a intenção de fazer com o leitor esteja orientado para o que vai ser explicitado no núcleo que se encontra na resolução. Essa relação é adequada a qualquer elementos narrativos sem distinção, pois ela colabora com todos os objetivos de qualquer porção textual.

A relação de *avaliação* foi registrada na *resolução* da piada 10, denotando que, pelo intermédio da relação retórica de avaliação, houve a determinação de um desejo expresso em forma de uma locução interjetiva. A relação de avaliação está coerente com o elemento resolução, porque, na maioria das vezes, ao final de um objeto textual, é normal para o produtor textual apresentar uma avaliação da situação ocorrida na complicação.

Finalmente, destacamos que, na *resolução*, houve a ocorrência da relação de *solução* nas piadas 11, 12 e 14, contabilizando-se três (3) vezes. Essa relação apresenta a solução do problema apresentado no núcleo ou na complicação. Portanto, consideramos essa relação compatível e adequada aos objetivos da resolução, que pretende solucionar uma problemática no cenário textual.

Evidenciamos uma (1) só vez a relação multinuclear de *sequência*, que se instaura, no nível mais baixo, entre os segmentos (3) e (4) da hierarquia textual da piada 12. Ela objetiva a mostrar o encadeamento das ações do médico na resolução.

Ainda na resolução, a piada 14 aponta-nos a relação de *sequência* e de *preparação* com uma (1) só ocorrência em níveis mais baixos. Conforme já mencionamos essas relações sustentam a progressão textual de qualquer elemento narrativo, pois trabalham em função dos objetivos de cada um. Assim, elas estão direcionadas para auxiliar a resolução do problema focado no núcleo.

Enfatizamos que o gênero piada apresenta um contexto versátil, por isso, o foco ora está na orientação, ora na complicação ou na resolução. A emergência das relações retóricas vão se constituindo de acordo com o contexto textual-pragmático, criando redes relacionais, favorecendo a coerência e a compreensão em associação com os elementos narrativos labovianos para o relevo da textualidade e dos objetivos concernentes à proposta do gênero piada.

Portanto, demonstramos que as relações retóricas emergidas no elemento resolução são compatíveis e adequadas e contribuíram para a construção da resolução no que tange à atribuição de sentido, da coerência e dos objetivos. Elas visam à compreensão da resolução.

Sustentados por esses apontamentos descritivos e textuais, consideramos que as relações retóricas e os elementos narrativos orientação, complicação e resolução, na construção e caracterização do gênero piada possibilitaram uma compatibilidade entre eles, o que constatamos pela averiguação de muitos pontos semelhantes, principalmente, quanto aos objetivos a que se propuseram, levando-se em conta o contexto textual, pragmático e interacional.

Finalizando essa seção, o quadro a seguir sintetiza a correlação entre a RST e os elementos narrativos orientação, complicação e resolução do modelo de Labov e Waletzky (1967).

Quadro 27- As relações retóricas predominantes em relação aos elementos narrativos de Labov e Waletzky (1967).

PIADA/ NÚME- RO	ELEMENTOS NARRATIVOS	FUNÇÃO		RELAÇÕES RETÓRICAS	INTENÇÃO
		Multinuclear	Núcleo/ Satélite		

1, 2, 3, 5, 6, 8, 9 e 13.	<i>ORIENTAÇÃO</i>			<i>Fundo</i>	<i>Apresentação de um cenário.</i> Contextualizar o leitor.
4 e 15				<i>Preparação</i>	
7				<i>Circunstância</i>	
11 e 14			<i>Núcleo</i>		
9 e 13		Sequência			
1,2 e 3	<i>COMPLICAÇÃO</i>			<i>Circunstância</i>	<i>Desencadeamento dos fatos e do conflito.</i> O interesse do leitor aumenta.
4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13 e 15			<i>Núcleo</i>		
11 e 14				<i>Solução</i>	
11		<i>Contraste</i>			
1, 2 e 3			<i>Núcleo</i>		
1 e 4	<i>RESOLUÇÃO</i>	<i>Lista</i>		<i>Justificativa</i>	<i>Tentativa de resolver o conflito, apresentando detalhes ou esclarecimento.</i> A expectativa do leitor tende a chegar ao fim.
5				<i>Resultado</i>	
6, 12 e 14		<i>Sequência</i>			
6				<i>Adição</i>	
7, 8, 9, 11, 13 e 15,				<i>Elaboração</i>	
10				<i>Avaliação</i>	
5, 9, 13 e 14				<i>Preparação</i>	
11, 12 e 14				<i>Solução</i>	

Continuação: **Quadro 27**- As relações retóricas predominantes em relação aos elementos narrativos de Labov e Waletzky (1967).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os gêneros, como práticas sociais de comunicação humana, constituem objetos complexos de linguagem, envoltos por muitos aspectos de ordem linguística, social, cultural, computacional, imagética, cognitiva e pragmática, tornando-se materiais ricos para as áreas de investigação científica, principalmente, a da linguística e a do discurso.

Esta pluralidade e profusão de gêneros propiciam diversos e diferentes olhares para a ontologia, a funcionalidade e, sobretudo, a sua proposta relacional e interacional nos espaços da atividade humana.

Considerando esse panorama, esta tese de doutorado dedicou-se à análise do gênero textual piada, à luz da Teoria da Estrutura Retórica- RST, aproximando-a ao modelo tradicional da narrativa de Labov e Waletzky (1967), conduzida por alguns constructos teóricos da Linguística textual-LT, com o objetivo de descrever e caracterizar a arquitetura textual desse gênero.

Consoante à hipótese de que a piada é concebida como um objeto interacional, com a proposta de entretenimento e de poder provocar críticas, que nos vislumbramos com a ideia de analisá-la, em sua gênese, aliada às suas peculiaridades.

Dessa forma, elegemos a Teoria da Estrutura Retórica que tem o propósito de identificar a organizacional textual, que leva em consideração os aspectos como a coerência, as relações de sentido e os objetivos sociocomunicativos.

A Teoria da Estrutura Retórica propõe um conjunto de relações do tipo núcleo-satélite e multinuclear para descrever e explicar as relações de sentido construídas na macroestrutura e na microestrutura textual.

Assim, a análise, sob o prisma da RST, da macroestrutura do gênero piada propiciou a ocorrência de relações do tipo núcleo-satélite, como — *fundo, preparação, elaboração, circunstância, adição, solução, avaliação, resultado e interjeição*; e das relações multinucleares como — *lista, sequência e contraste*.

Ainda com esse propósito, concernente ao modelo narrativo de Labov e Waletzky (1967), foi constatada a presença dos elementos narrativos orientação, complicação e resolução na constituição da macroestrutura do gênero piada.

Seguindo a proposta deste trabalho, evidenciaremos cada etapa que contribuiu para a análise pretendida.

Dessa forma, o Capítulo 1, de pressupostos teóricos foi dedicado às teorias basilares com as quais fundamentamos o nosso trabalho.

Em primeiro lugar, salientamos os aspectos do funcionalismo linguístico, os quais permitem e evidenciam o uso da língua, na sua realização concreta e real nas práticas sociais da linguagem; compreendo que o significado e as funções das expressões linguísticas assumem novas feições em virtude do contexto pragmático e interacional, com enfoque para a interação entre os leitores.

Ocupando maior atenção, nesse capítulo, exibimos os princípios da Teoria da Estrutura Retórica- RST, a teoria central, que nos deu a possibilidade da construção desta tese. A RST é uma teoria de base funcionalista, que tem como proposta a descrição da organização textual, considerando a coerência e as relações retóricas que emergem na macro e na microestrutura textual. De acordo com seus autores fundadores, Mann e Thompson, (1988), os princípios norteadores que a constituem são: a organização — o texto é uma combinação de partes para a torná-lo completo; unicidade e coerência — o texto é uma unidade de sentido; hierarquia — o texto forma uma unidade maior de sentido; homogeneidade de hierarquia — sempre há um agrupamento de estruturas disponível para a organização textual; composição relacional — evidencia as relações entre as porções textuais desde as menores às maiores; assimetria — indica a relação núcleo-satélite, sendo o núcleo a porção mais central; natureza das relações — são funcionais; número de relações — não são fixas, constitui um campo aberto.

O critério para a identificação das relações retóricas é o da plausibilidade, o qual se fundamenta, nos aspectos funcionais e semânticos, no contexto textual- discursivo.

Destacamos outra referência teórica que buscamos correlacionar com a RST — o clássico modelo narrativo de William Labov e Joshua Waletzky (1967). De acordo com os autores, a narrativa objetiva relatar e reconstituir experiências pretéritas, interligando a sequência verbal com a de eventos. Para eles, a correlação temporal é um traço importante de identificação de gêneros narrativos. A macroestrutura narrativa é constituída de seis elementos: resumo, orientação, complicação, resolução, coda e avaliação.

Alinhados ao nosso objetivo, referendamos alguns princípios basilares da Linguística Textual – LT . Dessa maneira, focalizamos os autores Beugrand e Dressler (1981), que adotam o conceito de texto como um evento comunicativo, no qual interagem as ações linguísticas, sociais, comunicativas e cognitivas. Destacam, como fatores de textualidade, a coesão, a coerência, a informatividade, a intencionalidade, a

situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade que perpassam a construção textual. Citamos outros autores a título de exibir uma literatura abrangente sobre a noção de texto e de planos textuais, que, de alguma forma, ampliaram a LT.

Para atingirmos nosso objetivo, explicitamos a noção de macroestrutura de van Dijk (1992), a qual se identifica como um conteúdo global de texto, constituído por informações explícitas e implícitas, construindo a organização temática e a coerência global do texto. Assim, a adoção da macroestrutura nas piadas do *corpus* representativo nos possibilitaram a estabelecer uma correlação com as unidades de informação — *idea unit* — de Chafe (1982).

Outro aspecto importante, no tocante à questão do estabelecimento do sentido global em relação à elaboração do gênero piada, especificamente, é a coerência textual. Para o entendimento desse gênero, a coerência se manifesta de forma *sui generis*, porque, na sua tessitura, salientam-se ideias que, aparentemente, formam duas vias contrárias. Elas, em algum momento, se unem, em determinado ponto, tornando-as em apenas uma, quando o sentido, então, é estabelecido. De acordo com Koch e Vilela (2001), a coerência é resultante de um conjunto de mecanismos textuais, pragmáticos e interacionais.

Alicerçando o corpo teórico da presente tese, discutimos a noção de gênero, partindo de Bakhtin (2000), segundo o qual, o gênero é concebido pelo conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Para Marcuschi (2008), é uma escolha linguística, carregada de aspectos formais e funcionais, que vem motivada pela adequação ao contexto discursivo pretendido. Decat (2012) propõe que o gênero, além de ser uma escolha linguística, é uma moldura de aspectos funcionais, pragmáticos e de objetivos sociocomunicativos.

Desse modo, chegamos às concepções de alguns autores sobre o gênero piada e aos aspectos relacionados a ele. Cavalcante (2016) considera que a piada é uma breve narração de fatos. Alargando essa contribuição, citamos Costa (2014), que propõe que a piada possui um final incomum, com a finalidade de provocar risos. Para Possenti (1998), é um texto emblemático, dois discursos que se estabelecem em um só. Romão (2008) sugere a piada como um modelo de mecanismo de humor, a partir da teoria da bissociação, considerando o conceito de paradoxo explicado em seu aspecto cognitivo e inferencial e propõe que a piada deve ser contemplada nas práticas de leitura, a fim de tornar o aluno mais proficiente nessa prática de linguagem.

Para auxiliar na caracterização das piadas situamos as máximas de Grice (1975), que foram um dos parâmetros para a construção da teoria semântica de Raskin (1979).

Para o autor, as piadas contemplam algumas condições, como o modo *bona-fide* e não *bona-fide*, a graça, dois *scripts* total ou parcialmente sobrepostos compatíveis, oposição de *scripts*, e um gatilho óbvio.

Ainda dirigimos nosso interesse para os conceitos de explicitude e implicitude, mecanismos recorrentes no gênero piada, como também o processo inferencial que permite a compreensão textual, porque implica a dependência de diversas fontes, como as culturais, sociais, linguísticas e pragmáticas.

Para enriquecimento do nosso trabalho, encerramos o capítulo 1, canalizando nosso olhar para a noção e caracterização de pares dialógicos, ou pares adjacentes.

Na organização do gênero piada, os pares adjacentes estão sempre presentes e, geralmente, são marcados pela tipologia do par dialógico pergunta-resposta ou por segmentos contíguos que constituem trocas interacionais. Segundo, Marcuschi (2007), os pares adjacentes servem para organizar o fluxo discursivo. Fávero, Andrade e Aquino (2006) postulam que eles favorecem a coerência do texto. As autoras traçam um perfil do par pergunta-resposta, quanto à sua função, natureza e às estruturas das perguntas e das respostas. A evidência deles propiciou que, na sua estruturação, verificássemos a ocorrência das relações retóricas entre os segmentos, concebidos como unidades de informação, com o objetivo direcionado para a efetivação da coerência do texto.

Cabe ainda ressaltar que, nesse capítulo, fizemos uma discussão entre os gêneros textuais humorísticos, piada e adivinha. Sentimos necessidade de contrapô-los, pois consideramos que cada um tem sua própria identidade. As adivinhas iniciam-se, na maioria das vezes, com a forma canônica “o que é, o que é?”; e ainda vem finalizada com a resposta já pronta e acabada.

Já o gênero piada não apresenta as condições apresentadas na descrição das adivinhas. As piadas possuem uma sequência e a correlação temporal, apresentam um final inesperado, surpreendente, e, na maioria das vezes, o final diz uma coisa, querendo dizer outra.

Na sequência de nosso trabalho, focalizamos o capítulo II, de metodologia em que descrevemos como foi realizada a seleção das piadas que constituíram o *corpus* representativo. Apresentamos o conceito de unidade informacional de Chafe (1982), que compreende blocos de informação ou jatos de linguagem. A identificação das UIs permitiu a segmentação textual, favorecendo o discernimento, pelo critério da plausibilidade, das relações retóricas que emergiram entre as porções textuais. Nesse procedimento metodológico, explicamos a ferramenta *RSTTool*, é um programa que

serve para elaborar os diagramas da estrutura retórica, que exibem a organização hierárquica da cada piada analisada sob o ponto de vista do analista. Em seguida, discorreremos sobre o processo da análise conduzido pela segmentação das UIs; o discernimento das relações retóricas emergidas, utilizando o critério de plausibilidade; a elaboração dos diagramas arbóreos da macroestrutura; a distinção dos elementos narrativos reincidentes nas piadas; viabilização da correlação dos elementos presentes nas piadas e das relações retóricas e a comprovação de um princípio regulador como um traço inerente na caracterização do gênero piada, na perspectiva da RST e da estrutura narrativa de Labov e Waletzky (1967).

No capítulo III, foi desenvolvida a análise de quinze piadas, à luz da RST e, em seguida, sob a égide do modelo narrativo de Labov e Waletzky (1967). Dessa forma, constatamos que, das relações emergidas entre duas porções textuais, algumas vieram sinalizadas, e outras não. As marcas sinalizadoras contribuíram para a composição e progressão do gênero piada e também para a construção de sentido.

Ressaltamos que, para a emergência das relações, não existe a obrigatoriedade de sinalização. Na análise, configuraram-se as relações multinucleares de lista, sequência, contraste, Quanto às de núcleo-satélite, registramos as relações de fundo, preparação, elaboração, circunstância, justificativa, resultado, avaliação, adição, interjeição e solução, sendo que as relações de fundo, justificativa, preparação se enquadram no grupo das relações de apresentação; e as de elaboração, avaliação, circunstância, solução, resultado são pertencentes ao grupo de conteúdo.

Nesse viés, acreditamos que as relações retóricas que emergem entre as porções de um determinado gênero são importantes fenômenos que formam uma rede de sentidos que vai se entrelaçando, determinando uma desenvoltura que estabelece os propósitos sociocomunicativos a que o gênero textual intenta, e, ao mesmo, contribuem para a dinamicidade e a construção dessa prática textual

No corpus estudado, verificamos a existência de pares dialógicos ou adjacentes compostos por Pergunta-Resposta (P-R), na forma convencional. Registramos ainda a variação do par dialógico: Pergunta-Resposta e segmento opcional (P-R) SO, e estruturas dialógicas como: segmento inicial e Pergunta-Resposta - SI (P-R), (SI-R), segmento inicial e Resposta, conforme o estudo de Fávero, Andrade e Aquino (2006). Além deles, configuraram-se as estruturas interativas como, segmento opcional e segmento posterior e (SO-S) e a Sequência dialógica composta por Segmento opcional e Resposta (SO-R), Segmento Inicial (SI-R) e (SI-S), que considerados atos de fala, ou trocas interativas.

Em todos os pares dialógicos e nas sequências dialogais, foi confirmada a emergência das relações retóricas, no gênero piada, que possibilitou a coerência textual. Tais relações emergiram na macroestrutura, considerando o critério da plausibilidade e fatores contextuais e pragmáticos.

Nesse mesmo capítulo, propusemos estabelecer a correlação entre a RST e os três elementos narrativos presentes nas piadas do *corpus* representativo. Pudemos alavancar algumas considerações que, de certa forma, propõem uma aproximação entre a RST e os elementos narrativos identificados nas piadas analisadas nesta tese.

Dessa forma, a primeira consideração é a de que as relações retóricas emergidas em consonância com o elemento narrativo orientação visavam a um mesmo objetivo, o de situar o leitor para prosseguir e entender as demais porções textuais.

A segunda consideração indica que as relações retóricas estabelecidas em relação ao elemento complicação tinham o mesmo propósito, o de pontuar o desenvolvimento das ações complicadoras, isto é, a constituição da parte central da narrativa.

A terceira consideração demonstra que as relações retóricas emergidas concernentes à resolução direcionavam a um mesmo fim, ou seja, a tentativa ou o esclarecimento à situação conflituosa.

A quarta consideração revela que as relações retóricas emergidas, em conjunção, com os elementos narrativos auxiliam na edificação da organização textual.

A quinta consideração vem afirmar que as relações retóricas e os elementos narrativos configurados, nas piadas analisadas, alinhados a outros mecanismos trabalharam para favorecer a coerência textual.

A sexta e última consideração denota que foi possível a verificação da correlação entre a RST e os três elementos narrativos do modelo de Lavob e Waletsky (1967), porque ambas as teorias intentam o mesmo objetivo, a edificação de um texto bem articulado entre as suas partes, em conjunto com outros mecanismos textuais, pragmáticos e objetivos sociocomunicativos, em prol da construção da coerência e do estabelecimento do sentido.

Diante do exposto, relembramos que, na introdução da presente tese, propusemos as questões de investigação que nos incentivaram e nos direcionaram para a fundamentação teórica e para a proposta dos objetivos. Retomamos o questionamento, para visibilizar e organizar nossos resultados.

Desse modo, pontuamos, quanto à primeira questão alinhada aos primeiros objetivos — Quais são os tipos de relações retóricas que emergem na macroestrutura de

um texto do gênero piada? — na análise, pudemos verificar a emergência dos tipos de *relações — núcleo- satélite e multinucleares* — sendo que, nas relações núcleo-satélite, o núcleo esboça a centralidade, enquanto o satélite é subsidiário ao núcleo. Já na relação multinuclear, há mais de um núcleo e não são ancilares na constituição da macroestrutura textual. Observamos que as relações núcleo-satélite ocorrem com maior frequência na macroestrutura das piadas analisadas.

Em relação à segunda questão — Quais relações retóricas exibidas na macroestrutura são predominantes? — numa visão global, ocorreu em maior número a relação *de fundo*. Em seguida, manifestam-se as relações de *elaboração, circunstância, preparação e de sequência*. Na relação núcleo- satélite, a função do núcleo se estabiliza em maior preponderância na parte complicação da macroestrutura.

Com referência à terceira questão alocada ao segundo objetivo específico — As relações retóricas detectadas e predominantes, na análise na macroestrutura da piada, podem traçar a prototipicidade desse gênero? — observamos que a predominância das relações *de fundo, circunstância, preparação e de sequência* sugerem a possibilidade de um traço caracterizador do gênero piada, porque visam a situar o leitor/ ouvinte sobre o contexto situacional, de modo que ele possa construir o cenário, no qual os fatos serão desenvolvidos.

No que tange à quarta questão relacionada ao quarto objetivo específico — *Os tipos de relações retóricas que se constituíram na macroestrutura da piada possibilitam a sua funcionalidade?*— acreditamos que as relações retóricas estabelecidas na macroestrutura do gênero piada constroem uma rede relacional que favorece a combinação de partes menores para a constituição de partes maiores que comporão o texto, ou seja, a unidade maior de sentido. Dessa forma, as relações retóricas possuem uma função, favorecendo a atividade linguística em situação real, ou seja, o uso real da linguagem; e, ao mesmo tempo, contribuem para destacar a intencionalidade e a funcionalidade a que o gênero piada se propõe, no contexto em que ele é produzido.

No que se refere à quinta questão veiculada ao objetivo geral — *A plausibilidade nos permite encontrar mais de uma relação retórica dependendo do contexto interacional?* — consideramos que existe essa possibilidade, observamos esse fenômeno em algumas piadas, cabe ao analista perceber essa conjunção de intenções. No entanto, podemos escolher uma, levando-se em conta a relação que mais se adequa ao contexto interacional, como também podemos eleger mais de uma relação.

No tocante à quarta questão relacionada também ao objetivo geral – *A RST e a LT, em relação gênero textual piada, fornecem recursos consistentes para que possamos compor um quadro das características identificadas na macroestrutura desse gênero?* — ao fazermos a análise, pudemos averiguar que, na macroestrutura do gênero piada, a relação *de fundo, preparação e circunstância* apresentam um cenário e uma orientação que, normalmente, ocorrem no elemento orientação. A relação de *circunstância* e a função do *núcleo* tiveram maior realce na complicação, demonstrando que, nesta parte, há maior centralização dos fatos. As relações de *elaboração e solução* apresentaram maior saliência na parte resolução, a qual denota uma tentativa de resolver ou esclarecer um conflito. Portanto, essas observações sugerem uma característica do gênero piada. Uma outra consideração, em relação à caracterização, se situa no fato de essas relações e de outras, que ocorreram em menor número, configurarem uma estrutura relacional na qual há uma interação, no sentido de instituir a macroestrutura e a coerência textual.

A linguística textual e seus pressupostos, na análise, pontuou o reconhecimento da macroestrutura como uma unidade global de uma sequência narrativa. No gênero piada, ficou caracterizada a sugestão de que ele é composto de três partes — *a orientação, a complicação e resolução* —, o que é categorizado como da tipologia narrativa.

A LT, em relação à tessitura textual estabelece que a coerência é um princípio fundamental do texto, que no gênero piada se instaura de forma pragmática e de acordo com os objetivos a que se propõe. A partir dos postulados de Marcuschi (2008) e os de Dell 'Isola (2001), foi observado que, na compreensão do gênero piada, é importante e necessária a ativação do processo inferencial de forma efetiva, o que implica um traço funcional e caracterizador desse gênero.

Em relação à constituição do gênero, os aportes preconizados pelos autores da LT que devotaram ao estudo do gênero, e, em particular, a piada, permitiram caracterizá-lo como uma narrativa breve; possui um final inusitado, composto de sequência narrativa e dialogal, ou, às vezes, somente a dialogal; exibe uma correlação temporal; explora estereótipos; opera com os níveis metaimplícito, explícito e implícito, se processa por meio de inferências, tende a ser engraçado e crítico, tem um propósito intencional e comunicacional, e é altamente dependente do contexto interacional e cultural. Ressaltamos que o arcabouço teórico da LT, em relação aos gêneros textuais, tratado nesta tese, nos possibilitou a que pudéssemos fazer as análises a que pretendíamos. Fica claro que, seria impossível, trabalharmos com todo o aparato da LT, por isso no capítulo teórico buscamos o que era necessário para ser o nosso suporte.

Portanto, todas essas considerações nos permitem concluir que a *RST* e *LT* possuem uma riqueza de recursos e são altamente consistentes para que cheguemos a uma tentativa de caracterização do gênero piada, porque, segundo Marcuschi (2008), os gêneros são dinâmicos e vão se transformando e se adaptando, na medida em que as atividades e os contextos humanos são modificados

Com relação à quinta questão atrelada ao quinto objetivo específico — *Existe a possibilidade de as unidades de informação e os tipos de relação retóricas exibidas na macroestrutura da piada corresponderem a partes da narrativa do modelo laboviano (1967)?* — essa questão, a nosso ver, já foi respondida satisfatoriamente na quarta questão, e, no capítulo três, item três, no qual demonstramos essa possibilidade.

Nesse sentido, a correlação entre a *RST* e o modelo narrativo de Labov e Waletzky (1967), que fundamentaram esta tese, revelou muitos pontos semelhantes, principalmente, quanto aos objetivos a que se propuseram, levando em conta o contexto textual, pragmático e interacional, possibilitando-nos traçar a estrutura organizacional do gênero piada.

No que diz respeito à sexta e última questão, que originou o sexto objetivo — *Como se caracterizam o par dialógico ou adjacente, pergunta-resposta, ou outra tipologia dialógica em relação à RST e a alguns aportes da LT na macroestrutura da piada?* — fazemos as considerações que se seguem.

Nesta tese, o gênero piada escrito, embora, seja uma prática social da linguagem não apresenta, na sequência dialogal, uma conversação espontânea, nos moldes da gramática do português culto falado e das elocuições formais gravadas por Antonio e Barbosa (2012). A conversação, na piada, é construída artificialmente, o que demonstrou que a tipologia convencional do par dialógico pergunta-resposta (P-R) não se delineou, conforme a proposta dos autores, Marcuschi (2007), Fávero, Andrade e Aquino (2006) e Antonio e Barbosa (2012). Dessa forma, fizemos uma tentativa de aproximar a nossa análise às postulações desses autores. Há muitas questões a serem esclarecidas, o que não caberia neste trabalho, pois estaríamos extrapolando em muito o nosso intento, em outras palavras, estaríamos fazendo outra tese.

No entanto, tentamos enriquecer a macroestrutura do gênero piada, de acordo com nossas possibilidades. Desse modo, observamos que as piadas de número 1, 5, 7, 10, 12 e 14 apresentaram o par-dialógico, convencional, pergunta-resposta (P-R). Já as de números de 2, 9, 11, e 15 exibiram uma variação, segundo as autoras Fávero, Andrade e Aquino (2006), como SO (P-R) ou (P-R) SO. Porém, a mesma observação não pode ser

feita em relação às piadas porque a sequência dialogal foi constituída por segmentos que ora se materializaram como segmento inicial e resposta — (SI- R), ora como segmento inicial — segmento posterior — (SI-S) e outras tipologias embora percebêssemos que muitos segmentos iniciais tinham a força de uma pergunta, mas, ao mesmo tempo, nos suscitavam dúvidas, e, por isso, preferimos optar por descrição menos dúbia.

Na análise, em relação à RST, nos pares dialógicos e nas estruturas dialógicas emergiram as mesmas relações apresentadas na macroestrutura retórica das piadas. Contudo, os pares e as estruturas dialógicas proporcionaram uma análise em um nível mais baixo em relação à macroestrutura, o que possibilitou a emergência de outras relações retóricas, predominantemente, a relação *de preparação e elaboração*.

Na perspectiva da LT, o par pergunta-resposta (P-R) foi descrito de acordo com as postulações de Fávero, Andrade e Aquino (2006). De forma geral, as perguntas no gênero piada, quanto à organização tópica, foram caracterizadas como introdutoras de tópicos; quanto à natureza, a predominância foi a do tipo pedido de esclarecimento; e quanto à estrutura aberta ou semiaberta. Com relação à terminologia semiaberta, essa não consta em Fávero, Andrade e Aquino (2006); o que está ali pontuado é a característica fechada, com explicações adicionais. Preferimos denominá-las de semiaberta e considerar fechadas somente as de sim ou de não, ou ainda com repetição de algum elemento retomado da pergunta, como, por exemplo: P — Você fez a tarefa? — R — Fiz.

Em relação à variação do par dialógico (P-R)SO, enfatizamos o segmento denominado de opcional, porque é caracterizado como uma reação à resposta do par dialógico (P-R).

Quanto às estruturas dialógicas formadas de segmentos contíguos sem a saliência do par pergunta -resposta, tentamos aproximar a caracterização dessas estruturas ao par dialógico (P-R). Assim, há segmentos opcionais que funcionam como introdutórios de tópicos, que ensinam um esclarecimento e se estruturam como abertos ou semiabertos.

No que se refere às respostas dos pares dialógicos (P-R), são descritas como adequadas ou parcialmente adequadas, sob o ponto de vista dos interlocutores participantes da situação discursiva, e devem atender às quatro condições, denominadas de condições de satisfação, que são: de manutenção do tópico — as Rs precisam estar relacionadas, implícita ou explicitamente, com as Ps no que se referir ao tema — de conteúdo proposicional — as Rs devem referir-se semanticamente à Ps — por meio de relações como paráfrase, implicação, oposição ou questionamento do conteúdo

proposicional apresentado nas Ps — de função ilocucionária — as Rs precisam ser de um tipo ilocucionário compatível com as Ps — sem que haja questionamento de seu conteúdo proposicional — de orientação argumentativa — as Rs precisam apresentar a mesma orientação argumentativa das Ps, desde que o seu conteúdo proposicional não seja questionado.

Observamos que a adequação das condições de satisfação das repostas deve ser analisada, sob ponto de vista dos interlocutores internos, ou seja, os personagens que atuam na piada. Dessa forma, quando as respostas atendiam as quatro condições descritas, anteriormente, foram consideradas adequadas, caso atendiam somente as duas primeiras condições, consideramos parcialmente adequadas, porém o contexto interacional influenciou fortemente para essa ponderação.

Enfatizamos que, no contexto da piada, esse grau de adequação de respostas não condiz com os objetivos do gênero, porque os meios empregados na sua construção trazem ambiguidade, sentido duplo e imprevisibilidade.

Reconhecemos que a análise, sob o ponto de vista da RST e da LT, não teve a pretensão de examinar todos os recursos que as teorias oferecem ao objeto linguístico textual, porém alguns foram contemplados nesta pesquisa. A vista disso, apontamos, por exemplo, o emprego de marcadores discursivos, o aspecto dos tempos verbais, os sinais de pontuação que contribuiram para a descrição do gênero piada.

No que concerne ao *status* humorístico, realçamos que, embora seja uma das principais características do gênero, não tivemos o propósito específico de demonstrar o certificado de graça, uma vez que nossa escolha não foi voltada para piadas picantes nem com intuito de elaborar um manual para provocar o riso, pois isso depende também do leitor; às vezes o que é engraçado para uns, não o é para outros porque depende de fatores socioculturais e outros aspectos. Em alguns exemplos, apareceram o tom jocoso e pernicioso, o que não invalida o nosso propósito, o de caracterizar a estrutura retórica do gênero em estudo.

No *corpus*, algumas piadas em relação à convenção social puderam suscitar críticas, de forma implícita. Em todas, observamos situações e finais inusitados, o que para nós é um dos fatores mais importantes para a caracterização do gênero. No decorrer da análise, apoiamo-nos, principalmente, nas Máximas de Raskin (1979) adaptadas do modelo de Grice (1975).

Levando em conta o que foi exposto, apresentamos, a partir deste momento, as considerações referentes à hipótese e ao objetivo geral.

Apoiados na análise pela RST e por alguns princípios da LT, quanto à hipótese, referente ao item *a*:

— O gênero piada, por ser da tipologia narrativa e pela organização da macroestrutura textual, poderá favorecer a predominância das relações do tipo núcleo-satélite de *background* e preparação, além das do tipo multinucleares de sequência e lista, uma vez que as piadas apresentam um cenário para a situação complicadora, na qual há um conjunto de ações sucessivas que desencadeiam *a priori* o humor, e a crítica pelo estabelecimento da competência leitora — Consideramos que, o gênero piada, pertencente à tipologia narrativa, pela organização da macroestrutura textual e de acordo com os seus objetivos sociocomunicativos, possibilitou a predominância das relações do tipo núcleo-satélite de *background (fundo), preparação, circunstância, elaboração, solução, resultado, adição e justificativa*; além das do tipo multinuclear *de sequência, lista e contraste*.

No que se refere ao item *b*: — Quanto ao modelo de narrativa laboviana, o gênero piada poderá apresentar os elementos denominados *orientação, complicação e resolução*, considerando que ele seja um texto que, inicialmente, prepara o leitor em relação ao lugar, o tempo e o (s) envolvido (s); exibe uma série de eventos em uma sequência de ações complicadoras e, por fim, apresenta um desenlace dos acontecimentos. — Consideramos que o gênero piada, de acordo com a nossa análise, apresentou os elementos denominados *orientação, complicação e resolução*.

Já com referência ao objetivo geral, sustentados pelos resultados das análises e pela correlação entre os constructos teóricos da RST, do modelo narrativo de Labov e Waletzky (1967) e de teorias basilares sobre o gênero textual advindos da LT, foi possível detectar especificidades para que pudéssemos descrever a organização retórica do gênero piada do *corpus* representativo desta tese.

Portanto, neste ponto, realçamos a nossa caracterização do gênero piada:

a) no plano formal, é uma narrativa relativamente breve; a macroestrutura apresenta três elementos narrativos, a orientação, a complicação e a resolução; o final é inusitado; contém as sequências como a narrativa e a dialogal, ou, às vezes, somente a dialogal; constitui-se de par dialógico pergunta- resposta e suas variações, como também pares adjacentes, em que se manifestam segmentos contíguos, sem a formalização do par dialógico pergunta- resposta; e não possui autoria;

b) no plano das ideias, organiza-se em dois planos sobrepostos de oposição, que são incorporados a um plano geral; apresenta ideias explícitas e implícitas; à primeira

vista, situa-se como um texto incoerente, mas que, ao final, perde essa concepção, pois a coerência é manifestada; esculpido sempre pelo processo inferencial; seleciona temas emblemáticos e perniciosos;

c) no plano da interação, rompe com a expectativa do leitor, no sentido de talvez de provocar risos, deboche, sarcasmos, ironia e crítica;

d) no plano linguístico, faz uso de palavras que, no contexto textual, evocam duplo sentido; linguagem informal e simples; marcadores discursivos que contribuíram na organização textual;

e) no plano relacional, na perspectiva da RST e do narrativa de Labov e Waletzky, a predominância das relações de fundo, preparação e sequência em relação à composição da macroestrutura, na porção textual que corresponde à orientação; em seguida, na porção textual correspondente à complicação, há o predomínio da relação de núcleo- satélite — o núcleo realça-se na sua função — e circunstância; e finalmente, na porção textual referente à resolução, há o relevo para as relações de elaboração e solução.

Assim, a análise, à luz da RST, da estrutura narrativa de Labov e Waletzky (1967) e da LT, permitiu a construção de um quadro descritivo do gênero piada do *corpus* representativo.

Esforços foram empreendidos para que pudéssemos responder nossos questionamentos; mas, como todo trabalho de pesquisa, lançam-se mais sementes do que frutos, objetivo insaciável do próprio engenho. Acreditamos que muitas questões, que permearam o objeto de pesquisa, convidam para diferentes olhares investigativos.

Isto posto, encerramos com a esperança de que este trabalho venha ampliar os estudos sobre o gênero piada e que possa *contribuir para o âmbito acadêmico em direção, à organização do gênero piada, tendo como aporte teórico a Teoria da Estrutura Retórica, a Estrutura Narrativa de Labov e Waletzky e alguns aportes da Linguística Textual.*

Temos a crença de que a nossa investigação foi profícua e procurou ser condizente com as nossas indagações. Rememoramos, aqui, as palavras do grande poeta português Fernando Pessoa: **Valeu a pena? Tudo vale a pena. Se a alma não é pequena. Quem quer passar além do Bojador. Tem que passar além da dor.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT NBR 6023: 2018: Informação e documentação — Referências — Elaboração.

ADAM, Jean- Michel. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, Jean- Michel. **Textualidade e sequencialidade: o exemplo descrição**. Trad. Mônica Magalhães Cavalcante. *In*: Bezerra, B. G., Rodrigues- Biasi.

ADAM, J-M. **Le récit**. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

ADAM, J-M. **Le texte narratif**. Paris: Nathan, 1985.

ANTONIO, J. D. **Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do Português**. 2004. (Tese de Doutorado) - UNESP, Araraquara, 2004.

ANTONIO, J. D; BARBOSA, Camila T. Relações retóricas estabelecidas por perguntas e resposta em elocuições formais. *In*: **Todas as letras**- Revista de língua e literatura. V.14, n 2, 2012.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*. M. Bakhtin. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. *In*: Angela Paiva Dionísio; Judith /Chambliss Hoffnagel (Orgs). 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BAZERMAN, C. **Escrita, Gênero e Interação Social**. São Paulo: Cortez, 2007.

BEAUGRANDE, Robert. **New foundations for a Science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society**. Nowoord, New Jersey. Ablex, 1977.

BEAUGRANDE, Robert.,DRESSLER,W.U. **Introduction to textlinguistics**. London: Longman, 1981. cap. 4. p. 48-112.

BERNÁRDEZ, Enrique. **Teoría y epistemología del texto**. Madrid: Cátedra, 1995.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Curricular Comum- BNCC** / Secretaria de Educação Básica- Brasília: MEC/SEB 2018.

BRONCKART, Jean P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo. EDUC, 1999.

CAIXETA, Geovane Fernandes. “**Que bom, que bom, ai, que bom!**” **Da existência da relação retórica de interjeição**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

CAMPOS, Rosane Cassia Santos e. **Anunciou: vendeu???? O anúncio publicitário na mídia impressa e os mecanismos de sua construção como gênero: uma análise funcional-discursiva**. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CASTILHO, Ataliba T. Funcionalismo e gramática do português brasileiro. In: Souza, Edson Rosa. (org). **O funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARLSON, Lynn e MARCU, Daniel. *Discourse tagging reference manual, 2001*. Disponível em: <http://nfs/isd/marcu/tagging-ref-maual2.mif> . Acesso: 03.03 2017.

CARMELINO, Ana Cristina. Expressões nominais referenciais e construção do humor. In: CARMELINO, Ana Cristina (org). **Humor eis a questão**. São Paulo: Cortez, 2015.

CAVALCANTE, M. M. (ORG). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: EDUPE. P.79-113.

CHAFE, Wallace. **The pears stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production**. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1980.

CHAFE, Wallace. Integration and Involvement in Speaking, Writing, and Oral Literature. In: TANNEN, D. **Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy**. Norwood: Ablex, 1982. pp. 35-53.

CHAFE, Wallace. Linguistics differences produced by differences between speaking and wrinting. In: OLSON, D.; TORRANCE, N.; HILDYARD, A. (Ed.). **Literacy, language and learning: the nature and consequences of Reading and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 105-123.

CORREIA, Maria Risolina de Fátima Ribeiro. **Estrutura retórica do texto e articulação de orações no artigo de opinião: uma abordagem funcionalista**. 2011. Dissertação (Mestrado) -UFMG, Belo Horizonte, 2011.

CORREIA, Maria Risolina de Fátima Ribeiro. **A organização textual do gênero artigo de opinião: uma abordagem à luz da teoria da estrutura retórica e da teoria das sequênciasTextuais**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

COSTA Jorge Campos da. **A Teoria Inferencial das Implicaturas**: descrição do modelo clássico de Grice. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 12-17, jul./set. 2009.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. **Leite com manga, morre!:** da hipotaxe adverbial no português em uso. 1993. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Letras) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1993.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. A relevância das investigações dos processos linguísticos, numa abordagem funcionalista, para os estudos sobre os gêneros textuais. *In:* ANTÔNIO, J.D. (Org.) **Estudos descritivos do português: história, uso, variação**. São Carlos, Claraluz, 2008. p. 169-191.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Estrutura retórica de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista. *In:* SARAIVA, M.E.F e MARINHO, J. H.C.(orgs). **Estudos da língua em uso: da gramática ao texto**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010, p.233.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Estrutura retórica e articulação de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista. *In:* MARINHO, J. H. C; SARAIVA, M. E. F. (Org.) **Estudos da Língua em uso: da gramática ao texto**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. **Estruturas desgarradas em língua portuguesa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento Uma abordagem funcionalista para o estudo de processos linguísticos em gêneros textuais do português em uso. **Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística – UFRJ**. 2012, Vol. 8, nº 1.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. A noção de unidade informacional no tratamento da subordinação. **Veredas Atemática on line** - 2014, volume 18 nº 2 –2014 pp. 123-135–PPG-Linguística/UFJF –Juiz de Fora (MG) -ISSN: 1982-2243.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. **A plausibilidade interpretativa de relações retóricas sobrepostas na articulação de orações no português brasileiro**. Disponível em: <http://sibaesse.unisalento.it>, 2017. Università del Salento. Acesso em 10. nov. 2017.

DELL'ISOLA. Regina Lúcia Péret. **Leitura: inferência e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

DELL'ISOLA. Regina Lúcia Péret.(org.). A noção de gêneros textuais e discursivos. *In:* **Gêneros textuais: o que há por trás do espelho?** [recurso eletrônico] Belo Horizonte FALE/UFMG, 2012.

DEN OUDEN, Hanny. **Prosodic Realizations of Text Structure**. Unpublished Ph.D. dissertation, University of Tilburg, Tilburg, The Netherlands, 2004.

DIONISIO, Ângela de Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. *In*: KARWOSKI, Acir Mário *et al.* (orgs). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4ªed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

DIONISIO, Ângela de Paiva. O que é o que é uma adivinhação? *In*: **Revista da Faced** n.: 05 Bahia: UFB, 2005.

DOLISTSKY, Marlene. The unsaid in Bakhtins's carnivalization. **Journal of Humor**, 5: 1-2;33-34 -1992.

DIK, S. C. **Funcional grammar**. Dordrecht/ Cinnaminson: Foris Publications, 1978.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (franófona). *In*: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Mercado das Letras: 2011.

FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo, Ática, 1999.

FÁVERO L. L.; ANDRADE, M. L. da Cunha Victória de Oliveira; AQUINO, Z. G. Oliveira. O par dialógico Pergunta-Resposta. *In*: JUBRAN, C.C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP/; Editora da UNICAMP, 2006.

FLANNERY, Mércia Regina Santana. **Uma introdução à análise linguística da narrativa oral: abordagens e modelos**. V. 42. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

FONSECA, Cristina Mara França Pinto. **O processo de referenciação na produção escrita escolar**. 2001. Dissertação de mestrado - PUC- Minas, B H, 2001.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

GRICE, H. Paul. Logic and conversation. *In* COLE, P. & J.L. MORGAN (eds.) **Syntax an Semantics**. V. 8, Nova York, Academics Press, 1975, pp. 41-18.

HALLIDAY, M. A. K. Os usuários e os usos da língua. *In*: HALLIDAY, M. A. K., MACINTOSH, A., STREVENS, P. **As ciências linguísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 98-135.

KARWOSKI, Acir Mário *et al.* (org). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4ªed. 1ª reimpressão São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

KOCH, I. G.V. **A interação pela linguagem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Contexto, 1998.

KOCH, I. V. & ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

LABOV, William & WALETZKY, Johua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. *In: HELM, J. (ed). Essay on the verbal visual arts.* Washington, University of Washington Press, 1967, pp12-44. *Life History*. V. 7 n.1-4, 1997.

LABOV, W. **Language in the Inner City.** Oxford: Basil Blackwell. 1972, p.354-396.

LABOV, William. Alguns passos iniciais na análise da narrativa. **The Journal of Narrative and Life History.** Trad. de Ferreira Netto.1997, volume 7.

MANN, W. C. **Discourse Structures for Text Generation.** California: University of Southern California, 1984.

MANN, W. C. **Relational propositions in discourse.** California: University of Southern California: 1983, p.3-9.

MANN, W. C.; THOMPSON S. Rhetorical Structure Theory: a framework for the analyses of texts. **IPRA Papers in Pragmatics 1**, 1987a.

MANN, W. C.; THOMPSON S. **Rhetorical Structure Theory: A theory of text organization.** ISI/ RS. P. 87-900, 1987b.

MANN, W. C.; THOMPSON S. **Rhetorical Structure Theory: Toward a functional Theory of text organization.** California: University of Southern California. *Text*8 (3). [243-281], 1988.

MANN, W. C.; THOMPSON S. **Rhetorical Structure Theory and Text Analysis.** California: University of Southern California. ISI/RR-89-242, 1989.

MANN, W. C.; MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory and text analysis. *In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (Eds.). Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text.* Amsterdam: John Benjamins, 1992. p. 39-77.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 5ª reimpressão 2012.

MARCUSCHI, L. A. **A Análise da Conversação.** 6ª ed. São Paulo, Ática: 2007.

MARQUESI, S.C. **A organização do texto descritivo em língua portuguesa.** Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 1995.

MATTHIESSEN, C. & THOMPSON, S.A The structure of discourse and “subordination”. *In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Eds.). Clause combining in grammar and discourse.* Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 275-329.

MEIRA, Ana Clara Gonçalves. **Casa de ferreiro, espeto de pau: uma análise das relações retóricas a partir do uso dos provérbios como estratégia argumentativa em textos**

da internet. 2015. Tese (Doutorado em EstudosLinguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MILLER, Carolyn. R. **Genre as Social action**: Quartetly of speech 70. 1984, pp. 151-167.

MOORE, JD & POLLACK, M.E .**Um problema para RST**: A Necessidade de Multi-Nível do Discurso Análise. **Linguística Computacional** 18: 537-544. 1992.

MUNIZ, Kassandra da Silva. **Piadas**: conceituação, constituição e práticas – um estudo de um gênero. 2004. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 2004.

NEVES, M.H.M. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NEVES, M.H.M. **Texto e gramática**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PAN, Weiwei. Linguistic basis of humor in uses of Grice's cooperative principle. *In: Journal of applied linguistic & English literature*. ISSN: 2200-3592 (print) & 2200-3452 (online) Vol. 1 , nº 6 (2012). P.20-25.

PARDO, Thiago A.S. **Métodos para análise discursiva automática**. 2005.Tese de Doutorado -USP, São Carlos, 2005.

POERSCH, J. Por um nível metaplícito na construção do sentido textual. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, PUCRS, n.86, p.126-37, dez. 1991.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da Língua**: análises linguísticas de piadas. Campinas, SP: Mercado de Letra, 1998.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

RASKIN, Victor. Semantic Mechanisms of Humor(1985). **Proceedings of the Fifth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society** (1979), pp. 325-335.

RASKIN, Victor. **Semantic Mechanisms of Humor**. Dordrecht-Boston-Lancaster: D. Reidel. 1985.

RASKIN, Victor. 1987. Linguistic Heuristics of Humor: A Script-Based Semantic Approach. **International Journal of the Sociology of Language**, 1987. **65**: 11-25.

ROMÃO, Sídney Cursino Guimarães. **Do desafio do humor à sedução do processamento do texto humorístico à luz da teoria da relevância**. 2008.Tese de Doutorado - UFMG, Belo Horizonte, 2008.

ROMÃO, Sídney Cursino Guimarães. **Onde está a graça**: Análise da perlocução em textos humorísticos nos níveis explícito, implícito e metaimplícito. 2001. Dissertação de mestrado – EFU, Uberlândia, 2001.

TRAVALIA, Luiz Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela Linguística. **DELTA**, São Paulo, PUC-SP/ABRALIN, v.6, n.1, p.55-82, fev. 1990.

TABOADA, M. Discourse as Signal (or not) of Rhetorical Relations. *In: Journal of Pragmatics*: Canada, 2006.

TABOADA, M.; MANN, W. C. Rhetorical Structure Theory: looking back and moving ahead. *Discourse Studies*, v. 8, n. 3, p. 423-459, jun. 2006. Disponível em: <http://dis.sagepub.com/cgi/content/abstract/8/3/423>. Acesso em: 11. Jul.2016.

VAN DIJK. Teun. **Tekstwetenschap. Een interdisciplinaire inleiding. La ciencia del texto: um enfoque interdisciplinario.** Trad.: Sibila Hunzinger Barcelona: Ediciones Paidós S/A, 1992.

VILELA, M. e KOCH, I.V. **Gramática da Língua Portuguesa** – gramática da palavra – gramática da frase - gramática do texto/discurso. Coimbra, Portugal: Almedina, 2001.

ANEXO

Relações retóricas emergentes nas piadas 16 a 50

16- Parando a Bicicleta

(1) Joãozinho para na frente da Câmara de Deputados, encosta a bicicleta e um segurança logo aparece e diz:

(2) - Ô menino, tire logo a bicicleta daí que os políticos vão passar.

(3) E Joãozinho responde:- Não se preocupe, coloquei o cadeado!

<https://www.osvigaristas.com.br/piadas/politicos/>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (2)	1
	Elaboração (3)	1
Total	3	3

16- Na Prova de Química

(1) Na prova de química, foi perguntado:

(2) "Qual a diferença entre DISSOLUÇÃO e SOLUÇÃO?"

(3) Resposta de um aluno:- Se colocarmos um político brasileiro num tanque de ácido para que se dissolva, será uma DISSOLUÇÃO. Agora se colocarmos todos, será uma SOLUÇÃO.

<https://www.osvigaristas.com.br/piadas/politicos/>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (2)	1
	Elaboração (3)	1
Total	3	3

17- Ataque ao Congresso

- (1) O motorista está preso em um engarrafamento na avenida que passa ao lado do Congresso Nacional em Brasília. Nenhum carro se movimentava.
- (2) De repente, um homem bate em sua janela. O motorista abre o vidro e pergunta:
- O que está acontecendo?
- (3) E o homem explica: - Terroristas sequestraram todo o congresso brasileiro e estão pedindo 10 milhões de reais como resgate. Caso contrário, eles vão jogar gasolina em tudo e queimar o congresso com todos deputados dentro. Por isso estamos passando de carro em carro e coletando doações.
- (4) O motorista pergunta:- E quanto em média cada pessoa está doando?
- (5) O homem responde:- Ah, por volta de uns 5 litros.

<https://www.osvigaristas.com.br/piadas/politicos/>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (2)	2
	Elaboração(3)	1
Multinuclear	Sequência (4-5)	1
Total	4	5

19- Beijo Antes de Sair

- (1) - Oi, amor...
- (2) - Diga!
- (3) - Você já percebeu que o vizinho ao lado antes de sair enche a mulher de beijo?
- (4) - Já percebi sim!
- (5) - Então por que você não faz o mesmo?
- (6) - Vixe, mas eu nem conheço a mulher dele

<https://www.osvigaristas.com.br/piadas/familia/>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1-2)	1
	Preparação (3) e (5)	2
	Elaboração(4) e (6)	2
Multinuclear	Sequência (1) e (2)	1
Total	4	6

20-Tradição de Família

- (1) O garotinho pergunta para a sua namoradina:- Quer se casar comigo?
 (2) E ela responde:- Não posso... Na minha família a gente se casa entre nós mesmos.
 (3) Meu avô se casou com a minha vó, meu tio se casou com a minha tia, meu pai se casou com a minha mãe.

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Preparação (1)	1
	Elaboração (2-3)	1
Total	2	2

21- Bêbado de Pé

- (1) Um bêbado entra na igreja na hora da missa e senta. O padre fica incomodado com ele e então fala para todos :- A bebida é um vício horrível, um bêbado jamais conseguira a salvação.
 (3) Se algum de nós estiver bêbado, que fique de pé?
 (4) Então o bêbado se levanta, olha todos sentados, então ele fala:- Então, seu padre, somos só nós dois mesmo!

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (3)	1
	Elaboração/Resultado (4)	1
Total	3	3

22-Nome na Latinha

- (1) Enquanto isso no supermercado
- (2) - Olha, filho! Uma latinha com o seu nome!
- (3)- Eu te odeio, pai!
- (4) - Não diga isso, Mucilon.

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (2)	1
	Elaboração (3-4)	1
Total	3	3

23- Som dos Animais

- (1) A mãe pergunta a filhinha: - Filha, como é que a galinha faz?
- (2) A filha responde:- Pó pó pó!
- (3) A mãe pergunta:- Filha, como é que o boi faz?
- (4) Ela responde:- Muuuuuu!
- (5) A mãe pergunta:- Filha, como é que a cobra faz?
- (6) A filha responde:- Oi, amiga!

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Preparação (1), (3), (5)	3
	Elaboração (2), (4), (6)	3
Multinuclear	Lista	1
Total	3	7

24- Primeira Vez na Praia

- (1) Três pedreiros entram de férias e vão pela primeira vez à uma praia pra se divertir.
- (2) Quando chegam na praia, o primeiro diz:- Quanta água!
- (3) O segundo diz:- Quanta areia!
- (4) E o terceiro fala:- Vamos fugir antes que alguém traga cimento!

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Elaboração (3-4)	1
Multinuclear	Sequência (3) e (4)	2
Total	3	4

25- Aprendi o Que É Ladrão

- (1) O garoto chega da escola
- (2) e o pai pergunta: — E aí, filho! O que aprendeu hoje?
- (3) — Aprendi o que é um ladrão...
- (4) — É mesmo? Então me explica o que é um ladrão?
- (5) — Por exemplo — diz o garoto, copiando a fala da professora — Se eu pego uma nota de 100 reais do seu bolso, pai... O que eu sou?
- (6) E o pai responde:— Sua mãe...

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (2), (4)	2
	Resultado (6)	1
Multinuclear	Lista (2-4)	1
Total	4	5

26- Fuga Inesperada

- (1) O guarda diz para o delegado: - Delegado! Um ladrão acaba de fugir!
- (2) O delegado surpreso pergunta:- Mas como? Eu mandei trancar todas as saídas!
- (3) O guarda responde:- É que ele fugiu pela entrada!

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Preparação (1)	1
	Elaboração (2-3)	1
Total	2	2

27- Bêbados na Ponte

- (1) Dois bêbados andando em cima da ponte de repente um deles cai na água e morre afogado.
- (2) Quando o bêbado estava sendo retirado da água pelo os bombeiros,
- (3) o outro bêbado chorando e lamentando a morte do outro diz:
- Tantos anos bebendo cachaça, na primeira vez que bebe água morre!

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Circunstância (2)	1
Total	2	2

28- Aprendendo a Pilotar

- (1) Um homem vai limpar a cabine de um avião e encontra um livro com o título "Como Pilotar Um Avião - Volume 1".
- (2) Ele curioso abre a página 1 e vê escrito: "Para ligar o avião pressione o botão vermelho".
- (3) Não conseguindo conter a curiosidade ele aperta o botão vermelho e o avião começa a fazer o barulho do motor.
- (4) Na página 2 ele lê: "Para movimentar o avião pressione o botão azul."
- (5) A curiosidade é enorme, ele aperta o botão azul e o avião começa a voar.
- (6) O homem fica muito animado por conseguir fazer tão facilmente o avião voar.
- (7) Após alguns minutos de voo ele começa a passar as páginas e desmaia ao encontrar escrito na última página: "Para aprender a aterrissar o avião compre o nosso Volume 2 nas melhores livrarias."

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (2)	1
Multinuclear	Sequência (3-7)	1
Total	3	3

29- Nota na Prova

- (1) Um pai disse ao filho: - Se você tirar nota baixa na prova de amanhã, me esqueça!
- (2) No dia seguinte quando ele voltou da escola o pai perguntou: - E aí, como foi na prova?
- (3) O filho responde: - Quem é você?

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Preparação (1)	1
	Elaboração (2-3)	1
Total	2	2

30- Hora de fazer as malas

- (1) Um homem chega correndo em casa e diz à mulher:
 – Pode fazer as malas. Ganhei na loteria!
- (2) A mulher pergunta:
- (3) – Eu preciso pegar roupa de inverno ou de verão?
- (4) Ele responde:
- (5) – Pegue todas. Você vai embora!

<https://muitobacana.com/piadas-curtas-e-rapidas>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (3)	1
	Elaboração (4-5)	1
Total	3	3

31- Tendências Suicidas

- (1) O sujeito no médico:
- (2) - Doutor, tenho tendências suicidas. O que faço?
- (3) - Em primeiro lugar, pague a consulta.

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas>.

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (2)	1
Total	2	2

32- Novo Aparelho Auditivo

- (1) Após testar por uma semana o novo aparelho auditivo, o velho senhor retorna ao médico.
- (2) - O senhor está gostando do aparelho? - pergunta o médico.

(3) - Está funcionando que é uma maravilha - responde o velho.

(4) O médico pergunta:- E o que a sua família achou de o senhor voltar a escutar?

(5) E o velho responde:- Bem, eu ainda não contei para eles, mas já mudei meu testamento três vezes.

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (2) e (4)	2
Multinuclear	Lista (2-3) e (4-5)	2
Total	3	5

33- (1) Durante o jantar, Joãozinho conversa com a mãe:

(2) - Mamãe, porque é que o papai é careca?

(3) - Ora, filhinho.... Porque ele tem muitas coisas para pensar e é muito inteligente!

(4 - Mas mamãe....então porque é que você tem tanto cabelo?

(5) - Cala a boca e come logo esta po*ra de sopa, menino!

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (2)	1
Multinuclear	Lista	1
Total	3	3

34- (1) O marido pergunta para a mulher:

(2)- Querida, quando eu morrer, você vai chorar muito?

(3)) E a esposa responde:

(4) - Claro amor. Você sabe que eu choro por qualquer besteira!

<https://br.pinterest.com/pin/362258363761259712/?lp>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
	Fundo (1)	1
Núcleo-satélite	Preparação (2) e (3)	2
	Elaboração (4)	1
Total	3	4

35- (1) Irritado com seus alunos, o professor lançou um desafio.

- Aquele que se julgar burro, faça o favor de ficar de pé.

(2) Todo mundo continuou sentado.

(3) Alguns minutos depois, Joãozinho se levanta.

(4) - Quer dizer que você se julga burro?

- Perguntou o professor, indignado.

(5) - Bem, para dizer a verdade, não! Mas fiquei com pena de ver o senhor aí, em pé, sozinho!!!

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
núcleo-satélite	Preparação (1) e (4)	2
	Circunstância (3)	1
	Fundo (2)	1
Total	3	4

36- (1) O casal de idosos estava completando 80 anos de casados,

(2) ai a velha acordou às 3:00 da madrugada, tomou uma dose de pinga

(3) e disse pro marido:- veio hoje estamos completando 80 anos de casados tu não quer que eu vá no terreiro matar um porco, um carneiro, um marreco...

(4) E o velho disse: -não velha os bicho não tem culpa.

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (3)	1
Multinuclear	Sequência (2-3)	1
Total	3	3

37- (1) Um rapaz vai com um amigo ao estádio assistir um jogo de futebol. Como a casa da avó fica no caminho ele resolve dar uma passadinha para cumprimentá-la.

(2) Aproveitando a presença do neto, a velhinha pede para ele consertar um vazamento na pia da cozinha.

(3) Enquanto isso ela leva o amigo do neto para a sala e oferece-lhe uma bebida. Junto com o copo está um pratinho de amendoins que o rapaz come sem parar, um por um. Tarde demais ele percebe que comeu tudo que havia no prato.

(4) Na hora de ir embora ele agradece calorosamente a avó do amigo:

(5) - Obrigado pelo amendoim... Espero não ter abusado, não lhe deixei nenhum, desculpe!

(6) A vovó, amável, responde: - Não tem problema, meu filho. De qualquer jeito não posso comê-los. Depois que perdi meus dentes eu só lambo o chocolate que vem em volta.

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1-3) e (1)	2
	Circunstância (4)	1
	Preparação (5)	1
Multinuclear	Sequência (2-3)	1
Total	4	

- 38- (1) Caipira confessou com o padre e este, após ouvir todos os pecados,
 (2) disse ao caipira: - Meu filho, agora você se arrepende dos pecados e faz o pelo-sinal.
 (3) Você e sabe fazer o pelo-sinal, não sabe, meu filho?
 (4) - Ô Seu padre, sabe as palavra eu sei, só num sei espaiá elas na cara.

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (2-3)	1
Total	2	2

39- (1) Dois caipiras chegam na capital. Estavam morrendo de fome e entram num restaurante chique. Não sabendo o que pedir, resolvem imitar o rico que estava na mesa ao lado.

- (2) O rico da mesa pede uma entrada,
 (3) os dois caipiras: - garçom, pra nois também...
 (4) O rico pede um prato lá todo especial,
 (5) os dois caipiras: - garçom, pra nois também...
 (6) O rico resolve repetir o prato,
 (7) os dois caipiras: - garçom, pra nois também...
 (8) Vai indo assim e os caipiras ainda tão morrendo de fome.
 (9) O rico termina e diz ao garçom: poderia arrumar-me um engraxate?
 (10) Os dois caipiras: - garçom, pra nois também...
 (11) O rico ouvindo isto diz aos caipiras: - olhe, meus amigos, eu creio que um engraxate dá para nos três...
 (12) Os caipiras imediatamente: - Não senhor !! O senhor come o seu que a gente come o nosso!!!

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1) e (8)	2
	Preparação (2), (4), (6), (9), (11)	4
Multinuclear	Lista (2-3)-(4-5)-(6-7)-(9-10)-(11-12)	1
Total	3	7

40- A Verdade sobre Consultores...

- (1) Um pastor cuidava das suas ovelhas, quando avistou no horizonte um possante Jeep vindo em sua direção. Ao chegar perto do pastor, o Jeep parou
- (2) Desce um homem que sem mais nem menos, pergunta: - Se eu lhe disser quantas ovelhas existem aqui você me daria uma?
- (3) O pastor humildemente acenou que sim.
- (4) Rapidamente o homem sacou seu 'lap-top'
- (5) e num instante respondeu: - Trezentos e trinta e cinco.
- (6) O pastor sem nada falar, lhe deu a ovelha e indagou: - Se eu adivinhar sua profissão posso ter a ovelha de volta?
- (7)- Sim.
- (8) - O senhor é 'consultor'!
- (9) Estupefato, o homem devolve a ovelha ao pastor, mas não sem antes perguntar como ele adivinhou.
- (10) - O senhor chegou aqui sem ser chamado, se meteu no meu negócio, me disse o que eu já sabia e ainda cobrou por isso!

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1-5)	1
	Preparação (2), (6), (8)	3
Multinuclear	Sequência (1-10)	1
Total	3	5

41- (1) Chamado às pressas no meio da noite, o médico chega todo esbaforido na casa de um empresário, cuja esposa estava acamada.

(2) - Com licença - diz ele, expulsando todo mundo do quarto. - Preciso ficar só, com a paciente!

(3) Apreensivo o marido fica do lado de fora do quarto!

(4) Houve alguns barulhos estranhos

(5) e depois de alguns minutos, o médico enfia a cabeça pela porta

(6) e pergunta ao marido: - O senhor tem um alicate?

(7) O marido vai buscar um alicate.

(8) A porta torna a se fechar.

(9) Mais barulho estranhos e alguns minutos depois, novamente a cabeça do médico aparece na soleira da porta: - O senhor tem uma chave de fenda?

(10) Espantado o marido vai buscar a chave de fenda.

(11) Passam-se mais alguns minutos: - O senhor tem um serrote?

(12) E o marido, desesperado: - Serrote?

O caso dela é tão grave assim?

(13)- Ainda não sei - sentencia o médico.

-Não consigo abrir a minha maleta!

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1-5), (8)	2
	Preparação (6), (9), (11), (12)	4
	Elaboração (7)	1
Total	3	7

42- (1) A cartomante comunica, sorridente, ao ler a mão do consulente:

-Que maravilha! Nenhuma doença na sua vida!

(2) -Maravilha coisa nenhuma: eu sou médico!

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Preparação (1)	1
Total	1	1

43- (1) O sujeito entra num restaurante escoltado por um Pittbull,

(2) senta-se e pergunta para o garçom:

- Vocês servem advogados aqui?

(3) - Mas, claro, meu senhor. - Responde o garçom, desdobrando-se em gentilezas.

(4) - Então traz um Spaghetti ao Sugo pra mim e um advogado para o meu cachorro!

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (2)	1
	Elaboração (4)	1
Total	3	3

44- (1) A mulher chega para o marido e fala:

(2) -Amor, temos que avisar nosso filho para não se casar com aquela bruxa que ele namora!

(3)Marido responde:-Não vou dizer nada, quando foi a minha vez ninguém me avisou.

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (2)	1
Total	2	2

45- (1) Uma freira, na hora da morte, pediu para escreverem no seu túmulo:

“Nasci virgem, Vivi virgem, Morri virgem”

(2) O coveiro achou que eram muitas palavras

(3) e resumiu: “Devolvida sem uso!”

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Sequência (2-3)	1
Total	2	2

46- (1) A avó pergunta à neta:

— Aninha, como é mesmo o nome daquele alemão que me deixa louca?

(2) — Alzheimer, vovó...

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Preparação (1)	1
Total	1	1

47- (1) O sujeito bate à porta de uma casa

(2) e assim que um homem abre,

(3) ele diz:– O senhor poderia contribuir com o Lar dos Idosos?

(4) – Claro! Espere um pouco, que vou buscar minha sogra!

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1-2)	1
	Preparação (3)	1
Multinuclear	Sequência (1-2)	1
Total	3	3

48- (1) Certo dia dois homens estavam caminhando pelo cemitério

(2) quando viram escrito na lápide: “Aqui jaz um político honesto e profissional competente”.

(3) Um deles vira para o outro

(4) e pergunta:— Ué! Desde quando estão enterrando duas pessoas juntas na mesma cova?

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Circunstância (2)	1
Multinuclear	Sequência (3-4)	1
Total	3	3

49- (1) Joãozinho chamou o táxi

(2) e perguntou:– Moço, quanto o senhor cobra para me levar para o aeroporto

(3) E o taxista respondeu:– R\$ 15,00.

(4) – E as malas?

(5) – As malas eu não cobro nada.

(6) – Então leve as malas que eu vou a pé!

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Fundo (1)	1
	Preparação (2), (4)	2
	Resultado (6)	1
Multinuclear	Lista (3) - (4-6)	1
Total	4	5

50- (1) O louco chega para o outro e pergunta:

— Você sabe que horas são?

(2) — Sei! — responde o outro.

(3) — Muito obrigado!

<https://www.piadasnet.com/piada1939curtas.htm>

Tipo da relação retórica	Nome da relação retórica	Ocorrência
Núcleo-satélite	Preparação (1)	1
	Resultado (3)	1
Total	2	2